SELINA MAE



UNIVERSIDADE HALL BECK #2

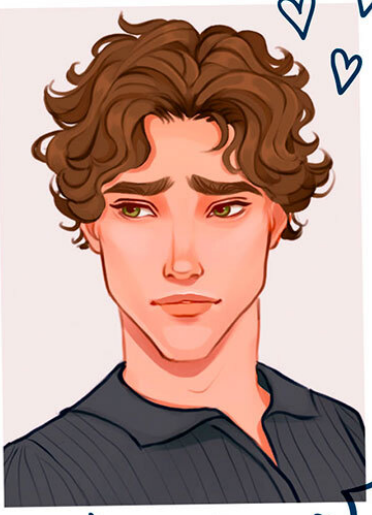
APRENDENDO A PERDOAR

ARQUEIRO

HALL BECK POST

HENRY PARKER PRESSLEY

QUEBRANDO RECORDES
(E PARTINDO MEU CORAÇÃO)



Oiê!

H+P



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

APRENDENDO A PERDOAR



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SELINA MAE



UNIVERSIDADE HALL BECK #2

APRENDENDO A PERDOAR

Traduzido por Cláudia Mello Belhassof

ARQUEIRO

Título original: *Lessons in Forgiving*

Copyright © 2025 por LYX in Bastei Lübbe AG
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Ute Körner Literary Agent – www.uklitag.com
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro
produção editorial: Ana Sarah Maciel
preparo de originais: Rafaella Lemos
revisão: Mariana Bard e Rachel Rimas
diagramação: Adriana Moreno
design de capa: © Jeannine Schmelzer, Bastei Lübbe AG e © Guter Punkt
ilustração de capa: © fjordwind
imagens de capa: Bobnevv (fonte), Giuseppe_R (capelo), Miloje (textura)
adaptação de capa: Guilherme Lima e Natali Nabekura
foto da autora: © Studio71 GmbH/Dennis Lobert
e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M16a
Mae, Selina
Aprendendo a perdoar [recurso eletrônico] / Selina Mae ; tradução Cláudia Mello Belhassof. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital (Universidade hall beck ; 2)

Tradução de: Lessons in forgiving
Sequência de: Aprendendo a fingir
Formato: epub
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-919-1 (recurso eletrônico)

1. Romance alemão. 2. Livros eletrônicos. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título. III. Série.

CDD: 833
225-100687.0 CDU: 82-31(430)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Este livro traz conteúdos
sensíveis. Para mais informações,
clique aqui.
Alerta: você vai
encontrar muitos spoilers!
Desejamos que tenha a melhor
experiência de leitura possível.

Com amor,
SELINA

Para aqueles que se apaixonam rápido
e intensamente e nunca deixam de amar.
Obrigada.

(P.S.: Não volte com seu ex. Ele não é fictício,
e você merece coisa muito melhor.)

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
EPÍLOGO

Sobre a autora
Sobre a Arqueiro

CAPÍTULO 1



Três anos e sete meses antes

Agosto

Nos últimos dezoito anos, virei especialista em ler os meus pais como se eles fossem um livro. Passei a prever seus impulsos, saber quando perguntar alguma coisa e quando ficar de boca fechada. E, principalmente, quando insistir em um assunto e quando deixá-lo pra lá.

E, naquele momento, eu sabia que eles estavam arrependidos.

Pela maneira como María Castillo franzia as sobrancelhas e pela preocupação estampada no rosto de Juan Castillo, eu simplesmente sabia. Meus pais estavam a segundos de me arrastar para dentro de um avião de volta para o calor escaldante e familiar do Caribe.

Mas até que eles tinham superado em dois dias a minha expectativa.

– É… grande.

Quando tentava se encaixar em um ambiente de língua inglesa, o sotaque da minha mãe ficava ainda mais acentuado. Ela estava boquiaberta com o pé-direito alto do auditório, e esquadrinhava as várias fileiras de assentos. Após uma última olhada para as famílias ao nosso redor, ela se virou para mim.

Ah, sim. Uma grande preocupação também estampava o rosto de María.

– Não se preocupe, *mami*.

Tentei não surtar com a perspectiva de *ela* surtar e gesticulei, fingindo achar um exagero dela. E isso fez com que eu me sentisse rígida. Robótica.

Meu pai parecia se sentir da mesma forma.

– *Mi vida* – murmurou ele, tentando engolir as próprias preocupações.

Ele apoiou a mão na base das costas da minha mãe, conduzindo-a para o

corredor. Quando seu olhar encontrou o meu por um instante, uma coisa ficou nítida.

Estávamos do mesmo lado.

E ele estava desesperado para fazer minha mãe se juntar a nós. Ele tentava convencê-la de que eu encontraria meu lugar ali.

– *Estoy seguro de que nuestra Paulita se integrará*…

Minha mãe, porém, virou a cabeça na direção dele com tanta rapidez que meu pai engoliu as palavras antes mesmo que ela dissesse alguma coisa. O olhar fulminante da esposa sempre funcionava.

– *Coño*, Juan. *Por favor.* Em inglês!

Dando uma olhada urgente no corredor, ela se certificou de que ninguém tivesse ouvido aquele deslize acidental em espanhol.

Não que alguém se importasse tanto quanto ela.

Se havia uma coisa que María não suportava, no entanto, era ficar em evidência. Isso e não saber a todo instante o que sua única filha fazia e onde estava.

Então era óbvio que a perspectiva de me deixar em um país estrangeiro, onde eu provavelmente *não* me encaixaria, era uma ideia mais atraente na teoria do que na prática. Ficar repetindo para os primos, tias e tios que a filha iria estudar nos Estados Unidos até eles começarem a evitá-la nas ruas tinha sido divertido, mas ela não parecia gostar muito da realidade que se apresentava agora.

Com as sobrancelhas franzidas, minha mãe mordeu o lábio inferior pintado de vermelho, e eu tive mais ou menos dois segundos para convencê-la de que ali era o meu lugar.

A Universidade Hall Beck. Nos Estados Unidos. A cerca de 2.500 quilômetros da República Dominicana. *Minha terra natal.*

Minha tarefa era muito difícil, considerando que nem eu mesma estava totalmente convencida daquilo.

– Olha... – comecei, tentando conduzi-la para uma das salas menores pelas quais tínhamos passado na excursão de orientação.

As fileiras infinitas de cadeiras e o palco intimidador onde os professores davam palestras de uma hora tinham ficado para trás. Quando entramos em uma sala de aula simples, que eu esperava que tirasse meus pais do estado de choque, relaxei os ombros, levemente aliviada.

– Não é tão diferente da Universidad Tecnológica de Santiago.

Que provavelmente era onde eu acabaria se não virasse o jogo a meu favor. E rápido.

Minha mãe balançou a cabeça e soltou um *tsc* de desaprovação.

– Não minta, Paulita. – Ela bufou e observou as janelas, o quadro-branco e o tablet em cada assento. – Não se parece em nada. – Ela suspirou. – Eu… não sei. Talvez você devesse voltar com a gente, no fim das contas. O que acha, Juan?

O pânico atravessou meu corpo quando vi o olhar questionador que ela dirigiu ao meu pai. Durante toda a minha vida, eu não conseguia me lembrar de uma única vez que Juan Castillo tivesse negado alguma coisa à minha mãe. E, ao trocar olhares com o homem que havia defendido com tanto afinco que eu estudasse nos Estados Unidos, não parecia que dessa vez seria diferente.

Dava para ver que ele estava cedendo. Provavelmente até já calculava o custo de uma passagem extra de volta para Puerto Plata no dia seguinte. Eu precisava agir logo.

– Não! – Minha intervenção o impediu de dar um aceno de cabeça que determinaria a decisão dos dois. – Por quê? Pensem no peso dessa faculdade no meu currículo! Vocês já contaram à tia… A todas as tias sobre isso. E aos primos! Não podemos esquecer dos primos. – Todos os 23. – O que eles pensariam…?

Minha mãe continuou balançando a cabeça, e eu estava perdendo o ímpeto.

– Não. – Os olhos dela se concentraram de novo em mim. – Eu não me importo com isso. – *Mentira.* – Nós só queremos o melhor para você, Paula. Não sei se o melhor é aqui. Quer dizer… você… se adaptou? – A preocupação voltou aos seus olhos castanhos. – Já fez algum amigo?

Não fiquei surpresa com o fato de a única preocupação da minha mãe ser esta: se eu me encaixaria bem. Se seria popular.

E também não me senti culpada pela mentira que saiu da minha boca.

– Já! – Eu não tinha feito amizade nenhuma. – Claro. – Eu ainda nem havia conhecido as minhas colegas de quarto. – É com isso que você está preocupada, *mami*?

– Não.

Sim. Sim. Sim! Ela também estava mentindo, e eu podia usar isso a meu favor.

– Ah – falei, comovida, guiando lentamente meus pais para longe do local em que eles quase tomaram uma decisão que colocaria todo o meu futuro em risco. Só para eles não se lembrarem daquilo. – Eu conheci pessoas incríveis. Todos aqui são tão… comunicativos!

– Os americanos adoram conversar – concordou meu pai, de um jeito ríspido. – E falam muito alto.

– Sério? – indagou minha mãe.

Eu não sabia se ela tinha se dirigido a mim ou ao meu pai em busca de explicações, mas, por precaução, resolvi tomar as rédeas. Finalmente havia um vislumbre de esperança. Uma luz no fim do túnel. María Castillo parecia aliviada, e eu podia tirar vantagem disso.

Se tudo que precisava fazer era fingir ter uma vida social excepcional durante os quatro anos seguintes, eu podia contar com a vitória.

– *Sério* – garanti, tentando transparecer a maior convicção possível no meu olhar. Dava para notar que eles estavam refletindo enquanto saíamos da sala. – Passamos o dia todo juntos ontem – menti, andando de costas. – E…

Não consegui continuar com a mentira quando topei em algo… sólido e, assustada, tropecei.

Achei que fosse bater com a cabeça no chão. Meus pais perceberiam que eu não estava apta para cuidar de mim mesma (porque iria parar no hospital com um ferimento na cabeça dois dias depois da minha jornada rumo à independência), e eu seria obrigada a concordar com eles, porque… bem, teria ido parar no hospital. Eu me visualizei de volta à República Dominicana antes mesmo de chegar ao chão.

Mas não caí.

Em vez disso, senti uma mão fria segurar meu pulso, me puxar para cima e me dar apoio até eu conseguir me equilibrar.

Não bati a cabeça no chão, só trombei com o peito do meu pai quando o desconhecido me soltou. E, em vez de meus pais dizerem que eu não estava em condições de cuidar de mim mesma, ouvi uma voz irônica:

– Olha pra frente, senão você pode machucar alguém.

Então veio a voz curiosa da minha mãe:

– Vocês se conhecem?

Ela parecia… animada, e de repente não fazia diferença saber com quem eu tinha acabado de trombar. Teria que dar para o gasto.

Eu me virei bem a tempo de silenciá-lo com o olhar, porque ele já estava abrindo a boca para dar a resposta óbvia: *Não*.

– Sim! – deixei escapar, ignorando a nítida confusão nas sobrancelhas escuras franzidas, que contrastavam lindamente com aqueles olhos verdes.

Estremecendo, murmurei um "Por favor". E acrescentei um "Desculpa".

Engoli em seco antes de me virar para os meus pais, dando um passo atrás para ficar ao lado do desconhecido, cujo cabelo era alguns tons mais claro do que o meu castanho.

– Claro! – reforcei, animada. Animada demais? – Esse é o…

Pela maneira como ele se encolheu, talvez o meu toque *gentil* com o cotovelo na lateral do corpo dele tivesse sido mais forte do que pensei. Mas ao que parecia havia funcionado e transmitido meu desespero com precisão, porque o garoto se empertigou ao meu lado e estendeu a mão.

– Henry Pressley. É um prazer finalmente conhecer vocês. – Ele olhou para mim por um segundo antes de continuar: – Ouvi falar muito dos dois!

O que eu poderia ter dito a ele nos dois dias que supostamente passamos juntos?

Fiquei surpresa ao ouvir meu pai falar primeiro.

– Pressley? – Ele repetiu o nome baixinho, num volume que mal me permitiu ouvir as palavras seguintes. Como se não fossem direcionadas às pessoas diante dele. – *¿Dónde fue que escuché ese nombre?*

Em vez de responder onde meu pai podia ter ouvido aquele nome, minha mãe deu uma amorosa cotovelada nas costelas dele pelo segundo deslize espanhol do dia.

– Henry! – disse ela um pouco mais alto, com um sorriso forçado e os olhos grudados no rapaz. Provavelmente para distraí-lo do espanhol do meu pai *e* para compensar o sussurro dele. – Não admira a Paula ter falado tanto de você.

Eu não tinha falado nada, obviamente. E, em qualquer outra circunstância, poderia ter ficado envergonhada com a revelação, mesmo sendo falsa. Mas o fato de a beleza de Henry tê-la feito esquecer que eu não tinha mencionado ninguém até dois minutos antes justificava o leve rubor no meu rosto.

– É mesmo? – Ele olhou de novo para mim antes de dar uma bufada, um som baixo e satisfeito, e depois se voltou para os meus pais. – Só coisas boas, espero.

– Claro.

Minha mãe acenou para tranquilizá-lo, mais uma vez esquecendo de que eu não tinha falado absolutamente nada sobre ele.

Ela parecia inebriada demais pela possibilidade de a filha realmente ter feito uma amizade. Como se não conseguisse acreditar.

Impressionante.

– Pressley! – soltou meu pai, do nada, só percebendo que tinha falado em voz alta quando levantou a cabeça de repente. Ele arregalou os olhos. – *¡Qué tristez*… Não! Desculpa! Desculpa.

Eu não sabia se estava se desculpando com Henry por falar demais ou com a minha mãe pelo espanhol. Ele deu uma olhada de um para o outro com tanta rapidez que não consegui ter certeza. Por fim, meu pai, um pouco mais calmo, embora ainda abalado, disse:

– Você é filho de Felix Pressley. O jogador de futebol.

A sombra que se moveu no rosto de Henry desapareceu com a mesma rapidez que apareceu. Como se não fosse nada, ele deu um sorriso frio e disse:

– É isso mesmo, senhor.

Eu também sorri, porque sabia que a coisa preferida do meu pai em relação aos americanos era que eles sempre o chamavam de senhor.

– O senhor é torcedor? – perguntou Henry.

Eu nunca tive muito problema com a franqueza da minha família. Mas, naquele momento, Juan Castillo balançou a cabeça e disse:

– Na verdade, não.

E eu pensei que realmente gostaria que eles tivessem filtro em momentos como aquele, com ou sem a barreira do idioma. O sorriso no meu rosto sumiu.

Esperei a mesma reação de Henry. No entanto, em vez de ficar ofendido, lançar insultos e revelar a minha pequena mentira, ele abriu um sorriso que pareceu sincero.

– É. – Henry parecia mais aliviado do que qualquer coisa. – Nem eu.

E aí eles se conectaram.

Durante quinze minutos, qualquer pessoa ao redor acharia que meu pai conhecia muito bem o cara ao meu lado – ou o pai dele, na verdade. Mas, contanto que minha mãe continuasse com um sorriso no rosto, parecesse encantada com a conversa e não descobrisse a minha mentira, eu estava

feliz.

Quando meus pais finalmente saíram e a ideia de me levar para casa com eles pareceu totalmente esquecida, meu suspiro foi tão alto que preencheu o corredor todo.

– Talvez, sem querer, você tenha acabado de me salvar, *Henry*.

– Que bom, *Paula*. – Não precisei olhar para saber que ele estava sorrindo, e, na verdade, minha atenção continuava grudada nas portas duplas que tinham acabado de se fechar atrás dos meus pais. – Eu sempre fico feliz de ajudar uma amiga quando ela está… – Ele parou, esperando que eu preenchesse as lacunas. – Quando ela está o quê, exatamente?

– Ah, você sabe. – Eu acenei sem entusiasmo, e meu sorriso também era evidente. – Tentando convencer os pais de que tem uma vida social agitada dois dias depois de entrar na faculdade, antes que eles mudassem de ideia e a fizessem voltar para o país de origem.

Percebi que estava falando de mim mesma na terceira pessoa, o que devia ser estranho. Ainda mais estranho do que a minha explicação.

Então pigarreei, finalmente me virei para ele e dei de ombros com timidez quando nossos olhares se encontraram.

– Nada sério.

– Claro. – A diversão na voz dele me deu esperanças de que falar de mim na terceira pessoa não tivesse sido tão esquisito quanto eu temia. – Eu devia ter adivinhado isso, na verdade. Foi mal.

Para olhar nos olhos dele, tive que inclinar a cabeça para trás. Ele tinha repartido o cabelo castanho-claro ao meio de um jeito casual e usava uma camiseta branca que ressaltava os bíceps por dentro de uma calça social. Arregalei um pouco os olhos, impactada.

Que maldição. Para meu azar, Henry Pressley era irrefutável e inegavelmente… gostoso. Maravilhosamente deslumbrante.

E eu tinha acabado de falar de mim mesma na terceira pessoa na frente dele.

Fiquei vidrada em seus olhos verde-escuros, e algo me disse que ele percebeu, porque ergueu uma sobrancelha de um jeito cômico.

– Se vale de alguma coisa, acho que a minha atuação pode ter interferido na opinião deles – refletiu Henry. Ele apontou com a cabeça na direção da porta por onde meus pais tinham saído, mas o olhar permaneceu grudado no meu. – Espero te ver por aí.

E tive a sensação de que iríamos nos ver, sim.
– Um brinde à esperança – sussurrei comigo mesma.

CAPÍTULO 2



Presente

Duas coisas me ocorreram ao mesmo tempo:

1. Eu estava perseguindo meu editor enquanto ele saía do prédio – algo que eu com certeza não deveria fazer.
2. Eu precisava fazer mais exercícios aeróbicos.

– Ed, por favor! – Ofegante, isso foi tudo que consegui dizer, na esperança de alcançar o homem responsável pelo futuro da minha carreira antes que ele saísse do prédio. – Você sabe que eu preciso disso – acrescentei. – Mais do que todos eles. Você sabe!

Em vez de olhar para mim, se dar conta de que eu estava certa e me dar o maldito artigo, Eddie só balançou a cabeça e continuou descendo a escada como se não estivesse esmagando um pedacinho da minha futura carreira a cada passo.

– Me desculpa, Paula – murmurou ele, sem convicção, enquanto começava a descer dois degraus por vez, muito focado em empurrar a enorme porta dupla de madeira para chegar à liberdade ensolarada. – Mesmo…

Foi quando pulei os últimos quatro degraus para me jogar na frente dele. Eu só me encolhi um pouco quando esbarrei nele e quase caímos no chão de pedra diante do prédio.

– Meu Deus – disse Eddie, limpando o suéter bege com as mãos assim que recobrou o equilíbrio. – É sério isso? – Ele balançou a cabeça com tanta descrença que o cabelo loiro sacudiu de um lado para outro. Os olhos dele

voltaram a encontrar os meus, e eu só consegui piscar. Ele respirou fundo. – Olha, eu sei que você quer esse artigo – falou, sem saber o que fazer com as mãos: se deveria dar um tapinha reconfortante no meu ombro, deixá-las balançando ao lado do corpo ou coçar a cabeça. Eddie escolheu a última opção. – Mas eu não posso fazer isso. Ele é muito importante e, depois de tudo que aconteceu no ano passado… Realmente não dá.

Eu não queria ser relembrada mais uma vez dos meus fracassos, então comecei a falar na mesma hora.

– Eddie. – Uma risada hesitante. – Ed. Olha. Você não entende. – Engoli em seco. – Eu preciso desse artigo para me formar! De *qualquer* artigo!

Eu não podia entregar um dos horóscopos que ele me fez escrever. Só precisava de uma última tarefa para me formar dali a alguns meses. O projeto extracurricular valia vinte e cinco por cento da minha nota final, e teria sido fácil um ano antes – quando eu ainda recebia com frequência a tarefa de escrever artigos e não tinha manchado a minha reputação jornalística com um erro idiota. Mas, infelizmente, não estávamos mais no ano anterior e o artigo tinha que ser do semestre atual.

Para meu azar, no ano corrente, Eddie tinha me dado exatamente três artigos para escrever. Todos sobre o que cada signo poderia esperar naquele mês. Absolutamente nada que eu pudesse submeter para avaliação.

Em compensação, se eles pudessem avaliar a minha capacidade de ir buscar o café ou fazer cópias excepcionais, eu passaria com distinção.

– Eddie… – tentei de novo e, aparentemente, foi a gota d'água.

– Você não merece! – explodiu ele.

No mesmo instante, o rosto dele refletiu seu arrependimento. Dava para ver que ele não pretendia levantar a voz, mas a grosseria ficou pairando entre nós.

Eddie balançou a cabeça de novo.

– Desculpa, Paula. De verdade. Depois de tudo que aconteceu, eu simplesmente não posso te dar esse. Ele vai para a Lacy, conforme conversamos.

Acho que, antes de me recompor, cheguei a me encolher com a insinuação, com as palavras duras e com aquele nome familiar demais.

– Mas você não vai me dar nenhum artigo pra escrever. Nenhum. Neca. *Niente*. Como vou me formar se você me deixa longe de todas as pautas viáveis?

Ed apertou a ponte do nariz e fechou os olhos. Quando voltou a me encarar, o vestígio de arrependimento em sua expressão tinha sumido, ele parecia um homem decidido. E, de alguma forma, eu sabia que não era a meu favor.

– Não se preocupe com isso, está bem? Vou te dar alguma coisa em breve. Mas não este, Paula.

Era a mesma desculpa que eu tinha ouvido um milhão de vezes, mas nem por isso doía menos. Com a formatura chegando, eu não sabia ao certo quanto tempo mais ele podia me deixar na geladeira.

Eddie se virou e entrou pelas enormes portas de madeira do prédio que abrigava os escritórios do *Hall Beck Post*. Isso me levou de volta à constatação número um.

Eu tinha acabado de perseguir meu editor enquanto ele saía do prédio.

Grunhi tão alto que ele deve ter escutado do escritório dele, um andar acima. Porque, num piscar de olhos, numa bela tarde de sexta-feira, minha carreira havia morrido. De novo. Antes mesmo de ter começado. E eu nem tinha saído do jornal da faculdade!

Se eu não conseguisse ter um bom desempenho no *HBP,* como seria bem-sucedida no mundo real? Entre jornalistas de verdade? O que eu deveria dizer em entrevistas de emprego quando perguntassem sobre a enorme lacuna de publicações no meu currículo?

Ah, isso é culpa do Eddie. Ele não me deu nada de bom por um ano porque eu cometi um erro. Um erro horrível, aí ele simplesmente não confiava mais em mim. Mas não liga pra isso, não!

Meus punhos se fecharam ao lado do corpo antes de se cruzarem no alto da minha cabeça. Comecei a andar sem entusiasmo. Respirei fundo e fechei os olhos com força.

Já tinha corrido tantas vezes de um lado para o outro entre aquele prédio e a minha casa por conta de prazos apertados e lanches esquecidos que seria capaz de fazer o caminho até vendada. Eu não me importava nem um pouco com o risco de cair ou colidir com algo.

Tinha coisas maiores com que me preocupar.

Na semana seguinte, eu falaria de novo com Eddie. Explicaria a situação, deixaria meu desespero evidente… ainda mais evidente. Embora tivesse me deixado no banco de reservas por um ano inteiro, como editor-chefe do *Hall Beck Post* ele era obrigado a me dar… alguma coisa para o meu projeto

extracurricular. E eu queria que isso acontecesse logo, antes que os prazos ficassem apertados demais para…

– Olha pra frente.

A voz conhecida fez o sangue nas minhas veias gelar. Fiquei paralisada, esperando e rezando para ter ouvido errado, mas…

– Senão você pode machucar alguém.

Com certeza era a voz de Henry Parker Pressley, vindo da direção para a qual eu estava me encaminhando sem olhar.

Senti um embrulho no estômago e acabei tropeçando. Um tropeço tão feio que quase caí de cara na rua de cascalho. Bem na frente do meu ex-namorado.

Recuperei o equilíbrio bem a tempo de ver os nossos caminhos se cruzarem. Minhas bochechas adquiriram uma cor vergonhosa que eu esperava que ele não visse. Constrangidos – eu, na verdade –, passamos um pelo outro, e ele não se virou para falar comigo. Nada de sorriso. Nada de *Oi, tudo bem? Estou com saudade, Paula.*

Só o tom de provocação, como se não estivéssemos sem nos falar havia quase um ano. Meu estômago se revirou instintivamente ao som da voz dele, como se nunca houvéssemos terminado.

Precisei de todas as minhas forças para não grunhir de novo.

Recomponha-se, imbécil.

Eu tinha passado quase um ano inteiro sem esbarrar com ele no campus. Sem trocar uma palavra com ele. Minha melhor amiga havia levado a nossa fase *sem contato* muito a sério. E, de todos os lugares, o prédio de belas-artes e comunicação era o último lugar onde eu esperava que essa sequência bem-sucedida terminasse. Por mais infantil que parecesse, aquele era o *meu* cantinho do campus. Ele podia ficar com o resto todo, se quisesse.

A faculdade de administração. O Centro Atlético batizado em homenagem ao pai dele. Até a biblioteca e o refeitório se necessário. Mas não o *Hall Beck Post*, nem o prédio em que ficava o escritório do jornal.

O que ele estava fazendo ali?

Eu sabia com cada fibra do meu ser que não deveria me virar. Gritei e lutei contra essa vontade, mas mesmo assim acabei me virando.

Henry estava parado em frente ao prédio de onde eu tinha saído minutos antes, aparentemente contemplando a mesma pergunta (*O que é que eu estou fazendo aqui?*). Ele jogou a cabeça para trás, as mãos desaparecendo

nos cabelos castanhos que pareciam mais claros enquanto o sol dançava através dos fios.

Então ele se recompôs. Essa deveria ter sido a minha deixa para ir embora, certo? *Antes* que ele pudesse ver que eu ainda estava olhando para ele. Afinal, nem era para eu estar fazendo aquilo, o que ficou muito mais evidente quando ele se virou e nossos olhares se cruzaram a uma distância de uns 50 metros. Tarde demais para parecer fria e desinteressada. De repente, eu queria gritar do outro lado do pátio: *Por favor, volta comigo!*

Henry era passado, com toda a certeza.

Fiquei repetindo isso para mim mesma. Enquanto me virava e saía correndo. Enquanto tentava ignorar a maneira como meu peito ainda ficava apertado na presença dele.

Eu já o superei totalmente.

Dios mío, dava para ouvir as palavras de Maeve antes mesmo de chegar em casa.

Paula, recomponha-se. Já faz um ano. Depois: *Decidimos que vocês ficariam sem contato por um motivo, querida. Isso inclui não ficar encarando o Henry quando vocês se encontrarem por acaso no campus.*

Minha melhor amiga e eu morávamos juntas – dividíamos a casa com outras duas garotas (e o meu gato) desde o primeiro ano. Tinha sido a acomodação mais barata que achamos na época.

Quando cheguei lá, Maeve ocupava todo o sofá, seus cabelos ruivos espalhados pelas almofadas, enquanto Laila e Riley estavam deitadas no chão em frente. Pip se aconchegava entre as duas, dormindo em paz, para variar.

Atrás delas, a bancada que separava a sala de estar da cozinha devia ter acabado de ser limpa por uma das meninas – provavelmente por Laila –, porque estava vazia, exceto por uma cesta de frutas de madeira igualmente vazia.

Eu nem tinha aberto a boca, mal conseguira tirar o tênis e a jaqueta de couro grande demais, quando os olhos de Maeve saltaram na minha direção. Bastou um olhar, e ela levantou a mão, me calando.

Lembrete: eu ainda nem tinha falado nada.

– Estou vendo que você tem alguma coisa pra contar – disparou ela. Maeve voltou a olhar para a TV. – Mas agora não, P. As meninas estão prestes a voltar da Casa Amor!

Bufando, contornei as garotas no chão, e Maeve estava tão mergulhada em *Love Island* que nem reclamou quando me joguei no sofá azul-petróleo pequeno e a obriguei a chegar para o lado. Um dos cobertores cor-de-rosa caiu do apoio de braço em que estava pendurado por um fio, e o som da queda foi suficiente para fazer Maeve dizer *shhh!* na direção dele. Como se, de alguma forma, a queda tivesse sido culpa minha.

O inevitável gancho para o próximo episódio veio apenas três minutos depois. Maeve e Riley grunhiram alto o suficiente para preencher toda a casa com o som, e Laila apenas jogou a cabeça no sofá atrás dela, o cabelo loiro quase se embolando nas minhas meias.

– Então tá. – Maeve finalmente se endireitou para me examinar com atenção. – Estou sentindo relutância desse lado do sofá.

Ela gesticulou para mim e riu, distraindo Riley e Laila da conversa sobre o gancho da série.

As duas com certeza seriam minha melhor chance de conseguir algum apoio.

– O que você não quer contar pra gente, mas vai contar de qualquer maneira? – perguntou Maeve, com um sorriso de quem sabe das coisas.

Franzi a testa diante dos olhos castanhos atentos dela.

– Como é que você sabe?

– Minhas habilidades de vidente. – Seu sorriso ficou mais amplo. – E porque, se não fosse por isso, você não teria calado a boca quando eu te falei pra ficar quieta.

Uma coisa sobre Maeve Peterson: suas avaliações sempre são assustadoramente precisas, beirando a adivinhação. Em muitas ocasiões, eu tentava pensar em alguma coisa diferente só por garantia, caso ela *realmente* fosse capaz de ler a minha mente.

– Está bem – falei. – Você não está… errada. Sobre a relutância.

– Quem diria! – Riley riu.

Laila a cutucou com um *shhh!*, passando a mão no cabelo liso, como sempre fazia quando muitas pessoas voltavam a atenção para ela de repente.

Pigarreei.

– Você sabe que eu sou muito ruim em tomar decisões, né?

Na única vez que eu tinha tomado uma decisão, ela literalmente mudou toda a trajetória da minha vida, e eu estava mentindo para os meus pais desde então.

Maeve assentiu.

– Claro que eu sei, meu amor.

– Então você me ajuda a decidir quais roupas comprar, quais filmes ver. Para quais… ex-namorados não devo ligar.

E eu só podia estar falando de *um* ex.

A preocupação se espalhou pelas feições da minha melhor amiga como uma fagulha numa floresta. Riley arquejou de um jeito dramático no chão, só para dar um pouco de humor à situação, não porque estivesse chocada de verdade.

– Eu não liguei pra ninguém! – expliquei às pressas.

Maeve apenas me encarou, muito menos afável do que no minuto anterior.

– Desembucha, Castillo.

– Bom…

Engoli em seco, os olhos percorrendo a nossa sala de estar para evitar a expressão séria dela. A TV ao lado da porta da frente mostrava um quadro congelado da abertura de *Love Island*, nossa mesa de centro tinha poucos livros decorativos e estava coberta por revistas, jornais e três dos romances que Riley alternava na leitura. Um vaso de vidro vazio jazia sobre o aparador à esquerda e, emolduradas atrás dele, estavam as nossas regras da casa escritas em azul:

1. Tire os sapatos!
2. Ria alto
3. Chore livremente
4. Dance mal

Em suma, não havia muito para se olhar – não mais do que o habitual.

– Eu estava saindo do jornal, conversando com o Eddie sobre… meu próximo artigo…

– Ah! – gemeu Laila no chão. – Ele finalmente te passou a tarefa de escrever alguma coisa que não seja o horóscopo?

Eu sabia que a intenção dela ao fazer aquela pergunta não era que soasse tão… triste, mas, quando respondi um "não" apático, Laila ficou claramente desanimada.

Eu não sabia o que odiava mais: a pena ou a decepção.

– Ainda não – corrigi, antes de voltar ao assunto. – Enfim, a gente foi cada um para um lado… e você não vai adivinhar em quem eu esbarrei.

– Esbarrou? – Riley de novo.

– *Quase* esbarrei – corrigi.

É óbvio que Maeve suspirou de um jeito teatral antes mesmo que eu concluísse a história.

– Ah, Paula. Você falou com ele, não falou? – Outro suspiro. – Se esqueceu da operação Sem Contato? Falar com certeza é ter contato…

– Eu não falei com ele, tá bom? – O silêncio prolongado e os olhares de expectativa das minhas amigas me obrigaram a elaborar. – Só olhei pra ele. Por tempo demais. Até que ele também olhou pra mim, e nós meio que tivemos aquele negócio de contato visual, mas ele estava tão longe…

Minha voz foi sumindo, e a careta de Maeve me disse que eu parecia animada demais. Então eu mesma me interrompi:

– Mas *eu* desviei o olhar primeiro e saí correndo.

Minha melhor amiga jogou a cabeça para trás, deixando-a cair no encosto do sofá, e fez que não com um suspiro cansado.

– Meu Deus, Paula! – Ela bufou, passando as mãos no rosto. Riley e Laila ficaram caladas. – Só para registrar – continuou ela –, encarar o Pressley conta como contato. Você nunca vai esquecer o cara desse jeito, amiga. Já faz um ano.

Sua voz assumira um tom reconfortante e o sorrisinho gritava *pena.* De novo.

– Eu sei, eu sei. Você já disse isso! – grunhi. Ela estava prestes a discordar de mim quando percebi e acrescentei: – Na minha cabeça! Você já disse isso na minha cabeça. E eu sei. E faz sentido. Eu quero esquecer o Henry. Eu meio que já esqueci. Mas, *ay, Dios mío,* Maeve, olha só pra ele! É impossível.

– Ele é um homão – concordou Riley, pensativa, girando uma única trancinha no dedo.

– Obrigada! – Apontei para ela, mostrando que eu não estava sozinha nessa. – Não tem nada de errado em admitir que ele é um… homão. – Riley me deu uma piscadela quando olhei para ela. – E admirar a razão que faz dele um homão. De longe.

Maeve inclinou a cabeça, o olhar passando pelo meu rosto. Minha pele marrom, meus olhos castanhos, os cachos que os emolduram.

– Não – murmurou ela. – Não tem nada de errado com isso. E eu adoro

o cara… Não me olha assim, eu adoro mesmo! Mas olha só pra você. Você cruzou olhares com ele uma vez e se apaixonou tudo de novo.

De novo, aquele tom de piedade na voz, a pena refletida no castanho dos olhos dela.

– Isso é exagero. – Meu olhar foi até Riley, depois até Laila, sentindo a necessidade de corrigir aquela calúnia. – Ela está exagerando – repeti, para confirmar.

– A gente sabe, querida. – Riley riu.

Erguendo uma sobrancelha sugestiva, ela continuou girando inocentemente uma trança entre os dedos. Como se não estivesse insinuando o que estava insinuando.

Laila, com a voz despreocupada de sempre, entrou em cena.

– Gente, a Paula não precisa do Henry. Ela tem o Jack.

Eu não queria que meu rosto fizesse aquilo, mas franzi o nariz e a sobrancelha e me encolhi ao ouvir o nome. E me senti mal no mesmo instante.

Maeve e Riley levantaram as sobrancelhas, e eu grunhi:

– Tenho?

– Você poderia ter! – disse Riley, quase gritando, do jeito que ela sempre fazia quando ainda estava rindo. – O coitado do garoto está de quatro por você. Não começa a balançar a cabeça, é verdade. Se ele vier amanhã, você vai ver.

– Amanhã? – perguntou Maeve.

– O lance do Michael, lembra? – Tradução: uma festa. Riley sempre tinha uma festa para ir. – Ele me convidou, e vou arrastar vocês todas comigo.

Ela lançou um olhar penetrante para Laila, que obviamente não queria ir, mas acabaria indo mesmo assim. Em parte porque a namorada dela poderia aparecer. Olhando para mim, Riley acrescentou:

– Acho que o Henry também vai estar lá.

Eu não queria me endireitar no sofá, mas tinha praticamente me esquecido de Jack quando perguntei:

– Você acha?

E percebi, tarde demais, que nem tinha tentado ser sutil.

– Meu Deus. – Maeve suspirou, escondendo o rosto com as mãos. – Você não devia ter dito isso, Rie.

Soltei um arquejo, como se estivesse ofendida por sua observação tão

precisa.

– Só estou perguntando! Eu não me importo. Vai dar tudo certo. – Fechei a cara e lancei um olhar furioso para a minha melhor amiga. – Passei meses ignorando o Henry e posso passar mais alguns até a formatura. Mas muito obrigada pelo seu voto de confiança, Maeve.

Ela jogou as mãos para o alto, fingindo que tinha se rendido, e abriu um sorriso em sincronia com o movimento.

– Eu te amo, tá? – disse ela, como se pedisse desculpa. – Tenho certeza que você vai conseguir se virar.

E eu pensei: *Sim. Eu vou conseguir me virar.*

Fingir odiar o único homem que amei não podia ser tão difícil, e era meio reconfortante saber que provavelmente nunca mais o veria depois daquilo.

O tipo de conforto de partir o coração.

CAPÍTULO 3



Três anos e seis meses antes

Setembro

– Me desculpa. – Apoiei a cabeça nas mãos com um suspiro de frustração e soprei um cacho solto que estava caindo no meu rosto. Olhei de volta para ele. – Isso nunca aconteceu comigo.

Henry arregalou os olhos verdes com cílios longos e escuros. Eu não tinha notado as poucas sardas clarinhas no nariz dele quando – literalmente – trombei com o garoto nem quando ele se sentou atrás de mim na nossa primeira palestra alguns dias depois. Aquela em que ele se inclinou para perto de mim, com a respiração quente na minha orelha, e sussurrou:

– Então seus pais acham que somos melhores amigos, né?

Ele disse isso ao perceber que eu ainda estava na UHB.

Aquilo não deveria ter provocado arrepios no meu pescoço, mas provocou. Eu me virei, tentando não corar ao olhar para ele. Pelo menos, Henry estava longe demais para notar os arrepios.

Mas agora, de alguma forma, sentados em lados opostos de uma mesa de biblioteca no meio da noite, com as luzes baixas e nossas vozes abafadas, ele estava perto o suficiente para eu notar o nariz torto, a cicatriz clara no maxilar, a maneira como ela descia pelo pescoço… e as tais sardas.

Ele inclinou a cabeça.

– Isso o quê?

Dei uma risadinha.

– Vou parecer arrogante.

– Quero ver.

E talvez por causa da privação de sono e do desespero batendo,

confessei:

– Eu nunca fui ruim em… nada. Em nada relacionado aos estudos! – acrescentei rapidamente assim que a expressão dele começou a mudar ao ouvir minhas palavras. – Quer dizer, eu sou ótima nos estudos. Aprender, calcular, entender. Se tem uma coisa em que sou boa, é nisso. Então, por que estou sentindo tanta dificuldade?

Henry assentiu, pensativo.

– Você parece mesmo uma garota que faz tudo certo.

Ele disse isso como se tivesse pensado muito sobre o tipo de garota que eu era. Como se isso o deixasse acordado à noite e ele houvesse ponderado tão profundamente sobre o assunto que tinha total convicção das próprias palavras.

– E você por acaso está na biblioteca depois do horário com um garoto que também faz tudo certo. A gente vai chegar lá, Paula.

– Quanta humildade – disse, e dei uma bufadinha.

– Opa. – Ele ergueu as mãos como se estivesse se rendendo e tornou a se recostar na cadeira. – Foi você quem falou.

– É – concordei, dando uma risada. Mas logo fiquei séria de novo, balançando a cabeça mais uma vez. – Me desculpa mesmo assim. Você não deveria estar preso aqui só porque eu não consigo entender o conceito de ciência de dados.

Quando ele se ofereceu para me ajudar, disse que poderia ficar até as dez.

Já era meia-noite, e Henry Parker Pressley ainda estava sentado à minha frente. Sorrindo e balançando a cabeça como se nunca tivesse estabelecido um limite de tempo.

– E de relatórios financeiros.

– O quê? – perguntei.

– Você não consegue entender o conceito de ciência de dados *nem* de relatórios financeiros. Nem de gestão de tecnologia e operações, na verdade – acrescentou ele depois de uma pausa, com a indiferença de alguém falando do clima, e não como se estivesse listando cada uma das minhas falhas.

– Ah, muito obrigada por me lembrar de todas as minhas limitações… – falei, franzindo o nariz.

– E eu estou aqui para te ajudar com elas. Em qual matéria você era boa no ensino médio? Quando ainda estava no seu país?

Em todas!, eu queria gritar. Mas, apesar de estarmos sozinhos, ali ainda era uma biblioteca, e isso seria errado.

Só que o fato de eu não gritar a resposta na cara dele não significava que fosse menos verdade. Eu era ótima nos estudos. Matemática. Inglês. Ciências.

As notas eram a medida do meu valor. Quando eu tirava 10 numa prova, meu pai me comprava alguma guloseima da loja da esquina. Ao ficar mais velha – lá pelos 14 anos –, minha mãe me levava à manicure, e eu andava com unhas rosa-choque por semanas a fio.

Quando eu tirava 9 ou 8, não ganhava guloseimas nem uma visita à manicure, e as palavras amorosas habituais ficavam menos enfáticas. Mesmo assim, ainda diziam coisas como *Muito bem!* ou *Nada mau!*. Nunca *Estamos muito orgulhosos de você, Paulita! Você vai longe na vida!*.

E eu não achava que fosse intencional, mas essa diferença estava marcada em mim. Se eu não pudesse exibir as minhas notas ao fim do primeiro semestre, se elas não fossem boas o bastante, o que seria de mim?

Suspirei.

– Inglês, acho. E espanhol. – Minhas melhores matérias sempre foram os idiomas. – Eu escrevia para o jornal da escola.

Ele ergueu as sobrancelhas com uma pitada de surpresa.

– E você não pensou em estudar alguma coisa relacionada a isso? Administração não parece a opção mais óbvia para quem se dava melhor em inglês e espanhol.

Respirei fundo, deixando a cabeça cair para trás.

– Acho que meu pai nunca considerou que eu pudesse estudar outra coisa que não administração, para ser sincera. Ele tem um pequeno restaurante na República Dominicana, então se considera um homem de negócios…

– Tecnicamente, ele é – disse Henry de um jeito divertido, e eu gesticulei em concordância.

– Sim, *tecnicamente*, ele é mesmo um homem de negócios – repeti, exibindo uma raiva no olhar que não era a minha intenção. – E acho que ele sempre gostou que tivéssemos coisas em comum.

Meus pais tinham começado a guardar dinheiro para pagar a minha faculdade quando descobriram que minha mãe estava grávida. Desde então, presumi que ambos quisessem que eu também estudasse administração.

A ideia nunca tinha sido discutida.

Henry assentiu como se entendesse muito bem.

– Inglês. Hum. Vocabulário, então. Isso é viável.

Ele falou aquilo mais para si mesmo. Então arregalou os olhos de repente e me encarou.

– Podemos voltar pra cá amanhã de manhã. Meu treino é até as nove, e só temos aula às quatro. Isso nos dá sete horas para estudar ciência de dados, relatórios financeiros e gestão de tecnologia e operações, mas como se fossem vocabulário. Com fichas e tudo mais. O que você acha?

Eu não entendia por que Henry estava tão… disposto a me ajudar. Mas ele ergueu as sobrancelhas e passou a língua nos lábios como se mal pudesse esperar a minha resposta. Como eu não conseguia tomar as minhas próprias decisões por nada neste mundo, a maneira como ele assumiu o controle me deixou muito… aliviada. Eu queria aceitar a sugestão dele mais do que tudo, mas… meu rosto azedou.

– Eu tenho que trabalhar. Das oito às três.

A cafeteria também funcionava como floricultura e era bem legal. O salário não era bom para uma cidade universitária, mas era melhor do que nada, e eu tinha ficado grata por encontrar um trabalho com tanta rapidez. Eu só estava na UHB havia algumas semanas, e qualquer emprego que pudesse aliviar o fardo financeiro dos meus pais já era bom.

Ainda mais agora que eu sentia que estava falhando com eles.

– Você trabalha?

Assenti.

– No Daisy's. Jack não gosta de abrir a loja sozinho, e um colega nosso ficou doente. Então, ele me pediu mais cedo para cobrir o turno da manhã. Eu…

– Jack?

– Griffin. Jack Griffin. Meu colega de trabalho? Ele é o barista. Não sei se você…

Henry balançou a cabeça antes que eu conseguisse continuar.

– Nunca ouvi falar dele. Mas esse cara que se foda por avisar tão em cima da hora que você tem que trabalhar amanhã.

Eu ri, um meio-termo entre uma bufada e uma gargalhada. Balancei a cabeça.

– Bem, ele não tinha como saber que eu preferiria vir pra biblioteca.

Com você, eu poderia ter acrescentado.

Porque Henry era inteligente e engraçado daquela maneira estoica que nem todos apreciariam. Ele era inegavelmente bonito, e eu tinha sonhado com ele duas vezes nas três semanas desde que o conhecera – e nenhum dos dois sonhos fora platônico o suficiente para que eu pudesse ignorar. Só que não havia a menor possibilidade de ele sentir o mesmo por mim.

Ele só está sendo legal porque, quando nos conhecemos, eu disse a ele que os meus pais tinham medo de que eu não conseguisse fazer amigos.

O pensamento fez as minhas bochechas corarem, e eu torci para que a luz fraca ajudasse a disfarçar.

– É mesmo? – perguntou Henry, a sobrancelha erguida de um jeito divertido. – Você prefere vir pra cá? Pra ficar debruçada sobre os livros, enquanto eu fico sentado aqui e te observo?

Meu rosto ficou *ainda* mais vermelho. Senti calor.

Apesar disso, eu só dei de ombros, tentando ao máximo manter a compostura e não deixar escapar um "Com toda a certeza".

– Você está surpreso? Os meus pais acham que somos melhores amigos. O que eu poderia querer mais do que passar tempo com os meus amigos?

Henry engoliu em seco e não conseguiu esconder o indício de um sorriso. Quando ele apoiou os antebraços na mesa entre nós, deixando o rosto na sombra, algo mudou.

Entre nós dois. Na maneira como eu respirava e na maneira como ele me olhava.

– Que fofo você dizer isso. – Não sei por que prendi a respiração até ele continuar. – Mas acho que não vamos ser amigos, Paula.

CAPÍTULO 4



Presente

Eu sei que deveria ter pegado leve depois da terceira dose de tequila. Com toda a sinceridade, acho que era para eu ter parado na segunda.

Mas Riley estava me entregando outra, gritando, rindo, cantando junto com a música. Tudo nela estava tão magnético, seu humor era tão contagiante… Como eu poderia negar? A decisão foi tomada quando ela me entregou o copo.

Além disso, eu quase tinha me esquecido completamente do homem que estava do outro lado da sala.

Henry estava apoiado nas costas do sofá quando chegamos, os braços cruzados daquela maneira que forçava as mangas já apertadas. O cabelo castanho estava repartido ao meio, e ele conversava com uma mulher que não era eu.

O que me fez lembrar que eu não deveria reparar – *não tinha o direito* de reparar – com quem ele conversava ou deixava de conversar. E isso me fez tomar a primeira dose de tequila tão rápido que quase cuspi tudo de volta.

Com a cabeça para trás, tomei a quarta dose, e a bebida desceu queimando a minha garganta, aliviando o ciúme injustificado que ainda ardia na boca do meu estômago.

Involuntariamente, devo acrescentar. As meninas comemoraram, e Maeve passou o braço pelos meus ombros, nos fazendo dançar ao som do remix medíocre do Abba que ecoava na fraternidade.

Vai ficar tudo bem, falei para mim mesma.

Embora eu não conseguisse contar quantas vezes eu tinha tropeçado, pisado no pé de alguém ou pegado num braço para me equilibrar… Embora

meu ex-namorado estivesse em algum lugar da sala, provavelmente flertando com uma garota cujo nome eu não sabia… eu ficaria bem. Não ficaria?

Eu tinha as minhas amigas, o meu gato… e, antes de ter a chance de perceber quão patética eu estava, Riley me entregou um copo vazio. Bem na hora.

Ela o encheu até a boca com uma mistura alcoólica que poderia matar alguém, e todas nós bebemos mesmo assim.

Sério, eu só estava procurando um relógio na parede quando meus olhos vasculharam a sala.

E, com certeza, meu estômago ficou embrulhado porque não consegui saber a hora, e não porque não consegui *encontrá-lo*. Henry tinha desaparecido.

Não que eu quisesse. *Encontrá-lo*, digo.

– Meninas – falei… ofegando? *Dios mío*, o álcool estava me pegando assim tão rápido? – Vou ao banheiro rapidinho.

Laila entrou no modo-mãe, falando cheia de preocupação, os olhos azuis arregalados:

– Você precisa da gente? Vai vomitar?

Ela foi a única que recusou a segunda tequila, optando por uma mistura doce que a faria acordar sem uma dor de cabeça retumbante no dia seguinte. Eu já tinha passado desse ponto.

Balancei a cabeça e, infelizmente, tudo começou a rodar.

– Não. – *Talvez.* – Xixi.

Aparentemente, eu só conseguia reunir forças para dizer uma palavra por frase.

Embora o banheiro no andar de cima colocasse uma escada íngreme entre mim e o alívio (da forma que viesse), subi heroicamente para evitar a fila que tinha se formado no lavabo do andar de baixo.

Cheguei ao último degrau e soltei o corrimão com relutância, já me esticando para alcançar a parede em frente, em busca de um apoio de que eu definitivamente precisava.

Tenho quase certeza de que eu estava sentindo o mundo girar no próprio eixo naquele momento, o que me lembrou de que estamos em uma bola flutuando no espaço. E todos nós estamos girando com ela. Eu sinceramente nunca entendi muito bem como isso funciona. Esse pensamento me deixou

enjoada.

– Merda – grunhi de novo, apoiando a testa no braço que estava na parede para ter… mais apoio?

Eu não tinha certeza, mas, de olhos fechados, a sensação de que tudo estava girando ficava menos intensa.

Do completo vazio ao meu redor, alguém perguntou se eu estava bem. Assenti o mais rápido que consegui, já murmurando diversas variações de *sim* contra a parede, que só foram respondidas com uma risadinha divertida, o início de um som que era muito, muito, *muito*… familiar.

Abri os olhos de repente.

Desesperada e horrorizada, mantive a cabeça virada para a parede na qual a minha testa ainda estava apoiada. Tudo para evitar encarar Henry Parker Pressley. Bem ao meu lado.

Eu sentia a presença dele.

Com uma única olhada cautelosa pelo canto do olho, confirmei que ele estava ali, para minha surpresa. Em frente ao banheiro, bem ao meu lado, Henry estava parado com as mãos no bolso, encostado na parede enquanto esperava.

Se aguardava alguém abrir a porta do banheiro ou que eu fosse cumprimentá-lo, eu não sabia ao certo.

Bufei no meu braço, fechando os olhos outra vez, frustrada. E talvez um pouco aliviada por ele não ter ido embora com a mulher bonita de cabelo castanho.

Evitei ao máximo olhar para ele, ainda fitando a parede para impedir aquilo – o que aquilo *poderia vir a ser.* Mas, por mais que eu tentasse ignorá-lo, dava para sentir o olhar de Henry em mim: me avaliando, me olhando de cima a baixo, vendo o vestido que eu estava usando. Quem sabe as minhas pernas nuas.

E estava me enlouquecendo.

– *Mierda* – xinguei entre os dentes cerrados, finalmente me virando para ele. – *O que é?*

Henry apenas piscou. Seus olhos encontraram os meus, e o verde intenso deles era um pouco desconcertante. Meu ex parecia tão confuso, surpreso e chocado com o meu tom quanto eu.

Eu também não esperava que as emoções que estavam fervendo na boca do meu estômago viessem à tona, mas, uma vez que tinham saído, era

meio… gostoso. E isso era bom! Não era?

Se ao menos eu me concentrasse no quanto o odiava, e não em como ele estava lindo naquela noite… Se eu me lembrasse de todos os motivos pelos quais eu *deveria* odiá-lo, e não do fato de que não ficávamos tão perto um do outro desde o nosso término e de que quase tinha me esquecido daquelas poucas sardas no nariz dele… Talvez desse certo.

O ego de Henry Parker Pressley já era grande o suficiente. Eu não precisava inflá-lo ainda mais tornando óbvio o fato de que não havia seguido em frente (ainda), quando ele claramente tinha (como pudemos ver por seu papo com a mulher bonita de antes). Acho que me encolhi com a lembrança.

Quando decidi ser grossa mesmo, fiquei mais uma vez surpresa com o meu tom.

– Fala logo, Henry.

Ele engoliu em seco, franzindo as sobrancelhas antes que a hesitação desaparecesse do seu rosto. Depois soltou o ar com certo desdém.

– Nada – disse ele, com suavidade. – Só estou com medo de você cair da escada, porque está perto demais dela.

Eu queria revirar os olhos com a observação (muito precisa), fazer um comentário que provasse que ele estava errado, mostrar que não estava tão bêbada quanto realmente estava. Que eu conseguia ficar em pé *e* parada.

Infelizmente, quando soltei a parede que estava segurando para me apoiar, eu oscilei para trás. Provavelmente um ou dois passos, não sabia ao certo, porque consegui me equilibrar rápido, meio que provando que ele estava errado. De algum jeito.

Um sorriso orgulhoso se esgueirou nos meus lábios quando olhei de novo para ele. *Viu?,* eu queria dizer. *Consigo ficar de pé.*

Foi quando notei a mão dele no meu pulso.

Um segundo se passou, depois outro. Meus olhos desviaram devagar para o ponto em que Henry estava me segurando, pouco acima do pulso, e eu rezei para que ele não conseguisse sentir a minha pulsação acelerando sob seu toque.

Eu não tinha conseguido me equilibrar. Henry simplesmente havia me segurado.

Ele uniu as sobrancelhas no que parecia ser uma expressão real de preocupação. Nossos olhares se encontraram por um instante, mas ele não

encontrou o que estava procurando.

Henry pigarreou e soltou o meu braço com cuidado, garantindo que eu conseguia ficar de pé sem cair como um filhote de girafa. *Ah, que ótimo.*

– Tem certeza de que está bem, Paula?

Eu ri, zombando.

– Estou. Obrig… – *Raiva,* eu me lembrei. Eu deveria estar sentindo raiva. Ou, pelo menos, estar chateada. – Não. – Eu não iria demonstrar gratidão. Eu já estava fracassando o suficiente na operação Sem Contato. – Eu não queria dizer obrigada. Na verdade… – *Na verdade o quê?* – Nada, não.

Antes que eu conseguisse parar de divagar, uma garota abriu a porta do banheiro e saiu correndo, deixando o banheiro vazio para a próxima pessoa. Que era Henry.

– Você pode entrar logo, por…?

– Não fala *por favor.* – Henry estava claramente reprimindo um sorriso quando me interrompeu. – Você pode acabar se arrependendo dos seus modos, Paula.

Antes que eu pudesse dizer *Não fala o meu nome assim, porque você está mexendo com o meu coração!,* ele deu um passo para o lado e apontou para o banheiro.

– Parece que seu caso é mais urgente do que o meu.



Ele estava certo. No instante em que tranquei a porta, corri para o vaso e vomitei. Fiquei muito feliz ao ver que a garota que saiu tinha deixado a tampa levantada e mais feliz ainda por eu ter conseguido chegar até ali – por não ter vomitado nos sapatos de Henry. Permaneci no chão do banheiro por… um tempo. E, enquanto eu estava ali (com a cabeça dentro do vaso sanitário, tudo girando, pensando nos últimos vinte minutos), decidi não contar às minhas amigas sobre o encontro.

Essa não era a saída mais fácil: eu adorava compartilhar, tanto o que deveria quanto o que não deveria. Se bem que, se Maeve considerava olhar para Henry uma violação do nosso acordo, imagina falar com ele – *tocar nele!*

Por sorte, não precisei violar o acordo de novo, porque, quando saí do banheiro, Henry tinha ido embora. Talvez tivesse considerado que as chances dele no andar de baixo eram melhores. Do jeito que ele era analítico, eu não ficaria surpresa. Ou talvez ele só tivesse decidido que não queria me ver de novo.

O baque doloroso no meu peito me impulsionou escada abaixo, onde Maeve segurava pacientemente a minha bebida, cobrindo o copo com a palma da mão.

Recém-vomitada, eu me sentia pronta para tomar mais um gole e, sem querer, esvaziei o copo.

Minha melhor amiga me olhou com curiosidade, o olhar se alternando entre mim e a escada. E eu conhecia aquele olhar. Maeve, a vidente, estava de volta, e as chances de sucesso do meu plano de não contar a ela sobre o que tinha acabado de acontecer diminuíram bastante. Minha amiga abriu um sorriso desconfiado e tomou um longo gole.

– Por que você demorou tanto? – perguntou ela.

Ela sabe, foi meu primeiro pensamento. Ela devia ter visto Henry descer a escada e somou dois mais dois. Maeve se balançava discretamente ao som da música.

Dei de ombros.

– Eu vomitei.

Laila me deu uma ombradinha, a boca aberta em um arquejo silencioso.

– Você devia ter falado! – disse ela com a voz aguda. – Garotas nunca devem vomitar sozinhas! Quem segurou o seu cabelo, Paula?

Ela parecia genuinamente preocupada, talvez até angustiada, e eu não consegui evitar a risada que escapou dos meus lábios.

Maeve riu, se divertindo também, embora seu olhar não tivesse se desviado do meu enquanto ela esvaziava o próprio copo.

– É, Paula – disse ela, com um suspiro. – Quem podia estar lá em cima para segurar o seu cabelo?

Ah, pronto.

Decidi ignorar seu sorriso perspicaz e me virei para Laila.

– Desculpa, Lil – falei, com uma das mãos no coração e a outra no ombro dela. – Na próxima vez eu deixo você segurar o meu cabelo.

Ela bufou, mas um sorriso substituiu o franzido dos lábios.

– Ótimo. – Ela assentiu e tomou outro gole do drinque. – Obrigada.

Mais uma vez, Maeve voltou a atenção para a escada, mas pareceu deixar as suspeitas de lado. Naquele momento, ela não tinha muita escolha, porque logo depois Riley nos arrastou para a pista de dança improvisada.

CAPÍTULO 5



Presente

O domingo não foi bom. Como já era de esperar, o dia meio que passou em uma névoa de analgésicos e lembranças da mão de Henry no meu pulso, o que só foi brevemente interrompido para beber litros d'água e tomar um café da manhã gorduroso às três da tarde.

Foi na *segunda-feira* que a verdadeira diversão começou.

Os sons insistentes de dedos batendo no teclado, o zumbido da nossa impressora inútil e o cheiro forte de café me atingiram quando cheguei ao escritório. Por um segundo, eu quis desesperadamente me sentar e escrever algo significativo outra vez. *Eu precisava falar com o Eddie.* Até ele me dar um artigo ou me mandar embora do *Hall Beck Post* por tê-lo irritado demais. Pelo menos assim ninguém poderia dizer que eu não tinha me esforçado o suficiente.

Algumas cabeças surgiram por trás da tela para me cumprimentar com um sorriso silencioso. Riley – que pensou que entrar para o *Post* poderia ser um bom complemento para seu curso de gerenciamento de eventos – acenou de onde estava preparando o que devia ser seu quarto café do dia.

Alfie, que provavelmente não esperava que a mesa ao lado dele fosse ocupada naquele dia, me lançou um olhar de surpresa do canto mais distante do escritório, para o qual nós dois tínhamos sido banidos.

Lacy – a Lacy *eu-consigo-todos-os-artigos-que-eu-quero* – me cumprimentou com um aceno de cabeça mais ou menos na minha direção, focada demais nas palavras na própria tela.

Apesar do que tinha acontecido no ano anterior, uma estranha sensação de pertencimento me dominava sempre que eu entrava ali. Quer estivesse

escrevendo sobre as previsões dos astros, fazendo café ou discutindo em voz alta com a impressora até ela fazer o que eu tinha mandado, eu quase conseguia fingir que estava tudo bem. Normal.

As pessoas do escritório ainda me consideravam uma jornalista respeitável, apesar de eu ter feito besteira com um dos artigos mais importantes de Eddie – e de não ter conseguido outra oportunidade relevante no ano que se passara desde então.

Alfie, que tinha cometido cerca de cem erros no seu único semestre no jornal, me assegurou que *errar é humano.* Que está tudo bem errar, que isso talvez devesse até ser encorajado.

Talvez eu também encorajasse erros se o meu diploma não estivesse diretamente ligado a eles. Mais ainda se eu conseguisse pegar um artigo aqui e ali só porque o meu pai era dono do maldito jornal.

Infelizmente, não era o caso. Então, na maior parte do tempo, eu estava presa a cafés e impressoras. Embora ainda tivesse o respeito dos meus futuros colegas jornalistas. O que quer que isso significasse.

– Paula!

Lacy finalmente se virou para me cumprimentar, surgindo de trás da tela. O fato de ela só ter falado comigo naquele momento provavelmente significava que estava muito ocupada com o artigo que eu tinha implorado a Eddie que me passasse na semana anterior. E essa constatação se instalou no meu peito, azeda e pesada como uma tonelada de tijolos.

Era para ser eu ali.

O sorriso fácil nos lábios carnudos. A maneira como as mechas loiras desciam com perfeição até o peito e me diziam que ela tivera tempo para se arrumar. Ela estava fazendo a maioria dos artigos de primeira página e parecia lidar com os prazos diários como se não fossem nada. Como se ela os entregasse antes, até – e ainda conseguisse tomar banho e secar o cabelo de manhã.

Sempre que olhava para Lacy por muito tempo, notava coisas demais. Não conseguia deixar de me perguntar como um dia tinha pensado em chegar aos pés dela. Como é que o nosso editor ia querer me dar um artigo de novo quando sua redatora estrela ficava bem ali, a apenas quatro mesas de distância, no meio da sala.

Um ano antes, as coisas eram diferentes, mas tinham mudado tão rápido que eu mal conseguia me lembrar da época em que *eu* era aquela redatora

estrela.

– Você não sabe como estou feliz de te ver aqui. O que anda aprontando?

Mas pelo menos as pessoas dali ainda me amavam.

– Não importa – disse Lacy, sem me deixar falar uma palavra sequer. Meu sorriso de expectativa murchou. – Você se importaria de pegar um café pra mim na máquina do andar de baixo? Eu… – Ela gesticulou para a tela do computador. – Estou sobrecarregada com isso e tenho que entregar pra edição daqui a uma hora.

Lacy deu uma risadinha como se soubesse que iria se safar de qualquer maneira.

Talvez eu devesse explicar algumas coisinhas.

O amor e o respeito dos meus colegas por mim eram proporcionais ao amor deles pelo café.

– Ah! E você trouxe mais daqueles seus biscoitos veganos de chocolate? O açúcar fez o meu cérebro funcionar muito bem aquele dia.

E pelos biscoitos.

Eu bufei. Ao longe, vi Riley revirando os olhos. Ela balançou a cabeça, exasperada, e eu precisei me esforçar muito para sorrir.

– Desculpa, Lacy. – Eu me virei de volta para ela e desejei poder dizer que seus olhos azuis redondos e penetrantes tinham perdido metade do encanto depois de quase quatro anos. – Nada de biscoitos hoje.

Ela fez beicinho.

– Mas e aquele café?

Essa coisa de buscar café tinha se tornado tão comum que eu nem precisava perguntar como ela queria. Duas colheres de creme, uma de açúcar.

– Claro.

Lacy expirou alto, aliviada.

– Você é um anjo – disse ela, depois desapareceu atrás da tela de novo.

Não fiquei surpresa.

A única surpresa foi encontrar Eddie na porta quando me virei.

– Na verdade… – Ele pigarreou, deixando evidente que tinha acompanhado nossa breve conversa. – Paula, por favor.

Ele gesticulou na direção do corredor, e eu realmente pensei que Edward Smith estava só ordenando que eu fosse logo buscar o café de Lacy, mas o editor-chefe disse:

– Eu queria falar com você. Desculpa, Lacy – acrescentou ele por sobre o ombro, lançando para ela um último olhar demorado que deixava claro que o pedido de desculpa não era nada sincero. – Ah, e termina aquele artigo. Cinquenta e sete minutos. O prazo está acabando.

Eddie bateu no relógio de pulso e depois desapareceu pela porta, esperando que eu fosse atrás.

Andamos sem rumo pelo corredor. Passamos pela sala de recreação, pelos laboratórios de mídia e pela sala dele – com a porta, como sempre, entreaberta.

– Então… – Foi tudo que ele disse, e eu me perguntei por que estávamos ali.

Em geral, conversas sérias com Edward Smith aconteciam naquela sala.

Depois do artigo do ano anterior, ele tinha me levado exatamente para lá. Aparentemente eu fizera uma citação errada e a minha fonte tinha apresentado uma queixa ao comitê de ética da Sociedade de Jornalistas Profissionais. E isso ficaria marcado no meu registro, a menos que a mesma fonte retirasse a queixa ou a alegação fosse refutada sem deixar sombra de dúvida. O ônus da prova não recaía sobre o reclamante.

– Eu estive pensando… – disse Eddie, por fim, felizmente me tirando dos meus próprios pensamentos e atraindo o meu olhar para longe de sua sala.

Começamos a descer a escada. E foi bem ali que me ocorreu. No meio da escada que levava à saída.

Ele estava me levando para fora.

Literalmente *me levando para fora do prédio*, prestes a me mandar embora com um *Boa sorte!,* seguido por um *Me avise se você conseguir alguma coisa boa por aí, o que duvido muito.* Só para garantir que eu não voltaria. Talvez ter me jogado na frente dele na semana anterior realmente tivesse sido a gota d'água.

Meu Deus, eu estava prestes a ser demitida. De um emprego que nem me pagava.

Minha respiração ficou presa na garganta.

– Eu também. Na verdade… – As palavras simplesmente saíram, para evitar ou, pelo menos, atrasar aquele desfecho. – Sobre o *Post.* E sobre mim.

Chegando às enormes portas que levavam para fora do edifício, ousei dar uma olhada no homem ao meu lado, que segurava uma das portas aberta para mim.

O cabelo loiro. A boca pequena e torta. Os olhos castanhos, o nariz perfeitamente curvo. As bochechas redondas. Com apenas 26 anos – e tendo começado o doutorado em inglês havia um ano –, Edward Smith não parecia alguém que estava prestes a destruir os meus sonhos.

Os lábios pequenos davam o indício de um pequeno sorriso. Levemente, só nos cantos. Era difícil detectar, mas já era alguma coisa. Não era?

Em contrapartida, o resto do corpo dele estava tenso. Como se ele também não soubesse direito o que fazer.

Comecei a divagar:

– Desculpa pela semana passada. E pelo ano passado. Acho que, se você me desse uma chance…

Eddie logo balançou a cabeça. E finalmente abriu um sorriso.

Talvez ele fosse mais sádico do que eu pensava e estivesse *realmente* gostando daquilo.

– Por que eu não começo? – sugeriu ele. – Eu sei o que você quer dizer. Pode acreditar que vai ser desnecessário quando eu tiver terminado.

Alguma coisa se quebrou dentro de mim: a esperança que eu ainda tinha, meu coração ou qualquer futuro que eu tivesse imaginado ao longo dos últimos anos. Talvez todas as coisas pelas quais eu tinha me esforçado.

Todas aquelas notas falsas que eu tinha mandado aos meus pais para fingir que estava indo bem. Todas aquelas mentiras e enganações haviam me levado até ali. *Dios,* eu deveria ter continuado na faculdade de administração.

Sem olhar para mim, Eddie indicou com a cabeça que era para eu me juntar a ele no banco onde tinha acabado de se sentar. Obedeci, com o coração acelerado.

– Eu estava pensando, Paula – começou ele. Acho que me encolhi antes mesmo de ele dizer as palavras seguintes. – Você gosta de esportes?

Hein?

Eu me virei para ele de repente, a expressão tensa totalmente substituída pela confusão.

Será que era o melhor momento para falar dos nossos times preferidos?

No entanto, decidi embarcar no assunto, pelo bem do meu possível futuro. Até então, ele ainda não tinha anunciado sua decisão com todas as letras.

– De assistir? Claro – respondi, cautelosa. – Mas não sou do tipo que se

exercita. – Foi quando caiu a ficha e… ai, meu Deus. – Ah, não. Você não vai sugerir que eu entre pra um clube esportivo e saia do *Post*, né?

Pelo jeito, eu ia ter que começar a implorar. Para onde mais aquela conversa poderia estar indo, senão…

– *O quê?*

Ou talvez… não?

– Eu não… Por que você…? O quê? – perguntou Eddie outra vez, parecendo mais confuso do que eu. – Do que você acha que estou falando? Se eu quisesse te mandar embora, teria feito isso quando você fez aquela besteira!

Ele balançou a cabeça, como se não estivesse acreditando que aquele pensamento pudesse ter me ocorrido.

– Seu diploma agora está vinculado ao *Post*, Paula. Mesmo que eu quisesse, *e eu não quero*, eu não poderia me livrar de você por algo que aconteceu no ano passado. – Ele semicerrou os olhos, como se pensasse que aquilo também era óbvio. – Meu Deus, é com isso que você está tão preocupada?

A sensação do nó no meu estômago se desfazendo, do medo saindo dos meus ombros e do alívio se espalhando por cada parte do meu corpo foi tão intensa que só consegui assentir.

– Meu Deus – repetiu Eddie. – Eu não tenho a menor intenção de mandar você embora – explicou ele. – É só que… tenho um projeto pra você.

Eu relaxei com a confirmação e enterrei o rosto nas mãos.

– Porra! – grunhi, e não me importei de ter acabado de falar um palavrão na frente do meu chefe. – Quase tive um infarto, Ed. Nunca mais faz isso comigo.

– Fazer *o quê,* exatamente?

Senti meu coração desacelerar e voltar ao ritmo normal, enquanto a nuvem de ansiedade na minha cabeça se dissipava e eu processava as palavras dele.

– Me tirar do escritório de um jeito tão misterioso. Não me dizer pra onde vamos nem o que vamos fazer. Me acompanhar para fora do prédio. Só… – Eu me interrompi com uma risada sofrida. – Só pra me dizer…

Eu não tenho a menor intenção de mandar você embora. É só que… tenho um projeto pra você.

Foi aí que a ficha caiu. E me empertiguei tão rápido que acho que distendi um músculo.

– Um projeto? – Eu sabia que não estava fingindo costume. Nem tentei. – *O* projeto?

O projeto que eu poderia entregar para conseguir a nota de atividade extracurricular de que tanto precisava? A única coisa que faltava para eu garantir o meu diploma?

– Isso – respondeu ele.

– Do tipo que precisa de pesquisa e redação e será impresso em algum momento?

Eddie bufou, assentindo de um jeito solene. Ele claramente não estava empolgado com a perspectiva.

Já eu? Estava pulando de alegria sem nem saber onde ele iria me meter. *Progresso.* Só isso importava.

– Sim – repetiu Eddie. E suspirou de novo. – Mas eu não sei se você vai gostar quando eu te contar…

– Que bobagem!

Não havia literalmente nada no mundo sobre o que eu não pudesse escrever.

Se ele quisesse, eu escreveria um artigo sensacional sobre o crescimento da grama no campus no último ano. E o deixaria interessante. Digno de primeira página. Conversaria com paisagistas e com a equipe de jardinagem. Acertaria as citações.

– E é claro que vou ter cuidado com as fontes. Vou checar duas… três vezes! Fazer tudo certinho. Pode deixar comigo.

– É… – Ele parou de falar. – Escuta, Paula. Não é com isso que estou preocupado. Não teremos problemas com as fontes nesse caso. Se a gente pensar bem, só vai ter uma, na verdade.

O sorriso no meu rosto diminuiu. Um pouco.

– Uma fonte só? – perguntei. – Que tipo de artigo só precisa de uma fonte?

– Bom. – Edward Smith respirou fundo, como se estivesse se preparando para algo desagradável. Ele desviou o olhar. – Talvez umas duas, mas não muitas. É mais um perfil do que um artigo, sabe?

Franzi a sobrancelha, observando-o mexer no zíper da jaqueta.

– Me parece um ótimo trabalho. – E era por isso que eu não conseguia

entender a expressão de tristeza dele. – Não se preocupa. Eu consigo fazer um perfil. De quem é?

– Henry Pressley.

CAPÍTULO 6



Três anos e cinco meses antes

Outubro

Demorei um pouco para aceitar que um diploma de administração de empresas simplesmente não tinha nada a ver comigo.

Apesar dos esforços vigorosos de Henry, de seus testes surpresa de vocabulário de negócios durante os meus turnos no Daisy's e de eu mergulhar de cabeça nas leituras sugeridas *e* nas não sugeridas sobre conceitos com os quais eu não poderia me importar menos, meu coração não estava ali. E meu cérebro com certeza também não.

E eu deveria ter ligado para os meus pais para contar a eles. Discutir a oportunidade de mudar de curso para alguma coisa que envolvesse um pouco mais de criatividade e bem menos números.

Inglês, talvez. Ou literatura. Jornalismo. Algo que eu de fato me visse fazendo pelo resto da vida depois da formatura.

Em vez disso, eu estava encarando a tela. Estava fazendo isso havia dez minutos, sem conseguir me mexer. A ventoinha do notebook estava ficando mais barulhenta a cada segundo que o aplicativo de e-mail permanecia aberto, e, embora estivesse com medo de que ele explodisse, eu continuava sem me mexer.

Eu era fisicamente incapaz de parar de reler aquele e-mail.

Parabéns! Você foi transferido com sucesso da Faculdade
de Administração de Empresas da UHB para o Campus
de Belas-Artes e Comunicação da UHB.

Antigo: Bacharel – Administração de empresas
Novo: Bacharel – Jornalismo
Por favor, converse com seu orientador designado,
conforme indicado no próximo e-mail, para tomar as
devidas providências o mais rápido possível.
Desejamos tudo de bom e mal podemos esperar para ver
o que você vai conquistar um dia!
– Universidade Hall Beck

O motivo exato pelo qual eu não confiava em mim mesma para tomar decisões estava me olhando de volta. Impulsivo, idiota e irreversível.

Como na única vez que fui nadar sem roupa na época da escola, quando decidi tentar me enturmar com os populares. E os tais novos "amigos" fugiram com as minhas roupas no meio da noite. Então, assustada, envergonhada e constrangida demais com as curvas que ninguém mais tinha desenvolvido ainda, eu me recusei a sair da água e quase fui comida por um tubarão.

Está bem, talvez não *comida*, mas a barbatana com certeza roçou em mim. Em águas escuras e abertas, é quase a mesma coisa.

E depois, como se duas consequências estúpidas e irreversíveis de uma decisão impulsiva não tivessem sido suficientes, eu pisei num ouriço e tive que pedir ao desconhecido mais próximo, em plena praia em Puerto Plata, que chamasse uma ambulância. Eles me levaram para o hospital usando nada além de uma toalha abandonada, que mal cobria a minha coxa.

Então, sim, eu sabia o que era tomar decisões idiotas e impulsivas com consequências irreversíveis. E tinha tomado mais uma decisão dessas naquela noite. Para evitar outras.

Além disso, eu sou de libra.

Meus pais tinham decidido que eu faria uma faculdade nos Estados Unidos. Meus pais tinham decidido que eu estudaria administração de empresas. Meus pais tinham decidido que morar em uma casa compartilhada era mais barato e mais seguro do que dividir um quarto com uma desconhecida.

Depois comecei a acompanhar minhas colegas de casa na hora do jantar

("Tanto faz, sério"). E elas logo decidiram que todas seríamos melhores amigas – e eu também concordei com isso. Fiquei até muito, muito feliz com isso.

Elas fizeram amizade com os vizinhos, que, assim como Henry, eram do time de futebol, e eu também fiz.

Em seguida, comecei a pedir ajuda às minhas melhores amigas para decidir que roupa usar quando eu sabia que Henry passaria no Daisy's e quando eu não conseguia decidir o que fazer com o cabelo ("Eu aliso ou deixo natural, meninas? Não sei!").

Basicamente, não tomar nenhuma decisão vinha sendo muito fácil. Era como se eu atraísse pessoas resolutas e decididas da mesma forma que a luz atrai mariposas. Maeve era assim. Henry também.

Ainda assim…

Li aquele e-mail amaldiçoado pela última vez, depois fechei meu notebook com força. O silêncio – sem o ruído da ventoinha – era estranho, embora só tivesse durado um segundo. Embora só tivesse passado cerca de dois meses naquela casa, eu já conseguia dizer pelo som dos passos, antes mesmo de levantar o olhar, que era Maeve quem tinha entrado no meu quarto.

Sentada de pernas cruzadas na cama desfeita, abri os olhos e a vi na porta. Ela me avaliou, intrigada. Provavelmente notou a maneira como eu estava apoiada de qualquer jeito na parede em que a minha cama ficava encostada, a minha respiração difícil e que Pip não estava cochilando tranquila no meu travesseiro, e sim andando no quarto para lá e para cá, como ela sempre fazia quando eu estava estressada.

Eu tinha certeza de que Maeve conseguia me ler inteirinha – do mesmo jeito que eu conseguia distinguir os passos dela no piso acarpetado. Então, no momento, eu tinha certeza de que ela havia percebido os sinais. Em vez de apontar algum deles e adivinhar a causa com uma precisão assustadora, porém, ela olhou para a parede atrás de mim e disse:

– A gente deveria mesmo pintar essa parede daquele laranja que você gostou.

Pisquei e lancei um olhar para o branco atrás de mim.

– Que laranja?

Maeve revirou os olhos e se apoiou no batente da porta com os braços cruzados.

– Quando a gente foi escolher um tapete no mês passado, a gente passou pela parte das tintas. Você apontou pra uma laranja e disse que ficaria bonito numa parede.

Eu não me lembrava disso. Nem um pouco. Mas não era para menos: eu tinha acabado de mudar oficialmente de curso e não tinha espaço na cabeça para me preocupar com mais nada.

Com um grunhido, caí nos lençóis brancos.

– Fiz um negócio – confessei, com a voz chorosa.

Eu queria mesmo chorar.

Ouvi Maeve andando pelo quarto, mas não conseguia vê-la. Meus olhos estavam fechados com força.

– Eu sei, querida – murmurou ela, e a empolgação anterior tinha sumido da sua voz. Uma preocupação delicada a substituiu, e ela se jogou na cama ao meu lado. – O que foi?

Eu só balancei a cabeça, enterrando o rosto mais fundo no colchão. Apontei para o notebook ao pé da cama sem olhar para ele. No silêncio que se seguiu, Maeve provavelmente leu o e-mail.

O e-mail que havia literalmente mudado todo o curso da minha vida. Uma resposta a um formulário que eu tinha preenchido por puro desespero na semana anterior, quando já era meia-noite e eu não estava conseguindo entender nada de linguagens de programação – algo que eu nem esperava que estivesse no currículo do curso de administração –, depois de receber a minha primeira prova, na qual tinha tirado 5.

O primeiro 5 de toda a minha vida.

Foi quando percebi que eu estava com dificuldades. De repente, isso ficou muito nítido.

Em compensação, não fora nem um pouco difícil escrever aquele ensaio para a mudança de curso. À uma da manhã eu o enviara e esperara que nunca me respondessem.

Eu tinha me inscrito no jornal da faculdade havia cerca de um mês, como uma tentativa de contrabalançar os números intermináveis com os quais estava lidando na maioria das aulas. E também porque eu sentia falta de escrever. Eu não havia me tocado disso até então, mas, depois de ter passado o ensino médio escrevendo quase todos os dias, a saudade começou a bater. Ajudar no *Hall Beck Post* resolvera isso. Escrever sobre o tempo e tentar escrever horóscopos tinha sido tão divertido que eu só voltava à

biblioteca para estudar nas noites em que Henry se juntava a mim.

Corta para o presente, onde eu tinha acabado de fazer a *transferência* para o curso de jornalismo.

Grunhi de novo.

– Paula! – Maeve arquejou, e achei que eu a tinha surpreendido pela primeira vez. – Puta merda. Estou muito orgulhosa de você.

Não eram as palavras que eu esperava.

Aos poucos, minha cabeça emergiu das profundezas do travesseiro, do cobertor e do colchão onde eu tinha enterrado o rosto, e olhei para ela. Olhei *de verdade* para ela. Na esperança de encontrar um traço de humor ou deboche em seu rosto, mas não encontrei nada. Maeve sorriu com os lábios rosados e me envolveu com os braços sardentos antes que eu pudesse tentar encontrar algo suspeito na sua reação.

Depois, quase sorri para mim mesma, porque*, caramba, eu* tinha feito *aquilo!,* mas aí ela perguntou, ainda meio eufórica:

– O que os seus pais disseram?

Enrijeci. E ela entendeu na mesma hora.

– Ai, meu Deus. Você não contou pra eles.



Quando fui vê-lo depois do jogo no dia seguinte, Henry insistiu que não estava surpreso. Nem com o que eu considerava uma decisão impulsiva de mudar de curso, nem com o fato de não ter contado aos meus pais.

Eu tinha chegado assim que Dylan McCarthy Williams fez o gol da vitória da UHB.

Eu gostaria de dizer que tinha assistido ao resto do jogo com atenção, mas, na verdade, estava só olhando Henry. Meus olhos o seguiam quando ele estava com a bola e provavelmente mais ainda quando ele não estava. Porque isso significava que ele também podia olhar para mim.

Vinte minutos depois, quando o surpreendi na saída do vestiário e contei o que fizera – num misto de divagação, empolgação e medo –, ele simplesmente sorriu.

Um sorrisinho discreto, e o olhar dele subiu e desceu pelo meu corpo

como se fizesse um elogio silencioso. Não ao meu figurino – calça jeans larga, camiseta com estampa, jaqueta de couro preta grande, definitivamente nada de especial –, mas talvez a mim?

Foi quando ele falou:

– Não estou surpreso.

Não consegui evitar uma risada nervosa, a cabeça balançando enquanto eu caminhava ao lado dele, sem saber para onde estávamos indo.

– Não está, é? – perguntei, implicando com o jeito como ele dissera aquilo com tanta segurança.

Eu sentia aqueles olhos verdes em mim, a maneira como ele avaliava meu perfil sem um pingo de vergonha. Como se eu fosse o segundo tempo da final da Copa do Mundo e ele não pudesse nem cogitar perder algum lance do jogo.

O toque de frutas cítricas e pinho da colônia de Henry se misturava ao cheiro da chuva da noite anterior. Pela cor do céu, parecia que iria chover de novo – estava tão escuro e carregado, que fiquei feliz em ver o carro de Henry no estacionamento atrás do campo de futebol.

– Nem um pouquinho, Paula. Você tem a mania de franzir o nariz quando fica confusa e de fazer um barulhinho quando está frustrada. É meio uma bufada, meio um grunhido e um suspiro, e eu já ouvi você fazendo esses barulhinhos tantas vezes que já cheguei até a sonhar com eles. E o seu nariz fica franzido praticamente o tempo todo quando a gente estuda.

Eu não sabia por que aquela confissão tinha deixado minhas bochechas quentes. Nem por que eu não conseguia impedir que um sorrisinho se formasse nos meus lábios.

Eu estava sorrindo mesmo, acho. Para o chão. Olhando para qualquer coisa que não fosse Henry, porque Deus me livre de ele descobrir que eu também sonhava com os sons que ele fazia.

– Você estava confusa e frustrada, e não está nada acostumada com isso. Então, se algo me surpreende, é você ter demorado tanto.

Henry deu de ombros, destrancou o carro e manteve a porta do passageiro aberta, sem nem ao menos perguntar se eu queria uma carona para casa. Entrei fazendo uma cara feia, finalmente olhando para ele.

– Eu desafio você a repetir que sou burra demais pro seu curso, Henry Parker Pressley – murmurei quando ele se sentou ao volante, tentando

controlar minha euforia e esperando que isso não transparecesse no meu tom de voz.

Mas Henry e eu sabíamos que a minha acusação não chegava nem perto do que ele tinha dito. Henry havia acertado em cheio e me entendia como se me conhecesse a vida toda.

– Senão você vai fazer o quê? – perguntou ele.

Eu bufei, finalmente parando de fingir. Eu não estava brava com a acusação dele nem Henry estava tentando descobrir o que eu faria se estivesse.

Mesmo assim, falei:

– Senão eu posso voltar ao curso de administração só pra destruir a sua vida.

Ele balançou a cabeça.

– Você não poderia destruir a minha vida nem se quisesse.

– Posso jogar ovos no seu apartamento. No seu carro. – Pensei por um instante. – Posso jogar ovos em *você*.

Ele finalmente se virou na minha direção, o cabelo molhado da chuveirada rápida depois do jogo. Nossos olhares se cruzaram por um, dois, três segundos, e era bem provável que eu estivesse prendendo a respiração.

– Você é vegana.

Semicerrei os olhos.

– Pode ser que valha a pena quebrar meus princípios morais por você.

Henry franziu o nariz com um sorriso, e uma leve risada preencheu o carro antes de ele dizer:

– Encantadora, Paula. Você é um encanto.

CAPÍTULO 7



Presente

Não consigo fazer esse perfil.

Dele, não.

– É uma oportunidade excelente, Paula. É ótimo pro seu projeto extracurricular. Especialmente se você ainda estiver planejando entrar pro jornalismo esportivo depois da formatura. Ouvi dizer que você gosta de futebol. Essa pauta é praticamente feita sob medida pra você, então.

Eddie estava tentando argumentar havia algum tempo diante dos meus severos *nãos*. Comecei a andar de um lado para o outro como uma louca na frente do banco em que ele continuava sentado.

Balancei a cabeça antes de deixá-la cair para trás de novo. Continuei andando de um lado para o outro, dessa vez olhando para o céu.

– Eu não posso. – E eu não me importava se aquilo era patético. – Você sabe que eu não posso.

Meu olhar foi até ele, e eu encontrei pena em sua expressão. Ultimamente, era isso que eu encontrava no olhar de todo mundo.

Fiquei me perguntando se seria isso que eu veria no rosto dos meus pais quando contasse a eles sobre essa confusão. Que eu havia jogado fora o sonho que eles tinham para mim e depois destruído o meu.

Por causa de um homem, ainda por cima.

– Olha – disse Eddie, hesitante, se levantando. – Eu sei que vocês têm um histórico. Sei também que você não gosta de falar sobre isso, e eu respeitei a sua privacidade quando não perguntei sobre o envolvimento dele no que aconteceu com seu último artigo.

Aquele que tinha estragado tudo. A minha relação com Henry, a minha

relação com o *Post*.

De pé na minha frente, Eddie estava com as mãos nos meus ombros, e eu não sabia ao certo se ele queria me tranquilizar ou me intimidar. Acho que ele também não sabia.

– Mas eu preciso de você nessa, Paula. Não tem outro jeito.

Balancei a cabeça de novo, como uma criança que estava prestes a fazer pirraça.

– É isso ou nada – completou ele.

Eu digeria as palavras enquanto o sorriso nos lábios de Eddie murchava. Ele tirou as mãos dos meus ombros.

– E já que eu não posso *e não vou* permitir que você jogue tudo fora, você vai ter que fazer o perfil. – Seus lábios já estreitos formaram uma linha reta e fina. – Eu queria que houvesse outro jeito. De verdade.

O sentimento parecia genuíno. Como se ele também preferisse que outra pessoa trabalhasse no perfil.

– Então, por que eu?

Eddie deu de ombros.

– Olha – disse ele, suspirando de novo. – O time de futebol da UHB quer um perfil sobre o Pressley. A equipe de marketing da faculdade também. O *Post* também. Esquece o porquê e o como, Paula. Pensa no quê! No que pode vir daí. No que isso pode fazer por você. Esse perfil vai te colocar no radar.

Outra vez, acrescentei em silêncio. *Esse artigo me colocaria no radar outra vez.*

– Cá entre nós. – Meu editor baixou a voz quando alguém passou ali perto. – Uma revista de grande porte já demonstrou interesse. Se você fizer um bom trabalho, eles podem publicar a sua matéria. Pense na boa impressão que isso vai causar! Pra você. Pro *Post*.

Mordendo o lábio inferior, ignorei o gosto metálico na boca. Mesmo com o canto dos pássaros, o vento farfalhando as folhas das árvores que tinham acabado de renascer na primavera e a conversa distante enchendo os meus ouvidos, o silêncio entre nós parecia ensurdecedor.

– Em respeito a você – disse Eddie, bufando –, vou fingir que você tem escolha. Pensa até amanhã e me fala a sua decisão bem cedo. – Antes de ir embora, ele acrescentou: – Mas não esqueça que essa decisão, na verdade, já está tomada.

Um sorriso substituiu a preocupação no rosto dele, e Eddie voltou para dentro do prédio.

Que maluquice, pensei enquanto desabava de volta no banco de madeira. Que crueldade. Uma piada de péssimo gosto. De Eddie. Do universo.

De qualquer coisa, mas não da vida real.

Eu provavelmente seria capaz de fazer um artigo sobre o meu ex. Mas um perfil? Ter que passar tempo cara a cara com ele. Andar atrás dele. E me envolver mais uma vez na rotina de Henry Pressley – programando os meus dias de acordo com os planos dele.

E, no entanto, eu também não podia deixar que ele fosse o motivo para eu dispensar uma chance dessas.

Grunhi quando me dei conta de que Eddie tinha razão. Se já havia interesse externo, poderia ser uma oportunidade enorme para todos os envolvidos. E no momento perfeito para me colocar de volta no radar – bem a tempo da formatura –, quando eu só precisava de ofertas de emprego e trabalhos como freelancer para continuar me sustentando e manter meus pais satisfeitos.

Mas, de todas as pautas que Eddie podia ter me dado, tinha que ser justo essa?



– Você estava chorando – determinou Maeve assim que apareci na porta do quarto dela.

Minha amiga estava sentada na cama, apoiada na cabeceira com as pernas dobradas junto ao peito, e abaixou o livro que tinha nas mãos ao me ver.

Se havia um sinal de que a vida de Maeve estava organizada, era o quarto dela. Nem uma peça de roupa jogada no chão, a maquiagem perfeitamente arrumada na penteadeira e as paredes brancas repletas de frases motivacionais em diferentes tons de rosa, emolduradas em madeira.

– Estava, é? – O rímel já estava manchado, mas eu sequei os olhos mesmo assim. – Eu não sei o que fazer, Maeve.

Ela abriu um sorrisinho de compaixão, e sua testa franzida relaxou.

– Isso não é novidade. – Ela me chamou com um tapinha na cama e chegou para o lado. – Senta aqui, querida. O que foi?

O sotaque sulista sempre ficava mais acentuado quando ela estava preocupada.

– Eu não sei – falei, grunhindo, pisando forte e me jogando em cima do lençol branco. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, emendei: – Quer dizer, eu sei.

– Claro que sabe.

– Eddie finalmente me deu uma pauta pra minha tarefa extracurricular. Um perfil. Um perfil incrível, na verdade.

O que, em si, era uma ótima notícia. A melhor notícia do mundo.

– Paula! – falou Maeve cheia de empolgação, a voz um pouquinho mais aguda. Ela bateu o ombro no meu. – Isso é incrível! Ou não é? – acrescentou, com um toque de confusão na voz.

– Muito incrível – concordei, com sinceridade, então deixei a cabeça cair na estrutura metálica da cama, com uma bufada de ironia. – A melhor notícia de todas. E traz muitas oportunidades. A chance de ser chamada pra trabalhar em algum veículo de imprensa maior e tudo o mais. Eddie acha que isso pode me colocar no radar… colocar o *Post* no radar. Ele está muito empolgado.

Maeve me cutucou de novo, e quando finalmente olhei para ela, os olhos ainda um pouco vermelhos e inchados, ela estava claramente tentando descobrir o *porém* da história toda. Desconfiei que nem mesmo a minha melhor amiga vidente conseguiria matar essa.

Ela me analisou por mais um segundo.

– E o que o Henry tem a ver com isso?

Esquece o que eu disse.

– Como…?

– Paula – disse ela, suspirando como se eu já devesse saber como as coisas funcionavam. – Você está exibindo orgulhosamente a sua "careta Henry". Não tem como eu não perceber.

Arquejei, fingindo indignação.

– Eu não… – tentei argumentar.

– A propósito, você estava com essa mesma careta no sábado. Quando voltou depois de ter colocado as tripas para fora. Você é uma péssima mentirosa.

Eu queria muito rir da minha tentativa fracassada de esconder alguma coisa dela, mas nem isso conseguiu me acalmar.

Balancei a cabeça.

– São duas coisas completamente diferentes. Mas essa questão não vem ao caso agora.

Tirei da mente as lembranças da mão de Henry no meu pulso, do rosto dele muito perto, da colônia cara.

Isso só deixava o meu dilema mais evidente.

– É tudo por causa dele – falei, para sair do transe.

– O quê? – perguntou Maeve, com ironia. – Você não ter recebido uma única pauta boa o ano todo? É, isso é culpa dele, sim. – Ela bufou, irritada. – Nós já sabemos que a culpa é dele. E daí?

– Não – choraminguei, embora fosse verdade. Mais ou menos. Não muito. – Não é disso que eu tô falando. É sobre ele – repeti. – O artigo. É um perfil. Sobre Henry Parker Pressley.

Se eu não estivesse tão envolvida no problema, teria ficado maravilhada de ver Maeve tão surpresa. Isso não acontecia com frequência.

– Sério?

– Sério.

– Ai, meu Deus. – Ela virou os olhos castanhos na minha direção, e sua testa ficou ainda mais franzida. – Isso é uma piada de péssimo gosto. Eddie não te dá nada o ano todo e, quando finalmente dá, é *isso*?

Fiquei muito feliz por ela compartilhar o meu sentimento. Era *de fato* uma piada de péssimo gosto!

– Mas… – continuou Maeve devagar, as feições se suavizando. – Como assim você *não sabe o que fazer*? O que mais você poderia fazer?

– Bom. – Meus braços se agitaram sem controle. Aparentemente, isso não ajudou a explicar a situação. – Você sabe. Isso significa passar um bom tempo com ele. Ficar muito perto. Tipo, muito, muito perto. – A expressão dela não mudou nada. Então, dobrei a aposta. – Durante várias semanas. Eu não sei se…

– Se *o quê*?! – interrompeu ela de um jeito brusco. – Se vale a pena? Se a sua carreira, se os seus sonhos valem a pena? – Ela inclinou um pouco a cabeça, e mais uma vez recebi um olhar de pena. – Por favor, Paula. Você não pode estar falando sério.

Mas eu estava! Não estava?

Um suspiro de derrota escapou de mim, e eu murchei. Apoiei a cabeça no ombro dela, e Maeve não recuou.

– Eu meio que achei que você não iria querer que eu fizesse isso – confessei. – Você sabe, nós combinamos que eu não teria contato com ele.

Afinal, a operação Sem Contato tinha sido ideia dela.

Maeve riu com leveza.

– Paula – disse minha amiga de um jeito solene. – A gente não sacrifica os nossos sonhos por homem nenhum. Não vale a pena.

Eu me endireitei.

– Mas…

– Você está recebendo uma segunda chance! Nem todo mundo tem a oportunidade de recomeçar.

Eu sabia que ela estava certa, mas não conseguia aceitar.

– Mas vai ser muito contato, Maeve – repeti inutilmente. – Meio que destrói todo o propósito da operação Sem Contato. Não é?

Ela comprimiu os lábios um pouco mais.

– A existência de Henry não deveria pesar na sua decisão, meu amor. Ele é só a pauta de um artigo. Como qualquer outra. Você faz o que é preciso, depois escreve um perfil incrível e segue em frente.

Ela apertou a minha mão com força, só uma vez, antes de soltar de novo.

Uma risada nervosa escapou dos meus lábios.

Tratar Henry como qualquer outra pauta. Eu bufei, sem ter certeza de que conseguiria. Porque eu o conhecia, eu nos conhecia e, acima de tudo, eu *me* conhecia.

E *eu* estava com muita saudade dele.

Balancei a cabeça.

– Você está certa – admiti. – Meu Deus, você tem razão. Claro que tem. – Sorri, sem saber se estava tentando convencer minha amiga ou a mim mesma. – Eu deveria estar animada com isso, não ansiosa. Foda-se o Henry.

CAPÍTULO 8



Presente

Estou apoiando o celular entre a orelha e o ombro, correndo pelo *HBP*, passando pelo escritório de Eddie e subindo dois andares, e com certeza chegaria atrasada. Nem precisava olhar a hora, eu meio que já sabia.

– Estou bem, *mami. Sí* – falei ao celular, bufando.

Se ao menos conseguisse fazer a minha mãe desligar, talvez desse para ler os documentos que estavam nas minhas mãos. Quem sabe, se ela não estivesse pendurada ao telefone comigo havia uma hora, mal fazendo uma pausa entre as frases, eu poderia ter me preparado para a primeira entrevista com Henry.

É claro que os monólogos intermináveis dela estavam me salvando de uma ansiedade insuportável e de um nervosismo que eu não podia me dar ao luxo de sentir, mas a que custo?

Eles tinham roubado de mim a hora que eu reservara para preparar as perguntas.

Havia ligado para Eddie dois minutos depois da minha conversa com a Maeve, sobretudo para garantir que eu não mudasse de ideia de novo. Infelizmente, isso não me impediu de surtar.

Eu não consigo fazer isso. Eu preciso fazer isso. Preciso mesmo? Eu nem deveria me importar em saber de quem é o perfil. Mas eu me importo, esse tipo de coisa.

– Está ocupada, Paulita? – perguntou minha mãe ao telefone, que ela com certeza tinha colocado no viva-voz, considerando todo o ruído de fundo que eu estava escutando. Pratos batendo, conversas animadas, cigarras, o mar. – Você parece estar muito ocupada.

– Bem…

– É a faculdade? – interrompeu ela antes que eu tivesse a chance de sair graciosamente da conversa com um *Ah, sim, estou muito ocupada. Falo com você mais tarde.* Quando vi meu destino no fim do corredor, diminuí os passos. – Como está a faculdade? Sabia que a sua prima Sofia desistiu da faculdade na semana passada? Meu Deus, dá pra acreditar?

A linha ficou em silêncio por um instante, como se ela estivesse pensando. Logo depois, em pânico, ela perguntou:

– Você não desistiu, né?

– *Ay, Dios mío, mami*, não.

Parei de repente do lado de fora da sala que estava procurando, ajeitando os papéis na minha mão e colocando-os debaixo do braço.

Conhecendo Henry e seus horários rígidos como eu conhecia, ele já tinha chegado. E estava a apenas uma porta fechada de distância. Uma olhada para o meu celular me disse que eu já estava dois minutos atrasada.

– Escuta. A faculdade está bem. Na verdade, eu… – hesitei só por um segundo – ... estou indo falar com meu professor sobre a prova de direito tributário. – Pareci menos segura do que pretendia. – Tenho que ir!

– Está bem, está bem – disse minha mãe, com um suspiro. – Nossa pequena empresária americana. Estamos tão orgulhosos de você, Paulita!

– *Te quiero*, mãe. Tchau!

Desliguei e bufei com força, um efeito que a minha mãe tinha sobre mim desde que me entendo por gente. Olhei para a tela só para ter certeza de que eu realmente tinha desligado.

Pequena empresária americana.

Eu teria rido se não fosse tão irritante.

Ainda não tinha contado aos meus pais sobre a mudança de curso, mesmo quase quatro anos depois. Não sei como consegui mentir por tanto tempo sobre o que estava cursando. Simplesmente aconteceu.

E, é óbvio, eu amava o jornalismo. E não me arrependia de ter passado os últimos três anos e meio aperfeiçoando o meu talento, em vez de aprender a administrar um negócio e cometer fraude fiscal de um jeito legal. Mas eu continuava odiando mentir para os meus pais.

Para eles e todo mundo na República Dominicana, eu era *Paulita,* a pequena empresária americana.

Na UHB, eu era Paula, a jornalista fracassada que tinha namorado

Henry Pressley. *Que belo legado.*

Afastei o pensamento com um ruído de escárnio e passei a mão pelos meus cachos. Respirei fundo para entrar no personagem. *Ex-namorada que não gosta mais dele e, na verdade, meio que o desprezava.* Tinha funcionado da última vez, não?

Contei *um, dois, três* em silêncio e abri a porta.

As minhas entrevistas anteriores costumavam acontecer em salas de aula. Com várias fileiras compridas de mesas e cadeiras. Janelas grandes e plantas no mínimo do meu tamanho nos cantos. Claras. Espaçosas.

Eddie tinha conseguido essa sala de agora, e ela não era… nada disso. Era apenas um pouco maior do que um armário de vassouras, talvez um espaço de armazenamento de luxo. O lugar era pequeno demais e estava escuro demais em contraste com o dia ensolarado lá fora.

Perto da única janela, Henry estava com o ombro apoiado na parede, os braços cruzados na frente do peito *daquele* jeito. O que ele estava vendo no pátio devia ser interessante o suficiente para atrair sua atenção, porque ele não desviou o olhar ao dizer:

– Achei que você não viesse.

Não consegui interpretar o tom na voz dele. Alívio? Decepção? Irritação?

Pigarreei e fechei a porta ao entrar.

– Espero que você não tenha esperado muito tempo – falei, tentando transmitir o máximo de confiança na voz. – Eu teria chegado na hora se não fosse… – Eu me virei para ele com minha melhor tentativa de sorriso educado e percebi que ele continuava sem olhar para mim. Meu tom murchou, assim como o meu sorriso. – Não importa.

Com a cara séria, me sentei na cadeira mais próxima da porta. Uma mesa a separava da cadeira de Henry, do outro lado. Para evitar o contato visual, vasculhei minha bolsa em busca de caneta e papel.

– Era a María? – Ouvir o nome da minha mãe na boca de Henry me pegou tão desprevenida que eu paralisei minha busca. Algo ali era muito familiar. Como se ainda fizéssemos parte da vida um do outro. – No celular.

A voz dele ficou ecoando pelo meu cérebro sem nenhuma razão. Profunda, sedosa, com um leve indício de sotaque britânico, um resquício da infância em Chelsea.

Pisquei, ainda concentrada no interior da bolsa, sem conseguir encará-lo, embora eu sentisse seu olhar em mim. Depois de mais alguns segundos

de silêncio que não consegui romper, ele acrescentou:

– Desculpa. Escutei sem querer.

– Ah. – *Diz alguma coisa,* implorei a mim mesma. *Qualquer coisa.* – É, era a minha mãe. Ainda não contei a ela sobre o lance do jornalismo.

Eu estava começando a falar demais, e quase suspirei de alívio quando Henry respondeu rápido o suficiente para me impedir de fazer isso.

– Falando nisso… – disse ele. Dava para ouvi-lo indo até o outro lado da mesa. Notei que ele se sentou na minha frente. Eu não conseguia vê-lo porque ainda estava à procura de papel e caneta. – Neste semestre estamos vendo gerenciamento de projetos, simulação de negócios e redação do TCC. Direito tributário foi no último. – Henry pigarreou. – Caso eles perguntem de novo.

Eles eram os meus pais. A conversa mostrava que Henry ainda os conhecia muito bem.

Finalmente desviei o olhar da bolsa para encontrar o dele. Conforme esperado, os olhos verdes e grandes refletiam o humor que estava evidente em sua voz.

Como um mantra, repeti mentalmente o papel que eu deveria desempenhar. Só para garantir que conseguiria.

Ex-namorada que não gosta mais dele e, na verdade, meio que o despreza.

– Por que não começamos?

Embora eu tivesse plantado um sorriso inocente no rosto, nunca fui boa em esconder os meus pensamentos e sentimentos. Maeve dizia que eles ficavam estampados no meu rosto e que qualquer um conseguia perceber. Ela também dizia que isso era o que ela mais gostava em mim.

Nesse momento, vendo a maneira como Henry avaliava o meu sorriso, desejei ter aceitado a oferta de Riley de me ensinar a fazer cara de paisagem.

– Claro.

Ele combinou a palavra com um aceno de cortesia. *Até aqui, tudo bem.*

Eddie tinha me explicado as expectativas dele para o perfil assim que eu concordara oficialmente em fazê-lo. Uma boa caracterização, e não apenas uma lista das realizações de Henry. *Qualquer um poderia pesquisar no Google*, dissera ele. O jornal queria que eu me concentrasse *nele.* No Henry por trás daquela máscara cuidadosamente moldada – da qual ele não tinha se livrado por completo mesmo depois de estarmos namorando havia meses. Infância, vida em família, personalidade… com um toque de

estatísticas e futebol.

Alguém deveria ter dito a Edward Smith que pedir à ex-namorada de Henry que bisbilhotasse detalhes pessoais como esses provavelmente não faria com que o *Post* arrumasse as informações que desejava. Mas ali estávamos.

Meu telefone estava na mesa entre nós, desbloqueado, com a tela virada para cima.

– Vou gravar a nossa conversa – informei a ele, sem necessidade. – Sendo assim, não diga nada que você não queira ler no artigo depois.

Henry ergueu uma sobrancelha, um sorriso provocante no canto dos lábios, esperando uma brecha para se abrir por inteiro.

– Achei que o seu trabalho fosse arrancar exatamente esse tipo de coisa de mim.

O tom era mais desafiador do que questionador.

Lancei um olhar muito profissional para o homem à minha frente. Eu precisava fazer isso para evitar que cada palavra que ele dissesse me afetasse – para evitar que o meu peito ficasse apertado na presença dele.

Eu vou conseguir.

Eu sou a jornalista. Era eu que estava no controle e precisava começar a agir como tal. Henry era só mais uma pauta. De certa forma, a história dele estava nas minhas mãos.

Mesmo que eu ainda não acreditasse nisso, *eu tinha que fingir até conseguir.* Certo?

Isso finalmente me fez encontrar meu equilíbrio.

– Não se preocupe. Se eu quiser saber alguma coisa específica, vou conseguir de maneira espontânea e oficial – falei, com meu sorriso mais doce.

Henry se ajeitou na cadeira e passou a mão pelo cabelo castanho repartido ao meio. Então inclinou um pouco a cabeça, me avaliando do outro lado da mesa, e abriu um sorriso semelhante ao meu. Piscou uma vez. Curvou-se para a frente.

– Eu não esperava menos que isso de você.

Foi ele quem apertou o botão para iniciar a gravação.

Tentei não deixar aquilo me abalar – os sorrisos, o orgulho no tom de voz. Com certeza era isso que ele estava tentando fazer: me deixar abalada. Tomar conta do ambiente ao controlar as minhas reações, o efeito que ele

tinha sobre mim. Afinal, não se podia separar Henry Parker Pressley de sua necessidade de estar no controle.

– Vamos começar com…

Meus olhos pousaram no caderno no meu colo. O mesmo que deveria conter toda a minha preparação – tópicos de conversa, perguntas –, mas estava praticamente em branco, exceto pelo título no alto: *Henry Pressley, 1ª entrevista, 15 de março.* Obrigada, mãe.

Tudo bem. Vamos improvisar.

Pigarreei.

– Comece com… seu nome.

É, eu não era boa em improvisar.

O olhar de Henry se desviou do vaso de plantas na prateleira atrás de onde eu estava e pousou bem em mim. Ele bufou e ergueu as sobrancelhas.

– Sério?

– Sim. – Eu o encarei. – Estou levando isso muito a sério. Você, não?

Talvez eu estivesse compensando em excesso a página em branco na minha frente e o fato de não ter levado tudo aquilo nem um pouco a sério. Suspeitei que ele também soubesse disso.

Mas ele simplesmente assentiu, com um sorriso irônico no canto dos lábios. Henry levantou as mãos numa falsa defesa.

– Estou.

– Ótimo.

Um segundo se passou.

– Eu só acho engraçado que… – disse ele, e hesitou, e eu nunca tinha visto aquilo.

A única coisa que Henry Parker Pressley não fazia, dentro ou fora do campo, era hesitar.

E aquilo despertou o meu interesse.

– O que você acha engraçado?

Ele voltou o olhar para o telefone entre nós, com os segundos da gravação passando: 00:55, 00:56, 00:57. Balançou a cabeça.

– Deixa pra lá.

Mas eu não podia, não deixaria pra lá e, na verdade, não *queria* deixar pra lá. Meu trabalho era bisbilhotar, não era?

– Ah, não – falei. – Não se reprima por minha causa. O que é tão

engraçado?

Naqueles segundos de silêncio pairando no ar, quando o olhar dele percorreu o meu rosto, percebi que ele tentava descobrir quais eram as minhas intenções. E eu também.

A expressão analítica sumiu do rosto dele um segundo depois, como se ele tivesse me decifrado antes de eu mesma fazer isso. Henry deu de ombros, e parecia saber que tinha vencido antes de dizer uma palavra sequer.

– Eu só acho engraçado… – repetiu ele – você estar fingindo não saber o meu nome, quando estava claro que sabia muito bem quase toda noite.

Ah, pronto.

A jogada arrasadora de Henry tinha se revelado. Ele conseguia identificar pelo rubor violento nas minhas bochechas. E eu conseguia identificar pela chama acesa no meu ventre.

– Muito tempo atrás, óbvio – prosseguiu ele.

O tom desafiador estava de volta. Ele o mantinha pairando diante de mim, como uma cenoura numa vareta, como se soubesse que aquilo me faria querer morder a isca e retrucar, mandar o profissionalismo pelo ralo. Engoli a vontade.

Em vez disso, imitei o sorriso dele e jurei fazer a aula básica de *como-fingir-expressões-faciais* com Riley quando chegasse em casa.

– Só pra ficar registrado, por que você não fala? – Gesticulei sem entusiasmo em direção ao celular, depois me acomodei na cadeira, caderno e caneta na mão. – Talvez eu sempre tenha pronunciado o seu nome do jeito errado.

Henry assentiu, os olhos se desviando para o celular antes de se voltarem para mim. Ele se aproximou e se inclinou sobre a mesa.

– Que fique registrado – falou, o olhar fixo em mim e a boca perto do meu celular. – Meu nome é Henry Parker Pressley. Tenho 22 anos. Sou zagueiro do time de futebol da Hall Beck. – Ele ergueu as sobrancelhas e perguntou, cheio de gracinha: – Assim?

Consolidando meu sorriso falso, assenti com um movimento curto e um olhar cortante.

– Perfeito. Muito obrigada.

A ironia escorria da minha voz e envolvia cada som que eu emitia.

Eu estava comendo na mão dele e não podia aceitar aquilo.

– Me diga, *Henry* – falei, enfatizando o nome, e algo na expressão

presunçosa dele mudou, mesmo que apenas por uma fração de segundo, quando ele se recostou na cadeira. Considerei uma pequena vitória. – O que te fez entrar no futebol?

Era a pergunta mais fácil que eu tinha conseguido imaginar. Terreno seguro. Um jeito de fazer a bola rolar e nosso relacionamento estritamente profissional decolar.

E funcionou lindamente.

Nossa tensão anterior pareceu ter sido superada.

– A maioria das pessoas acha que foi o Felix. – Seu pai, a quem ele raramente se referia como pai. – Faz sentido, não é? Jogador profissional sem vida pessoal fora do campo. As pessoas achavam que isso simplesmente tinha sido transmitido para mim. Eu também achei, por um tempo.

No silêncio que se estendeu, ele reuniu os pensamentos e os reorganizou na cabeça para criar a narrativa que queria mostrar para o mundo. Eu conhecia aquele olhar no rosto dele: calculando, avaliando os riscos.

– Na verdade, acho que foi a minha irmã. Athalia. – À menção da irmã, ele me encarou, abrindo um sorriso. – Uma chata de galocha quando éramos mais novos. Agora mais ainda, provavelmente. – Henry deu uma risadinha com as lembranças. – Athalia odiava os jogos de futebol, então acho que comecei a treinar só para irritá-la. Para fazer com que ela fosse aos meus jogos. Tínhamos 8 anos.

A atenção dele tinha se voltado para alguma coisa atrás de mim, com um sorriso enigmático. Aquela expressão distraída, os olhos vidrados com uma mistura de alegria, animação e orgulho – era a cara de futebol dele. Henry sempre parecia um garotinho empolgado quando falava de futebol.

Embora tivesse começado por causa do legado de Felix Pressley, nem todo mundo que sonhava em se tornar profissional conseguia. Na verdade, apenas cerca de 1,4% conseguia. Henry tinha todo o direito de se orgulhar, apesar das vantagens que seu sobrenome carregava.

Saber que ele tinha conseguido, que ele tinha sido convocado por um time da liga principal e que eu iria escrever um perfil sobre ele – no qual a grande imprensa já tinha manifestado interesse – também me fazia sentir isso.

Orgulho.



A propósito, eu estava certa. Aquela pergunta realmente fez a bola rolar, e ele falou durante a maior parte do tempo. Eu só fiz perguntas óbvias para aprofundar as respostas dele.

– Depois disso, tive algumas opções de faculdade, mas a UHB era a melhor, e eu já tinha encontrado o treinador Hepburn uma ou duas vezes muito tempo atrás. Era bom saber que eu faria parte do time dele. Como se fosse meu destino entrar na equipe.

Nenhuma menção aos pais nem ao fato de que ambos tinham estudado na mesma faculdade. Talvez *isso* tivesse facilitado a decisão dele.

– Vamos ver se ele tem uma opinião tão boa sobre você – desafiei, brincando.

Minha voz o arrancou do transe futebolístico em que estava. O olhar dele encontrou o meu.

– Com certeza não – disse Henry, e eu quase dei risada com o humor em sua voz.

Quando eu ia responder, um zumbido na mesa chamou nossa atenção, e interrompemos o contato visual ao mesmo tempo para ver o que era. Os minutos ainda passavam na tela, mas não foram os *50:27, 50:28, 50:29* que atraíram nosso olhar.

JACK:
Tudo certo para hoje à noite?

Embora meu telefone estivesse virado para mim, eu não tinha a menor dúvida de que Henry conseguia ler a mensagem, mesmo de cabeça para baixo. E não sabia por que me importava.

Henry retorceu o nariz, mas soou mais entretido do que parecia quando nossos olhares se cruzaram de novo.

– Planos importantes? – perguntou ele, acenando para o telefone, que já estava na minha mão.

Desliguei a gravação e joguei o celular na bolsa, onde ele não poderia mais causar estragos. Porque o ar leve e *quase* confortável da nossa conversa

nos cinquenta minutos anteriores tinha desaparecido. Num piscar de olhos.

– Mais ou menos.

Na verdade, não era nada disso. Eu provavelmente acabaria cancelando com Jack porque tinha que transcrever os cinquenta minutos de áudio que ele tinha acabado de interromper de um jeito brutal. Mas eu jamais diria isso a Henry.

Se ele podia flertar com a garota bonita, eu podia muito bem enviar mensagens para uns contatinhos.

– Você já pegou o nosso cronograma com o Eddie? – perguntei, para mudar de assunto, jogando o restante do equipamento na bolsa como se estivesse a caminho de alguma emergência.

Henry se levantou assim que percebeu isso. Ele sempre foi ótimo em ler os sinais do ambiente.

– Não – respondeu, bufando, o som incrivelmente parecido com seu ar resmungão habitual. – Eu nem sabia que ia ter um cronograma – confessou ele sem rodeios. – Acho que nunca te ouvi dizer a palavra *cronograma*.

Ele não estava errado. Mesmo assim.

– Eu te avisei – falei, rindo, enquanto arrastava a cadeira para trás e me punha de pé às pressas. – Estou levando isso muito a sério.

Ele abriu a porta para mim, e eu passei como se fosse algo completamente natural.

Acho que, nos quatro anos em que conhecia Henry, eu não abrira uma única porta quando ele estava por perto. Eu nem questionava o gesto, só agradecia em silêncio. Ele começou a andar ao meu lado.

– Vou mandar o *cronograma* por e-mail… hoje à noite – falei, enfatizando a palavra, e ele teve que se controlar para não sorrir.

Isso me fez perceber que minha atuação como ex-namorada que não gostava mais dele e, na verdade, meio que o desprezava tinha sido perfeita. Com olhares penetrantes, comentários engraçadinhos e tudo.

– Ah, não. – Sem nem olhar para mim, ele gesticulou como se o assunto não tivesse importância. – Pode ser amanhã. Não me deixa estragar a sua diversão com…

– Henry!

Nós dois nos viramos ao ouvir o chamado. Na verdade, eu nem precisava me virar para reconhecer a voz que me mandava para lá e para cá em busca de café.

– Lacy – dissemos ao mesmo tempo, e isso fez com que eu me virasse para ele, a pergunta óbvia estampada no meu rosto.

Eu não tinha a menor ideia de que os dois se conheciam. Bem, um ano antes, eles não se conheciam. Apesar de se tratarem de um jeito informal, o vinco entre as sobrancelhas de Henry me agradou mais do que deveria.

Segurando a alça da bolsa, Lacy parou ao lado dele.

– Já de volta? – perguntou ela. – A que devemos o prazer? – completou, ajeitando atrás da orelha uma mecha do cabelo loiro que tinha acabado de secar.

Ela inclinou um pouco a cabeça ao olhar para ele, e eu não sabia ao certo se estava me ignorando de propósito ou se genuinamente não havia reparado em mim.

Henry ergueu a sobrancelha como se a resposta fosse óbvia. Quando ele apontou para mim e o olhar de Lacy acompanhou o gesto, vi em tempo real que ela finalmente havia notado a minha presença. Lacy arregalou um pouco os olhos quando somou dois mais dois e levou mais um segundo para conectar todos os pontos.

– Ah! – Lacy se recuperou da surpresa em me ver. – Paula! Oi.

O tom dela era de perfeita simpatia, mas o olhar penetrante não combinava com a atitude. Ela disfarçou rápido e se voltou, com um sorriso, para Henry.

– O perfil. Claro. – Ela assentiu. – É uma pena eu estar com tanto trabalho. Teríamos formado uma equipe incrível, não acha?

A revelação não foi necessariamente chocante. É óbvio que só recebi aquela oportunidade porque Lacy Halloway estava com *muito trabalho.*

Ainda assim doeu.

Era doloroso ficar com as sobras dela. Ser a segunda, talvez a terceira… ou *quarta* opção. Mesmo depois de um ano no "banco" da redação, eu não estava acostumada com aquilo.

– Claro – disse Henry de um jeito abrupto, me arrancando dos meus pensamentos. – Você está dizendo que a pauta era pra ser sua? A do perfil?

A pergunta dele pareceu pegá-la desprevenida, mas Lacy assentiu.

– Ah, sim – disse ela, como se reafirmasse o óbvio. Talvez fosse de fato óbvio. – Edward basicamente me implorou pra fazer essa matéria.

Assim como ele tinha feito comigo.

Aquela estava se transformando numa das piores conversas da minha

vida.

Não importava que eu tivesse meio que sobrevivido a uma entrevista com o meu ex-namorado com pouca ou nenhuma preparação. Uma conversa de sessenta segundos com Lacy jogou tudo pelo ralo.

– É uma pena mesmo – repetiu Lacy.

Ela passou os olhos pelo corpo de Henry sem a menor sutileza.

Mierda.

– Foi ótimo conversar com você! – falei, praticamente radiante, e meu sorriso era tão falso que chegava a doer. Quase tanto quanto deixar os dois sozinhos. – Mas eu tenho que ir.

Os olhos de Henry já estavam em mim quando me virei para ele.

– Planos importantes. Lembra?

Ele bufou, e algo sombrio tomou conta de sua expressão.

– Como é que eu poderia me esquecer?

Lacy não teve a cortesia de me deixar ir embora antes de puxar assunto com Henry outra vez. Mesmo assim, senti os olhos dele em mim até eu desaparecer na escada.

CAPÍTULO 9



Presente

HENRY: Eu só acho engraçado... você estar fingindo não saber o meu nome, quando estava claro que sabia muito bem quase toda noite. Muito tempo atrás, óbvio.

Se eu não estivesse voltando o tempo todo para essa fala, já teria terminado de transcrever a entrevista havia muito tempo. Só que parecia fisicamente impossível não voltar para o topo do documento, ler as palavras dele e corar como se ele ainda estivesse na sala comigo.

A realidade, porém, era que eu tinha cancelado os planos com Jack minutos depois de voltar para casa e ficara grudada no computador desde então.

Minha única companhia era a fofura felina no meu colo, o que, sim, me impedia de digitar na velocidade usual, mas com certeza não era por isso que eu estava demorando tanto.

A culpa era toda minha.

E da minha incapacidade de tratar Henry como qualquer outra pauta, tal qual Maeve havia sugerido, sem sucesso. Como é que eu poderia fazer isso quando ele dizia coisas assim?

Quem diz coisas assim?

Excluí o parágrafo antes de salvar o documento e enviá-lo ao meu editor. Eddie tinha pedido para dar uma olhada nas primeiras entrevistas para ter uma ideia da *dinâmica*. Ele podia muito bem ter falado na minha cara que não confiava em mim, e eu também não me importaria. Se eu queria mesmo

escrever – e eu queria desesperadamente –, não podia me importar com isso.

Com um grunhido de frustração, fechei o notebook. Quando ficamos em silêncio, sem o ruído da ventoinha do computador nem da voz de Henry na gravação, Pip soltou um miado de satisfação. Ela se aconchegou mais no cobertor enrolado nas minhas pernas, sem dúvida satisfeita.

Ela nunca tinha ido com a cara de Henry e, aparentemente, até a voz dele parecia incomodá-la.

– Eu sei, eu sei – falei, com doçura, coçando o queixo dela e suspirando. – Você estava certa o tempo todo.

Eu deveria ter entendido que os sibilos de agressividade que minha gata fazia quando estava perto dele eram avisos. Em vez disso, eu só ficava mais na casa de Henry do que na minha. Na época, não me importei com isso. Talvez até achasse providencial.

O apartamento dele era divino e, mesmo agora – quase um ano depois –, eu ainda sentia saudade dos lençóis de seda e do colchão confortável que custava mais do que a maioria das coisas que havia atualmente no meu quarto. Por um segundo, eu me peguei pensando se ele ainda dividia o loft com Heather e Reuben e se eles tinham mudado alguma coisa na decoração.

Não é da minha conta, lembrei a mim mesma. Balançando a cabeça, soltei uma risada seca.

Se não conseguiria impedir Henry de fazer participações especiais na minha cabeça, o mínimo que eu podia fazer era torná-las produtivas. Sem ficar pensando no quanto sentia saudade da cama dele – e das coisas que tínhamos feito lá.

Eu só acho engraçado… você estar fingindo não saber o meu nome, quando estava claro que sabia muito bem quase toda noite.

Recomponha-se, Paula.

Certo. Produtiva! Planejar as próximas semanas, nas quais eu tinha que extrair o máximo de informações do cara e escrever um perfil interessante não só para fanáticos por futebol, mas também para o público em geral.

Um perfil que (esperava eu) colocaria Henry Pressley no radar da grande imprensa e das redes sociais e, em troca, faria o mesmo pela UHB e pelo nosso time de futebol. Que mostraria ao mundo que ele não era apenas o filho de um craque, nascido com dinheiro, privilégio e uma carreira profissional de futebol. Essa missão não podia ser difícil, não é?

Pode ser muito difícil, sim, concluí. Porque, nos três anos em que eu tinha amado e cuidado de Henry, ele não havia revelado muita coisa. Dava para contar nos dedos as vezes que tinha mencionado os pais e o acidente que sofreram.

Outro grunhido de frustração escapou de mim assim que o meu celular tocou. E, quando vi o identificador de chamadas, o som só ficou mais alto, aumentando a frustração e alguma outra coisa sutil que provavelmente era desespero.

Encarei o telefone: a tela dizia Eddie (hbp). Isso foi suficiente para me lembrar de que o trabalho que eu tinha acabado de enviar estava desleixado – sem preparação, uma pergunta só – e que ele devia estar ligando para me dizer que eu estava fora do projeto.

Talvez assim, depois de ler aquela piada em forma de primeira entrevista, ele me desse outra atribuição para a tarefa extracurricular.

Só atendi quando vi que a ligação estava prestes a ir para o correio de voz.

– Paula. Que bom. – Essa foi a introdução de Eddie, parecendo um pouco surpreso por ter conseguido falar comigo. – Você tinha mais ou menos meio toque antes de perder a ligação.

Para ele, isso era quase uma piada.

– Desculpa. – Tentei ao máximo adotar o mesmo tom surpreendentemente animado dele. – Eu só… – Olhei para a minha gata, que ronronava contente no meu colo, depois olhei para o meu quarto escuro e percebi que nem tinha notado como estava tarde. – Estou superocupada por aqui.

Obviamente.

– Ah – disse Eddie. – É uma hora ruim? Lacy mencionou que você tinha planos importantes. Sinceramente, estou meio surpreso de você ter conseguido me entregar a transcrição hoje. Achei que teria que ficar no seu pé com esse assunto amanhã, e nós dois sabemos como eu odeio isso. Enfim…

Eu não estava mais ouvindo. Ele tinha me perdido umas três frases antes.

– Lacy?

Eu o interrompi sem rodeios. Se as circunstâncias fossem diferentes, me sentiria mal com isso.

Mas, naquele momento, valia a pena descobrir o que o meu nome estava

fazendo na boca de Lacy.

– O que foi que a Lacy disse? – perguntei.

Foi muito difícil disfarçar a tensão na minha voz.

– Ah. Quase nada. Só que ela achava que você estava ocupada hoje à noite. Falou que tinha planos. – *Claro.* – Tem algum problema?

Pisquei para afastar a confusão e balancei a cabeça, até lembrar que ele não estava me vendo.

– Não, nenhum.

Eu mesma tinha acabado de dizer a ele que estava *superocupada*. Outra coisa que eu adoraria dizer a ele: Lacy não tinha nada que falar sobre mim para ele.

– Absolutamente nenhum. A ligação… ficou ruim por um segundo.

– Enfim. – Ele também parecia um pouco confuso, embora tivesse disfarçado com rapidez. – Que entrevista, hein?

Senti meu estômago embrulhar. Obviamente, ele não estava me ligando para conversar sobre o que Lacy tinha falado ou deixado de falar, mas minha breve irritação com ela me fizera esquecer o real motivo por um segundo.

Que entrevista.

– Foi tão ruim assim?

Eu não precisava ter perguntado. Eu sabia.

– Bom. – Eddie pigarreou. – Não, não foi *tão* ruim assim. – Acho que ele devia ter se encolhido um pouco ao dizer isso. – Você só parece um pouco tensa. Calada. Né?

Suspirei no alto-falante e me recostei na cadeira. O movimento me rendeu uma reclamação de Pip, que rapidamente decidiu que o meu colo não era mais adequado para as necessidades dela e resolveu que eu não era mais digna de sua presença. Eu me alonguei com a liberdade recém-conquistada e prestei atenção em Eddie.

– Está tudo bem, Paula. – A voz dele assumiu um tom tranquilizador, e isso meio que me surpreendeu. – Eu basicamente te deixei na geladeira um ano. Não espero que você volte à sua melhor forma no mesmo instante.

Mas eu queria, percebi. *Voltar à minha melhor forma no mesmo instante.* Se aquela era a minha vocação, se eu tinha jogado tudo para o alto para ser jornalista, deveria ser fácil, não? Eu deveria ter um talento natural.

– Tudo isso é detalhe, vamos consertar num piscar de olhos, está bem?

Vamos agendar mais entrevistas. Você pode treinar as perguntas comigo antes se quiser. Você vai voltar ao que era. Prometo.

Desanimada, só assenti, sem me importar que ele não estivesse vendo.

Apenas o tempo diria.

CAPÍTULO 10



Três anos antes

Março

Uma vez por mês, as meninas e eu bebíamos vinho barato, jogávamos cartas e ouvíamos música alta pela casa. Chamávamos de Noite de Jogos.

Uma tradição que Laila tinha trazido da própria família, em que ela e a mãe faziam o mesmo, só que sem o vinho barato. Nós só tínhamos essa *cortesia* por causa da identidade falsa de Riley.

Esse mês, tínhamos companhia.

– Uno! – praticamente gritou Blake do outro lado da mesa, segurando a última carta preta como um troféu.

O enorme sorriso revelou os dentes brancos perfeitos que contrastavam com a pele marrom-escura.

Atrás dele, Dylan e Caden aplaudiram, com risadas semelhantes, gritando como se ele tivesse acabado de ganhar o campeonato de basquete, e não como se ele *quase* tivesse vencido um jogo de *Uno* contra as vizinhas.

– Olha só vocês – arrulhou Riley do lado oposto da mesa de jantar.

Do time das garotas, ela era a única que ainda tinha chance de ganhar a partida. Laila, Maeve e eu tínhamos mais de doze cartas cada e havíamos desistido de um jeito cerimonioso. Estávamos atrás de Riley como uma parede de apoio emocional.

– Vocês estão agindo como se já tivessem vencido.

Riley colocou um +2 na pilha de cartas.

– Uno.

O olhar de Blake se ergueu enquanto ele abria um sorrisão. Ele cobriu com um +2 azul.

– Uno. Uno.

Os garotos atrás dele – que também tinham abandonado o jogo – fizeram ainda mais barulho, algo que eu achava que seria impossível. Eles se cumprimentaram com um *high-five* pela vitória fácil.

– Garotos… – Suspirei, e Riley colocou outro +2 em cima do de Blake, vencendo o jogo.

Ele congelou. Caden parou de comemorar primeiro e Dylan logo o acompanhou. Por um segundo, eles ficaram boquiabertos com a última carta. Depois vieram as reclamações.

– Ei! Ele já venceu!

– Não é assim que o jogo funciona!

– Já tinha acabado! Vocês não podem simplesmente aplicar regras da casa!

Maeve balançou a cabeça com um sorriso orgulhoso e colocou as mãos nos ombros de Riley.

– Nada disso – disse ela, soltando um muxoxo. – A casa é nossa. O que significa que valem as regras da nossa casa. Vocês perderam.

Caden e Dylan, que não tinham jogado havia mais de sete rodadas, pareciam mais magoados pela derrota de Blake do que ele mesmo.

Caden passou a mão pelo cabelo loiríssimo raspado num claro sinal de angústia e Dylan afundou na cadeira vizinha com um grunhido. Blake, no entanto, simplesmente… ficou sentado ali. Com um sorriso no rosto que quase fazia parecer que ele estava contente com o resultado.

– Parabéns, Rie – disse ele solenemente.

– Eu costumo aceitar meus pedidos de desculpa em dinheiro.

Ela piscou para ele, e eu sabia que Riley não estava brincando. O último namorado a tinha traído, e ela havia ganhado mil dólares com isso. Por danos emocionais.

Blake bufou.

– Pedido de desculpa pelo quê?

– Por subestimar as minhas habilidades no *Uno*. Achar que eu iria perder. Achar que você é melhor do que eu.

Eu adoraria ter ouvido a resposta dele, mas meu celular tocou, e eu estava esperando por isso a noite toda. Pela rapidez com que pulei para pegá-lo na mesa, todo mundo percebeu.

Dylan tirou os olhos do aparelho que vibrava e se virou para mim.

– Ligação do namorado? – perguntou ele, fazendo gracinha.

Eu sabia que ele se referia a Henry. E sabia que ele tinha falado daquele jeito porque os dois não eram… os maiores fãs um do outro. Para dizer o mínimo.

– Ele não é…

Maeve me interrompeu com um revirar de olhos.

– Ainda não é – corrigiu. Ela lançou um olhar penetrante para Dylan. *Aquele* olhar. Seus olhos se voltaram para o vaso na sala de estar que continha as flores que Henry me enviava toda semana. – Espera mais uma semana.

Olhei para ela furiosa e finalmente peguei o celular que ainda vibrava. Depois, olhei furiosa para Dylan. Que estava com um sorriso largo, como se agora estivesse a par de algum segredo.

– E não – falei, e dei uma risadinha. – Não é o Henry. É o… Eddie! – falei enquanto o cumprimentava, já no meio da escada.

Entusiasmo seria um eufemismo. O sorriso nos meus lábios estava tão largo que as bochechas doíam.

– O que eles disseram?

Eu vinha esperando essa ligação desde cedo, logo depois da reunião que ele teve sobre o que tinha sido meu terceiro artigo de verdade para o *Post*. *Saúde mental em tempos de crise (Semana de provas)*. O fato de Eddie ter aguardado sete horas para me ligar não tinha beneficiado em nada a *minha* saúde mental.

Eddie deu uma risadinha do outro lado da linha, e eu fechei a porta do meu quarto depois de entrar. A cama ficava no canto, com um lado apoiado na parede laranja.

Maeve tinha me dado luzinhas para pendurar no quarto, e elas eram a única iluminação no momento.

– Eu estou bem, obrigado por perguntar, Paula – disse Eddie, brincando.

Isso era raro. O homem mal sorria. E agora eu tinha recebido uma risadinha e uma piada. Tudo no intervalo de segundos. Era um bom sinal, não era?

Eu não conseguia parar de morder o lábio inferior, sem saber o que fazer, com os nervos e a ansiedade ameaçando explodir. Minha mãe tinha tentado inúmeras vezes me livrar desse hábito, sem sucesso.

– Por favor, Eddie – implorei, me jogando na cama com um grunhido. –

Estou morrendo de curiosidade. Não faz isso comigo. O que eles disseram?

– Está bem, está bem. Desculpa – disse ele, rindo. – É muito divertido quando vocês duvidam de mim e eu provo que vocês estão errados.

– *Ed*… – Quase reclamei de novo, mas então assimilei as palavras dele.

Fiquei imóvel. Arregalei os olhos. Porque, para ele estar certo, para ele ter provado que a minha dúvida estava errada… isso significava que…

– Eles adoraram, Paula.

As palavras ecoaram na minha mente, que parecia ter sido esvaziada. Exceto por essas palavras que ecoavam, é claro.

Eles adoraram.

Uma agência de notícias de verdade, que não ficava num pequeno escritório universitário, *tinha adorado* algo que eu havia escrito.

Num piscar de olhos, mudar de curso parecia ter valido a pena.

Se eu realmente fosse boa nisso – boa o suficiente para um público que não fosse composto só de alunos –, talvez, no fim das contas, os meus pais não ficassem muito decepcionados, chateados, zangados. Talvez, em vez do escândalo que me preocupava, eu só recebesse uma censura leve. Talvez duas.

– E eles…

Eu não conseguia nem falar.

– Sim. – Eddie ficou em silêncio e provavelmente ouviu o meu arquejo. – Eles querem publicar.

CAPÍTULO 11



Presente

Na entrevista seguinte, cheguei cedo – preparada e adiantada –, mas de novo, Henry já estava lá, sentado diante de uma das mesas do Daisy's, a cafeteria em que eu ainda cobria uns turnos de vez em quando.

Acomodado na cadeira, parecia um pouco grande demais, quase de um jeito cômico. Com as pernas compridas estendidas para um lado da pequena mesa branca, ele tinha deixado um espaço no banco, que se estendia ao longo de toda a parede rosa-claro do outro lado. Para mim, supostamente.

Respirei fundo, apreciando um último instante antes que ele me notasse, e entrei.

Ex-namorada que não gosta mais dele e, na verdade, meio que o despreza, lembrei a mim mesma. O sino acima da porta soou. Henry se virou com um sorriso, como se soubesse que era eu.

Era o mesmo sorriso que ele dava quando eu entrava no apartamento dele sem bater nem tocar a campainha e, de repente, estava na sua frente exigindo um beijo, um abraço ou apenas atenção. O mesmo sorriso que ele dava no campo quando me via na lateral, sabendo que teríamos exatamente treze minutos sozinhos no vestiário, depois que todos os outros saíssem e antes que os funcionários verificassem o local para trancá-lo até o dia seguinte.

O mesmo que ele dava quando tínhamos passado um tempo sem nos ver porque ele havia ficado ocupado com o futebol e eu com o jornal depois que o primeiro artigo fora vendido.

Eu conseguia ver tudo isso no sorriso dele. Provavelmente também era por isso que mexia tanto comigo.

Achei que ele tivesse falado "Paula!", mas seus lábios não estavam se mexendo, e a voz de Henry geralmente era um tom mais grave. Eu me virei para a pessoa atrás do balcão, e meus olhos quase duplicaram de tamanho.

– Jack – falei, me obrigando a ir até ele em vez de me sentar no banco em frente a Henry. Levantei um dedo na direção do meu ex, pedindo que me desse um segundo. – Eu não sabia que você vinha trabalhar hoje.

Jack riu, e o som foi leve e inocente como sempre. Ele passou a mão no cabelo ruivo-dourado, depois bagunçou a frente para emoldurar o rosto.

– A gente cobria esse turno juntos, lembra? – disse ele. – Mas já faz um tempo, né? O que te deixou tão ocupada que você não consegue mais ajudar seu velho e querido amigo?

Lutei fisicamente contra a vontade de olhar para Henry. Até comecei a mover a cabeça na direção dele, mas me interrompi e apenas a balancei.

– O *Post*. – Um suspiro feliz acompanhou minhas palavras, como se eu finalmente estivesse fazendo o que deveria fazer desde o início. – Acho que não vou conseguir cobrir turnos tão cedo. Você pode dizer isso à Daisy quando a encontrar?

Jack ergueu as sobrancelhas, surpreso. Ele estava igualmente ciente das consequências do meu artigo anterior para o *HBP*, e nenhum de nós pensou que eu voltaria a escrever para o jornal.

– Paula! – exclamou Jack, sorrindo de novo. Ele fazia muito isso na minha presença. – Isso é maravilhoso. Claro que eu aviso a Daisy. – Ele desviou o olhar quando a porta anunciou outro cliente, e então pigarreou e perguntou: – Vai pedir alguma coisa?

Balancei a cabeça, voltando a me lembrar de Henry.

– Não, estou bem, eu vim aqui para…

Gesticulei na direção do meu entrevistado antes que eu conseguisse me conter. Quando o olhar de Jack seguiu a minha mão, desisti de terminar a frase.

Ele nunca tinha sido um grande fã de Henry. Nem quando estávamos namorando e muito menos depois que terminamos. Essa antipatia ficou ainda maior quando Jack me beijou, e eu – num turbilhão de nervosismo, piedade e sofrimento – disse a ele que não tinha superado meu ex e que aquilo nunca chegaria a lugar nenhum.

Isso tinha sido seis meses antes. E, para lhe dar o devido crédito, Jack estava esperando com toda a paciência do mundo até que eu fizesse

exatamente isto: superasse o meu ex.

Ele não deve ter gostado nem um pouco de ver Henry ali. Então eu fugi.

– Obrigada. Tenho que ir!

Eu ainda não sabia ao certo por que tinha agradecido quando me deixei cair no assento em frente a Henry. No entanto, o brilho espirituoso nos olhos dele aliviou a tensão no mesmo instante.

Henry olhou o smartwatch no pulso, depois se virou para mim.

– Só dois minutos.

Bufei de frustração, com bom humor, e imediatamente esqueci Jack atrás do balcão, nos observando como um falcão enquanto recebia outro pedido.

– Como você faz isso? – perguntei a Henry, tirando o casaco. – Eu me esforcei muito pra chegar na hora hoje. Entre o treino, as aulas e… tudo o mais que você está fazendo, como é que continua chegando antes de mim?

Henry se recostou na cadeira e cruzou os braços lentamente, me observando pegar as minhas coisas para a entrevista. O sol do início da primavera entrava pela janela, riscando seu cabelo castanho com reflexos dourados e o fazendo semicerrar os olhos. Ele deu de ombros.

– Estou ficando melhor em priorizar – disse, com uma pitada de humor. – Mas isso é extraoficial. Se alguém perguntar, eu *sempre* fui ótimo nisso.

Eu não tinha certeza de que o problema no nosso relacionamento tinha sido a falta de priorização em geral ou apenas a priorização de coisas erradas. Balancei a cabeça mesmo assim.

– *Se alguém perguntar* – falei –, eu não vou atestar isso. – Comecei a gravar com o celular e o coloquei na mesa entre nós. – E daqui para a frente, nada mais será extraoficial.

Mais uma vez, Eddie estava certo. Agendar a segunda entrevista num lugar menos formal já estava fazendo maravilhas. Eu não me sentia mais tão nervosa, ou, pelo menos, só o tanto que era esperado por entrevistar um ex-namorado. Era como se eu realmente estivesse tomando as rédeas da situação, me afirmando. Eu me sentia mais leve. Mais confiante.

Talvez fosse apenas a longa lista de perguntas olhando para mim feito uma tábua de salvação, mas eu gostaria de acreditar que estava me acostumando a conversar com Henry como se não bastasse uma única palavra certa para voltar a ficar caidinha por ele.

Ele ergueu os olhos verdes do celular para encontrar os meus.

– Eu queria falar com você sobre esse… *cronograma* que você me enviou,

na verdade.

A ênfase na palavra deu a entender que ele não considerava aquilo um cronograma de fato. Só porque ainda não tinha datas definidas? *Ora, por favor.*

– Não consigo imaginar o motivo – falei, mentindo.

Ele começou a abrir um sorrisinho, mas logo se conteve.

– Paula – disse Henry, curto e grosso. – Ele não me diz nada.

– Ele te diz *algumas* coisas.

Henry balançou a cabeça, meio exasperado, mas pelo visto achando graça da situação. Estava com um sorriso largo.

– Não as coisas que eu preciso saber. Tipo quando, onde e quem. – Ele ergueu a sobrancelha ao apontar essa questão infelizmente válida. – "Entrevistar amigos" não é nada específico.

– Porque ainda não conversamos sobre quando, onde e quem – retruquei. – Tenho certeza de que você não gostaria que eu pedisse a opinião do McCarthy, não é?

Mencionar seu maior rival dentro e fora do campo era um golpe baixo e não ajudou nem um pouco a aliviar o desconforto que crescia rapidamente. Henry parecia mais do que disposto a assumir o mesmo tom que eu.

Ele fez uma careta e inclinou a cabeça, com um sorriso repleto de ironia e sarcasmo. As palavras seguintes saíram voando dos lábios dele.

– Você me conhece tão bem, não é, encanto?

O apelido escapuliu. Eu sabia que ele tinha falado sem querer. Ele também, embora fingisse que não. Como se tivesse planejado trazer à tona todas as lembranças ligadas a ele.

Antes que eu pudesse me agarrar demais aos momentos bons, segui na direção oposta.

– Claramente não o suficiente, senão eu estaria dentro da sua cabeça e saberia quando você está livre e onde vai estar o tempo todo, aí teria montado um cronograma fechado sem precisar discutir com você antes. Não é mesmo?

Inspirei com impaciência, depois notei que as palavras tinham meio que saído sem eu pensar.

Eu estava com fome. E estava descontando na conversa. Nele.

Adeus, profissionalismo.

– Isso seria um sonho. – Henry ergueu as sobrancelhas ao notar a minha

irritação. – Mas, já que é muito improvável, por que eu não te mando um e-mail com os horários em que estou livre e os melhores dias? – Ele contraiu os lábios num sorrisinho de deboche. Eu odiava o fato de não odiar aquilo. Eu odiava o fato de eu meio que… gostar. De sentir saudade daquilo. – Você sabe. Como eu tinha planejado.

Minhas bochechas estavam coradas quando assenti.

– Perfeito.

A situação era tudo, menos perfeita, e ficou ainda pior quando lembrei que teria que transcrever toda a conversa mais tarde. Como já tínhamos entrado no assunto, porém, eu podia muito bem tirar esses detalhes organizacionais irritantes do caminho.

– Eu adoraria falar com o treinador Hepburn, é claro. Mas e os colegas do time? Você consegue pensar em alguém que possa indicar pra falar comigo?

Henry fez que sim, pensativo por um instante, e então voltou a atenção para mim. A força do olhar dele no meu, implacável e focado, de repente tornou o nosso entorno muito mais interessante.

Eu não precisava encarar aqueles olhos verdes se podia admirar os doces na vitrine atrás de Henry. Estava me perguntando se ainda tinha sobrado algum vegano quando ele disse:

– Claro.

Fiz um esforço para não olhar para ele e, como se o universo estivesse me dando uma folga, o sino sobre a porta tocou. Mais uma coisa em que eu poderia me concentrar para não ser sugada por Henry. Ele continuou:

– Eu te mando os nomes junto com os dias e horários. Que tal…

– Athalia.

O nome da irmã dele escapou dos meus lábios.

– Sim! Era isso que eu ia perguntar. Você vai falar com ela?

Balancei a cabeça, os olhos finalmente pousando em Henry.

– Não. – *Espera, ele perguntou outra coisa.* – Quer dizer, sim. Eu adoraria. Mas quis dizer que ela acabou de entrar.

Henry seguiu meu aceno sutil com a cabeça na direção da garota, olhando por cima do ombro e a avistando no caixa.

– Ah. – Ele olhou o relógio de pulso. – Faz sentido. São onze horas de um sábado. Ela faz isso de vez em quando. – Ele ergueu um pouco a voz ao dizer as palavras seguintes, garantindo que a irmã as ouvisse a poucos

metros de distância. – Ela deve ter acabado de acordar, em vez de começar cedo a trabalhar no TCC que tem que entregar na próxima semana.

Um tom cortante apareceu na voz dele. Embora os dois fossem gêmeos, Henry tinha entrado no modo irmão-mais-velho. Eu não me lembrava de tê-lo visto fazer isso muitas vezes.

Ao vê-lo na mesa, Athalia abriu um sorriso largo e insolente para o irmão. Como se soubesse que ele tinha razão e o estivesse ignorando de propósito.

Até onde eu sabia, os gêmeos não eram muito próximos.

Eu só conhecia Athalia porque a melhor amiga dela estava namorando uma das minhas amigas, e não porque Henry tivesse nos apresentado. Isso teria significado se abrir. Para ela e para mim. Também teria significado me mostrar partes da vida que ele não podia controlar. *Impensável.*

Ela olhou para mim e quase deixou cair o café que Jack tinha acabado de lhe entregar. Henry se ajeitou na cadeira, revirando os olhos.

Ela articulou um *O quê?* com os lábios de forma tão dramática que eu quase ri. Nos poucos segundos de conversa silenciosa entre nós duas, eu tentei ao máximo fazer com que a minha expressão transmitisse a seguinte mensagem: *Não, eu não estou namorando o seu irmão. De novo.*

Por milagre, ela deve ter entendido.

Athalia ergueu as mãos, dando-se por vencida, mas com um sorrisinho irônico. Com uma piscadela, ela pagou e saiu.

Voltei a me concentrar no homem à minha frente.

Que já estava me observando e só saiu do devaneio em que se encontrava quando nossos olhares se encontraram. Antes que eu pudesse começar a fazer minhas muitas perguntas maravilhosamente preparadas, ele falou:

– Sabe, ela pergunta tanto de você que chega a me perturbar – disse Henry, passando a mão pelo cabelo casualmente.

De algum jeito, seu cabelo pareceu mais bonito depois daquilo, o que não fazia sentido. O cabelo castanho ficou todo desgrenhado antes de ele ajeitá-lo ao passar a outra mão nos dois lados. O repartido perfeito estava de volta, e não era justo eu ter que ficar na frente de um espelho por horas para deixar o meu cabelo aceitável, enquanto os homens podiam simplesmente… bagunçá-lo uma única vez.

Suas palavras seguintes vieram acompanhadas de uma gracinha.

– Parece até que ela sente mais saudade de nós dois juntos do que eu.

O que me fez pensar: desde quando eles eram próximos assim para falar sobre coisas tão pessoais quanto o nosso relacionamento? Sobre *mim*?

– Ah – falei, só para não ficar em silêncio.

Em seguida, consegui fazer pelo menos uma pergunta no tempo que tínhamos reservado. Henry era um homem ocupado, agora mais do que nunca.

– Enfim, como vocês estão?

– Estamos como sempre estivemos.

Ele falou tão rápido que a resposta deve ter sido ensaiada. Como se as pessoas perguntassem demais sobre o relacionamento dos dois e ele tivesse se acostumado a responder exatamente isso. *Estamos como sempre estivemos.*

Só que dessa vez ele hesitou um pouco. Uniu as sobrancelhas e franziu o nariz, pensativo.

– Nossa relação está melhor, na verdade. Muito melhor. Apesar de ela ainda… andar com o McCarthy, e eu tento não acabar com ele toda vez que nos esbarramos.

Todos os dias, acrescentei na minha cabeça.

Dei uma risadinha.

– Andar?

Ele me encarou, e aqueles belos lábios formaram uma careta.

– Alguém está em negação – acrescentei, com uma voz cantada, meio que esperando que ele se irritasse comigo para que eu pudesse parar de gostar tanto da nossa conversa.

Território perigoso.

– Eu chamo de autopreservação. – Infelizmente, ele não surtou comigo. – Eu fico melhor se não pensar neles juntos. *Ele* fica melhor assim, com certeza.

Soltei uma risada. Não consegui evitar.

– Eu queria estar lá pra ver a sua reação. Maeve disse que pagaria um bom dinheiro pra ver isso. As outras garotas também – falei, me divertindo mais ainda, e parecia que ele também estava curtindo o papo.

Henry passou a língua pelos dentes para disfarçar o sorriso. Tentativa fracassada.

– Como ela está? – deixou escapar, com um toque de nostalgia nos olhos. – Todas elas, na verdade.

Eu não queria fugir do assunto principal falando das minhas amigas. Sério, eu estava ali para falar *dele*. Mas, com a proximidade da formatura, eu não consegui evitar: me vangloriei do estágio importante numa grife de moda que Maeve tinha conseguido em Nova York e do cargo júnior de Riley numa grande empresa de eventos, que ela havia aceitado na semana anterior. Laila queria abrir seu próprio abrigo de animais, fala sério! Todas elas estavam fazendo sucesso, e era simplesmente impossível não celebrar as conquistas delas.

– Mas e a Laila e a Wren, hein? – murmurou Henry com um ar distraído, um sorriso se insinuando no rosto.

– O mundo é tão pequeno.

Henry assentiu, os cotovelos apoiados na mesa entre nós. Ele parecia satisfeito.

– De um jeito bom. É revigorante ver Wren sorrir de vez em quando, e ninguém faz isso como Laila Levison.

Assenti, e meus olhos se voltaram para o celular pela primeira vez em algum tempo.

Os segundos passavam como se o meu coração não tivesse acabado de parar: *45:16, 45:17, 45:18. Quarenta e cinco minutos?* Não podia ter passado tanto tempo. Foram literalmente cinco minutos úteis em toda a conversa.

– *Mierda* – xinguei. – Era eu quem deveria estar fazendo perguntas, Henry. Você deveria só responder. – Um grunhido subiu do fundo da minha garganta. – Ninguém quer um perfil de capa sobre Paula Castillo, jornalista universitária rejeitada.

Henry bufou, o ápice da calma, da tranquilidade e da concentração. O oposto de mim. Então, inclinando a cabeça, ele perguntou, como se não significasse nada:

– Mas e se *eu* preferir te ouvir?

Tentei desesperadamente criar uma resposta que não me envergonhasse. E assim os segundos passaram e, no silêncio prolongado, cheguei à conclusão de que Henry Pressley estava dificultando as coisas por simples diversão.

– E eles deveriam também – acrescentou ele.

– O quê?

– Eles deveriam querer um perfil sobre Paula Castillo, jornalista universitária *injustamente* rejeitada.

Eu ri, principalmente para neutralizar o embrulho no meu estômago.

– E quem leria isso?

– Eu.

Ele não podia continuar provocando esse efeito em mim. Tentei não rir de nervosismo e, em vez disso, pigarreei com um ar sério que, com sorte, o impediria de… fazer o que quer que ele estivesse fazendo. Flertando, talvez. Sabe lá Deus por quê.

Henry me imitou.

– Está bem, Paula Castillo – disse ele. – O que você quer saber? Ainda temos uns dez minutos.

Meus olhos saltaram entre ele e as perguntas, e eu estava com uma expressão incrédula.

– Vai logo – intimou ele. – Vamos fazer esses minutos valerem a pena.

Respirei fundo e assenti.

– Pronto pra uma maratona de perguntas?

Balancei minhas anotações no ar entre nós.

– Nunca estive tão pronto.

CAPÍTULO 12



Presente

Havia uma diferença drástica entre mim e a minha melhor amiga. Quando o meu alarme tocou às seis da manhã de sábado, eu me obriguei, relutante, a sair da cama. Maeve, por sua vez, tinha acabado de voltar da corrida matinal.

– Você só pode estar possuída – resmunguei a contragosto, observando-a fechar a porta da frente.

Pela primeira vez na vida, me arrependi de não gostar de café. Mesmo assim, me obriguei a tomar mais um gole.

– Argh – falei e estremeci, me encostando no balcão da cozinha. – Ácido de bateria.

Maeve riu como se não fosse plena madrugada.

Ela tomou um gole da garrafa d'água que trazia presa na cintura e balançou a cabeça.

– Isto – ela apontou para si mesma – é normal. Mas te ver acordada ao amanhecer, bebendo *café*… me leva a acreditar que você não está no seu juízo perfeito.

Eu grunhi, usando toda a energia que eu conseguia reunir àquela hora da madrugada para isso.

– Eu me sinto morta. Eu pareço morta?

– Parece. – Ela nem olhou para mim. Tirando os tênis de corrida, perguntou: – O que você vai fazer?

Franzi o nariz ao responder:

– *Academia.*

Maeve virou a cabeça de repente na minha direção, me examinando

como se eu tivesse acabado de dizer a ela que estava indo para a Lua.

– O perfil do Henry, é? – perguntou ela, adivinhando. Corretamente, é claro. Depois, sem a menor necessidade, acrescentou: – Vai assim?

Olhei para a calça de moletom e a camiseta enorme que eu tinha vestido em desespero dez minutos antes. Eu não conseguia encontrar energia para me importar com a minha aparência, mesmo que estivesse indo encontrar o meu ex-namorado.

– É apropriado para a academia – falei, com naturalidade.

– Querida. – Maeve me lançou um olhar fingindo pena, contorcendo a boca e se divertindo. – Você não saberia se algo é adequado para a academia mesmo que fosse uma carreta e te atropelasse.

Talvez ela tivesse razão.

– Não sou eu que vou treinar – expliquei. Era Henry. E talvez essa perspectiva tenha me levado a tomar outro gole de café. Fiz uma careta antes de dizer: – A minha roupa não importa.

Mas Maeve não estava convencida. Ela entrou em ação e se aproximou com um olhar determinado que eu conhecia muito bem.

– Sua roupa sempre vai *importar,* Paula. Quer você queira ou não, é a primeira coisa que as pessoas notam. – Revirei os olhos diante do monólogo que eu também conhecia muito bem. Eu tinha a sorte de ouvir isso toda vez que saíamos. – Além disso, agora que você é obrigada a quebrar a operação Sem Contato e passar um tempo com o Henry, o mínimo que pode fazer é estar gata enquanto faz isso. Pra ele se arrepender, né?

Pegando a minha mão, ela me arrastou escada acima. Eu estava cansada demais para protestar, e, quando Maeve me empurrou para a cama dela enquanto vasculhava o próprio armário, fiquei meio feliz. Acho que devo ter cochilado nos dez segundos que ela me deixou sozinha.

Não jogue uma garota cansada na cama se você não estiver disposta a encarar as consequências.

– Paula!

O grito dela era a minha deixa para abrir os olhos. Não abri.

– Hum? – murmurei, sem ter muita certeza de que tinha emitido algum som.

– São 6h40, não três da manhã. Levanta! Agora!

Não foram as roupas que ela jogou na minha cabeça que me fizeram me sentar e abrir os olhos de repente. Foi o fato de que, aparentemente, eram

6h40, e eu deveria ter saído dez minutos antes.

– *O quê?* – perguntei, tão em pânico que Maeve franziu a testa. Lutando para sair da cama pela segunda vez, ignorei as roupas que ela tinha jogado em cima de mim. – Eu tenho que ir…

– São 6h35, para ser exata.

Isso me fez expirar tão alto, com tanto alívio, que eu não ficaria surpresa se tivesse acordado Riley e Laila nos outros quartos. Eu conseguiria compensar os cinco minutos com facilidade. Tinha reservado dez minutos a mais para a caminhada até a academia, de qualquer maneira.

– E você não vai a lugar nenhum sem… – ela se aproximou com passos pesados, pegou as roupas que tinha escolhido para mim e as enfiou no meu peito – … vestir isso.

Eu não tinha escolha a não ser aceitar.

E, na verdade, quem era eu para negar a uma especialista em moda a oportunidade de vestir alguém para uma ocasião? Mesmo que a ocasião fosse… a academia.

Troquei a calça de moletom larga por leggings, a camiseta larga por uma camiseta de compressão curta de mangas compridas, e Maeve pareceu satisfeita com o próprio trabalho.

– O tempo vai ter esquentado o suficiente quando você sair da academia – disse ela, assentindo, como se soubesse a hora exata em que eu sairia de lá. – E leva isso. – Dessa vez, quando ela jogou a camiseta branca em mim, eu realmente a peguei. *Era isso que o café fazia com a gente?* – Pra trocar de roupa – acrescentou ela.

– Não sou eu que vou treinar – repeti. – Por que eu…?

Mas ela já estava me empurrando para fora do quarto. No meio da escada, quando a campainha tocou e eu congelei, precisei de cerca de um segundo para descobrir quem poderia ser.

Maeve só precisou de meio segundo e passou correndo por mim sem nem uma olhadinha para pedir licença.

Meu coração desabou quando ela comemorou:

– Henry!

E eu só consegui jogar a camiseta na bolsa.

O que ele está fazendo aqui?

Mesmo atrás dela, eu sabia exatamente o que minha melhor amiga estava fazendo. Ela baixou a cabeça, e então a ergueu até o olhar encontrar o

de Henry. Devia estar com uma expressão furiosa.

– Algumas coisas nunca mudam, não é? – perguntou ela, referindo-se à pontualidade dele.

Consegui alcançá-los bem a tempo de ver o sorriso falso se transformar em uma careta de desgosto.

– Esquece – disse ela, balançando a cabeça como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa. – *Muitas coisas* mudaram.

Os olhos de Henry se voltaram para os meus, e eu não pude fazer nada além de dar um sorrisinho constrangido, como se pedisse desculpa. Na direção de Maeve, simplesmente articulei em silêncio um *Que porra é essa?*.

Quando olhei de volta para Henry, a irritação que dava para ver nas sobrancelhas franzidas dele se dissipou como dentes-de-leão numa brisa de verão. Ele abriu um sorriso em resposta, e então encarou minha amiga.

– Bom te ver também, Maeve – disse, e pareceu sincero. – Eu soube do estágio. Parabéns, de verdade.

Mais uma vez, com sinceridade.

Sem esperar resposta, Henry gesticulou para que eu o seguisse até o Audi estacionado no meio-fio, e eu fui até o carro acompanhada pelo olhar confuso da minha melhor amiga. Provavelmente Maeve estava se perguntando como meu ex sabia sobre o estágio dela, já que em nossas entrevistas só deveríamos falar dele.

Isso era algo que eu não queria responder naquele momento, então corri para alcançar Henry, que me esperava perto do SUV preto.

– O que você está fazendo aqui?

Ele abriu a porta do carona e bufou, como se eu devesse saber a resposta. Talvez eu já soubesse.

– Você já se atrasou duas vezes. Acha que eu vou acreditar que vai chegar na hora justo para a entrevista às sete da manhã?

Soltei um arquejo e desejei que ele não demonstrasse quanto ainda me conhecia bem todas as vezes que nos falávamos. Porque eu estava prestes a me *atrasar*. Exatamente como ele tinha previsto. Tentei me defender mesmo assim.

– Eu já estava saindo!

– Claro.

Revirei os olhos, brincando, e me sentei no banco do carona. Henry fechou a porta e andou devagar até o outro lado, balançando a chave no

dedo.

Eu tinha evitado olhar para ele na presença de Maeve só para impedi-la de ver que eu estava perigosamente perto de recair em velhos hábitos. Mas, agora que a porta da nossa casa tinha se fechado, eu podia aproveitar o momento.

Passei os olhos pelo short de treino largo, cuja cor era a única coisa que o diferia dos que Henry usava nos treinos e jogos de futebol. O preto combinava com o cinza da camisa de manga curta, que deixava pouco espaço para a imaginação no departamento músculos, expondo os braços tonificados e agarrada ao corpo dele como uma segunda pele. Alguma coisa na minha barriga ficou tensa ao ver aquilo.

Fiz questão de desviar o olhar quando ele entrou no carro.

Henry respirou fundo antes de virar a chave. O motor rugiu um segundo depois.

– É, Maeve ainda me ama – disse ele sem emoção, e eu não pude evitar uma risadinha.

– Você sempre foi ótimo em ler as pessoas – concordei quando o carro arrancou.

A academia ficava a apenas dez minutos da minha casa. Nos velhos tempos, quando Henry ainda dormia comigo algumas noites, ele se levantava um pouco mais cedo na manhã seguinte e ia correndo até lá. Ele chamava isso de *treino pré-treino.*

Ainda pensando naquela segunda entrevista fracassada – embora tivéssemos conseguido algumas coisas úteis nos últimos dez minutos –, cavei uma oportunidade.

– Nada de corrida pré-treino hoje? – perguntei casualmente, com o caderno e a caneta nas mãos.

Decidi não gravar, já que a viagem era muito curta.

– Eu tinha minhas dúvidas de que você seria capaz de me acompanhar.

O desafio em sua voz combinava com o sorriso irônico. Olhei para ele furiosa.

– Engraçadinho.

Eu queria sorrir, mas não fiz isso.

– A menos que algo tenha mudado…

– Não.

Talvez o café *fosse* uma dádiva de Deus, no fim das contas. Eu não

conseguia nem me lembrar de estar cansada.

Com minha energia recém-descoberta, continuei:

– Ainda sou a princesinha que sempre fui, no assento do carona. – Percebi que ele tinha insinuado outra coisa, por isso o interrompi. – *Mas* o assunto não sou eu, Pressley. Estou percebendo as suas intenções agora!

Henry deu uma risada.

– Me pegou – admitiu ele, levantando uma das mãos em derrota, a outra ainda no volante. – Quer dizer que hoje o assunto sou só eu, né?

– Só você, baby – falei, com a voz cantarolada, assentindo e com muito entusiasmo.

A ponto de só perceber o meu lapso depois que ele escapou pelos meus lábios.

Baby.

Não é assim que a gente chama o ex-namorado. Nem mesmo brincando e sob o efeito de cafeína.

– Desculpa – deixei escapar. Tudo isso me rendeu uma risada calorosa do homem ao meu lado, cujos olhos eu estava evitando a todo custo. – Café – falei, tentando me explicar.

Sabe quando a gente faz alguma coisa incrivelmente vergonhosa, mas só precisa dizer "Desculpa, foi a terceira tequila" para todo mundo entender?

Era assim que eu me sentia.

– Não! – arquejou Henry.

Outra pessoa poderia ter descrito o som da risada dele como delicioso. Como intenso e acolhedor. Mas eu não. Definitivamente.

– Paula Castillo. Você tomou café?

Não consegui evitar o sorriso – era bobo o suficiente para ser encantador de novo.

– Você fez isso? Por mim? – continuou ele, falando como se eu tivesse acabado de sacrificar o meu primogênito.

Ao me lembrar do sabor, porém, achei a reação dele coerente.

– Estou me sentindo honrado. De verdade – acrescentou ele enquanto virava para entrar no estacionamento do centro atlético da UHB, que tinha o nome do pai dele.

– Eu sei – falei, entrando na brincadeira. – Você me deve. Muito.

Ele parou o carro e se virou bem a tempo de eu ver alguma coisa mudar na sua expressão. Um meio sorriso ainda pairava no canto dos lábios, e ele

bufou de leve.

– Imagino que vou te dever muito mais depois do dia de hoje.

CAPÍTULO 13



Presente

– Não. – Meus olhos foram da esteira para Henry. – De jeito nenhum. Não.

Nem o sorriso radiante que Henry abriu nem sua risada que ecoou pela academia vazia me fariam subir naquela coisa. Minha postura antitreino era tão firme que aquela era a primeira vez que eu *entrava* numa academia, em vez de apenas ficar parada em frente a ela esperando Henry sair.

– Ah, vamos lá – implorou ele, subindo na máquina ao lado.

Ele ligou o aparelho com um único toque e, com um rugido abafado da esteira, começou uma caminhada tranquila.

Virou-se para olhar para mim e andou de costas.

– Você já está de roupa de ginástica. Pode muito bem aproveitar. – Ele passou os olhos pelo meu corpo com tanta rapidez que qualquer um poderia ter deixado passar aquele gesto. Mas eu não era qualquer um. – Seria um desperdício de roupa.

Fiz cara feia.

– Não.

– Paula – provocou ele. Senti um frio na barriga ao ouvir meu nome sair dos lábios dele. – Se você quer escrever sobre mim, precisa ter uma ideia de como é *ser* eu. Não?

– Eu não *queria* escrever sobre você. – Sem perceber, desviei o olhar cansado para a esteira ao lado. – Eu fui forçada… Na verdade, chantageada.

É isso ou nada.

Dava para ouvir o sorriso nas palavras que ele falou em seguida.

– É mesmo?

Ele se virou de frente para a esteira de novo e acelerou o passo. Caramba.

Maeve estava certa. Eu estava claramente possuída, porque, depois de hesitar um pouco, subi naquela coisa maldita, que começou a se mover sob mim.

– É. Mesmo. – Semicerrei os olhos para Henry, irritada. – Você me deve respostas a cinco perguntas profundamente pessoais, Pressley.

No mínimo, assim eu poderia tirar algum proveito daquilo.

– Uma.

– Rá! – *Absurdo.* – Três.

– Duas – propôs ele.

– Três.

Para forçar a barra, fiz meu dedo pairar sobre o botão vermelho *Terminar Treino* na tela. Ele desistiu das negociações com um aceno lento da cabeça e, a julgar pelo sorriso em seus lábios, eu não soube ao certo quem tinha perdido.

Ele estendeu a mão no espaço vazio entre as nossas esteiras, e eu a apertei, ignorando a chama que aquele toque inocente espalhou pelas minhas veias. E o arrepio que causou em meu corpo.

– A propósito – falei, devagar, quando soltei a mão dele –, para um estudante de administração, você é péssimo em negociações.

– Para uma jornalista… – começou ele no mesmo tom, repleto de ironia e sarcasmo.

– Nem pense em terminar essa frase.

Abri um sorriso largo contra a minha vontade, o que meio que destruía o propósito da ameaça, mas Henry continuou escutando.

– Eu não ousaria mentir pra você – disse ele com sinceridade, depois riu do comentário e aumentou a velocidade da esteira.

A caminhada dele rapidamente se transformou numa corrida leve e, no minuto seguinte, ele estava correndo ao meu lado no impressionante *pace* de 3 minutos por quilômetro, enquanto eu aproveitava minha caminhada tranquila. Isso era tudo que ele iria tirar de mim.

Toda vez que os meus olhos pairavam sem querer na direção dele, Henry estava um pouco mais suado, um pouco mais corado. Depois de 3 quilômetros, tentei ignorar o fato de que ele havia tirado a camisa. Em seguida, quando a esteira parou e ele desabou de forma teatral em cima dela, tentei ignorá-lo com ainda mais afinco.

O peito dele subia e descia rapidamente, os pés plantados no chão

com firmeza, os olhos no teto, o braço apoiado na testa. Respirando pesado, com um sorriso no rosto. O suor grudado no peito musculoso, no abdômen, nos braços, enrolando o cabelo na nuca.

Nenhuma das palavras na minha cabeça estava na Bíblia.

Como eu tinha praticado à perfeição nos quinze minutos anteriores, desviei o olhar rapidamente.

– Pois é – falei, assentindo e parando a minha esteira antes de me sentar na beirada. – Estou sentindo a mesma coisa.

Henry deu uma risada e se virou para mim.

– Caminhadas podem ser muito cansativas – concordou ele, pensativo, ainda ofegante.

Mas eu não estava ali para treinar nem para comer o meu ex-namorado com os olhos depois do treino dele, então comecei a conduzir a conversa de volta ao meu objetivo. Apontei para o meu celular e para o botão de gravação e continuei assim que o apertei.

– É isso que você costuma fazer? Quinze minutos de… corrida leve?

Não consegui evitar o sarcasmo, e isso me rendeu outra gargalhada profunda e estrondosa.

– É – respondeu ele, inspirando e expirando de um jeito ruidoso.

Por favor, pare de ofegar, cantarolei na minha cabeça. *Fica muito difícil prestar atenção em outra coisa.*

– Uma corrida leve – enfatizou ele com ironia. – Seguida por 45 minutos a uma hora de treino de força, depois mais meia hora de corrida para desaquecer quando não estamos na temporada. É… – Ele se interrompeu, inseguro, e voltou os olhos para mim sem pensar. – Faço assim há mais ou menos um ano. Mudei o treino naquela época, coloquei mais foco na corrida.

– Como assim?

– Ah. – Henry acenou como quem dispensasse a pergunta, desviando o olhar mais uma vez. – Me ajuda a relaxar.

Essa era uma afirmação absurda para alguém como eu, que relaxava com um bom filme ou um banho de espuma. Não com uma corrida no *pace* de 3 minutos por quilômetro.

– Além do mais – acrescentou ele –, naquela época, outras… formas de cárdio saíram da minha rotina. Eu precisava substituir.

– Outras formas de…? – Eu me calei bem a tempo.

Outras formas de cárdio. Mais ou menos um ano atrás.

Quando ele voltou a olhar para mim – ainda esparramado na esteira e sem camisa, a propósito –, percebi que estávamos falando da mesma coisa.

Outras formas de cárdio.

– Claro. – Foi só o que falei.

Claro que você continua fazendo outras formas de cárdio, eu queria dizer. Mas não era por esse caminho que a conversa deveria seguir. Mesmo que eu quisesse muito.

Então, em vez de perguntar com que frequência, com quantas e quais garotas ele tinha dormido desde o nosso término – e se ele poderia fazer a gentileza de compartilhar o nome completo de cada uma, assim como os nomes delas nas redes sociais –, falei:

– Faz sentido.

E segui em frente. Como qualquer jornalista que se preze.

Henry me falou da divisão entre os exercícios e da quantidade de séries e repetições enquanto continuava com seu treino, depois explicou por que tinha optado exatamente por cada um deles. O simples fato de observá-lo já era cansativo, mas ele fez a coisa toda e continuava com um sorriso no rosto.

Já passava das nove quando chegamos ao estacionamento.

Como Maeve tinha previsto, estava quente o suficiente para usar leggings e a camiseta larga que eu tinha trocado depois do *meu* treino muito cansativo.

– Eu costumo ser um pouco mais rápido – disse Henry ao olhar o relógio.

– Ah. – *Minha culpa, obviamente.* – Desculpa. Eu baguncei a sua agenda?

Acho que nem um desastre natural o faria alterar sua agenda sagrada do dia, mas talvez…

Henry arquejou, fingindo indignação e levando a mão ao peito.

– Estou me sentindo ofendido. *De verdade* – enfatizou ele. – Você deveria me conhecer a ponto de nem cogitar algo tão criminoso.

Henry estava exagerando na reação, e eu imaginei que ele de fato não se desviaria da própria agenda por nada.

Ele tinha planejado o tempo extra. Claro que tinha.

– O que vem agora? – perguntei, observando-o abrir a porta do carona. Ele me esperou entrar, e eu pensei em voz alta: – Um café da manhã rico em proteínas?

Talvez a rotina dele ainda estivesse enterrada em algum lugar no fundo da minha mente, porque, depois que fechou a minha porta e correu até o outro lado do carro ele estava com um sorriso largo no rosto.

– Quer dizer que você me conhece – disse, se sentando diante do volante.

Estava nitidamente satisfeito, mas, nos poucos segundos entre entrar e ligar o carro, sua expressão ficou séria.

– Mas, se você não quiser ir lá em casa… – Com uma olhadela para mim, ele girou a chave na ignição e colocou o carro em movimento, num silêncio que eu não sabia se era deliberado. – Se você ficar incomodada ou, sei lá, se for muito estranho ou íntimo demais pra você… eu entendo. Posso te pegar depois.

E parecia, pela primeira vez desde que a nossa… colaboração tinha começado, que Henry havia entendido a posição em que eu estava. Aquela foi a primeira vez que ele meio que reconheceu que tínhamos terminado. Claro que havia um comentário provocante aqui e ali, mas nunca um *Você está bem?* ou *Sinto muito.*

Provavelmente porque ele não sentia muito. O que era justo.

– Vai ser, pra você? – perguntei, fitando os prédios que passavam. – Estranho, digo. Ou íntimo demais. As duas coisas?

A risada de Henry foi tão baixa quanto a minha pergunta.

– Nunca.

Senti a atenção dele se voltar para mim, mas não fiz contato visual. Mantive os olhos colados na janela, com medo do que Henry poderia ver se eu o encarasse. A emoção crua, a vulnerabilidade.

– Eu só quero que você fique à vontade. Nunca pensei no que isso poderia… – disse ele, e hesitou. – Depois de tudo, sabe? Eu sinto muito por isso.

Soltei uma risadinha irônica, finalmente me virando para ele quando a sensação estranha e oca no meu peito se transformou em outra coisa. Eu não sabia direito o que era até falar.

– Pelo quê? Por terminar comigo?

Ah, o sentimento tinha se transformado em desdém. Dava para perceber no meu tom.

Henry ergueu as sobrancelhas com uma leve surpresa. Ele sabia que não deveria me olhar naquele momento.

– Isso também – disse ele. – Obviamente isso. – A voz dele ganhava convicção. – Mas eu só estava falando… que deveria ter levado em consideração como você poderia se sentir por ter que passar tanto tempo comigo. E eu não tinha feito isso até agora.

Ele deu de ombros, deixando escapar um suspiro, como se estivesse criando coragem para dizer isso.

Eu o observei por um instante, observei o cabelo desgrenhado, a expressão tensa, e concluí que ele estava sendo sincero.

– Bom… – Expirei, afastando os sentimentos mesquinhos. *Profissionalismo.* – Não é culpa sua termos que passar esse tempo juntos, fazendo esse perfil, né?

Henry me lançou um olhar e ficou surpreso com a sugestão de um sorriso nos meus lábios. Eu também estava surpresa. Mas ele retribuiu com um único aceno de cabeça.

– Então – disse ele. – Na sua casa ou na minha?

As palavras dissiparam a tensão que restava, e eu revirei os olhos de brincadeira.

– Topo tudo com você, Henry Pressley.

– Eu estava pensando em panquecas de proteína…

– Então definitivamente topo tudo.

CAPÍTULO 14



Dois anos e seis meses antes

Setembro

– Só posso falar rapidinho, *mami* – murmurei ao atender a ligação.

Sem entusiasmo, tentei dobrar com uma das mãos o jornal que estava folheando, segurando o celular com a outra e apoiando a edição da semana anterior do *Hall Beck Post* debaixo do braço. Virei outra esquina e avistei os tijolos vermelhos do prédio de Henry, já sentindo o coração bater mais rápido.

Fazia uma semana que não nos víamos. E seria de esperar que, depois de alguns meses juntos, a necessidade de passar tanto tempo com o parceiro diminuísse aos poucos. Infelizmente, sempre que não estava com o Henry, eu pensava em estar com ele. Sempre que ele não estava ao meu lado quando eu adormecia, eu cogitava brevemente me levantar no meio da noite para resolver isso.

Isso não era nada ideal quando você tinha provas para as quais se preparar, trabalhos a pesquisar e artigos a escrever. Tudo isso enquanto ele também tinha o futebol, o treino – e estudava um assunto para o qual eu era burra demais… aparentemente.

– Paulita, graças a Deus você atendeu!

O sotaque dela foi ficando mais acentuado ao longo da frase, e ela soou mais dominicana do que eu tinha ouvido fazia algum tempo. Fiquei em alerta máximo no mesmo instante.

– O que foi?

Olhei para os dois lados da rua antes de atravessar, ainda determinada a desligar logo. Eu tinha exatamente uma hora e meia antes de precisar voltar

para o último turno do Daisy's. Henry tinha uma rara hora livre entre as aulas e uma reunião de estratégia para o jogo no fim de semana seguinte.

Era a primeira vez que as nossas agendas se alinhavam um pouco desde a semana anterior.

Então, sim, eu estava apressada. Quase correndo. Até apertar o interfone.

– Mãe? Qual é o problema? Eu tenho que…

– Tem uma matéria de jornal. Com o seu nome nele, Paula.

Acho que alguém abriu o portão para mim. O zumbido baixo reverberou nos meus ossos, implorando para que eu empurrasse o portão, entrasse no elevador e esquecesse que a minha mãe tinha acabado de dizer a palavra *artigo* e o meu nome na mesma frase.

– O quê?

Mas isso era inevitável, não era? Eu realmente achava que ninguém da minha família veria meu nome nas matérias que eu vinha publicando havia seis meses?

Eu nunca tinha sido muito sortuda.

– Uma matéria, *Dios mío*. Alguém está publicando bobagens com o seu nome!

E eu deveria ter me agarrado ao fato de que eles pensavam que não tinha sido eu. De que eles, por algum motivo estranho, suspeitavam que alguém tivesse roubado o nome e a identidade de Paula Castillo para escrever sobre saúde mental, vida estudantil e os destaques esportivos da universidade.

Em vez disso, outra palavra bateu muito mais fundo. Não na minha mente, mas no meu coração. E doeu de um jeito que eu não sabia que poderia doer.

– Bobagens?

Ouvi a voz fraca de alguém no interfone. Uma das colegas de apartamento de Henry: Heather, provavelmente perguntando quem era – porque eu não tinha subido a escada –, imaginando se a visitante misteriosa era alguém que ela conhecia ou só uma entrega da qual tinham esquecido. Eu não estava consciente o bastante para responder.

Só conseguia ouvir a palavra *bobagens* na voz de María Castillo, repetida várias e várias vezes na minha cabeça, até que ela interrompeu o ciclo, parecendo indignada, dizendo:

– Sim! O seu primo que encontrou na internet. Num site qualquer. *Buzzweb… Newsbuzz*? Não consigo me lembrar agora, mas…

Não senti necessidade de corrigi-la, e ela continuou falando rápido demais para eu conseguir dizer alguma coisa, de qualquer maneira. Fiquei feliz, porque isso me deu tempo suficiente para me recuperar. Talvez eu precisasse de mais alguns segundos para tornar crível a mentira que estava prestes a contar. Também só precisava de mais alguns segundos para conseguir criar uma.

– Temos que fazer alguma coisa contra… esse imitador! Você sabia disso? – perguntou ela.

Balancei a cabeça, mas ela não conseguia ver. Perplexa, pisquei. O que ela também não conseguia ver.

– Não – respondi em voz alta.

Minha mente estava a mil, meu olhar vasculhava a rua, na esperança de encontrar uma desculpa atrás do Audi de Henry estacionado ou do apartamento de Athalia Pressley no último andar do prédio em frente.

Não notei quando a porta do elevador se abriu atrás de mim. Não notei o garoto alto saindo, meio desesperado, até seus olhos me encontrarem andando de um lado para outro na calçada. Eu mal o notei quando ele abriu o portão que ainda havia entre nós e me observou.

Mas me encolhi quando finalmente o notei, parando de repente ao vê-lo. Pelo menos consegui engolir meu arquejo.

– Por que você não subiu? – perguntou Henry, alheio ao celular no meu ouvido.

Balancei a cabeça rápido, levando o dedo aos lábios.

Era tarde demais para isso.

– Você está com alguém? – perguntou a minha mãe, a voz de repente tranquila, como se o simples fato de pensar que a filha tem uma vida social aliviasse qualquer preocupação que ela pudesse ter, relacionada ou não a isso.

Engoli em seco, tentando terminar a conversa.

– Estou. – Assenti mais uma vez, mantendo os olhos em Henry. – Estou com… amigos, mãe. Não se preocupe com a minha matéria. Você não vai acreditar como o meu nome é comum! – Eu também não acreditava. – Os pais de muitas latinas têm o mesmo bom gosto. *Te quiero.* Tenho que ir. Te ligo mais tarde!

Desliguei antes que ela pudesse protestar, mas sabia que ela não teria protestado. Minha mãe podia até estar preocupada com a misteriosa Paula

Castillo que escreve matérias usando o nome da filha dela e pode prejudicar suas perspectivas de carreira futura, mas ela se preocupava muito mais com a minha vida social.

– Eu não sabia que Paula Castillo era um nome tão comum.

Henry estava parado na porta, a sobrancelha erguida daquele jeito bem-humorado. Abaixei a mão que pressionava o celular ao ouvido e suspirei alto, e ele interpretou o som corretamente quando simplesmente abriu os braços. Demorei menos de dois segundos para aceitar a oferta.

Envolvi o corpo dele com os braços, encostando o rosto na camiseta lisa que ele estava usando e que ainda tinha cheiro de roupa de cama e frutas cítricas, o aroma de todas as suas roupas recém-lavadas. Ele deu um beijo no alto da minha cabeça, e eu quase me derreti com o toque – talvez com a sensação de segurança, cuidado e amor depois que a minha mãe, sem saber, tinha despedaçado tudo isso.

– Eles encontraram as suas matérias? – perguntou Henry, falando pertinho do meu cabelo.

Assenti e não reclamei quando ele me jogou por cima do ombro, depois me carregou até o apartamento feito um saco de batatas.

CAPÍTULO 15



Presente

Fiquei tão animada com a perspectiva de panquecas que esqueci de perguntar se eram veganas. O pensamento só me ocorreu quando elas já formavam uma pilha alta e linda num prato que estava entre mim e Henry.

E eu não queria ser *essa* pessoa.

A massa já estava preparada com antecedência – claro que estava –, então eu não vi como ele tinha feito. Não dava nem para ter tentado cheirar de um jeitinho sutil em busca de algum aroma residual de ovo, porque eu estava rabiscando a toda velocidade as informações que não tinha gravado enquanto ele preparava o café da manhã.

Quando eu ainda era uma visitante frequente do apartamento, sabia que ele sempre tinha um estoque de caixas de leite de aveia e que a receita de panqueca dele era vegana. Uma vez que eu não ia lá havia um ano, porém, as coisas poderiam ter mudado. Provavelmente tinham.

– Você não está comendo – percebeu Henry, claramente tentando descobrir o motivo. Ele parou o garfo a meio caminho da boca e semicerrou os olhos. – Por quê?

– Eu… – Voltei os olhos para as panquecas no prato à minha frente, com os mirtilos de um lado e o xarope de bordo do outro. Eu *queria* mentir. Dizer que não estava com fome e não incomodar ninguém com as minhas preferências alimentares. Mas eu *estava* com fome, sim, e achava que não conseguiria passar mais algumas horas sem me transformar no Godzilla faminto. – Elas são…?

– São – respondeu Henry antes mesmo que eu terminasse a pergunta. – São, sim.

Pisquei, surpresa.

– Veganas?

– *Isso.* – Ele revirou os olhos e sorriu. – Eu sabia que você provavelmente viria aqui. Então…

Ele parou e gesticulou para a pilha de panquecas. Metade da pilha original já estava no prato dele. A outra metade agora estava a caminho do meu.

E, enquanto eu as afogava em xarope de bordo, tentei não me emocionar com o fato de ele ser tão atencioso. Tentei manter a compostura.

Não muito bem.

– Ah. – Pigarreei. – Obrigada.

Em vez de parecer controlada, só me senti desconfortável. Meio rude. Então fiz a única coisa de que era capaz e tornei a assumir a postura de jornalista.

– Então você não adotou em segredo uma dieta baseada em vegetais? – perguntei, com um toque de leveza na voz.

Ele balançou a cabeça em resposta, engolindo antes de suspirar e dizer:

– Eu sei, eu sei. – Levantou as mãos numa falsa rendição. – Sou uma pessoa horrível. Mas eu adoraria experimentar essa dieta por um mês. Só pra ver como me afetaria, como afetaria o meu corpo. – Henry deu de ombros de um jeito tímido. – Mas não queria me arriscar pouco antes do recrutamento.

– Faz sentido – murmurei, com a boca cheia. – Eu devo ingerir só uns 10 gramas de proteína por dia. O lámen instantâneo não é lá muito nutritivo.

Henry arquejou de brincadeira.

– Ora, ora, quem diria?

– Pois é!

Quando olhei para baixo, sem conseguir esconder meu sorriso, percebi algo fatal, com uma clareza perturbadora. Eu estava curtindo demais isso tudo: *ele*.

E eu não podia permitir isso.

Para pensar em literalmente qualquer outra coisa, meus olhos percorreram o apartamento já conhecido. Os móveis brancos e modernos não tinham mudado. Como sempre, não se via uma única coisa fora do lugar. Havia livros de verdade sobre a mesa de centro. O controle remoto ficava na frente da TV. As chaves, no aparador ao lado da porta, e os

casacos, no rack ao lado. Isso era a cara de Henry.

– Você ainda mora com eles? – perguntei, distraída, e só então percebendo o silêncio incomum.

Heather e Reuben nunca foram conhecidos por serem *silenciosos.*

– Não. – E isso meio que me surpreendeu. – Eu sei. É estranho sem eles, né? Silencioso – refletiu Henry, fazendo uma careta com as palavras seguintes. – Mas eu prefiro o silêncio a dividir o meu espaço com duas pessoas que não conseguem parar de se agarrar. Era só uma questão de tempo até eu pegar os dois no flagra. Eles se mudaram há um mês.

– Não! – falei, surpresa. – Eu não sabia que eles estavam… Achei que o Reuben fosse morrer antes de tomar a iniciativa.

Henry riu, e o som grave ecoou entre nós.

– Ele nunca faria nada. Foi a Heather.

– Imaginei – falei, rindo. – Mas que bom pra ela. – Olhando ao redor mais uma vez, acrescentei: – E pra você, acho. Três quartos, uma sala de estar enorme, uma cozinha gigantesca. E você ficou com tudo só pra você.

O matadouro perfeito, pensei, mas decidi não falar em voz alta. Senti as minhas entranhas se contraindo.

Ele murmurou algo, sem concordar totalmente.

– Às vezes é muito solitário.

– Nada de matadouro, então?

– O quê?

Virei a cabeça na direção dele de repente.

– O quê?

Pela expressão presunçosa de Henry, percebi que eu realmente tinha acabado de falar as palavras que pensei em voz alta.

– Nada de matadouro mesmo – respondeu ele, sabendo muito bem do que eu estava falando.

Mas, em vez de querer que o chão se abrisse embaixo dos meus pés, as palavras dele acalmaram o ciúme irracional que rondava o fundo da minha mente.

Dei de ombros, me convencendo de que a quentura nas minhas bochechas era natural.

– Você sabe… – Tentei falar de um jeito casual e provavelmente fracassei.

– Eu sei?

– Só estou comentando isso porque as pessoas podem esperar que você aproveite os anos de solteiro na faculdade antes de ir pra liga profissional.

Excelente saída, sem falsa modéstia.

– *As pessoas*? – Henry ergueu as sobrancelhas.

– Pessoas que com certeza querem saber como você passa seu tempo quando não está fazendo uma corrida leve, levantando pesos ou… deixando os gols passarem pela defesa da UHB.

Se havia uma coisa que Henry não fazia era deixar coisas passarem pela defesa dele.

– *Pessoas* querem saber?

– Aham – murmurei com a boca cheia, porque tinha acabado de dar uma garfada só para fazer qualquer coisa que não fosse olhar para ele. – Tenho certeza de que elas iriam querer saber.

Henry deu uma risadinha, se divertindo, e se recostou na cadeira do outro lado da mesa de jantar comprida.

– Mas você obviamente não tem interesse nenhum nisso, né?

– Não! – A resposta foi rápida demais. Eu recuei e levei um segundo antes de elaborar. – Por que eu me interessaria?

Henry não disse mais nada, só me olhou. Desconfiei que ele soubesse que eu estava derretendo sob aquele olhar, algo que ele também devia estar adorando.

– Não é como se você se importasse… – Depois que comecei a falar, não tinha como parar. Eu não fazia a menor ideia do que sairia da minha boca a seguir. – Com o que ou… com quem… eu faço, digo.

A propósito, eu não fazia nada com *ninguém*. Embora Jack tivesse se oferecido gentilmente duas vezes… Não é que ele não fosse bom o suficiente. Ele é legal, provavelmente mais do que legal. Ele só não é…

Meus olhos se voltaram de novo para Henry, para os lábios rosados, o cabelo castanho-claro repartido ao meio e a maneira como ele estava me olhando tão abertamente. Foi quando percebi que Jack não era *ele*. Simples assim. Essa era a única coisa errada com o sujeito.

Balancei a cabeça e continuei divagando, com medo de que o silêncio ficasse longo demais, ensurdecedor demais.

– Quer dizer, faz um tempão! Então eu também não me importo. É óbvio. – E aí, é claro, concluí com uma risada nervosa. – Você está sendo ridículo.

Henry piscou lentamente, depois levou o copo de suco de laranja aos lábios e tomou um gole sem quebrar o contato visual.

– Você está certa – disse ele, colocando o copo de volta na mesa. – Sou eu que estou sendo ridículo.

– Você está dizendo que *sou eu*?

– Ah, pelo amor de Deus, Paula. O que te faria pensar uma coisa dessas?

Eu bufei, balançando a cabeça e relaxando na cadeira. Basta… fingir que isso nunca aconteceu.

– Qual é o próximo compromisso na sua agenda? – perguntei, tentando mudar de assunto e observando-o se levantar e levar os pratos para a cozinha.

Fui atrás dele com o xarope de bordo e a tigela de mirtilo vazia.

– Banho. – Ele conferiu a hora no relógio de pulso. – Tipo agora. A gente vai chegar ao campo às 11h30, e eu vou ficar só chutando até as três da tarde.

C*hutando* devia significar "seguindo rotinas de treino meticulosas e elaboradas", mas Henry só não queria se dar ao trabalho de me explicar.

– O treino vai até as cinco, e… – Foi aí que ele hesitou. – Os garotos vão sair pra comemorar… alguma coisa. Para ser sincero, nem eu sei o que é. – Ele balançou a cabeça, achando graça. – É óbvio que você tem total liberdade pra ir pra casa. Festas não fazem parte da minha rotina habitual. Então…

Ele deu de ombros e deixou o assunto morrer.

Então.

– Ah.

Eu de fato precisava fazer algumas anotações sobre as coisas do dia, talvez começar a transcrever uma parte do áudio também. Mas apenas uma hora antes eu tinha afirmado topar tudo. E onde eu conseguiria um material melhor do que numa noitada com Henry e seu time?

Falei o que qualquer jornalista sensata falaria.

– Eu topo tudo, lembra?

CAPÍTULO 16



Presente

– Topa tudo?! – repetiu Maeve, basicamente gritando as palavras. – O que isso significa? Topa tudo *o quê*?

– Pro artigo! – Lancei um olhar furioso pelo espelho, terminando de passar mousse nos cachos. – Obviamente.

– É mesmo? – Ela jogou o espartilho vermelho dela na minha cabeça e errou por apenas alguns centímetros. – E o Henry sabe disso? *Topa tudo* pode significar várias coisas. Pode significar *tudo*, na verdade.

– Claro que ele sabe.

Verifiquei a hora no celular. Ainda faltavam quinze minutos para ele me buscar. Então vi a notificação embaixo da hora e grunhi. Virei a tela desbloqueada para Maeve, para que minha amiga também pudesse lê-la.

Seus olhos castanhos se arregalaram diante da mensagem, e ela fez um beicinho falso.

– Você precisa acabar com o sofrimento desse garoto, querida.

Olhando de novo para a mensagem de Jack, senti uma pontada de culpa.

> JACK:
> Já tem planos para mais tarde?

– Eu sou péssima nisso – confessei. – E ele é legal. Eu gosto dele. Só que não… desse jeito.

– Bom. – Ela soltou uma risadinha e o cabelo ruivo quicou quando ela balançou a cabeça. – Acontece que você é um anjo lindo e ele gosta de você

desse jeito. Dispensa o Jack com delicadeza, pra ele poder seguir em frente!

Encarei o celular, sem nem me dar ao trabalho de levantar o olhar.

– Agora?

– Claro que não – disse ela, inexpressiva.

Às vezes eu me perguntava como ela conseguia lidar comigo. Outras vezes eu me perguntava como eu conseguiria lidar com as coisas *sem* ela depois que nos formássemos e fôssemos cada uma para um lado.

– Diz a ele que você está ocupada, e você está mesmo. Depois vai se vestir. Você tem uns dez minutos antes que o amor da sua vida pare na nossa porta.

– Ele não é o… – Virei a cabeça de repente na direção dela e me interrompi quando percebi sua expressão provocadora. – Você é muito imatura, Maeve Peterson.

Mas fui me vestir mesmo assim.

Quando a campainha soou dez minutos depois, certamente não fiquei surpresa com a pontualidade de Henry. Desci as escadas voando para evitar outro incidente entre Maeve e ele e acenei para Laila e Riley no sofá. Pip estava jogada no meio delas, curtindo o carinho de Laila na barriga.

– Não faça nada que eu faria! – gritou Riley atrás de mim, mas eu já tinha calçado o tênis e estava quase saindo pela porta.

Na minha ânsia de impedir que as meninas interagissem com Henry (porque tudo tinha corrido tão maravilhosamente bem de manhã), quase dei de cara no peitoral dele. Eu gritei e parei bem a tempo, e as minhas mãos só roçaram no peito dele para me firmar, antes que eu as colocasse rapidamente ao lado do corpo outra vez.

Eu não queria pensar na sensação daquele toque, em como o breve contato me fizera lembrar todas as vezes que ele tinha estado à minha mercê – ou que *eu* tinha estado à mercê dele.

– Olha pra frente, lembra? – disse ele, convencido.

Eu já tinha fechado a porta atrás de mim, então não dava para voltar correndo.

Henry não tentou dar um passo para trás, e sua presença dominava tudo. Na brisa suave que soprava no meu nariz quando ele expirava, no ar que tinha o aroma dele: caro, elegante, de pinho, frutas cítricas e péssimas ideias.

– Qual é a pressa? – perguntou ele.

Seus olhos verdes reluziam com certo fascínio. Semicerrei os meus, na

esperança de que minha expressão furiosa disfarçasse o leve rubor nas minhas bochechas.

– Em geral… – comecei a dizer. Apesar da nossa proximidade. Apesar do fato de que eu deveria pedir a ele que me desse espaço. Apesar de não querer realmente que ele me desse espaço nenhum. – Quando alguém toca a campainha, costuma dar alguns passos para trás e esperar a uma distância segura da porta. Você já ouviu falar nisso?

Henry finalmente deu um passo para trás, e seus lábios se abriram num sorriso largo.

– Nunca – insistiu ele, apontando para o carro antes de sair na frente. Lançou um olhar por cima do ombro e arqueou uma sobrancelha. – Você tem *certeza* de que as pessoas fazem isso?

Com um sorriso, comecei a segui-lo.

– Absoluta.

A camisa polo preta de Henry estava enfiada casualmente na calça social da mesma cor, e os únicos acessórios eram o cinto e o relógio de pulso. Enquanto o seguia, me permiti um segundinho para me maravilhar com a bunda dele naquela calça, depois comecei a pensar em coisas mais mundanas.

Tipo como o ano finalmente tinha chegado à estação em que a brisa leve parecia um abraço acolhedor. Ou que ainda dava para ouvir pássaros cantando nas árvores. Ou que nós dois tínhamos saído de casa sem casaco.

As coisas simples.

Mas eu não conseguia evitar. Meu olhar baixou de novo, mas só por um segundo. Isso não importava muito, porque um segundo já era mais do que eu deveria. Quando voltei a olhar para ele, Henry já estava me esperando para que eu entrasse no carro. Fizemos contato visual. Um sorriso perspicaz apareceu em seus lábios. Ele tinha notado.

Quando passei por ele para me sentar no banco do carona, o que eu realmente queria era voltar correndo para casa e me esconder no quarto pelo resto da noite. Morrer de vergonha.

Ele fechou a minha porta e foi até a sua. Eu me preparei para os comentários que sabia que viriam. Mas ele não disse nada. Só ligou o carro e começou a dirigir.

Acontece que não demorou muito para ele romper o silêncio.

– Eu sigo a filosofia da a*bundâ*ncia – disse Henry, assentindo, como se

concordasse com não sei o quê.

– Uau – falei, suspirando de um jeito teatral, embora não fizesse sentido negar. – Você conseguiu passar dois minutos inteiros sem tocar no assunto. – Balancei a cabeça com uma risadinha, olhando para ele. – E você parece que vai explodir se não der vazão a todos os seus trocadilhos terríveis. – Com um tom sereno e indiferente, completei: – *Que ótimo.*

– Não tenho mais nada a acrescentar – disse ele, brincando, uma das mãos levantada em sinal de rendição e a outra no volante. – Só que a sua tentativa de ser sutil pareceu meio *bunda*.

Eu me recostei de volta no assento e grunhi mais alto que a música.

– Eu mudei de ideia – choraminguei. – Quero ir pra casa.

Henry riu, olhando para mim por um breve instante.

– Tarde demais, encanto.



Eu sei, eu sei. Eu não deveria beber em serviço.

Só que, quanto mais tempo eu passava com o time de futebol da UHB naquele bar horrível, menos eu considerava estar *em serviço*.

Era só uma coisa que poderia melhorar o meu trabalho. Fazê-lo brilhar com detalhes meticulosos. Como o fato de que Henry normalmente escolheria um negroni, mas tinha optado por beber água. Ou que ele conhecia o barman tão bem que já estava conversando com ele havia vinte minutos.

Dylan praticamente tinha se jogado na cadeira vazia assim que Henry se levantou, e não porque estivesse muito ansioso para falar comigo. Seu sorriso largo me dizia que ele tinha total noção de como Henry se sentiria com aquilo.

Era de esperar que, depois que o cara que você odiava começasse a namorar a sua irmã, você pudesse reconsiderar os próprios sentimentos em relação a ele. Eu imaginava que talvez os dois pudessem fazer as pazes por *ela*, pelo menos.

Pelo que as redes sociais tinham me informado nas minhas intermináveis horas de pesquisa (quando, em busca de pistas sobre o ano em

que eu não tinha feito parte da vida deles, caí no buraco de coelho dos perfis de Athalia), Dylan a tratava do jeito que qualquer irmão esperaria ver a irmã sendo tratada.

Mas não Henry. Ele ainda parecia considerar Dylan seu inimigo número um.

E ele estava sentado bem do meu lado. Michael, mais conhecido como Mike, o capitão do time, estava do meu outro lado.

– Paula! – disse Mike, suspirando e apoiando a cabeça no meu ombro. – A gente sentiu muita saudade de você – choramingou ele, depois de seis cervejas.

Bastava uma única gota de álcool para Mike fazer jus ao cabelo loiro-escuro e se transformar num golden retriever.

Eu ri, me divertindo, e dei tapinhas desajeitados na cabeça dele.

– Ah, é? Tem certeza de que a saudade era de mim, e não dos meus biscoitos de proteína?

– Com certeza é dos biscoitos – respondeu Dylan, entrando na conversa do outro lado, provavelmente porque não tinha sentido tanta saudade de mim.

Depois que Henry e eu terminamos, Dylan e eu ainda podíamos nos ver através da janela das nossas respectivas salas de estar, se quiséssemos. Além de Caden e Blake, que deviam estar por ali em algum lugar, Dylan era o único do time de futebol que eu ainda via com frequência quando me proibi de ir aos jogos da UHB.

Porque, lá pelo terceiro semestre, eu tinha pedido açúcar ou farinha tantas vezes que ele começou a já comprar para nós no mercado. Porque, depois que Henry e eu terminamos, não havia ninguém melhor para falar mal do meu ex-namorado do que seu inimigo declarado. E porque, apesar das piadas ruins e da arrogância ocasional, quando contei o que tinha acontecido, ele me deu um abraço sincero e me disse que ficaria tudo bem. Não ficou na hora, mas acabou ficando em algum momento.

Mesmo assim, passei a mão no cabelo escuro de Dylan de um jeito desaforado, fazendo cara feia para os olhos castanhos dele.

– Ninguém te perguntou nada, McCarthy. – Então, com uma risada, me virei de novo para Mike com os olhos arregalados e um beicinho exagerado. – O que você estava dizendo mesmo? Sobre sentir saudade de mim?

Bati no ombro dele com o meu e tomei um gole de cerveja.

– Eu senti saudade, sim – concordou ele, hesitando. – Mas os biscoitos… Me desculpa! Eles são bons demais.

Ele se encolheu quando arquejei, fingindo que estava ofendida. Nós dois ainda estávamos rindo.

– Vai se foder – falei, inexpressiva. – Vai se foder você também.

Os dois se cumprimentaram com um *high-five*, e eu me levantei, revirando os olhos de brincadeira.

– Você vai pegar mais uma bebida? – perguntou Mike, e seu o olhar de súplica pousou na cerveja pela metade sobre a mesa.

Ele ia me pedir para pegar uma para ele também.

– Comida – corrigi.

O rosto de Mike murchou, decepcionado.

– Athalia adora os nachos daqui – disse Dylan, já de pé, e me despachou com essa informação.

Enquanto eu ia até o bar do outro lado do salão, reconheci alguns rostos na multidão. Não só os colegas de time de Henry – que eu conhecera bem quando estávamos juntos –, mas outros alunos da UHB que não tinham nada a ver com o time de futebol. Valentina Rhodes, da minha turma de pesquisa acadêmica. Steven, que trabalhava na biblioteca nos fins de semana. E que por acaso era amigo do…

– Paula.

Congelei. Por uma fração de segundo, pensei seriamente em sair correndo. Mas eu precisava de Henry se quisesse ir embora, e Maeve tinha excluído o número dele depois da minha segunda ligação bêbada, nove meses antes. Ainda que fosse uma vergonha admitir, esse foi o único motivo para eu me virar e encarar Jack.

Fui recebida por seu 1,80 metro e seu cabelo loiro desgrenhado de sempre.

– Jack! – falei, animada.

Ele não pareceu satisfeito em me ver. Nem mesmo surpreso, para falar a verdade. Seus olhos desceram pelo meu corpo e voltaram como se ele estivesse avaliando uma propriedade cara que não via fazia algum tempo. Além disso, ele com certeza estava bêbado.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou, falando tão alto que eu me encolhi involuntariamente quando ele se inclinou para perto.

Jack teve que fazer isto: *se inclinar para perto e falar alto.* Senão, não dava

para escutar.

Fiz um gesto para que ele me seguisse nos poucos passos que nos separavam do bar e depois me apoiei no balcão. Jack parou ao meu lado.

– Você sabe o que é essa coisa aqui? – indaguei, em vez de responder à pergunta, a mão apontando para a multidão.

Eu não sabia se aquela era a melhor maneira de abordar a questão, mas nunca fui muito boa em fazer as escolhas certas.

– Você está aqui. Não deveria saber?

Certo, ele ainda estava mal-humorado. *Anotado.*

– E você também – falei, com um tom desafiador.

Minha cabeça pendeu na direção dele, e eu o encarei com um olhar brincalhão. Isso pareceu funcionar, porque alguma coisa relaxou na postura de Jack, que suspirou ao se apoiar no balcão. Ele passou a mão no cabelo loiro.

– Só sei que, mais ou menos três horas atrás, eu perguntei se você queria sair e você me dispensou. – Antes que eu pudesse argumentar que ele não tinha dito que era para *lá* que queria me levar, Jack perguntou: – Com que frequência você faz isso? Mentir, dizendo que está ocupada?

Engoli em seco sem olhar para Jack. Eu me concentrei na multidão ao redor para não ter que ver a decepção tomando o rosto dele. Eu preferia observar o casal se beijando na escada a ter que ver alguém decepcionado comigo. Sempre.

– Eu não menti – retruquei.

Parecia que eu tinha mentido. Se os papéis estivessem invertidos, eu ficaria igualmente desconfiada. Só que ele não era meu namorado – mal era meu amigo –, nem alguém a quem eu devesse explicações.

Você precisa acabar com o sofrimento desse garoto.

As palavras de Maeve ecoaram na minha cabeça quando Jack riu de um jeito amargurado.

– Como assim? – perguntou ele, exigente, ainda balançando a cabeça ao meu lado. – Você me disse que iria trabalhar hoje à noite. Não foi isso? Eu deveria ter percebido quando não vi seu nome no cronograma do Daisy's…

– Eu estou trabalhando! – Finalmente tive forças para me virar e olhar nos olhos dele. – Isso – gesticulei pro time de futebol – é trabalho.

O olhar de Jack seguiu a minha mão e, quando encontrou o meu olhar de novo, sua expressão tinha mudado. As sobrancelhas se contraíram,

confusas, e em seguida se ergueram no que parecia ser arrependimento.

Não dava para imaginar o que ele diria a seguir, se exigiria uma explicação ou pediria desculpa. Porque, antes que ele dissesse qualquer coisa, seus olhos pousaram em algo atrás de mim, e eu tive aquela terrível suspeita de que sabia o que – *quem* – era, porque toda a emoção se esvaiu do rosto de Jack.

O doce menino que eu conhecia havia quase quatro anos – com quem eu dividia turnos de abertura e fechamento, que eu tinha rejeitado com educação depois de nos beijarmos uma vez e que havia continuado meu amigo apesar disso – sumiu.

– Ei, eu estava te procurando.

Pareceu que Henry só notou que eu estava falando com alguém quando parou bem atrás de mim, a mão gentilmente pousada no meu ombro para anunciar sua presença.

Uma constatação amarga contorceu a expressão de Jack, e tínhamos voltado à estaca zero. Desdém, irritação.

Eu ainda não tinha ousado olhar para Henry, mas todo o meu corpo vibrava com a sensação da mão dele no meu ombro nu, com a maneira como o cheiro de cerveja do ambiente foi substituído pelo dele, da colônia que usava. Pinho, frutas cítricas e péssimas ideias.

Alguma coisa no olhar de Jack endureceu, como se ele tivesse acabado de tomar uma decisão e estivesse prestes a gravá-la em pedra.

– Trabalho – murmurou ele, fazendo uma careta. – Eu não sabia que trepar com o ex contava como trabalho nos dias de hoje.

Henry deu um único passo para ficar ao meu lado, e senti que ficou tenso. Ele tirou a mão do meu ombro. Eu sabia que ele queria dizer alguma coisa – muitas coisas, provavelmente. Mas não disse nada.

Jack falou outra vez:

– Da última vez que eu verifiquei, a prostituição era ilegal em todos os cinquenta estados americanos.

Henry emitiu um som profundo que parecia uma ameaça em si. Mesmo assim, não se intrometeu. Só ficou ali.

Para ser sincera, levei um tempinho para perceber que Jack havia acabado de me chamar de piranha. Até porque eu nem tinha dormido com ele – e agora mesmo é que nunca dormiria.

E, para um homem, o que faz uma mulher ser mais piranha do que isso?

A culpa que eu sentia toda vez que ele me mandava uma mensagem, que eu o via ou que ele tomava a iniciativa e eu rejeitava morreu.

Apesar de Maeve ter sugerido isso, eu não estava enrolando o garoto, não mesmo. Depois de nos beijarmos uma vez alguns meses antes, eu tinha deixado claro que não iria acontecer mais nada entre nós. Havia me comunicado com sinceridade e sem dar espaço para mal-entendidos. Se ele quis ficar por perto mesmo assim, como podia ser culpa minha tentar ser amiga dele?

Bem, não havia mais nada de *amigável* entre nós. Ele tinha acabado de me chamar de piranha.

– Em todos os cinquenta estados americanos? – perguntei, com agressividade. Eu não sabia de onde vinha aquela confiança. Talvez das três cervejas? Mas me agarrei a ela. – E por que você precisou verificar isso?

Henry soltou uma risadinha. Jack *não* se divertiu com a minha insinuação. É óbvio.

– Ah, vai se foder, Paula. – Ele balançou a cabeça como se não estivesse acreditando que eu estava retrucando. Como se não esperasse isso da garota que sempre tinha colocado os sentimentos dele na frente do próprio conforto. – Não começa agora! Você sempre foi muito puritana…

– Eu não sou uma freira, sabia?

Eu estava basicamente aos gritos, que foram abafados pela música alta. A ferocidade na minha voz me pegou de surpresa mesmo assim.

– Eu *não* sei, na verdade – disse ele, furioso. E como continuou olhando para mim, não viu que a mão de Henry tinha se fechado num punho e se retorcia. Eu senti, porque os nós dos dedos dele roçaram nos meus. – Esse é o problema, Paula! Um dia você me beija e no outro você é tipo a porra da Madre Teresa ou algo as…

Eu explodi:

– Só porque eu não quis dormir com *você*, não significa que eu não queira dormir com el… mais ninguém!

E percebi que isso doeu, porque ele não retrucou de imediato. Enquanto isso, tentei *ignorar* que Henry agora estava olhando para mim.

Jack bufou, dando uma risadinha falsa, olhando de mim para o homem irritado ao meu lado. Seus olhos pousaram em Henry.

Por um longo instante, os dois só se encararam.

– Você sabe onde está se metendo – disse Jack antes de lançar um olhar

irritado para mim, só para demonstrar o que queria dizer. – Boa sorte, cara.

Ele se afastou do bar e passou por nós. Tenho certeza de que o esbarrão que ele deu no ombro de Henry não foi sem querer. Tampouco a maneira como Henry o agarrou pouco antes de ele sair do alcance, os olhos verdes fixos em Jack. Achei que fosse dar um soco no garoto.

Mas tudo que disse foi:

– Cuidado com o que fala. – Havia uma calma estranha no tom de Henry. Ele sustentou o olhar de Jack por mais um instante, depois empurrou o loiro e cuspiu o sobrenome dele como um adeus indelicado. – *Griffin*.

Em menos de um segundo, a atenção de Henry tinha se voltado para mim. O silêncio entre nós se prolongou, embora não parecesse tão ensurdecedor, com a música a todo volume. Eu não tinha certeza do que falar, mas ainda menos certeza do que *ele* poderia dizer.

Ele podia se agarrar a vários pontos da conversa. *Você o beijou?* Ou talvez: *Você quase acabou de dizer que queria dormir comigo?* Acho que eu estava prendendo a respiração quando ele finalmente quebrou o gelo.

– Será que ninguém nunca deu um soco na cara desse camarada?

As palavras foram tão diferentes do que eu imaginava que o impacto me fez rir. De verdade. *Gargalhar.*

– Você não deu – comentei, sem conseguir disfarçar a minha diversão.

Ele retribuiu o meu sorriso.

– Mas eu queria muito.

E mesmo assim…

– Por que você não deu?

Henry deu de ombros.

– Você sabe cuidar de si mesma.

Seu tom tinha baixado e, apesar do barulho, de toda a comoção de uma festa ao nosso redor, consegui captar a suavidade ali. O fato de eu conseguir ouvi-lo era um milagre. Mas era como se os meus ouvidos filtrassem o som da voz dele e abafassem todo o resto.

Como se a voz dele estivesse na minha cabeça, e não saindo pela boca do homem diante de mim.

– Na próxima vez que precisar que eu bata em alguém por você, me liga – acrescentou Henry de um jeito brincalhão. Ele não estava brincando. – Mas eu sei que você sabe cuidar muito bem de si mesma. Acabou de provar. – Ele acenou para a saída, de onde Jack estava se aproximando, sem olhar

para trás antes de sair porta afora. – Mas você está bem?

Meus olhos se voltaram para Henry.

– Claro – respondi, mesmo sem ter certeza. – Acontece que ele é um babaca! Não é nenhuma surpresa, já que poucos homens não são.

Se Henry não tivesse terminado comigo quando eu mais precisei dele, eu provavelmente teria dito que ele era um desses poucos.

CAPÍTULO 17



Presente

Depois disso, dei um jeito de voltar aos eixos e me lembrei por que tinha me juntado a Henry em sua noitada – e, na verdade, até que consegui um material decente. Muito provavelmente porque o incidente com Jack, seguido pela interação muito diferente com Henry, me deixou sóbria o suficiente para voltar a me concentrar no quadro geral.

Eu precisava impressionar.

Esse perfil precisava mostrar a Eddie que ele tinha cometido um erro (algo que ele raramente admitia) ao me deixar na geladeira por um ano. E, mais do que isso, precisava mostrar ao tal grande veículo de imprensa que eles estavam certos em manifestar interesse pelo material.

O que significava que eu estava trabalhando vigorosamente para aumentar a contagem de palavras do meu documento no escritório do *HBP*. Com o tanto de tempo que eu andava passando com Henry, não foi difícil. Foi moleza anotar as conversas que eu não tinha gravado com ele, com os amigos e com os companheiros de time no sábado. Fácil demais.

Quem imaginaria que o verdadeiro desafio seria transcrever a nossa entrevista na academia pós-corrida? Não tanto por Eddie, que estava feliz o suficiente com o que eu tinha compartilhado depois do primeiro fiasco, mas por mim, porque foi difícil dar sentido às minhas anotações posteriores, quando comecei a rascunhar o perfil.

Eu estava concentrada, focada. Meus fones de ouvido bloqueavam todos os ruídos que geralmente enchiam o *Post*. Mesmo assim, não conseguia me concentrar.

PAULA: É isso que você costuma fazer? Quinze minutos de... corrida leve?

HENRY: É. Seguida por 45 minutos a uma hora de treino de força, depois mais meia hora de corrida para desaquecer quando não estamos na temporada. Bom... isso há mais ou menos um ano. Eu mudei o treino naquela época, coloquei mais foco na corrida.

A transcrição dava a impressão de uma conversa normal e coerente, mas, pelos fones de ouvido, as palavras de Henry vinham com a respiração pesada e ofegante.

Quase dava para *ver* a maneira como o peito dele subia e descia, a maneira como a garganta trabalhava – tudo em alguns minutos de áudio em que eu devia estar tão concentrada que não notava mais nada ao redor.

Antes que eu pudesse dizer as palavras seguintes ou impedir o que estava prestes a acontecer, Riley tirou um dos fones de ouvido da minha orelha e o colocou na dela, com as mãos na minha mesa, inclinando-se para a frente a fim de dar uma olhada melhor na minha tela, suponho.

Dei um pulo. Arquejei. E o instante de que precisei para me recuperar foi suficiente para os olhos de Riley triplicarem de tamanho. Ela virou a cabeça de repente na minha direção.

O que é isso?, articulou sem emitir som, chocada com o que pensava ter descoberto.

Um milhão de coisas pareciam estar passando pela mente da minha amiga e, pelo brilho vermelho na pele marrom-escura, nenhuma delas era inocente.

Mais uma arfada de Henry soou na gravação, e eu finalmente desliguei.

– Paula – disse ela, impressionadíssima. – Eu não achei que você fosse do tipo que… – seus olhos vasculharam a minha transcrição de novo, na esperança de encontrar pistas que apoiassem sua teoria – que fazia o cara gozar só para obter informações…

– *Dios mío*! – gritei; com uma voz aguda. Mas ela já havia dito o bastante para me fazer olhar ao redor do escritório, com medo de que alguém tivesse

ouvido. Como nenhuma cabeça se virou para nós e ninguém espiou por trás do monitor, eu me virei de novo para ela. – Não. Não, é claro que não!

As sobrancelhas de Riley, aparadas com perfeição, se ergueram.

– Por que ele está todo arfante e agitado, então?

Ela agitou o pequeno fone de ouvido entre nós como um lembrete amigável.

– Ele não está… – falei e hesitei. Parecia errado dizer aquilo em voz alta. – *Fazendo isso aí.* Está sem fôlego. Porque a gente estava na *academia*. – *Correndo 1 quilômetro em três minutos.* – E isso foi logo depois do exercício de cárdio…

– Cárdio. Claro.

Eu grunhi, me recostando de volta na cadeira, os braços largados ao meu lado, meio que esperando que um raio caísse na minha cabeça.

Riley conteve uma risadinha.

– Ei, não estou te julgando, garota. – Pegando a cadeira de uma mesa ao lado, ela se sentou e se virou. – Você tem que fazer o que for necessário.

Meus olhos voaram até os dela com um brilho de fúria.

– Não estou dormindo com ele! – gritei.

Alto demais.

De uma hora para outra, todo o escritório se calou. Embora todos estivessem tentando ser discretos, vi algumas cabeças se virando na nossa direção, surgindo por trás dos monitores. Alguém fingindo olhar pela janela atrás de nós estava evidentemente olhando para mim.

– Eu não dormi com o cara que estou entrevistando – emendei, mais calma. – Agora, se todos pudermos voltar a dez segundos atrás, quando as conversas estavam muito animadas… Obrigada.

Eu me virei de novo para Riley, e minha expressão a fez estremecer.

– *Desculpa* – murmurou ela, antes de completar, levantando a voz e avisando ao resto do escritório que seu senso de humor era peculiar: – Eu estava brincando!

Então voltou a atenção para o documento aberto na minha tela e acrescentou só para mim:

– Bem, mais ou menos. Não me leva a mal, Paula – disse ela, bufando depois de ler algumas linhas. – Que bom que o Ed finalmente superou o que aconteceu no ano passado. Eu só não entendo por que ele teve que te passar *isso aí*.

Ela apontou para a entrevista, e eu soltei um suspiro frustrado.

Sim, trabalhar de novo num artigo era bom, mas *não,* não precisava ser naquele.

– Quer dizer, em termos éticos – disse ela –, você nem deveria se aproximar tanto assim da pessoa sobre quem está escrevendo. Está nas diretrizes do *The New York Times*! Eddie acha que é melhor do que o *The New York Times?*

– Provavelmente.

Riley deu uma risadinha, resignada.

– Ele deve achar mesmo.

– E não é como se eu não tivesse perguntado – lembrei em voz alta. – Eu literalmente perguntei *Por que eu?*, e ele só… saiu pela tangente.

Antes que Riley pudesse formular uma resposta, a voz alegre de Alfie anunciou que ele tinha decidido se juntar à conversa. Isso completou nosso trio habitual do *Post*.

– Eu sei por quê! – disse ele de uma mesa ao lado.

Alfie rolou a cadeira até a nossa mesa e se espremeu entre mim e Riley. Um fio de seu cabelo ruivo fez cócegas no meu nariz. Esse era o nível de proximidade dele.

– Você não sabe de nada – disse Riley, decidida.

Eu também não estava convencida.

– Eu sei *alguma coisa* – emendou Alfie. – Talvez. Eu estava saindo quando vi o Pressley no escritório do Ed, e a porta estava aberta, como sempre. Pouco antes de ele te chamar para fazer o perfil.

Oi?

– Seus talentos são desperdiçados em horóscopos – falei, maravilhada com o entretenimento. – Continue, jornalista investigativo.

Com um sorriso contente, o olhar de Alfie esquadrinhou a sala para conferir se havia alguém que não deveria estar ali. O sorriso diminuiu um pouco, e ele acenou com a cabeça para a saída.

– Venham comigo – disse Alfie, muito vagamente, e se levantou da cadeira.

Nós duas o seguimos.

Quando a porta se fechou atrás de nós, Alfie expirou com força. Ele nos levou até a escada, descendo dois degraus de cada vez em direção à saída.

– Eu tinha, tipo, noventa por cento de certeza de que o Eddie estava a

isto aqui de demitir a Paula do jornal. Você sabe, o fato de ele não ter te dado aquele artigo idiota mês passado, e depois você ficou tentando convencê-lo. Eu achava que, depois de um ano de geladeira, ele finalmente tinha cansado.

Eu me lembrava com nitidez. O momento em que perseguira meu editor enquanto ele saía do prédio, implorando por um trabalho. Assenti quando saímos para o sol da tarde.

– Então, fui falar com ele. Porque, se ele estivesse começando a fazer a limpa na equipe, eu seria o próximo, né? E isso era assustador.

Riley e eu resmungamos em concordância, mesmo que o pai dele basicamente fosse dono do *Hall Beck Post*. Alfie provavelmente não iria a lugar nenhum.

Mas talvez ele conhecesse o próprio pai melhor que eu.

– Enfim, o Eddie devia ter acabado de resolver alguma coisa séria, porque estava meio sem fôlego quando convidou Pressley para entrar no escritório. – *Culpa minha,* percebi. – Foi quando decidi me esconder atrás de uma parede e ficar ouvindo escondido. Eu estava meio: *O que o ex da Paula está fazendo aqui? Será que eu posso falar umas verdades para o Henry?* – Alfie olhou para mim, um pouco envergonhado. – Eu não fiz isso.

– Obviamente – acrescentou Riley, compreensiva.

– Bom. – Ele deu de ombros. – Resumindo: só ouvi o Eddie perguntando *Tem certeza?*, tipo um milhão de vezes. Não sei o que era, mas o Pressley tinha muita certeza. – Alfie conteve uma risadinha. – Ele falou alguma coisa de você. Ficava falando: *Paula tem que…*

A imitação que Alfie fez de Henry se limitava a uma voz grave e dramática. Meio que funcionou.

– E eu gostaria de poder contar o que ele disse depois, mas a Srta. Lacy achou que se esconder atrás da parede para espionar o nosso editor era *estranho.* Suspeito, algo assim. Quando me viu, me mandou sair dali e ameaçou me dedurar, aquela fofoqueira.

A irritação no tom dele sumiu quando ele me lançou outro olhar pesaroso.

– Eu teria mandado aquela garota se ferrar, se eu não achasse que estava contando os minutos para ser demitido. Te juro!

Demorei um segundo para assimilar as informações e só consegui me agarrar às últimas palavras dele.

– Alfie – murmurei, com um sorriso nos lábios, dando uma ombradinha nele. – Você não precisa se justificar. De jeito nenhum.

Balancei a cabeça para ele, sorrindo, sem acreditar. Já era impressionante que ele tivesse ficado e tentado ouvir – quem mediria forças com Lacy Halloway de bom grado?

Riley assentiu com um ar solene.

– Você tentou! – disse ela. – Isso é tudo que dá para fazer. – Em seguida, a expressão dela se tornou sombria. – Mas por que sempre tem que ser a Lacy? *Como pode?*

– Foi por causa dela que eu não contei pra vocês lá dentro – revelou Alfie. – Por acaso a mesa dela fica bem no meio do escritório. Onde dá pra ouvir as fofocas de todos os cantos.

Alfie baixou a voz e olhou ao redor meio… vidrado. Parecia que estava compartilhando com a gente uma enorme conspiração.

E, sobre o fato de Lacy, de algum jeito, sempre saber de tudo, ele estava mais do que certo. Isso poderia muito bem ser impresso na edição da semana seguinte. Era mesmo algo real.

O que também significava que aquela hipócrita sabia o que tinha acontecido na sala de Eddie depois de mandar Alfie embora, porque deve ter ficado para ouvir escondido também.

Ela saberia se a tal certeza de Henry era de me querer no perfil ou não. Saberia se ele tivesse dito: *Paula tem que fazer.* Ou algo um pouco mais parecido com: *Paula tem que ficar bem longe do meu perfil.*

Se bem que, depois que ele terminou comigo, eu duvidava que Henry me quisesse por perto. Muito menos colocar a história dele literalmente nas minhas mãos.

CAPÍTULO 18



Presente

Eu não ia a um jogo da UHB desde o nosso término. Portanto, não sabia o que vestir.

Costumava ser fácil, porque Henry brincava e me dizia que eu não seria convidada se não vestisse a camiseta dele do time, e eu obviamente obedecia. Vasculhando o meu armário dessa vez, descobri que, mesmo com muitas opções, eu não tinha roupa para ir.

Especificamente, porque nenhuma tinha o nome dele nas costas.

Por isso eu estava de calça de moletom e camiseta baby look quando a campainha tocou. Olhei para o relógio sobre a mesa, depois para mim mesma e amaldiçoei Henry pelo excesso de pontualidade. Se ele não insistisse em chegar cedo em todos os lugares, eu ainda teria algum tempo para não parecer que tinha acabado de acordar.

Corri escada abaixo e lancei um olhar penetrante para a minha gata no sofá, pedindo a ela que se comportasse. Apenas articulei as palavras para a felina, sem emitir som, e Pip piscou para mim em resposta, como se dissesse que eu tinha enlouquecido.

Dessa vez, Henry manteve uma distância respeitável da porta. Parecia orgulhoso do fato.

– É isso que você disse que as pessoas fazem? – perguntou ele assim que abri, gesticulando para indicar o espaço entre nós.

– Uau! – falei com ironia. – Você aprende rapidinho.

Ele fingiu se curvar em agradecimento, e eu acrescentei:

– Vou só pegar as minhas coisas e a gente pode ir. Entra.

Fechei a porta atrás dele e vi meu ex-namorado avaliar o ambiente como

se nunca tivesse estado ali. Seu olhar foi atraído pelo tapete cor-de-rosa redondo embaixo da mesa de centro, que ainda era branco na última vez que ele tinha estado ali. O vaso que sempre abrigava suas entregas semanais de flores estava vazio, provavelmente um pouco empoeirado, e a parede de fotos não tinha mais nenhuma de nós dois. Tínhamos sido substituídos por outras lembranças.

Eu me perguntei se ele sentiu a mesma *pontada* de dor no peito quando percebeu. Se sequer tinha percebido alguma coisa. E esse pensamento finalmente me fez entrar em ação.

– Um segundo – repeti, e corri escada acima, subindo dois degraus por vez.

Logo me arrependi dessa decisão, porque fiquei tão ofegante que pareceu que *eu* tinha acabado de correr 1 quilômetro em três minutos.

Peguei a sacola que estava na cama – já arrumada – e dei uma última conferida no meu reflexo no espelho. Seria idiotice mudar de roupa agora, quando ele já tinha me visto e com certeza iria perceber.

Ex-namorada que não gosta mais dele e, na verdade, meio que o despreza. Essa era a vibe que eu ainda estava buscando.

Tentei me lembrar disso quando me forcei a descer a escada, esperando que Henry estivesse parado bem onde eu o tinha deixado – perto da porta, avaliando a casa e as mudanças pelas quais o lugar passara desde o ano anterior.

Ele não estava.

Senti um embrulho no estômago ao pensar que ele tinha ido embora – havia desistido após encontrar alguma coisa que não queria ver ou por eu estar atrasada demais. Talvez nunca tivesse se importado o suficiente com o fato de eu ir com ele ou não.

Não parecia algo típico de Henry, mas será que eu ainda o conhecia bem?

– Paula? – O som hesitante veio da cozinha atrás de mim. – Me dá uma ajudinha aqui?

Um segundo depois, ouvi o sibilo intimidador da minha gata e percebi que ela não estava mais no sofá.

Pip estava aos pés de Henry, com o pelo eriçado e as costas arqueadas, soltando mais um rosnado ameaçador.

E Henry, todo musculoso, do alto de seu 1,80 metro – juro por Deus –,

parecia morto de medo. A maneira como ele estava encostado na bancada da cozinha, a maneira como Pip o fazia recuar ainda mais. A cena me lembrou de todas as vezes que ela tinha tentado arrancar os olhos dele. Henry tinha *mesmo* motivo para estar tão assustado.

Por ser uma gata de rua, sempre imaginamos que ela devia ter um histórico ruim com homens. Desprezava todos eles. Até o meu pai, que foi quem insistiu em adotá-la, depois de ela ter sibilado, rosnado e o arranhado. A minha mãe concordou, desde que eu levasse a gata preta comigo quando fosse para a faculdade.

Com uma risadinha, peguei Pip no colo.

– *Dios* – falei, suspirando e balançando a cabeça enquanto a tirava de perto dele. Henry soltou um suspiro aliviado. – Qual é o seu problema? – murmurei para ela em espanhol, gesticulando para que ele fugisse antes que eu soltasse a… fera selvagem de 3,5 quilos.

Não precisei mandar duas vezes.

Enquanto Henry ia para o carro, silenciei a gata com uma cara feia, segurando-a à minha frente, com os braços esticados.

– Esse homem nunca te fez nada! – repreendi. Pip rosnou de irritação, depois começou a se contorcer nas minhas mãos. – Comporte-se – avisei antes de soltá-la.

Ela subiu a escada que nem um relâmpago, e eu fui às pressas alcançar Henry.

– Sinto muito – grunhi quando ele se sentou ao volante.

– Pip vai dar um jeito de você acabar sozinha, sabia? – disse Henry, e se sacudiu com uma risadinha divertida antes de girar a chave na ignição. – O que foi que eu fiz pra essa gata?

– Você existe – afirmei com naturalidade. – Não é pessoal. Seu único problema é ser homem.

Henry riu de novo.

– Vou pedir desculpa por isso na próxima vez que vir a Pip. Como pude fazer uma coisa dessas?

– Na próxima vez?

Ergui as sobrancelhas com um ar irônico. Ele se virou para mim com uma expressão exasperada.

– Tá bom, já entendi o *recado.* – Ele carregou o *r* do mesmo jeito que fazia quando eu tentava lhe ensinar um pouco de espanhol, mas sempre

falhava miseravelmente. Saía meio enrolado, áspero e, não sei por quê, eu adorava mesmo assim. – Então você transmite minhas desculpas a ela.

– Ela não vai aceitar – informei. – Mas vou tentar ao máximo mudar a opinião dela.

E isso era impossível. Minha gata era tão teimosa quanto qualquer outro gato. Henry murmurou em concordância, achando graça, enquanto dava a partida. Por um instante, apenas o som do rádio preencheu o ar entre nós.

– Você está bonita, a propósito.

As palavras me pegaram tão desprevenida que não havia nada que eu pudesse ter feito para impedir a minha risada.

– É uma calça de moletom e uma camiseta, Henry.

O olhar dele passou por mim uma vez, muito rapidamente, mas sem a menor sutileza.

– Estou vendo.

– *Então* – falei, enfática. – Você não pode estar falando sério.

– Mas estou. – Com um tom casual, ele continuou: – Embora eu preferisse que você estivesse usando uma camisa com o meu nome e o meu número.

Olhei bem para Henry, observando-o com curiosidade e, sinceramente, um pouco de confusão. Mas fiquei quieta, tão focada na rua quanto ele, que agia como se não tivesse dito nada de mais.

Ou talvez como se o pensamento fosse tão normal para ele, tão comum, que tivesse esquecido que não deveria ser.



– Vocês têm certeza de que isso não é… esquisito?

Sentada em meio a vários abdomens definidos expostos e panturrilhas musculosas, parecia um pouco, sim.

A energia no vestiário era diferente. O ar vibrava de empolgação. A expectativa quase reverberava nas paredes. Os meninos riam de piadas ruins, bebiam mais de meio litro d'água de uma vez, falavam sobre a estratégia. Alguns se amontoavam num canto para fazer o ritual pré-jogo.

E era para isso que eu estava ali. O ritual pré-jogo de Henry.

– Não é esquisito, a menos que você faça ser – disse Dylan do outro canto, rindo e me lançando um olhar que acrescentava em silêncio: *E você está fazendo ser.*

– McCarthy – disse Henry ao meu lado, meio irritado. Sempre havia certo aborrecimento no tom dele quando os dois se falavam. Ou quando ele falava de Dylan. – Ninguém te perguntou nada.

– Ela literalmente fez isso.

Henry o ignorou e se virou para mim.

– Não é esquisito – disse ele, lançando mais um olhar para Dylan a fim de provar seu ponto.

A mão dele pousou no meu ombro num gesto que deveria ser reconfortante.

E meio que foi.

Só que, em vez da calma silenciosa que deveria me inundar, isso acendeu um fogo que chegou lentamente até as minhas bochechas.

Mierda*, Paula. Ele não está beijando o seu pescoço.*

Mas não era como se ele nunca tivesse feito isso.

Quando ele tornou a olhar para mim, tentei não fitar a mão dele no meu ombro. Tentei parecer despreocupada. Tranquila, calma e controlada.

Ex-namorada que não gosta mais dele e, na verdade, meio que o despreza.

Mas o olhar dele encontrou o meu ombro mesmo assim. Henry se demorou por mais um instante – e eu gostei –, e depois recuou, como se a minha pele fosse uma chama que ele não tinha notado que estava tocando.

– Pergunte literalmente a qualquer outra pessoa – acrescentou ele.

Os que estavam próximos o suficiente para ouvir assentiram de um jeito enfático, resmungaram ou gritaram em concordância. Isso foi o suficiente para acalmar meu desconforto.

– Certo. – Pigarreei, ainda tentando me livrar das consequências do toque muito… adequado de Henry. – Então… você pode fazer o que costuma fazer. Finge que eu nem estou aqui.

– Entendido, chefe.

Com uma pequena saudação, ele se aproximou de sua bolsa de academia do outro lado do banco.

Eu não estava preparada para o que aconteceu em seguida. Erro meu. Eu deveria ter previsto algo do tipo. Percebi, tarde demais, que poderia ter apenas perguntado qual era o ritual dele, sem a necessidade de estar

presente.

Num movimento suave, Henry agarrou a parte de trás da camisa polo preta e a puxou sobre a cabeça, deixando a parte superior do corpo exposta para o mundo inteiro ver. Basicamente, eu. Ninguém mais estava olhando para ele. Por que estariam?

Nenhum deles tivera o prazer de traçar aquele corpo com beijinhos, observando, memorizando quando e onde ele ficava tenso quanto mais os toques desciam. A língua deles não tinha traçado os vincos tonificados daquele abdômen. Não tinha provocado sons guturais ao fazer isso. Então eles não sentiam saudade dessas coisas.

Eu sentia.

A percepção me atingiu como um raio, espalhando as lembranças dos gemidos dele, as imagens de nós dois, e me fazendo esquecer tudo que não era Henry.

Desviei o olhar do peitoral do meu ex assim que ele vestiu a camisa e, na pressa, meu olhar cruzou com o de Dylan. Que devia ter testemunhado tudo.

Ele deu um sorrisinho malicioso e, como se não bastasse, deu uma piscadela para mim antes de amarrar as chuteiras.

Ele estava certo. Eu estava *mesmo* deixando a situação esquisita.

Concentre-se, caramba.

Então, da maneira menos assanhada possível, observei o time, a dinâmica e as peculiaridades, e escrevi tudo no meu documento sobre Henry. Até mesmo Dylan contando até quatro em voz alta e a frequência com que os olhos de Henry se voltavam para mim.

Vinte e três vezes.

Com dez minutos de sobra, o time de futebol da UHB se dispersou em meio a berros e gritos, e eu percebi que, se um dia precisasse de um discurso motivacional, o treinador Hepburn seria o cara certo.

Embora o jogo fosse só um amistoso, porque a temporada praticamente tinha acabado, os caras estavam prontos para arrasar.

– Foi revelador e emocionante como você achou que seria?

Henry se plantou ao meu lado enquanto a maioria dos companheiros de time entrava em campo. Ele amarrou a chuteira de novo.

– Glorioso – concordei. – Se bem que, quando Dylan começou a contar em voz alta, por um segundo achei que ele não estava batendo bem da

cabeça.

– E ele não bate mesmo – concordou Henry. – Mas você já deveria ter percebido isso bem antes de ele começar a contar.

Soltei uma risadinha, mas Henry só deu de ombros e explicou:

– Mas esse é o negócio dele. Contar até quatro. – Ele me lançou um olhar tímido, depois começou a amarrar a outra chuteira. Bem devagar. – Não que ele não tenha perdido o juízo. – E explicou o mais breve que pôde: – Ele tem quatro irmãs. Por isso conta até quatro.

Eu sabia das irmãs dele, mas não que ele dedicava todos os jogos a elas.

Fiz beicinho e inclinei a cabeça.

– Isso é fofo.

Eu não tinha outra palavra para isso. Simplesmente era fofo.

Não detectei nada específico que Henry tivesse feito no vestiário, mas, se ele *tivesse* um ritual, não ficaria nem perto de ser tão fofo. Provavelmente seria algo como resolver equações na mente ou calcular as chances de vitória usando as estatísticas e os números dos oponentes.

– Você também tem o seu negócio? – perguntei mesmo assim, porque, no fim das contas, eu estava escrevendo um perfil sobre Henry Pressley, não sobre Dylan McCarthy Williams.

Henry pensou, certificando-se de que a resposta fosse deliberada e calculada. Dependendo da informação que você quisesse obter dele, esse poderia ser o sonho ou o pesadelo de qualquer jornalista.

– Oficialmente ou extraoficialmente? – perguntou ele.

Não estava gravando a nossa conversa com o celular, mas os olhos dele se voltaram para o notebook aberto ao meu lado.

– Oficialmente, é claro.

– Eu observo o jeito dos jogadores adversários antes do jogo, tento me lembrar dos pontos fortes e fracos deles. Alguns minutos antes do início, costumo deixar tudo isso se espalhar pelo meu cérebro até sentir que estou na cabeça deles, e não na minha. Na maioria das vezes funciona.

Minha vontade de gritar *Eu sabia!* (será que era assim que Maeve se sentia o tempo todo?) não era tão urgente quanto a pergunta que queimava a minha língua.

– E extraoficialmente?

Eu não sabia por que estava prendendo a respiração, mas, quando os olhos dele se abriram mais e o verde penetrante me engoliu por inteiro, eu

quase desabei.

– Você.

A palavra pareceu ecoar pelo recinto e, naquele instante, meu mundo ficou significativamente menor. Parecia que não havia mais nada fora daquelas portas. Como se houvesse apenas eu e ele e o cheiro nojento de vestiário masculino.

Do jeito que costumava ser.

Eu?, queria perguntar, mas parecia impossível formular até mesmo isso.

– Por muito tempo, foi você – continuou ele. O verbo no passado não deveria ter doído. – E mesmo depois… de tudo. – Ele deu de ombros, inseguro. – *Você* funcionava muito bem. Com o recrutamento chegando, eu sentia um pouco de medo de estragar tudo se não pensasse em… bem… você. Então eu continuei e simplesmente… – Seus olhos dançaram pelo vestiário como se ele preferisse estar em qualquer outro lugar, mas as palavras saíram mesmo assim: – … nunca parei.

Havia mil coisas que eu queria dizer e fazer.

Beijá-lo, por exemplo. Escalá-lo como se ele fosse uma árvore, tocar nele até ele fazer aqueles sons agradáveis que invadiram a minha mente mais cedo. Queria agradecer a ele pelas palavras, dizer que eu me sentia honrada.

Para ser bem sincera, eu devia estar a uns dois segundos de me apaixonar – *de novo* – se ele continuasse com aquilo.

Não fiz nada disso.

A porta se abriu antes que eu pudesse reagir, e o treinador Hepburn me lembrou de que, na verdade, não éramos as duas últimas pessoas na face da Terra e que Henry tinha que ir para o jogo.

– Pressley! – gritou ele na nossa… na *minha* pequena bolha e a estourou.

Tentei transmitir o máximo do que eu queria dizer nos poucos segundos em que nossos olhares se encontraram, mas não pareceu o suficiente.

Pelo menos eles ganharam o jogo.

CAPÍTULO 19



Dois anos antes

Março

A mesa de jantar de Henry era grande o suficiente para eu espalhar a minha pesquisa impressa e todo tipo de agendas e calendários. Vendo os papéis intermináveis, tentei comparar meu calendário meia-boca do Google no celular com o calendário dele, que era um projeto apaixonado e estava espalhado à nossa frente.

O vaso no centro da mesa continha o buquê de peônias que eu estava paquerando o dia todo durante o meu turno no Daisy's – que também funcionava como uma floricultura. Eu não sabia como Henry as havia comprado na caixa registradora ao lado sem que eu percebesse, mas ele tinha conseguido.

Voltei para a bagunça das agendas.

– Sábado? – perguntei, olhando para ele do outro lado da mesa.

Seus olhos vasculharam os papéis, o dedo passando sobre o calendário até chegar ao sábado que eu tinha sugerido. Ele balançou a cabeça, e meu coração se apertou um pouco.

Embora eu não estivesse necessariamente surpresa.

– Não posso. Jogo fora de casa, então a gente vai ficar fora o fim de semana todo. – Ele pensou por um instante e continuou a analisar a agenda. – Que tal quarta-feira?

Daqui a uma semana.

A esperança reluzia em seus olhos verdes quando Henry voltou a atenção para mim. E eu quase quis concordar só para fazê-los brilhar com outra coisa que não decepção.

– Reunião editorial no *Post*.

Como todas as quartas-feiras. Eu não culpava Henry por ele sempre esquecer os meus planos, já que eu mesma mal conseguia dar conta de tudo. Apesar de sua vigorosa necessidade de planejamento e controle, ele tinha muitas coisas para resolver. Não precisava ficar a par dos meus compromissos também.

E eu duvidava que houvesse espaço em seu calendário para eles.

– As reuniões costumam ir até tarde – lembrei a Henry. – E você precisa dormir às dez, né? Tem treino de manhã?

Henry grunhiu e deixou a cabeça cair para trás.

– Eu quero te ver, encanto. Por que é tão difícil te ver?

Ele passou a mão no rosto e no cabelo, bagunçando o repartido perfeito.

Isso estava se tornando um problema cada vez mais frequente: gerenciar nosso tempo juntos.

Ser depois do campeonato ou antes do campeonato dava no mesmo. Outros atletas podiam até ter se dado alguns meses de folga após a alta temporada do futebol universitário, mas não Henry. Para ele, perder nas quartas de final só significava mais treinamento, mais academia, mais reuniões de estratégia.

Menos programas com a namorada.

As prioridades de Henry sempre foram cristalinas. Acho que eu nunca tinha conhecido uma pessoa tão certa do que queria e tão determinada a fazer acontecer. E eu nunca tive a impressão de que uma garota pudesse ficar no meio disso – *eu não queria ficar no meio disso.*

Mesmo assim, era difícil. Tentar planejar os meus dias com ele quando os meus dias eram quase tão cheios quanto os dele era… exaustivo.

Depois de vender mais um artigo meu para um veículo de imprensa externo, Eddie não tinha hesitado em me afogar em mais trabalho, na esperança de que as minhas matérias chamassem mais atenção para a UHB e o *Post*.

Eu tinha conseguido um mês para terminar a matéria em que estava trabalhando, uma reportagem de capa sobre o esporte universitário e seu impacto. Isso significava uma pesquisa mais aprofundada, entrevistas mais detalhadas e um texto que não seria escrito em apenas uma semana. Era algo importante e exigia tempo.

Eu queria que a minha prioridade fosse tão clara quanto a de Henry. No

entanto, respirei fundo e, quando o vi se levantar, contornar a mesa e vir para o meu lado com um beicinho, perguntei, derrotada:

– Onde é o jogo? Posso ir com vocês?

Ele arregalou os olhos como se estivesse surpreso com a sugestão. Como se eu não estivesse ali, naquele momento, só porque tinha cancelado o karaokê com as meninas – depois de duas semanas em que mal nos víamos cinco minutos por dia (só porque ele costumava tomar o café da manhã no Daisy's enquanto eu trabalhava).

Parecia até que cancelar meus planos não tinha se tornado parte fundamental do nosso relacionamento.

Henry me levantou da cadeira, me puxou para si e entrelaçou as mãos com as minhas.

– Você faria isso? – E quase parecia que ele estava prendendo a respiração, o sorriso se espalhando pelos lábios devagar. – Eu prometo que vou te compensar.

E eu não consegui evitar. Vendo o sorriso cheio de malícia, a maneira como os dedos dele subiram pelo meu braço e se emaranharam no meu cabelo. Tomei a decisão bem naquele momento. Eu ainda teria tempo suficiente para escrever o artigo.

– Como? – perguntei, me pendurando no pescoço dele.

Eu mal percebi a maneira como ele me conduzia para trás, supostamente para o quarto.

Ele deu uma risadinha, e o som foi direto para a boca do meu estômago, colorindo as minhas bochechas, deixando as minhas pernas bambas.

– Uma casa nos Hamptons? – disse ele, brincando.

Acho que brincando.

Eu murmurei como se estivesse considerando a ideia, depois balancei a cabeça, com um sorriso.

– Parece improvável. O que mais você tem a me oferecer além de uma casa nos Hamptons, Henry?

Ele revirou os olhos enquanto se deitava na cama, e eu tive cerca de três segundos antes que ele me puxasse para o colo, colocando as minhas pernas uma de cada lado e nos deixando cara a cara.

– Nós tínhamos uma. Mas os meus pais venderam.

Ele mencionou os pais e não pareceu se importar muito com o que tinha acontecido com os dois. Como se eles ainda estivessem em alguma

cobertura no Upper East Side ou num escritório de luxo em Wall Street. Não enterrados a sete palmos.

Henry não fazia isso com frequência – falar dos pais. E, sempre que o fazia, eu ainda não sabia ao certo como reagir à indiferença dele. Se eu deveria tratar a morte deles como qualquer outro assunto ou lhe dizer que sentia muito pela perda que ele tinha vivido.

– Por quê? – perguntei dessa vez. – Por que eles venderam?

Henry deu de ombros.

– Não importa – disse ele, e aparentemente deixou essa conversa pra lá. As mãos traçaram o contorno do meu corpo sobre o dele e pousaram na minha cintura. Ele me deu um único beijo no pescoço, mal roçando na pele, e olhou para mim. – Vamos nos concentrar no que você quer de mim, Paula. Pode ser qualquer coisa.

E eu realmente achei que ele estivesse falando sério.

Qualquer coisa.

Qualquer coisa, menos o tempo que ele não tinha para me dar.

CAPÍTULO 20



Presente

Eddie tinha me chamado na sala dele havia cerca de uma hora. Daquele jeito que não era bem um pedido, mas uma exigência, e geralmente significava que algo sério estava acontecendo.

A suspeita foi confirmada quando cheguei lá e a porta dele estava fechada. O que não tinha acontecido nem quando ele me dissera, mais ou menos um ano antes, que não poderia me passar outro artigo até que tivessem resolvido a confusão que eu havia criado – ou que a esquecessem.

O fato de Henry estar apoiado na parede ao lado não melhorava o cenário.

– Eu não sabia que você estaria aqui – falei, em vez de cumprimentá-lo, sem desviar os olhos da porta fechada.

O olhar dele acompanhou o meu.

– Isso é bom ou ruim?

Eu mesma não sei ao certo, pensei, me apoiando na parede oposta.

– A porta fechada, digo – acrescentou ele.

– Ah. – Claro que ele não estava falando da própria presença. – Sem dúvida, ruim – afirmei, categórica. – Pior ainda porque eu não sei do que se trata. Você sabe?

– Não tenho a menor ideia.

Minha mente disparou, enumerando os possíveis cenários que exigiriam a nossa presença na sala de Eddie – a portas fechadas, ainda por cima.

Tentei lembrar se tinha perdido um prazo ou enviado um documento errado ao meu editor. Talvez tivesse me esquecido de excluir um comentário inadequado de uma das transcrições anteriores que ele só tinha encontrado

agora.

O que me fez lembrar a piada de Riley na semana anterior e a teoria da conspiração de Alfie, de que Lacy ficava por dentro de todas as fofocas do jornal.

Eu não ficaria surpresa se a encontrasse do outro lado daquela porta. Esperando para me dedurar por algo que eu não tinha feito.

– Se ele perguntar se nós ficamos, só nega. Não faz nenhuma pergunta.

E eu não consegui impedir meu humor de desandar com aquela perspectiva.

Henry ergueu as sobrancelhas, intrigado e confuso.

– E isso não seria a verdade? – Ele inclinou a cabeça. – Eu perdi alguma coisa?

Suspirei, vendo-o tentar esconder o sorriso.

– Certo. Claro. – Balancei a cabeça na esperança de espantar o desânimo em que a minha suspeita tinha me colocado. – Não, você não perdeu nada.

Henry deu uma risadinha.

– Que pena.

E foi interrompido antes mesmo que eu pudesse assimilar suas palavras.

Eu não esperava um sorriso no rosto de Edward Smith quando ele finalmente abriu a porta.

– Paula, Henry – disse ele. – Obrigado por virem tão em cima da hora.

O editor apontou para o interior da sala, e Henry e eu trocamos um único olhar antes de segui-lo para dentro.

Eu me perguntei como ele tinha conseguido trazer Henry tão em cima da hora. Imaginei a cena: Eddie sem graça, Henry tentando explicar que tinha que jantar no horário exato marcado na agenda, senão ele entraria em combustão.

Parecia que eu estava prestes a ter uma resposta quando Henry começou:

– Eu não tenho muito tempo. Isso foi muito de última…

Mas ele se calou quando pousou os olhos numa quarta pessoa na sala. Percebi a presença no mesmo instante que ele.

Não era Lacy.

Um homem de… *quase quarenta anos, talvez*? Tinha a pele marrom-escura e era careca. Ele estava de pé ao lado da mesa de Eddie, com a mão estendida para apertar a minha primeiro, antes de desviar a atenção para Henry. Que não gostou nem um pouco da surpresa.

– Pressley – cumprimentou o homem. – Que bom te ver de novo, meu rapaz. Faz tempo que não temos notícias suas.

O abraço casual, acompanhado de um tapinha nas costas, sugeria que eles já se conheciam.

Diante do meu olhar confuso, Eddie simplesmente gesticulou em direção a uma das duas cadeiras em frente à mesa dele.

– Marty. – Henry franziu as sobrancelhas. – Eu não sabia que você estava na cidade. – Seus ombros cederam e ele pareceu relaxar um pouco, mas a tensão na voz permaneceu. – O que houve?

– Sente-se – sugeriu *Marty* num tom caloroso e reconfortante.

Hesitante, Henry se sentou.

– Em primeiro lugar – começou Marty –, é um prazer enorme te conhecer, Srta. Castillo. Nem sei dizer quanto adorei seu artigo no *The New York Times* há alguns anos.

Tinha sido apenas um ano e quatro meses antes, para ser exata. Para ser ainda mais exata, não era um artigo, mas uma coluna que escrevi como convidada.

Quando a minha carreira parecia estar na subida da montanha-russa. Só que eu tinha esquecido que nenhuma montanha-russa subia sem parar, e, em algum momento, o carrinho teria que descer. E o meu acabou caindo num buraco muito lá embaixo, onde eu ainda estava.

Esse perfil era a primeira luz que eu via em muitos meses, desde que fui parar no fundo do poço.

– Você vai fazer maravilhas com esse perfil, tenho certeza. Além disso, os Blue Eagles precisam de mais burburinho em torno dos jogadores. O momento é perfeito.

Havia muito tempo que eu não me considerava realmente boa no que fazia. Aquele provavelmente era o primeiro lembrete em meses, em quase um ano. Meu sorriso estava tão largo que doía, mas eu não conseguia evitar.

– Muito obrigada – falei com sinceridade.

Marty se recostou na cadeira, com um sorriso acolhedor que, de alguma forma, transmitia superioridade e autoridade ao mesmo tempo.

– É por isso que seu editor e eu achamos que seria uma ótima ideia você viajar junto com o Pressley.

Henry ficou tenso ao meu lado e soltou:

– O quê?

O tom parecia um pouco ofendido demais para o meu gosto.

Quando ele se levantou, a perna que antes não parava de se mexer finalmente se acalmou. Henry pigarreou, e percebi que ele estava tentando ao máximo manter a calma. Não deixar que a aparente mudança de planos o fizesse perder a cabeça.

– Acho que os terceiros deveriam ter sido consultados – disse ele de um jeito seco, e a máscara estoica se contraiu apenas uma vez. – Você não acha?

– É isso que estamos fazendo agora – disse Marty, seus olhos se fixando em Henry, implacáveis.

– Antes de apresentar a ideia para ela – contrapôs Henry, baixinho.

Mas eu o escutava em alto e bom som.

– Desculpa – falei, com uma risadinha constrangida que fez com que os dois homens parassem de se encarar. Todos os olhos se voltaram para mim. – Eu só… *Quem* pensa que *o quê* é uma boa ideia?

– Os Blue Eagles de Nova York – respondeu Marty, como se eu devesse saber o que estava acontecendo, embora eu não tivesse a menor ideia. Como se eu tivesse deixado de ler um e-mail que contivesse todos os pontos que eu não estava entendendo. – O time do Henry. O oficial, assim que ele finalmente assinar os contratos que faltam.

O tom insinuava que havia alguma coisa por trás das palavras – algo que ele não estava dizendo. A respiração profunda de Henry me disse que ele, sim, sabia o que era.

– É por isso que ele vai viajar. Para Nova York. – Marty pareceu pensar bem nas palavras seguintes, depois fixou o olhar em mim de novo. – Espero que acompanhado por você.

Eddie se meteu e explicou a situação de um jeito irrefutável.

– Você vai passar o fim de semana com o Henry em Nova York.

Como tudo que dizia respeito a esse perfil, Eddie falou de um jeito que não deixava dúvida: não era uma pergunta.

Eu iria com Henry, querendo ou não. Quer Henry quisesse ou não.

Eddie pigarreou.

– Você não vai precisar se preocupar com nada. Falei com o pai do… com o Sr. Dunbridge, e o jornal vai ficar feliz em cobrir as suas despesas nos próximos três dias.

Feliz devia ser um exagero, mas tenho certeza de que ele tinha usado o próprio charme com o pai de Alfie.

Henry deixou a cabeça cair para trás e soltou um suspiro profundo, como se também tivesse jogado a toalha.

Ele nitidamente não gostava da ideia. De *me levar.* O que pelo menos em parte deveria ser pelo simples motivo de que eu estragaria os planos dele. E tão espontaneamente…

– Espera – pensei em voz alta, porque só naquele instante assimilei as palavras de Eddie. – *Nos próximos três dias.* A gente vai viajar, tipo, amanhã?

– O voo é às nove – disse Henry inutilmente, com o mesmo entusiasmo que eu tinha demonstrado quando soube que faria esse perfil.

– Falei com o departamento de relações públicas, e eles concordam que seria ótimo que essa viagem entrasse no perfil. Não só a Paula mencionar os Blue Eagles, mas estar lá. Ver as instalações, visitar o estádio. Ver Henry vestindo as nossas cores. Entende? – Marty olhou de novo para mim. – Não precisa se preocupar. Não estamos tentando te dizer *o que* escrever. – Ele deu uma piscadela, o que fazia a declaração inteira parecer sem sentido. – Como disse o Sr. Smith, já organizamos tudo. Você só precisa dizer sim. A escolha é sua.

Uma olhada para Eddie me disse que não era bem assim. E o que era mesmo que eu tinha prometido?

Engoli em seco e não olhei para Henry – talvez apenas para ignorar o fato de que ele não me queria em Nova York e quanto, no fundo, isso doía.

– Eu topo.

Topo tudo.

Henry parecia a uns dez segundos de entrar em combustão espontânea, então disparou porta afora. Marty me lançou um olhar constrangido, como se pedisse desculpa.

– Eu adoraria conversar mais – disse ele, já seguindo seu mais novo zagueiro. – Mas parece que meu cliente está fugindo de mim.

E se foi.

Isso me deixou sozinha para lidar com Eddie.

– Decisão fantástica – disse ele.

Seu sorriso me dizia que a escolha não tinha sido minha.

– Foi mesmo? – Dei uma risada seca. – Porque parece que o Henry acha o contrário. E, como o perfil é sobre ele, será que a decisão não deveria ser dele?

Eddie balançou a cabeça.

– Confie em mim, Paula. – Seu olhar quase parecia sincero. – O empresário dele e eu concordamos que é melhor assim. Nós previmos essa reação, mas isso vai melhorar o perfil. Dar brilho ao seu texto. Onde mais você verá o Henry assim, no habitat natural? Em que outro momento você poderia ver o recrutamento da liga de futebol tão de perto?

Eu sabia que ele estava certo.

– Mas…

– Quanto ao Henry – interrompeu Eddie. – Ele sabe onde se meteu e tinha muita certeza de que queria isso.

– O perfil, sim! Mas não…

– Você. – A palavra reverberou pelas paredes. – Ele tinha total certeza de que queria esse perfil e tudo o mais associado a você.

Um segundo se passou, no qual procurei a resposta certa e fracassei miseravelmente.

– Agora… – Eddie apontou para a porta, com um sorriso gentil de volta aos lábios. – Acho que você precisa fazer as malas. Vou te mandar tudo por e-mail.

CAPÍTULO 21



Presente

– Eu não posso fazer isso, não posso fazer isso – repeti, sem parar de jogar coisas na minha bolsa de viagem como se eu talvez *pudesse* fazer isso, sim.

Sem Eddie, seu sorriso fácil e sua atitude mandona, minhas colegas de quarto estavam tentando ao máximo controlar minhas dúvidas crescentes. *Talvez eu não devesse me intrometer do jeito que estava fazendo. Talvez eu não devesse* topar tudo *com um homem que me largou.*

Passar um fim de semana inteiro numa cidade desconhecida, com um ex que eu não deveria *voltar a conhecer,* não me parecia boa ideia. Nem para o meu coração, nem para a minha cabeça, que estava pensando demais desde que eu tinha saído do escritório.

Agora, acrescente a isso tudo o fato de o referido ex-namorado não me querer na referida cidade desconhecida e… sim. Dúvidas. Muitas.

Não que o meu editor quisesse ouvir falar nelas. Ou o empresário de Henry.

Eles só enxergavam que isso poderia beneficiar meu artigo e a estratégia de relações públicas do time. Claro, eles estavam certos. O recrutamento da liga de futebol sempre tinha sido um mistério para mim, e, quando estava me preparando para fazer esse perfil, não consegui encontrar muita informação sobre o processo e os bastidores.

Então, como alguém que gostava muito de futebol, eu estava animada. Um olhar exclusivo dos bastidores! Impressionante.

Mas tinha que ser ao lado do meu ex-namorado? Como acompanhante dele?

Meu próprio resmungo me arrancou dos meus pensamentos. Frustrada,

me deitei de costas no chão em que estava sentada e olhei para o teto. Essa certamente foi a deixa de Maeve, porque ela logo entrou em ação.

– Ela está perdendo o ânimo! – relatou em alerta máximo, saindo da minha cama para me sentar de volta no lugar.

Não fiz nada para ajudá-la.

– Você precisa que eu repita? – perguntou Laila na cadeira ao lado da minha mesa.

Ela se virou para nos encarar. Embora eu tivesse balançado um pouco a cabeça, Maeve foi inflexível quando disse:

– E RÁPIDO!

– Paula.

De algum jeito, Laila surgiu na minha frente. De joelhos, segurava a minha mão como se eu estivesse entrando para uma cirurgia de peito aberto e ela ainda não tivesse se despedido.

Eu queria pegá-la pelos ombros, sacudi-la com tanta força que o cabelo loiro quase branco se agitasse e dizer a ela: *Eu não estou morrendo!* Só não queria entrar naquele avião no dia seguinte. Mas, sendo realista, quem faria isso com alguém que tinha um rosto tão doce quanto o de Laila?

Ela sorriu para mim, me incentivando e ostentando toda a energia de quem vê o copo meio cheio que, infelizmente, me faltava.

– Você está indo viajar com todas as despesas pagas pra fazer uma coisa que ama – lembrou ela pela segunda vez naquela uma hora em que estávamos todas entocadas no meu quarto. – Se isso não te diz que você é uma jornalista do cacete e que vai escrever uma matéria incrível, eu não sei mais o que falar.

Maeve me deu uma ombradinha para enfatizar as palavras de Laila, ainda segurando todo o meu peso para que eu não voltasse a me deitar.

– Ouça a doce Laila – cantarolou ela, achando engraçado.

Maeve estava tão perto do meu ouvido que foi meio hipnótico.

– Estou ouvindo.

Foi mais um grunhido do que uma resposta, mas pelo menos eu voltei a jogar as coisas na bolsa. Esse era o sinal para Maeve me soltar. Ela olhou para mim radiante, com um sorriso que dizia: *mais uma crise evitada com sucesso.*

– E, se isso não for o bastante pra te convencer – disse Riley, me lançando uma olhada de onde estava, com a cabeça pendurada na beirada

da minha cama e as tranças esparramadas pelo chão –, lembre-se de que você não está apenas sendo paga pra fazer o que ama, mas também vai poder conhecer a cidade mais cara do mundo com um homem que tem dinheiro pra bancar tudo isso.

Henry era podre de rico, sim. Mas…

– Nova York não é a cidade mais cara do mundo. É Zurique – corrigi.

Riley balançou a cabeça e, por um instante, parecia que ia perder a consciência. Ela se virou e ficou de bruços.

– As duas cidades estão empatadas – disse ela. – E esse não era o ponto. – Ela parou com o olhar na altura do meu enquanto o sangue que tinha ido parar na cabeça voltava a circular pelo corpo. – Henry é gostoso, rico e você está prestes a passar três dias inteiros com ele.

– Ele também é ex-namorado dela – argumentou Maeve, ajeitando-se para ficar confortável ao pé da minha cama. Ela nem olhou para Riley, que agora estava deitada. – E por um bom motivo. Então, o que quer que você esteja tentando fazer aqui, mocinha, pode parar agora mesmo.

Embora Maeve não conseguisse ver, Riley ergueu as mãos numa rendição de brincadeira. O que não a impediu de me dar uma piscadela sugestiva.

– Só estou tentando mostrar todos os motivos para a Paula entrar nesse avião amanhã – disse ela com um ar inocente, piscando os olhos com um delineado perfeito. Maeve se virou para ela. – E mesmo a Paula achando que o Henry é um dos motivos para ela não ir… – Ela se virou para mim com as sobrancelhas arqueadas. – Eu acho que ele é o principal motivo para ela ir.

– Depois do fato de que a carreira dela depende disso – acrescentou Laila rapidamente, fazendo um joinha.

– É – falei, e me encolhi. – Principalmente por isso.

Eu o tinha priorizado uma vez, e as coisas não deram certo. Foi ruim do tipo quase-ser-demitida-do-jornal e não-conseguir-um-projeto-de-verdade-por-um-ano-inteiro.



Apesar das palavras encorajadoras de Laila e Riley e apesar de Maeve ter

insistido para assistirmos ao meu filme de conforto emocional, eu não tinha dormido nada na noite anterior. Até dei umas cochiladas esporádicas, mas não dava para chamar isso de sono.

O único ponto positivo? Minha noite não tinha sido longa o suficiente para eu ficar lamentando o sono perdido. Às cinco, o alarme tocou por um total de dois segundos antes de eu desligá-lo, porque já estava com ele nas mãos.

Mas não significava que eu não estivesse cansada. E mal-humorada por causa da privação de sono. Acho que Henry notou isso quando minhas primeiras palavras dirigidas a ele foram apenas na fila da cafeteria, após passarmos pela segurança do aeroporto. Minha exaustão ficou ainda mais óbvia quando ele perguntou o que eu iria querer.

– Café – resmunguei de um jeito lamentável. Então pensei melhor e acrescentei: – Puro.

– Você vai odiar – avisou Henry, e olhei para ele com uma cara péssima.

– Vou precisar disso, se você não quiser que eu babe no seu ombro por uma hora inteira.

Henry deu uma risadinha.

– Eu sobreviveria – disse ele, antes de se virar para fazer nosso pedido.

Ele parecia ter se acostumado com a ideia de irmos juntos. E, mesmo que ele houvesse tido pouco poder de decisão nesse quesito, eu me senti melhor assim. Afinal, um empresário zangado bufando no cangote dele parecia mais intimidador do que um editor zangado que eu nunca mais veria dali a alguns meses. Fiquei menos culpada por me intrometer.

Equipada com uma pequena bolsa, minha bagagem de mão e um café tão forte que eu sentia o cheiro do gosto ruim, nos dirigimos até o portão. Fiz uma careta quando dei o primeiro gole. De alguma forma, o gosto era pior do que o do café de algumas semanas antes.

Henry me observou, se divertindo.

– Noite longa? – perguntou ele.

Soltei um muxoxo e fiz uma careta.

– Mais pra curta. – Eu me sacudi para afastar o gosto residual, arrependida do copo na minha mão. – As pessoas realmente bebem isso porque gostam?

Meus olhos se voltaram para ele em busca de confirmação.

Henry balançou o copinho nas mãos dele, os lábios se moldando num

sorriso preguiçoso.

– Parece que sim.

Para provar, tomou um grande gole. Voluntariamente! Ele nem parecia estar com *tanto sono assim*.

Na verdade, ele nem parecia estar com sono.

– Você está tomando café puro! – Essa constatação me atingiu como um raio. – Eu te conheço há quase quatro anos e nunca te vi tomar café puro.

– Claro. – Ele deu uma risadinha. – Porque, na primeira vez que te peguei no Daisy's, você não parava de reclamar do cheiro. Se eu me lembro bem, você disse, com estas palavras exatas, que só o cheiro do café te dá vontade de *se encolher e morrer.*

É, talvez trabalhar numa cafeteria não tivesse sido a melhor opção de carreira.

Franzi a testa, perplexa.

– Então você simplesmente parou de tomar café?

– Só quando você estava por perto.

Ele disse isso como se fosse uma coisa óbvia e natural. Como se qualquer um sacrificasse uma parte da própria manhã por um relacionamento universitário que, estatisticamente falando, tinha uma taxa de sucesso de apenas cinquenta por cento, para começo de conversa.

– E você gosta *mesmo*?

Henry deu de ombros.

– Funciona.

E eu sinceramente não deveria ter esperado nenhum outro motivo para a adesão dele ao café. Para Henry, qualquer coisa que cumpria o que prometia era uma coisa boa. Eu ainda não tinha superado esse fato quando forcei outro gole de ácido de bateria goela abaixo e deixei escapar um:

– Me desculpa.

Os olhos dele encontraram os meus, e ele franziu as sobrancelhas.

– Sinceramente, café nem faz muito bem. – *Como pode alguém pensar que uma coisa com esse gosto pode ser saudável?* – Então não precisa pedir desculpa.

Mas não era isso que eu queria dizer.

– Não, não. – Abanei a mão, dispensando o assunto. – Por vir, digo. Me desculpa por me intrometer desse jeito.

Paramos em frente ao nosso portão e, durante meio segundo, fiquei

surpresa ao ver a fila andando. No entanto, logo me lembrei de que estava viajando com Henry, que devia ter planejado uma chegada perfeitamente pontual, calculando até mesmo a parada para o café.

O sorriso genuíno nos lábios dele se transformou num sorriso forçado quando ele ouviu as minhas palavras.

– É pro perfil, né? – Ele bufou. – Não é porque você quer estar aqui.

– E também não é como se você quisesse que eu estivesse – falei, e dei de ombros, sem saber qual de nós estava errado, se é que algum dos dois estava.

Henry suspirou, parecendo querer dizer alguma coisa, mas não disse nada. O silêncio voltou a se instalar entre nós. Sorri para o homem que estava verificando o meu cartão de embarque e o meu passaporte e fiquei séria assim que passei por ele. Henry me alcançou, e entramos na passarela.

– Sobre isso… – disse ele finalmente, hesitante e um pouco nervoso. Em geral, Henry não era nem uma coisa nem outra. – Não era pra parecer que… – continuou, apreensivo, depois mudou de ideia. – O problema não era você. – Ele agitou o cartão de embarque entre nós para enfatizar algo. – Eu não entro num avião desde o acidente dos meus pais. Em geral vou de carro para todos os lugares ou simplesmente não vou. Esta é a primeira vez em sete anos que não vou de carro. – Ele deu uma risadinha nervosa. – E eu não esperava ter companhia. E descobrir tão em cima da hora.

A lembrança me atingiu como uma tonelada de tijolos, e eu me senti uma idiota. *Como é que eu não tinha lembrado disso?*

O acidente não tinha sido com um avião comercial, o que teria aparecido no noticiário local, e sim com um avião particular discreto a caminho das Bahamas. Isso acontecia o tempo todo, e ninguém dava a menor atenção. Só que as pessoas que morreram naquele voo eram Felix Pressley e Naomi Yung, então não tinha aparecido apenas no noticiário local. Tinha virado um circo da mídia internacional. Quando Henry e a irmã tinham mais ou menos 15 anos.

– Ai, meu Deus – murmurei. – Eu não… Eu *deveria* ter lembrado disso. Você me contou. – Ele não me encarou quando olhei para ele. – Sinto muito.

Se pelo esquecimento ou pelo fato de eles terem morrido, eu não sabia dizer ao certo. Provavelmente pelas duas coisas.

Henry deu de ombros, como se dissesse que não importava, mas abriu um sorriso artificial, parecendo tenso. Importava, sim. *Claro que importava.*

Quando nos espremeMos pelo corredor do avião em mais um silêncio

desconfortável, o fato de nossos assentos não serem juntos de algum jeito piorou a situação.

Além de saber que os sessenta minutos seguintes seriam um inferno para Henry, não havia nada que eu pudesse fazer para torná-los um pouco mais suportáveis.

Continuei seguindo quando Henry se espremeu para entrar numa fileira na frente, ciente do fato de que ele não teria um sorriso tranquilizador ao lado, nem um afago na mão ou uma piada de mau gosto para fazê-lo relaxar. Pensar no cara rabugento e despreocupado de sempre ali naquele assento, desesperado e sozinho, me fez sofrer. Com ele, por ele.

Tanto que, no segundo em que cheguei ao meu assento no corredor, abri um sorriso exagerado para a comissária de bordo que apareceu em seguida e toquei gentilmente o braço dela. A loira sorriu para mim em resposta, com aquela expressão típica de atendimento ao cliente. Não pude deixar de me perguntar a que horas ela tinha se levantado para cachear o cabelo com tanta perfeição.

– Como posso ajudá-la? – perguntou a comissária, a voz provavelmente um pouco mais aguda do que o normal.

Henry devia ter conseguido um assento com espaço extra para as pernas na frente do avião, enquanto eu estava presa nos fundos. Apontei para ele, cerca de vinte fileiras adiante, cuja cabeça despontava um pouco acima dos assentos azuis.

– Você está vendo aquele cara? – perguntei. – Cabelo castanho-claro, boné, moletom preto, que parece grande demais para estar aqui?

Esperei enquanto a mulher identificava de quem eu estava falando.

– Ah, sim – murmurou ela. – Quem deixaria passar alguém como ele? O cara mais gostoso do avião. – A espontaneidade do momento a fez soltar uma risadinha. Quando ela se virou de novo para mim, estremeceu como se tivesse acabado de perceber que tinha falado aquilo em voz alta. – Ai, meu Deus. Me desculpa. Você é a namorada dele, não é?

Namorada. Tentei não deixar isso me atingir.

Os olhos dela desceram pelo meu corpo, depois voltaram para o meu rosto.

– Claro que é. Droga, eu acabei de chamar o seu namorado de *o cara mais gostoso do avião* – disse ela e se interrompeu, parecendo meio em pânico. – É melhor eu dizer para a Linda *não* dar em cima dele. Ai, meu

Deus, sinto muito mesmo. Este é o meu primeiro mês, e já estou…

– Está tudo bem.

Ela pareceu surpresa com isso. E mais ainda com o sorriso gentil nos meus lábios. O corpo dela, que estava em alerta máximo, relaxou e se apoiou no meu assento, e ela olhou para mim com gratidão.

– Graças a Deus – sussurrou para si mesma.

– Eu só estava pensando… – Não desmenti a teoria da namorada. Ela funcionaria a meu favor, e, se eu a negasse, isso tornaria o meu pedido *muito* mais estranho. – Caso o assento ao lado dele fique livre, posso me mudar pra lá?

Tínhamos sido uns dos últimos passageiros a embarcar, então as minhas chances eram boas.

Uma expressão de cumplicidade se formou no rosto da mulher, e ela me observou por mais um segundo.

– Ah. Entendi. Bem, é um assento com espaço extra para as pernas. – *Como eu imaginava.* – Então teríamos que cobrar mais de você.

O rosto da comissária me dizia que ela não queria fazer isso, mas gesticulei, indicando que isso não seria um problema.

– Dez dólares não vão quebrar minha conta.

Talvez quebrassem, sim. A faculdade não era barata, e eu estava pegando menos turnos desde que tinha começado a fazer o perfil. Menos tipo… zero.

– Vinte – disse ela, estremecendo.

Tentei manter a pose.

– Sem problemas.

– Certo. – O tom reassumiu a calma de antes, e eu só percebi que ela tinha deixado de lado a voz de atendimento ao cliente quando voltou a adotá-la. – Se continuar livre, é seu.



Aparentemente poucas pessoas estavam dispostas a pagar vinte dólares por espaço extra para as pernas num voo de uma hora. E eu não as culpava. Dez minutos depois, quando as portas do avião se fecharam, passei da fileira 28 para a 6.

Henry me olhou como se estivesse vendo um fantasma.

– Achei que você poderia precisar de uma… amiga – falei.

Amiga.

Embora tivesse saído da minha boca, eu não gostava dessa palavra. Gostava menos ainda de *ex,* porque isso significava que aquele frio na barriga quando ele sorria para mim era unilateral.

E, na primeira vez que o tinha chamado de amigo, ele me dissera que não seríamos amigos de jeito nenhum.

Mas…

– Amiga. – Ele repetiu a palavra com um suspiro, depois olhou de novo do assento ao lado dele para mim. – Seria bom, sim.

CAPÍTULO 22



Presente

Acordei no ombro de Henry, os cantos da boca molhados.

É engraçado como a vida é. Ali estava eu, sem ter conseguido dormir na noite anterior, gastando vinte dólares para segurar metaforicamente a mão de Henry em seu primeiro voo, mas no fim das contas dormindo durante todo o percurso. E Henry provavelmente ficaria com baba no casaco.

Eu preferia nem saber. Estava com medo de olhar.

Para aumentar a humilhação, acordei com o estômago tão vazio que parecia que eu não comia havia uma semana. Isso me fez perceber que eu estava tão ocupada reclamando do café que me esqueci de comer.

E só me lembrei nesse momento, saindo do avião…

– Porra – murmurei baixinho, lançando um olhar desesperado por cima do ombro.

Henry parou ao meu lado.

A comissária de bordo loira exibia seu melhor sorriso de atendimento ao cliente, desejando a cada passageiro um bom dia e agradecendo por ter voado com a companhia aérea. Enquanto isso, ela nem lembrava que eu tinha deixado de pagar pela troca do assento.

– Eu me esqueci de…

Mas Henry me cutucou com delicadeza para eu seguir em frente. Eu me virei para ele, sinceramente meio desesperada, porque a pobre garota provavelmente perderia o emprego por causa disso – por *minha causa*. O sorriso dele pareceu tranquilo demais. Um pouco cúmplice demais.

– Não se preocupa com isso – disse ele, como se fosse fácil. Como se ele já soubesse do que eu estava falando. *Eles vão demitir a mulher por causa*

disso!, eu queria gritar. – Eu já resolvi.

Murchei. Como se eu fosse um balão e as palavras dele fossem uma agulha.

– Como assim?

Ele jogara seu charme para a comissária só para não pagar? Entendi. Afinal, ele tinha sido chamado de "o cara mais gostoso do avião".

– Ela apareceu com a maquininha no meio do voo. E você estava desmaiada. – Ele olhou na minha direção, os olhos verdes brilhando. – E eu não queria te acordar, então paguei.

Pisquei. Uma vez. Duas vezes.

– Você não devia ter feito isso.

Fui eu quem quis fazer um favor a *ele*. Agora não só eu não tinha ficado acordada para apoiá-lo durante o voo, como também tinha deixado de pagar pelo assento. No fundo, Henry gastou dinheiro para ficar com o moletom babado. Uma olhada para o ombro dele revelou a mancha úmida e confirmou meu temor.

– Não é nada – disse Henry para me tranquilizar. – Além disso, a Heather achou que nós dois éramos *muuuuito* fofos juntos. – Ele não tentou esconder o tom provocador na voz. Na verdade, fez questão que eu percebesse. Com um sorriso e uma sobrancelha erguida. – Como é que eu não iria pagar pelo assento da minha namorada? Quando ela queria *tanto* se sentar ao meu lado?

Não foi só a revelação da minha mentirinha que fez as minhas bochechas ficarem vermelhas, mas a palavra *namorada* saindo da boca de Henry. Eu me lembrei de quando isso era verdade, de quando ele segurava a minha mão e me beijava. Senti um vazio na boca do estômago com o pensamento e grunhi.

– Ah, para com isso – falei, bufando e meio brincando. – Eu estava tentando fazer uma coisa legal pra você. – Cruzei os braços como uma criança de 5 anos que não conseguiu o que queria. – E esse é o agradecimento que recebo?

Nós continuamos saindo do aeroporto, Henry nos conduzindo, e ele parou apenas do lado de fora das portas deslizantes do terminal, com uma risadinha. Seus olhos procuravam entre os carros estacionados.

– O que foi? – perguntei, revirando os olhos, e não me orgulhei do tom da minha voz. – Não consegue encontrar seu motorista? – Uma falsa

piedade envolvia a minha voz, e eu fiz um biquinho para reforçar. – Está triste porque não pôde jogar dinheiro pro alto e esperar que as coisas simplesmente funcionassem?

Tudo bem, talvez eu ainda não tivesse superado os vinte dólares e estivesse tentando compensar o fato de ter babado no meu ex-namorado.

Ele semicerrou os olhos para mim ao ouvir o comentário, confuso.

– *Eles* arranjaram um motorista para *nós* dois – disse Henry lentamente, corrigindo meu palpite nada sério. Olhou para trás uma última vez antes de apontar com a cabeça naquela direção. – E ele está bem ali.

Um SUV preto. De óculos escuros no nariz grande e um terno completo, o cara parado ao lado do carro parecia ter saído de um filme. Ele estava parado no meio-fio e segurava uma placa na frente da barriga avantajada.

Henry Pressley. Paula Castillo. Blue Eagles de Nova York.

Tentei ignorar o frio na barriga ao ver nossos nomes numa placa. Como se devessem estar sempre juntos.

– Você já teria avistado o motorista se não estivesse tão ocupada tentando discutir.

Henry sorriu ao dizer isso, e parecia que nada poderia fazê-lo discutir comigo. Nada poderia irritá-lo o suficiente para deixá-lo bravo. Nem mesmo minha malcriação idiota.

O motorista se ofereceu para pegar a minha mala, depois abriu a minha porta, e Henry trocou algumas palavras com o homem de preto assim que fui para o banco de trás. Ele se juntou a mim um minuto depois.

– Não vem me dizer o que eu estou tentando fazer – retruquei antes mesmo que ele pudesse fechar a porta.

– Com certeza não – disse ele. – Mas você sabe que essa conversa não estaria acontecendo se você não estivesse com fome.

Ele ainda me conhecia tão bem que era… chocante. Mais ou menos. Parte de mim não ficou nem um pouco surpresa, e isso só me irritou ainda mais.

Eu me virei no assento com uma cara horrível, pronta para dizer mais algumas verdades ásperas na cara dele. Só não fiz isso porque, em vez do sorrisinho malicioso, do brilho provocador que eu esperava encontrar nos olhos dele, Henry segurava uma barra de proteína estendida na minha direção, com uma sobrancelha erguida.

– O que é isso? – perguntei, como uma idiota.

Como se não estivesse escrito na embalagem em negrito e letras maiúsculas.

Alguns fios do cabelo castanho caíram no rosto dele, que inclinou a cabeça como se pensasse a mesma coisa.

– Você está com fome.

Que dedução magistral.

– Eu sou vegana.

Ele girou a barra na mão.

– Eu sei.

E, sinceramente, ele parecia um pouco sem paciência naquele momento. Eu não o culpava, e, de qualquer maneira, só estava olhando para a etiqueta com um V no canto da embalagem.

Relutante, eu a tirei da mão dele, e meu estômago rugiu tão alto que o homem de preto atrás do volante – *Andy* – devia ter ouvido.

– Você anda com isso no bolso há um ano? – perguntei, rasgando a embalagem.

No momento, eu não me importava se fosse o caso.

– Não. – Ele lançou um olhar penetrante na minha direção. – Eu me acostumei a levar comida quando nós dois saíamos juntos, e essa mania meio que ficou comigo. Só passei dos Oreos para… bem…

Ele apontou para a barra na minha mão, que eu já tinha mordido.

– Barras de proteína – falei, terminando a frase dele, com a boca ainda cheia.

Henry tentou reprimir um sorriso e eu tentei fazer uma careta. Nenhum dos dois teve sucesso.

– Então – murmurei, porque meu ânimo de repente melhorou depois da segunda mordida. Como se os últimos vinte minutos simplesmente não tivessem acontecido. – Panquecas veganas. Barras de proteína veganas. Tem certeza de que não mudou a sua dieta?

Henry soltou uma risada, e eu poderia muito bem me acostumar outra vez com aquele som. Ele se recostou no banco, deixando os ombros caírem, e balançou a cabeça, achando graça.

– Só estou tentando fazer você ingerir mais proteína além daqueles míseros 10 gramas que você mencionou – disse ele, com um sorriso.

Aquela barra de proteína sumiu mais rápido do que eu imaginava, e pelo menos as dores de fome, alucinantes e enlouquecedoras, já estavam

resolvidas. Quando nos aproximamos do hotel, eu quase me sentia um ser humano de novo.

– Ei – disse Henry, com a voz gentil e baixa ao meu lado. – Sobre o voo…

Quando olhei para Henry, ele pareceu coçar a nuca só para ganhar tempo.

Eu fizera meu melhor para ignorar o fato de que basicamente o tinha deixado sozinho com o medo – ou, no mínimo, com o desconforto – de voar durante uma hora inteira. Talvez só para não lidar com uma consciência pesada. Porque, se bem me lembrava, eu já estava dormindo profundamente na decolagem.

– Eu realmente troquei de lugar pra te apoiar! – soltei, antes que ele pudesse me acusar de ser uma péssima… amiga e depois me dissesse para não usar no artigo o que ele tinha revelado. Eu não faria isso, obviamente. – Desculpa.

– Desculpa? – perguntou ele, intrigado. – Por quê? O que poderia ter sido mais reconfortante do que você, Paula?

Minha respiração ficou presa na garganta, e foi difícil tentar esconder. *Amiga, amiga, amiga*, lembrei a mim mesma.

– Piadas ruins, estatísticas sobre quão improvável é um acidente aéreo, segurar sua mão pra te tranquilizar! Sinceramente, só estar acordada durante a decolagem e o pouso já teria sido melhor.

Ele bufou e quase riu.

– Na prática você só não precisou ver as minhas palmas suadas e os meus joelhos bambos. Nós dois saímos ganhando. – Senti meu estômago se revirar ainda mais. – Quanto a segurar minha mão pra me tranquilizar…

– Eu não deveria ter falado isso em voz alta.

– A maneira como você se agarrou ao meu braço como se ele pudesse se soltar do meu corpo… – Ele deixou as palavras pairando entre nós de propósito. – Foi muito tranquilizador. Acho que eu até dormi um ou dois minutos.

Meu sorriso ficou tímido, só para distraí-lo do rubor que tinha aparecido nas minhas bochechas.

– Não creio! – falei, num arquejo. – Tudo isso?

O carro parou antes que ele pudesse responder, e o motorista abriu a porta do lado de Henry para sairmos – direto no saguão de um hotel cuja diária parecia custar todo o meu salário no Daisy's quando eu ainda pegava

turnos regularmente.

Fui pegar minha bagagem no porta-malas, mas Henry me segurou pelo ombro só para dar tempo de eu ver que o carregador tinha assumido a tarefa. No minuto seguinte, nossas malas passaram por nós sem que nenhum dos dois levantasse um dedo.

Para falar a verdade, até então eu não sabia se carregadores eram só uma coisa dos filmes – nunca tinha me hospedado em hotéis caros o suficiente para saber.

– Você se acostuma – disse Henry baixinho, respondendo ao espanto no meu rosto.

Ele tirou a mão do meu ombro. Enquanto ele dava ao nosso *carregador* uma gorjeta de vinte dólares, tentei impedir que a minha mente repetisse várias vezes as palavras que ele tinha acabado de sussurrar. A voz áspera, com um toque de diversão.

Mierda. Eu estou muito ferrada.



Eu nunca teria imaginado que hotéis com uma diária de mais de quinhentas pratas poderiam ficar lotados. Nesse dia, aprendi que *poderiam, sim* – e que o nosso estava. O que significava que os nossos quartos ainda estavam sendo arrumados e só poderíamos fazer o check-in depois das três da tarde.

Henry, é claro, não tinha planejado passar um tempo no quarto e parecia quase tranquilo com a pequena mudança de planos.

– Sem problema – disse ele à recepcionista. *Mandy.*

Ele me disse que tinha planejado chegar ao estádio às 11h30, e eu peguei apenas os meus itens essenciais para a entrevista antes de voltarmos para o SUV de Andy.

Eu não tinha ideia de como Henry calculara o trânsito de Nova York em sua programação, mas chegamos ao estádio na hora. Claro que chegamos.

– A sua pontualidade precisa ser estudada – resmunguei com uma leve descrença, colocando o celular de volta no bolso quando chegamos à entrada dos fundos da arena.

A entrada reservada apenas para jogadores, amigos e parentes.

Ele assentiu, numa concordância repleta de sarcasmo.

– Um dos meus muitos talentos.

– A modéstia é outro?

– Exatamente.

Ele segurou a porta aberta para mim, que dava num corredor que se estendia para os dois lados. Assim que a porta se fechou atrás de nós, uma voz mais ou menos conhecida ecoou nas paredes brancas. *Marty.*

Henry parecia esperar encontrar o empresário. E, ao contrário da última vez, não se mostrou incomodado com a presença do homem. Até exibiu um sorriso educado e iniciou o abraço com um tapinha nas costas.

– Paula – disse Marty, me cumprimentando. A luz forte do teto reluzia na cabeça careca. – Que bom ver que você decidiu vir.

O olhar prolongado que ele lançou a Henry me disse que aquilo devia ser muito importante mesmo.

Para Marty, porque o mais novo reforço à escalação deveria assinar os contratos finais naquele fim de semana. Porque ele veria Henry vestido com as cores do time e me teria por perto para escrever um perfil extraordinário que, esperava eu, seria vendido para algum grande veículo de imprensa. A estratégia de relações públicas era mais importante do que nunca nas grandes ligas esportivas.

Para Henry, porque aquele seria o seu estádio por pelo menos um ano, e a ficha provavelmente estava caindo naquele momento. Confirmando que ele tinha trabalhado arduamente pelo que queria e havia conseguido. Que o nosso término devia ter valido a pena, porque, de certa forma, levara à sua contratação por uma equipe da liga profissional de futebol. Ele conseguira.

– O time está na concentração – continuou Marty, voltando o olhar para mim. – Então ele vai ficar com o estádio todo para si. Tenho certeza de que você vai conseguir umas coisas boas. Vai tirar fotos?

Balancei a cabeça, insegura. *Será que eu deveria tirar?*

– Eles me falaram que iriam providenciar.

– Perfeito – falou Marty, batendo palmas de alegria antes de colocar uma das mãos nas costas de Henry e a outra nas minhas.

O técnico dos Blue Eagles nos conduziu até um ponto que revelava todo o campo de futebol.

O local tinha cheiro de grama recém-cortada, e o verde-escuro contrastava tão perfeitamente com as linhas brancas que parecia que tinham

sido pintadas naquela manhã. Mais alguns passos e eu vi os assentos azuis do estádio, todos vazios. Até uma garota aparecer e me pegar tão de surpresa que eu me encolhi.

Henry olhou para mim, preocupado, e ela fez uma careta confusa.

– Oi! – A mulher estendeu a mão para me cumprimentar, depois fez o mesmo com Henry. – Meu nome é Hallie.

As tranças escuras estavam amarradas num rabo de cavalo alto, ela usava uma calça jeans e uma camiseta e era impossível não ver a câmera pendurada no pescoço.

– A fotógrafa dos Blue Eagles – explicou Marty. – Ela vai tirar algumas fotos do Henry para o site e de tudo que vai acontecer hoje. Então, se você quiser, ela também pode tirar algumas fotos espontâneas no campo. Mandar pra você…

Hallie o interrompeu:

– Obrigada, Marty! – disse ela, animada, mas o que parecia querer dizer estava mais para: *Eu posso falar por mim mesma, obrigada.* Ela se virou de novo para mim. – Não vou ficar muito tempo no pé de vocês. Vinte minutos, no máximo. Depois, ele é todo seu.

A atenção dela se voltou para Henry, que estava sendo tratado como um acessório até então. Pelo sorriso dele ao olhar para mim, parecia satisfeito com isso.

– E você fica com o campo, é claro – completou Hallie.

Eu me senti um pouco como se tivesse acabado de ser atropelada por um caminhão cheio de informações.

– Seria ótimo, obrigada. – Foi tudo que eu disse, e esperei que tivesse soado tão educada quanto pretendia.

CAPÍTULO 23



Presente

A camisa azul ficava bem nele. Vestido com ela, Henry contrastava com o verde da grama e combinava com o azul dos assentos enquanto driblava para a esquerda e para a direita. Depois começou a correr, mas ainda estava a uma distância impressionante do gol. Ele colocou a bola na rede com um sibilo que ecoou pelo estádio vazio. Tirei as mãos do teclado para bater palmas.

Mais uma vez, o som ecoou.

E de novo.

Ele repetiu o mesmo exercício umas cem vezes. Drible, corridinha, gol. Drible, corridinha, gol. E a minha intenção realmente era me concentrar na escrita, nas páginas em branco na minha tela e em como eu poderia preenchê-las.

Mas, quanto mais suado ele ficava, mais difícil a tarefa se tornava. Meus olhos ficavam voltando para ele, observando-o se alongar, correr e usar a barra da camisa para secar a testa. A pequena amostra de abdômen que se revelava fazia com que eu me contorcesse no assento, pensando nas maravilhas que se escondiam sob a camisa.

Meu olhar se voltou para ele de novo – e, infelizmente, ele também estava me olhando.

– Como vai a escrita? – perguntou ele timidamente, correndo os últimos metros em direção à futura seção VIP acima da linha lateral, onde eu estava bem à vontade.

Para compensar o fato de que não estava indo muito bem e que ele provavelmente era o motivo, fiz uma piadinha maldosa.

– Me pergunta de novo assim que você começar a fazer alguma coisa que valha a pena colocar no perfil.

Henry pegou a garrafa d'água com uma risada descarada, depois abafou o som ao tomar um grande gole.

Tentei não ficar olhando o pomo de adão dele subir e descer.

Quando tirou a garrafa dos lábios, ele olhou de novo para mim e balançou a cabeça.

– Sinto muito – disse ele. – Estou te entediando, Srta. Castillo?

– Terrivelmente – reclamei, embora tivesse voltado a minha atenção para a tela de novo.

Observei o cursor piscar. Porque eu não sabia muito bem como dizer que *Henry Parker Pressley ficava muito bonito quando jogava futebol* de um jeito que não me banisse de toda a imprensa dos Estados Unidos.

– Você está fingindo trabalhar de novo – comentou Henry, divertindo-se. Fiz uma careta, porque a afirmação era bem precisa. – Vem cá – cantarolou ele, com as sobrancelhas levantadas.

Ele estendeu a mão. Para eu pegar, supostamente.

– O quê? – Meus olhos se voltaram para a tela de novo. – Por quê?

Eu ainda não estava pronta para desistir de alcançar a meta de palavras no meu documento.

– Vem logo, Paula.

– Pra quê?

Apesar do tom irritado na voz, seus lábios se abriram num sorriso largo. Irritado, divertido e lindo.

– Não me faz ir até aí em cima – ameaçou ele. – Estou suado e nojento.

Eu duvidava.

Mesmo assim, fechei o notebook devagar, e o gesto em si já era uma pequena vitória para ele.

– Me fala o motivo – pedi, me levantando.

– Você confia em mim?

– Não.

Mesmo assim, deslizei por baixo do corrimão e percorri os poucos metros até o chão. Sem tirar os olhos dele, fiquei desconfiada quando ele pegou uma das bolas de futebol que estavam na linha lateral. O pavor se acumulou na minha barriga quando caminhamos até a marca do pênalti.

– Chuta.

Virei a cabeça na direção dele de repente.

– O quê?

– Se me observar é chato demais – disse ele com a voz cantada –, é porque você pode muito bem fazer por conta própria.

Balancei a cabeça com tanta rapidez que o estádio ao meu redor ficou embaçado por um instante.

– De jeito nenhum.

Olha, obviamente eu já tinha chutado uma bola na vida. Embora o futebol não estivesse no topo da lista de esportes preferidos da República Dominicana, ainda era bem popular. E, com meu pai me obrigando a aprender a driblar quando eu tinha 7 anos – só para desistir da empreitada um mês depois, porque eu era um caso perdido –, eu já tinha marcado um gol aqui e ali.

Mas isso não significava que eu tivesse que colocar à prova esse conjunto de habilidades *intocadas* bem nesse momento. Num estádio de 25 mil lugares. Com uma das maiores promessas do futebol a poucos metros de distância.

– Paula – choramingou esse mesmo homem ao meu lado, empurrando a bola para os meus pés. – Vamos lá. O que você tem a perder?

Meu orgulho e minha humildade, entre outras coisas.

Ele interpretou meus olhos semicerrados como um *Eu vou fazer isso.* Era óbvio pela maneira como sorria, e ele deu alguns passos para trás a fim de me dar espaço. Depois, estendeu os braços na direção do gol e disse:

– É todo seu.

Então… eu me posicionei para o chute, me esforçando ao máximo para ajustar o ângulo, e fui em frente. Sem tempo para pensar demais.

Eu gostaria de poder dizer que tinha colocado muita força no chute. Que eu não tinha colocado o pé no ângulo certo e que esse foi o motivo pelo qual a bola voou tão de lado que seria difícil pegá-la de volta.

Infelizmente, a bola nem chegou perto da rede. Parou a uns bons 3 metros de distância, rolando lentamente até perder o impulso.

– Bom. – Henry inclinou a cabeça, olhando a cena com curiosidade. – Ninguém pode dizer que você chuta com grosseria.

Nem pensei antes de bater nele.

Um tapinha no ombro e um empurrão de leve, mas me senti vingada. Como ele simplesmente riu, decidi que a minha missão seria marcar o

bendito gol. O fato de ele pensar que eu não conseguiria já era motivação suficiente.

Peguei a bola de volta e a coloquei na marca do pênalti. Mais uma vez, me preparei para o chute, me esforcei ao máximo para acertar o ângulo e… Henry apareceu atrás de mim. Meu foco mudou totalmente.

Que importância tem uma bola quando o corpo dele está encostado no meu?

A mão dele pousava no meu ombro com tanta delicadeza que mal parecia um toque. Henry esperou, como se perguntasse em silêncio se estava tudo bem, me dando tempo suficiente para me afastar caso eu quisesse. Não me afastei.

– Deixa eu te mostrar – disse Henry.

O gracejo de antes tinha desaparecido do tom dele e, embora não houvesse mais ninguém nos milhares de assentos ao nosso redor, sua voz se tornara um sussurro.

Assim que me virei para ele e senti o calor de seu corpo e a calidez de sua voz, percebi que isso tinha sido um erro. Um erro que nos deixara a milímetros de distância, e eu não sabia no que pensar primeiro.

Nas diferentes tonalidades de verde nos olhos dele, que eu estava esquecendo aos poucos? No rosado das bochechas depois de correr? No fato de ele não estar cheirando a suor, e sim a pinho e frutas cítricas – e péssimas ideias?

– Acho que eu consigo chutar uma bola – falei, talvez sussurrando.

Porque não havia espaço para péssimas ideias nessa viagem. Nem depois. Certo?

Algo mudou na expressão dele. A determinação e a diversão no olhar dele sustentaram o meu por mais um, dois, três segundos antes de ele avançar, chutando a bola de onde eu a tinha alinhado com perfeição. Ele correu até estar longe o suficiente. Com a bola sempre ao seu lado.

– Henry! – gritei, e o meu olhar estava de tal forma tomado pela fúria que ele soltou uma risada quando se virou para trás.

Talvez nem tanto assim.

– Se você tem tanta certeza de que sabe chutar uma bola – desafiou ele –, vem pegar.

Ele ficou parado, passando o pé por cima da bola, como se isso tornasse a ideia mais sedutora. Na verdade, me fez cansar da brincadeira.

– Henry Parker Pressley – falei, séria, ainda parada onde ele tinha me deixado. – Você está prestes a ganhar a vida fazendo isso. Eu nunca joguei uma única partida de futebol. Isso é justo?

– Vou pegar leve com você, encanto – disse ele em tom de zombaria, afastando-se alguns passos da bola. Ele ergueu as sobrancelhas e, quando pensei que poderia usar o momento de distração e fingi partir na direção dele, Henry simplesmente deu alguns passos para a frente. Bem devagar. Prendendo a bola sob o pé outra vez, com um sorriso arrogante, ele disse: – Cuidado. A grama foi regada hoje de manhã. Está escorregando.

– Vai se foder.

As palavras escaparam da minha boca. E, pela maneira como a risada dele ecoou pela arena, ele parecia ter gostado daquilo.

Grunhi, olhando para o céu azul da primavera. Não tinha jeito de eu ganhar – nem mesmo de me aproximar dele – jogando limpo. Aquilo era superestimado, no fim das contas.

Sem nem mais um segundo, para não mudar de ideia, avancei em direção a Henry. Ignorei completamente a bola aos pés dele e concentrei toda a minha força em empurrá-lo para ter uma chance. Nossos corpos, porém, viraram uma confusão de membros emaranhados, as minhas mãos seguraram a camisa dele em busca de apoio e eu – *ai, meu Deus*! – o senti cair, enquanto eu caía junto.

Eu ri. Não era o ideal, eu sei, mas não consegui evitar. Rolando de costas, dei tanta risada que posso ter derramado algumas lágrimas, e só notei que Henry também estava gargalhando quando me acalmei por um breve instante.

Quando nossos olhares se encontraram, eu não sabia se o frio na barriga que eu sentia era por causa dele ou da adrenalina correndo nas minhas veias.

A certa altura, tínhamos parado de rir. Henry sorriu para mim, com um longo suspiro ressoando na garganta. Nosso silêncio se estendeu.

– E é por isso que eu gosto – disse ele, engolindo em seco e sem desviar os olhos de mim. A respiração dele soprava na minha bochecha. Henry estava muito perto mesmo. – Por causa da adrenalina, da diversão. Do desejo de vencer, mesmo quando não há nada em jogo. É por isso que eu amo esse esporte.

– Ah – soltei, inutilmente.

Não consegui imaginar uma resposta melhor, já que toda a minha força de vontade estava concentrada em não olhar para os lábios dele. Bem ali, tão próximos e beijáveis que eu poderia entrar em combustão.

– E, a propósito, isso foi uma falta – acrescentou ele, finalmente me tirando daquela terrível situação ao se levantar e estender a mão. – Mas, como eu tenho *fair play*, vou te ajudar mesmo assim.

A mão dele envolveu a minha, puxando de leve e apertando quando eu estava na metade do caminho. Tentei ignorar o formigamento na parte da minha pele que tocava na dele e a sensação de vazio na palma da minha mão quando ele me soltou.

– Eu deveria… – falei, e lancei um olhar para o notebook nas arquibancadas. – Vou ter que escrever isso. O… você sabe. – Gesticulei para ele. – A parte que você falou que é *por causa da adrenalina, da diversão, do desejo de vencer.*

Atravessei o campo correndo como um rato fugindo de um gato de rua. Eu poderia jurar que tinha acabado de bater o *pace* de três minutos por quilômetro de Henry. E, quando cheguei ao meu assento, a primeira coisa que fiz não foi escrever a citação no meu documento, mas gritar abafando o som na dobra do meu braço.

CAPÍTULO 24



Presente

– Sr. e Sra. Pressley, estávamos esperando por vocês.

A frase estava erradíssima e eu não sabia por que parecia tão certa.

Henry não corrigiu o recepcionista de terno que nos recebeu, então eu também não falei nada.

– O quarto é no 16º andar, e as malas estarão esperando por vocês. – O homem nos entregou os cartões-chave e sorriu. – O frigobar é gratuito, e sempre haverá alguém na recepção se vocês precisarem de alguma coisa. Aproveitem a estadia!

Ao atravessarmos o saguão de mármore e esperarmos o elevador, algo me pareceu estranho.

– Ele acabou de dizer *quarto*? – perguntei, atônita. – Tipo, *um* quarto? Um único quarto?

Henry se virou para mim e balançou a cabeça, nervoso.

– Devem ser camas de solteiro, então, com certeza.



Não eram camas de solteiro. A certeza dele estava bem equivocada.

Encaramos a cama king-size como se ela fosse se partir ao meio se a olhássemos por tempo suficiente.

– Bom. – Respirei fundo uma vez, depois mais uma. – Pelo menos, o quarto é lindo.

Tive a impressão de que Henry se encolheu de leve, mas não pude confirmá-la, porque os meus olhos ainda estavam colados na cama de casal, e eu não conseguia parar de pensar em nós dois ali. Henry pigarreou.

– Fica com ela – ofereceu ele na mesma hora, já se movimentando para pegar a mala perto da porta.

– E deixar você dormir no chão? – Balancei a cabeça, seguindo-o pelo quarto. – De jeito nenhum!

Eu só estava ali por causa dele, num quarto como aquele, com pé-direito alto, janelas compridas que chegavam ao chão e uma vista para a cidade de Nova York com a qual as pessoas sonhavam em acordar. O banheiro era tão grande que caberia o meu quarto inteiro nele e a cama poderia acomodar quatro de mim.

Pois é. A cama.

– Imagina só as dores que você vai sentir se dormir no chão. Seu corpo vale milhões… – Eu fiz uma careta. – Eu poderia ter falado de um jeito melhor – admiti. – Mas é verdade.

Os lábios dele, que antes estavam contraídos numa linha rígida, se abriram num sorriso. O rosto, que antes estava duro como pedra, mergulhado em pensamentos, relaxou.

– Ora, muito obrigado, Paula – disse ele com suavidade. – Eu não sabia que ainda valia tanto pra você. – Ele se olhou de cima a baixo e assentiu. – Eu agradeço.

– Eu não disse que vale *pra mim*! – protestei.

– Mas insinuou, não é?

– Não.

Henry fez um biquinho, tentando fingir que tinha ficado magoado, mas sabendo que não estava muito longe da verdade. Ele voltou ao que interessava.

– No chão, não – corrigiu ele. – Vou reservar outro quarto. Você fica à vontade aqui, e eu venho pegar a minha mala assim que falar com a recepção.

Eu gostaria de ter argumentado que: 1) *eu* é que deveria reservar outro quarto – de preferência em outro hotel, porque as diárias naquele ali não iriam apenas arruinar minha conta, iriam explodi-la em mil pedacinhos, de um jeito irreversível; e 2) ele não deveria ter que gastar mais quinhentos dólares por noite por causa do inconveniente que eu era. Mesmo que ele

pudesse pagar.

Henry saiu antes que eu conseguisse expressar as minhas preocupações.

Com um grunhido alto, eu me deixei cair nos lençóis, as pernas penduradas para fora da cama. *Ótimo.* O colchão era celestial, ajustando-se ao formato e ao peso do meu corpo como se tivesse sido feito especialmente para mim.

Assim que me deitei, soube que o meu próprio colchão nunca chegaria aos pés daquele e que eu provavelmente nunca mais dormiria bem nele.

Apesar de não querer me levantar, foi isso que fiz.

Eu me obriguei a tirar os sapatos, escovei os dentes e tirei a calça para pular embaixo dos lençóis só de moletom. Bem quando eu estava ficando confortável, a porta apitou, e Henry estava de volta.

– Sua cara não está nada boa – comentei assim que ele entrou no quarto, o aborrecimento evidenciado na testa franzida. – O que houve?

Ele suspirou, apoiando o ombro na parede e cruzando os braços.

– Nada – respondeu ele, então reconsiderou. – Tudo. Não sei. O hotel está lotado por causa de uma conferência, então vou tentar a sorte num dos outros hotéis das redondezas.

Ele olhou para mim com um sorrisinho torto.

– Mas é melhor você dormir, Paula. Está ficando tarde.

Eu só arqueei as sobrancelhas, perplexa.

– Você tá falando sério?

Henry deu de ombros e continuou como se realmente achasse que eu iria concordar.

– Temos que começar cedo amanhã. Eu te espero no saguão às sete. – Ele semicerrou um pouco os olhos. – *Em ponto.*

Não consegui evitar e caí na risada: uma única explosão.

– Não seja ridículo.

– Não estou sendo.

O rosto dele se contorceu de irritação pela primeira vez desde que tínhamos sido obrigados a voltar para a órbita um do outro, e isso me lembrou a última vez que aquilo tinha acontecido.

Quando ele disse que *não deveríamos fazer isso*, me deixou ir embora e não olhou para trás.

– Temos que estar no estádio às oito. Preciso de tempo para trocar de roupa, me alongar. Depois, os meus advogados vão ter que revisar os

contratos…

A menção aos advogados o deixou visivelmente mais aborrecido.

– Não. – Balancei a cabeça para interromper a tagarelice dele. – Não era disso que eu estava falando. – Com suavidade e hesitante, puxei o lençol do outro lado da cama, chamando-o. – Só… fica aqui.

Eu não poderia deixar Henry Pressley sair noite adentro em busca de um hotel numa área que estava lotada por causa de uma conferência qualquer. Ele provavelmente não encontraria nada, no fim das contas.

Ele me encarou com um milhão de coisas no olhar. Nenhuma que eu conseguisse interpretar.

– Antes que eu mude de ideia, Henry.

Mais um minuto e eu poderia mudar mesmo, porque, quanto mais eu olhava para ele, para o cabelo castanho repartido ao meio e bagunçado por causa do longo dia, para os botões superiores abertos da camisa que ele tinha vestido depois do treino, pior a ideia parecia.

Ele deu um único passo para dentro do quarto e assentiu de maneira quase imperceptível antes de dizer:

– Você sabe que eu vou ter que me arrumar para dormir primeiro, né? – A tensão tinha desaparecido, dava para ver. – Escovar os dentes. Lavar o rosto.

Revirando os olhos só para não encará-lo, imaginei uma noite inteira de agonia. Seu cheiro nos lençóis, o peso do corpo dele no colchão – ele bem ali, e nada que eu pudesse fazer a respeito disso.

– Se você faz questão… – falei, por fim, esperando que ele pelo menos trocasse de roupa e vestisse uma camiseta.

O que me lembrou de outro problema.

– Ah! – Deixei escapar pouco antes de ele fechar a porta do banheiro. Ele pôs a cabeça para fora, com um olhar confuso que me pedia que elaborasse minha interjeição. – Estou com outro probleminha – confessei.

Meus olhos se voltaram para o moletom que eu ainda estava vestindo, e, já que iríamos dividir *um quarto – uma cama* –, eu não podia ignorar esse fato.

– Posso ter esquecido de trazer roupa de dormir.

Meu olhar se voltou para a mala prateada de Henry, depois para a minha.

Eu mal prestara atenção no que fui jogando na mala na noite anterior e,

aparentemente, isso tinha me deixado sem nenhum pijama.

Henry deu uma risadinha.

– Por que não estou surpreso? – Com apenas um olhar na direção da própria bagagem, ele apontou para ela com a cabeça. – Deve ter uma camisa da UHB ali dentro. Eu trouxe só por precaução.

– Pro caso de eu ter esquecido uma camisa? – perguntei, quase rindo com a ideia.

– Pro caso de eu não ficar com a dos Blue Eagles.

Ele fechou a porta entre nós.

Fiquei pensando naquela declaração enquanto pegava a camiseta vermelha na mala dele, arrumada com perfeição.

Será que ainda havia a possibilidade de os Blue Eagles não contratarem Henry? O recrutamento da liga de futebol tinha sido meses antes – eu me lembrava até da data, porque, no dia em que os resultados foram divulgados, eu evitei a internet e a minha necessidade de pesquisar no Google qual time havia demonstrado interesse em contratar Henry. Pode ser que Maeve tenha confiscado meus dispositivos eletrônicos naquele dia.

De acordo com os planos, Henry iria assinar o último contrato no dia seguinte, depois do treino. Então, se ele não assinasse ou eles não o deixassem assinar, o que seria dele? Ficaria sem time? Sem sua carreira profissional?

Claro que havia outras maneiras de entrar na liga profissional além do recrutamento, mas ele não tinha planejado nada assim. Ou será que tinha?

Eu não sabia quanto tempo havia ficado parada no meio do quarto, com a camiseta de Henry embolada nas mãos. Mas foi tempo suficiente para ele voltar e quase me matar do coração quando perguntou, com muita calma:

– No que você tá pensando?

– *Mierda*! – xinguei, mais para mim mesma, dando um pulo e levando a mão ao peito, ainda segurando a camiseta. – Não me assusta assim.

Eu me virei para lhe lançar um olhar furioso, que evaporou no mesmo segundo.

Os olhos dele percorreram o meu corpo no instante em que lembrei que não estava de calça.

Claro que não estava. Eu já tinha me deitado e estava prestes a apagar as luzes depois de um dia que parecia ter durado 48 horas.

Portanto: sem calça. No meio do quarto.

Meu moletom não era grande o suficiente para cobrir todas as partes importantes: ia apenas até os quadris e deixava tudo abaixo das coxas à mostra para todo mundo ver. Principalmente Henry. Que era o único no quarto.

Constrangida, arregalei os olhos e fugi para trás da única porta que havia no quarto. Eu a bati com um pouco de força demais, depois me escondi no banheiro.

Tecnicamente, sim, Henry Pressley já tinha me visto com muito menos roupa. Mas isso foi quando ele não era só Henry, *meu amigo.* Ou Henry, *o cara sobre o qual eu estava escrevendo um perfil.*

Foi quando ele ainda era Henry, *o namorado que eu amava muito.*

Fiquei o máximo possível no banheiro e só saí quando ele já devia estar se perguntando se eu tinha ido embora pela descarga da privada.

Era o que eu queria ter feito.

Ainda sem calça – mas com uma camiseta que cobria muito mais –, corri para o meu lado da cama sem olhar para ele. Só vi brevemente a forma sentada dele no lado da cama que ficava perto da porta, e nem notei o peito exposto, com as cobertas só em cima das pernas.

Também não notei que ele não conseguia tirar os olhos de mim quando os afastou do celular. Isso com certeza foi fruto da minha imaginação. Por causa da privação de sono, dos vestígios da cafeína e do dia de 48 horas.

Ele observou, achando graça, enquanto eu me enfiava sob as cobertas que compartilhávamos e ficava tão perto da beirada da cama que não tinha como fingir que não fosse intencional.

– Podemos construir uma parede de travesseiros – sugeriu ele inutilmente, divertindo-se demais com a situação. – Se você quiser.

Isso não o afeta nem um pouco? De repente, me senti idiota.

– O quê? – Gesticulei como se aquilo fosse uma besteira, como se eu mesma não estivesse a dois segundos de sugerir a mesma coisa. Eu me acomodei melhor na cama, mantendo contato visual constante com a luz vermelha da TV desligada na parede oposta. – Eu dividia uma cama de solteiro com duas primas. Tenho certeza de que podemos dividir uma cama king-size. Certo?

– Certo – concordou ele, e sua voz áspera finalmente atraiu o meu olhar.

Ele tinha se virado para apagar as luzes, deixando os ombros musculosos e as costas definidas viradas para mim. Tive um segundo para me

maravilhar antes que a escuridão nos envolvesse.

Afundei no colchão e me virei para o lado – para a janela com vista para a cidade iluminada que nunca dormia. Eu havia imaginado que provavelmente me juntaria a ela nessa noite.

Um silêncio esquisito dominou o quarto. Eu ouvia a respiração dele atrás de mim, o que significava que ele também me ouvia respirando. Eu sentia cada um dos seus movimentos cada vez que ele mexia o ombro e que mudava a posição do braço. O que significava que fiquei estranhamente imóvel, e ele provavelmente também notou isso.

Puxei um pouco o cobertor, ajeitei a minha posição e gritei para o meu próprio corpo: *Vamos dormir assim, agora, e não vamos acordar até o alarme nos obrigar!*

Henry tinha outras ideias.

– Esqueci que você rouba o cobertor – sussurrou ele no escuro.

Dava para ouvir na voz dele que estava se divertindo, com um sorriso no rosto. Não precisei me virar para saber que estava ali.

Sem querer, também sorri ao falar:

– Meu único defeito. Admito.

Ele soltou uma risadinha, quebrando o silêncio que só tinha sido perturbado pela nossa respiração e pelos nossos sussurros. O barulho fez com que eu me virasse. Queria fazer uma cara feia para ele, mesmo que ele não visse. Só por fazer.

Mas Henry estava mais perto do que eu esperava, o que arruinou por completo meu plano.

– O que é? – consegui sibilar, a voz ainda baixa, como se houvesse mil outras pessoas no quarto com a gente e eu não quisesse acordá-las.

Henry estava deitado de barriga para cima, e eu vi a cabeça dele se virar lentamente para mim, de um jeito quase cruel, antes de ele erguer a sobrancelha.

– Seu *único* defeito, é?

– Não sei o que você está tentando insinuar, Pressley.

Eu queria conseguir parar de sorrir para transmitir melhor a minha ideia.

– Ah, nada. – Ele baixou a voz, revirando os olhos de um jeito exagerado. – Você é um anjo, Paula Castillo. Desculpa.

Bufei.

– Isso mesmo.

Estávamos olhando um para o outro no escuro havia tanto tempo que a minha visão se ajustou. Dava para distinguir os diferentes tons nos olhos dele – escuros, com manchas de uma cor mais forte, quase cintilante. Eu já conseguia enxergar bem o suficiente para perceber a maneira como eles passavam inquietos pelo meu rosto.

O sorriso de Henry não sumiu, exatamente. Parecia que, quanto mais ficávamos olhando um para o outro, mais suas feições e seu corpo relaxavam. Mais confortável ele ficava.

E só notei que o sorriso dele tinha desaparecido quando ele sorriu outra vez. Só um pouquinho, daquele jeito triste e arrependido.

– Paula – disse ele com a voz baixa, e eu não sabia se havia sido intencional, ou se só tinha escapado.

Fiquei com a mesma dúvida quando ele levantou a mão, que ficou parada perto do meu rosto antes de ajeitar de volta o único cacho que tinha escapado do meu coque atrás da orelha. Fiquei com a impressão de que ele não tivera nenhum controle sobre o gesto, assim como meus olhos também não podiam deixar de percorrer os lábios dele de vez em quando.

Os dedos de Henry roçaram minha bochecha de um jeito tão suave que achei que talvez tivesse imaginado o toque. Mas a pele lisa da mão dele era muito familiar, a maneira como a respiração soprava no local parecia muito… real. Eu estava prendendo a respiração até ele finalmente falar.

– Só…

E foi aí que eu expirei tão alto, sem querer, que ele se interrompeu. Com um sorriso.

– Você ainda dorme como uma estrela do mar? Ou já aprendeu a ficar do seu lado da cama?

Soltei uma risada que não pretendia, depois substituí o sorriso por uma careta falsa.

– Eu não precisaria sair do meu lado da cama, *Henry* – falei, com naturalidade. – Se você compartilhasse melhor o cobertor.

– *Compartilhar melhor?* – Ele parecia ofendido pela acusação. Teria ficado com uma expressão ofendida também, se não estivesse se esforçando tanto para evitar o sorriso. – Você já está com dois terços! E ainda nem fechamos os olhos. Não posso compartilhar mais nada sem entregar completamente o cobertor.

– Desculpinhas – disse e suspirei, balançando a cabeça e sentindo o desejo de enfiar o rosto no travesseiro, mesmo que fosse só para evitar o sorriso enorme no meu rosto.

Mas não fiz isso.



Acordei perto do rosto de Henry. Em cima do braço dele. A mais ou menos 10 centímetros do nariz dele.

Ele estava me olhando, depois de desligar o alarme que tinha me arrancado do sono. Normalmente, isso significava que eu iria me virar e fechar os olhos de novo, mas a proximidade me pegou – *pegou o meu corpo* – de surpresa.

Eu estava bem desperta.

– Ah – falei, a voz abafada na pele dele, e senti os músculos se moverem sob mim, a mão de alguma forma no meu cabelo do jeito que costumava ficar. Quando ele começava a me fazer um cafuné que acabava descendo até os meus ombros e depois descia mais um pouco. Ele envolveu o meu rosto com o movimento. – Bom dia.

Acho que ele não estava realmente ciente do fato de que seus dedos dançavam no meu couro cabeludo, num toque leve e involuntário. Ele estava só me observando, os olhos verdes focados.

– Achei que isso seria mais difícil – admitiu, e talvez ele *estivesse, sim,* ciente do que fazia, porque ele acenou com a cabeça para os dedos no meu cabelo.

– O quê?

– Te acordar. – Henry se permitiu uma risada. – Só precisei fazer um pouco de cafuné na sua cabeça e sussurrar seu nome. As coisas não mudaram muito, não é?

Embora fosse doloroso, me afastei e olhei melhor para ele.

– Rá, rá – falei, zombando, com uma expressão de deboche. Ele tirou a mão do meu cabelo e se virou no colchão para me encarar completamente. – Como se o alarme não tivesse sido suficiente para…

– O alarme tocou há cinco minutos, Paula.

Ah.

Então, em vez de me sacudir para me acordar, gritar o meu nome e ter esperança de que eu estivesse acordada quando ele saísse do banheiro, Henry tinha feito o que costumava fazer quando eu me recusava a acordar. Em vez de simplesmente colocar outro alarme e deixá-lo bem no meu ouvido, me acordou delicadamente, passando os dedos no meu cabelo, massageando o meu couro cabeludo, *sussurrando* o meu nome.

Eu me virei de barriga para cima, esfregando os olhos para afastar o sono e soltei um bocejo obrigatório.

– Desculpa.

Henry bufou e, em seguida, se sentou para se alongar em todas as direções possíveis. Ele me deu uma olhada por cima do ombro e, quando se levantou, falou:

– Não foi nada de mais.

CAPÍTULO 25



Presente

Quando estava com Henry, eu parava de pensar. Parava de me perguntar para onde ir e como chegar. *Que horas* chegar. Eu parava de me preocupar, no geral. Eu sempre pude contar com ele para cuidar dos nossos planos.

Até então, eu nunca tinha visto desvantagem nisso.

De volta ao nosso quarto compartilhado, porém, depois de um dia inteiro de advogados, burocracia e três escritórios diferentes espalhados por Nova Jersey e Manhattan, Henry me perguntou o que eu iria vestir à noite, e eu não tinha ideia do que ele estava falando.

De repente, senti que deveria ter perguntado antes sobre os nossos planos para o fim de semana.

– Para a festa de gala – explicou ele. – A festa beneficente da pré-temporada da liga de futebol?

Arqueei as sobrancelhas, como se fosse uma piada de mau gosto que ele logo fosse desmentir. Mas ele simplesmente me encarou, sem um vislumbre de gracejo nos olhos verdes.

– Paula – disse Henry, apenas.

Algo me dizia que eu tinha entrado numa espécie de choque, congelada no meio do quarto, porque…

Uma festa de gala. Aparentemente, o evento beneficente da pré-temporada da liga de futebol. Com outros times, outros jogadores, empresários importantes e mais pessoas com muito dinheiro. A imprensa, provavelmente. Paparazzi e fotógrafos, e Eddie tinha me jogado no tanque de tubarões sem aviso. E sem roupa de banho.

Em resposta à pergunta de Henry: eu não tinha nada para vestir. Havia

me preparado para idas a escritórios e estádios quando coloquei na mala minha calça jeans preferida e três blusas diferentes. Um agasalho para o caso de esfriar.

Nada de vestido chique nem sapatos de salto alto nem as lindas joias de ouro da minha mãe, das quais ela tinha se separado com o coração partido quando fui embora.

– Eu não… – Não conseguia nem dizer as palavras. – Eddie não…

Observar a reação no rosto de Henry ao descobrir que eu tinha esquecido não só a camiseta para dormir, mas aparentemente um vestido e um sapato adequados, me fez corar. As minhas bochechas deviam estar num tom inevitável de vermelho-vivo.

Balancei a cabeça.

– Eu não preciso ir.

A sugestão saiu da minha boca como se fosse a única opção viável. Já eram cinco da tarde. A que horas os bailes de gala costumavam começar? Às sete? Às oito? Não havia tempo suficiente para consertar essa confusão.

Henry engoliu em seco e, pela expressão dele, sua cabeça estava a toda. Ele andou de um lado para o outro em frente às grandes janelas com vista para Midtown. Só uma vez.

– Essa não é uma opção – falou, seco. Quando olhou para mim, ele tinha chegado a alguma conclusão. Eu percebi. – Me dá um segundo. Vou resolver isso.

E, quando eu quis perguntar por quê (uns três segundos depois), ele já estava com o celular na orelha e tinha começado a andar de um lado para o outro de novo. Até que uma voz feminina soou no aparelho. Não consegui ouvir o que ela disse.

– Eu preciso de você – respondeu Henry daquele jeito objetivo dele. – Lembra que eu te fiz andar metade do SoHo ano passado por causa de um vestido? O escuro… Isso, o verde-escuro.

O olhar de Henry encontrou o meu de novo, e ele começou a falar como se quase tivesse se esquecido da minha presença.

Ou talvez só quisesse ignorar meu olhar perplexo e confuso. Semicerrei os olhos, desconfiada.

– Me dá um segundo, Céline – disse ele ao telefone, e depois, a caminho da porta, murmurou um *Já volto* na minha direção e escapou por ali.

Céline.

Aquele nome não me era estranho. Como se ele tivesse mencionado antes ou eu o tivesse encontrado ao analisar cada um dos perfis que ele seguia no Instagram – um dos pontos mais baixos da minha vida, mas, na minha opinião, um estágio inevitável do luto depois do fim de qualquer relacionamento.

E não me arrependo.

Então essa Céline devia ser um caso antigo que encontrei quando estava stalkeando Henry ou um caso mais recente que ele teve depois de mim.

A ideia não deveria ter doído, mas doeu – e muito. De um jeito que me fez querer me jogar na cama celestial, rastejar para baixo das cobertas e nunca mais sair.

Para quem ele ligaria em busca de um vestido? Ele provavelmente queria tanto que ela o usasse que a tinha feito *andar metade do SoHo* para pegá-lo. E agora ele queria o quê? Que eu usasse esse vestido depois dela?

O pensamento parecia objetivamente errado. E, por mais que eu quisesse interagir com jornalistas e pessoas da imprensa que poderiam saber de vagas de emprego de que ninguém mais sabia, não tinha certeza de que conseguiria usar um vestido de outra garota para isso.

A porta apitou, e Henry estava de volta, mas acho que não me movi no tempo em que ele esteve fora. Eu nem sabia ao certo se tinha sido um minuto, cinco ou dez.

– Desculpa – disse ele, passando as mãos no rosto quando se apoiou na porta fechada. – Está tudo resolvido. Começa a se arrumar, que a Céline vai trazer o…

Céline.

Balancei a cabeça de novo. Com força.

– Eu não preciso ir. De verdade – enfatizei, porque não queria explicar que o único problema que eu tinha com um vestido emprestado era quem o usara antes. Que ele podia ter visto outra pessoa usando, que o vestido com certeza ficava melhor nela do que em mim e que ele devia até ter tirado a roupa dela no fim da noite. Que eu queria vomitar só de pensar nisso. – Eu nem sei se a Céline e eu usamos o mesmo tamanho.

Henry franziu a testa, confuso. O maxilar tremeu, e os olhos se semicerraram.

– Desculpa – disse ele mais uma vez, como se não soubesse por que estava pedindo desculpas. – Achei que você quisesse ir. Com a imprensa lá,

você pode fazer networking. Foi só por isso que confirmei a nossa presença depois que soube que você vinha comigo. E…

Ele se afastou da porta e veio na minha direção, parando a poucos metros de distância. Fingi não perceber que eu tinha esperança de ele se aproximar ainda mais.

– Acho que não consigo ir ao baile de hoje sem você.

A confissão ficou pairando no ar, e eu conseguia imaginar os motivos.

– Todo mundo vai querer falar dos seus pais, né?

Henry bufou, e eu sabia que tinha adivinhado corretamente.

– Vou ficar surpreso se encontrarem outro assunto.

Aquela apreensão no rosto de Henry era o motivo para eu ainda não ter mencionado os pais dele em nenhuma das nossas entrevistas. Eu não queria que Henry me visse da maneira que enxergava os outros repórteres que tinham cruzado esse limite na adolescência dele – eu não suportava a ideia de decepcioná-lo se o nome dos pais saísse da minha boca enquanto estivéssemos gravando.

Acho que não consigo ir ao baile de hoje sem você.

Minha respiração ficou presa na garganta, mas eu assenti.

– Está bem – concordei, e o ouvi expirar de alívio. Como se ele estivesse prendendo a respiração. – Mas e a questão do tamanho?

– Que questão do tamanho?

– Como é que você sabe que o vestido da Céline vai caber em mim?

– Da Céline…? – Henry arregalou os olhos. – Ah – disse ele, como se finalmente entendesse a minha apreensão. – Ah, não. Eu comprei esse vestido pra você, Paula. Ano passado. Quando decidi dar o braço a torcer e te convidar para aquela festa de Ano-Novo.

Franzi a testa, um pouco desconcertada.

Eu jurava que fora Athalia que tinha me convidado. E só porque a melhor amiga dela estava namorando uma das minhas amigas.

– Eu claramente não consegui dar o braço a torcer *o suficiente* pra te dar o vestido. Então ele está acumulando poeira aqui. Não se preocupe. Eu te conheço e sei que ele vai caber.



Um modelo sem alça. Um corte sereia sutil. Justo na parte de cima e perfeito como se eu tivesse ido à loja para fazê-lo sob medida. Um belo tom de verde-escuro que parecia quase preto sob a luz fraca. Um colar de ouro sobre o decote do vestido.

E Céline era a assistente pessoal de Henry, que tinha entregado tudo. Vestido. Joias. Sapato de salto alto combinando.

Meus cachos estavam recém-lavados e presos num coque no topo da cabeça, alguns fios caindo na frente e emoldurando o meu rosto. Meus olhos se voltaram para os de Henry no espelho que nós dois estávamos encarando. Ninguém tinha dito nada desde que eu havia saído do banheiro completamente vestida. O terno dele tinha sido feito sob medida, sem dúvida, e eu tentei não ficar pensando se os tons em verde-escuro da gravata eram para combinar com os olhos dele ou com o meu vestido.

– O que foi? – perguntei, porque ele continuava em silêncio. – Vai me dizer que esqueceu como eu fico bonita quando me esforço? – falei, brincando.

– Não esqueci. – O olhar de Henry pousou no meu reflexo de novo, devagar, observando deliberadamente cada curva e cada ângulo do meu corpo no vestido. Aquele que ele tinha escolhido bem depois de termos terminado. – Eu não conseguiria. E acho que você nunca precisou *se esforçar* para ficar bonita.

Eu finalmente me virei para encará-lo e desejei que a maneira como o olhar dele continuava no meu decote não fizesse um calor subir direto pelo meu pescoço. Eu queria que aquilo parecesse uma ofensa, não um elogio. Mas sempre gostei do jeito como ele olhava para mim. Com amor, adoração, desejo. Não era diferente dessa vez.

– Você precisa parar de me elogiar, Henry – falei, com sinceridade.

Eu não sabia se a falta de filtro era graças à confiança trazida pelo vestido ou ao meu nervosismo. Talvez às duas coisas.

– Por quê?

Porque você é meu ex-namorado. Porque concordamos em ser apenas amigos, e essa conversa não tem nada de amigável. Porque me faz corar e faz meu coração pular, e eu não sei até quando vou aguentar isso.

– Porque sim.

Eu não pretendia explicar nada, e Henry sabia disso.

Ele riu, num tom suave e baixo, depois me ofereceu o braço para que eu

o pegasse.

– Se você não consegue me dar um motivo pra parar, não vejo necessidade de fazer isso. Desculpa, não fui eu quem fez as regras – disse ele timidamente. – Vamos, linda.

Ele me soltou por um breve instante assim que entramos na SUV de Andy, mas, quando chegamos ao evento, meu braço se entrelaçou ao dele de novo, de forma natural, e subimos as escadas juntos, sincronizando os passos sem querer.

Henry não tinha deixado que eu me afastasse desde então. Como se eu fosse a tábua de salvação que ele segurava com mais força sempre que alguém mencionava o pai dele.

Cinco vezes, até o momento.

Minha mão continuava apoiada no braço dele enquanto era empurrado de um grupo para outro, e talvez, àquela altura, eu é que o estivesse usando como tábua de salvação. No mínimo para não me perder no agito que era o meio do futebol em Nova York.

Tentei me lembrar da noite ao máximo. O teto de estuque, os enormes pilares nas paredes. Os arranjos de flores. O lustre sobre nós e as pessoas sob ele. Lendas do futebol à esquerda e à direita, jogadores e empresários que eu nunca pensei que conheceria.

A maneira como Henry falava com todos ali, como se ele fizesse parte daquilo.

– Está tão escuro que não consigo ver a aliança. Vocês são casados? – perguntou um homem mais velho com os cabelos grisalhos rareando no topo da cabeça e uma gravata-borboleta um pouco ultrapassada.

O tom dele era amigável, porém. Despretensioso e inocente.

A pergunta não era.

– Ai, meu Deus – falei, e estremeci, balançando a cabeça com vigor. – Não, não. Nós não…

Eu nem sabia como começar a explicar. Se não estávamos juntos, por que o meu braço tinha estado entrelaçado no de Henry o tempo todo? Se ele era meu ex-namorado e eu era a ex-namorada dele, por que motivo nós dois estávamos juntos ali?

Procurei os olhos de Henry em busca de ajuda, mas, para variar, ele parecia estar sem respostas. E isso permitiu que o homem ficasse com as suposições dele. Algo que nos acompanharia pelo resto da noite.

Bem-humorado, o sujeito ficou olhando para nós dois antes de dar um tapinha nas costas de Henry.

– Resolve isso logo, filho. Você vai ficar muito tempo fora ao longo da temporada. A aliança não vai deixá-la se esquecer de você.

Ele deu uma piscadela e se afastou, me deixando constrangida e Henry sem reação.

– Sinto muito – falei, num misto de sussurro e grito. – Eu deveria ter falado… Não sei por que não falei nada.

Eu sabia. Mas também não tinha ideia de como explicar isso a ele.

Henry pigarreou, os olhos dançando pelo salão enquanto ele pensava em alguma coisa.

– Será que não é mais fácil desse jeito?

Eu me virei tão rápido para ele que quase perdi o equilíbrio. Arregalei um pouco os olhos, porque Henry não podia estar realmente insinuando…

– De que jeito?

– Você sabe. – Ele pigarreou e finalmente olhou para mim. – Sem ter que explicar que você é minha ex-namorada toda vez que alguém pergunta. Nem que você está escrevendo um perfil sobre mim e só veio para conhecer outros jornalistas.

Olhei para ele, atônita.

– Você quer que eu…

– Finja que é minha namorada. – Mas ele se corrigiu rapidamente: – Só não negue quando alguém vier com essa suposição. Todo mundo vai supor de qualquer maneira. É só você continuar o que está fazendo.

– Segurando o seu braço?

– É. Ou a minha mão.

Não sei por que o meu coração quase parou quando pensei nisso.

– O que mais? – perguntei. – O que estou fazendo para eles acharem que você é meu namorado?

Henry contraiu os lábios e se apoiou num dos pilares de pedra atrás de si. Minha mão tinha escorregado do seu bíceps para a palma dele.

– Você faz um negócio, que é olhar pra mim e se perder em pensamentos, e eu não consigo me concentrar na conversa porque fico muito ocupado tentando descobrir o que você está pensando. Se é em mim.

– Eu…

Eu não sabia o que dizer, então me calei. Agradeci a Deus pela pouca luz

no prédio, porque o rubor nas minhas bochechas era diabólico.

– Você se aproxima de mim quando alguém que você não conhece entra na conversa. Acho que nem percebe, mas eu percebo. Seu quadril roça no meu ou seu peito pressiona o meu braço, e eu… – Ele fechou os olhos, como se estivesse se lembrando da sensação exata. Sua mão na minha se contraiu, me puxou para mais perto, apenas o suficiente para um único dedo descer pela minha cintura até o quadril. Onde ele parou. – E eu não consigo pensar em mais nada, só em como era bom te sentir embaixo de mim.

– *Henry* – falei, arquejando.

O salão estava girando, e essa era a única coisa da qual eu ainda tinha certeza.

– Você também fica vermelha com muita facilidade. Sempre que eu aperto a sua mão ou olho pra você por mais tempo.

Ou quando ele me dizia, num salão cheio de parceiros de negócios e futuros colegas importantes, que estava pensando em como era bom transar comigo. E quando eu inevitavelmente ficava pensando na mesma coisa.

– Então continua fazendo isso, e ninguém vai nem perguntar se estamos juntos.

Eu achei que seria mais difícil. Mas, assim que me concentrei em agir como namorada, percebi que já estava rindo das piadas dele, ouvindo as suas histórias com atenção, apertando sua mão quando alguém mencionava Felix Pressley.

Eu não sabia se alguma vez tinha parado de agir como namorada perto dele.

Eu sabia que não queria.

Henry me apresentou a um jornalista conhecido, depois a um fotógrafo de uma renomada revista esportiva que era responsável pelas fotos da coluna de futebol. Entre a terceira e a quarta taça de vinho, o cara deixou escapar o fato de que o colunista da revista talvez não sobrevivesse a mais um ano.

Essas foram as duas únicas conversas em que a minha mão não estava na de Henry.

Quando voltamos para o hotel, já devia passar da meia-noite. Henry não me soltou enquanto estávamos no banco de trás do carro nem quando atravessamos o saguão com poucos funcionários até os elevadores. A mão dele segurava a minha com firmeza, como se soubesse que o feitiço da noite

estava prestes a acabar.

Como se não quisesse que isso acontecesse.

Eu o empurrei de leve para dentro do elevador, com um sorriso, quase uma risada, assim que as portas se abriram. Como eu fazia quando chegávamos em casa depois de um dos jogos dele ou ele me pegava após um turno no Daisy's e eu já não aguentava esperar nem mais um segundo para ficar sozinha com ele.

Só que dessa vez não iríamos arrancar as roupas um do outro assim que as portas se fechassem.

Henry olhou para mim como se os pensamentos dele tivessem tomado o mesmo rumo. Como se também se lembrasse da maneira como as minhas pernas envolviam a sua cintura e a cabeça dele afundava entre os meus seios.

Sem se importar com o fato de que um elevador de hotel não era lá muito privativo.

Balancei a cabeça para sair daquele transe e me encostei numa das paredes espelhadas, então dei um suspiro aliviado. Fechei os olhos, mas eu sabia que Henry tinha chegado bem perto de mim. Dava para sentir o cheiro da colônia de pinho. Do xampu cítrico. Das péssimas ideias que sempre pairavam quando ele estava perto.

– Sinto muito – disse ele, com a voz rouca. – Mas vou ter que te elogiar de novo.

Eu sabia que mais cedo tinha dito a ele que parasse com isso. A empolgação da noite, porém, ainda não tinha passado, e isso estava me deixando imprudente.

Ao abrir os olhos, não fiquei surpresa por vê-lo na minha frente. Ele engoliu em seco, e seu olhar percorreu o meu corpo mais uma vez. Parecia mais ousado ao encarar meu decote.

Eu estava tão distraída que nem sabia se já tínhamos apertado o botão do nosso andar. Nem se estávamos em movimento ou se o elevador ainda estava parado no saguão, onde apenas uma porta fechada nos separava dos funcionários.

– Quando comprei esse vestido pra você no ano passado… – começou Henry, passando o dedo com delicadeza ao longo do decote, com cuidado para não tocar na minha pele. – Eu queria tanto te ver no Ano-Novo que pensei que, se te poupasse do peso de decidir a roupa, talvez você fosse à festa.

Eu sorri de um jeito provocante e, movida não sei pelo quê, segurei a gravata dele.

– Você nem me cumprimentou naquela noite – lembrei a ele, brincando com o tecido, afrouxando-a em volta do pescoço. Ele não se opôs. – Está me dizendo que comprou uma roupa pra mim, mas não conseguiu nem dizer um oi?

Henry assentiu. O homem que geralmente era o exemplo de controle e confiança corou e depois me deixou puxá-lo pela gravata para mais perto. Um passo lento após o outro.

– É – admitiu ele. – Não sei se você já percebeu, mas você me deixa nervoso, Paula.

– É?

– Às vezes. Quando você passa um pouco mais de tempo me olhando. Quando toca em mim sem querer. Mais ainda quando toca por querer. – Seu olhar foi até a gravata, na qual a minha mão estava enrolada. – Na festa de Ano-Novo, eu estava nervoso. E você parecia tão feliz que eu não queria estragar isso.

Henry me encarou com aqueles olhos verdes que eu reconheceria entre mil outros pares. Eu quase cedi. Quase esqueci que ele não era meu namorado e que eu não deveria puxá-lo para ainda mais perto.

– Talvez isso tivesse me deixado ainda mais feliz – sussurrei. Meus olhos foram até os lábios dele e depois se desviaram. – Talvez eu tenha esperado por isso a noite toda.

– É mesmo?

Sem tirar os olhos de mim, ele finalmente apertou o botão do 16º andar.

Assenti levemente, e Henry colocou um dos cachos soltos atrás da minha orelha. A mão dele se demorou na minha pele como na noite anterior. E, apesar de termos dividido a mesma cama, com as luzes apagadas, quase nos tocando, isso foi ainda mais íntimo. A maneira como ele engolia em seco, como a respiração falhava e seu hálito soprava no meu nariz.

Eu poderia escrever um artigo inteiro sobre a maneira como ele segurou o meu queixo com o dedo e o inclinou em direção ao dele. Analisando o tremor quase imperceptível da mão, o toque tão delicado que daria para pensar que ele estava com medo de me quebrar.

Mas *eu não estava* escrevendo um artigo sobre como queria que Henry

Parker Pressley me beijasse, me lembrei. Esse era exatamente o contrário da minha tarefa: escrever um perfil sobre ele fazendo o papel da ex-namorada que não gostava mais dele e, na verdade, meio que o desprezava.

Só que, em algum momento, eu tinha esquecido disso. Comecei a gostar e parei de desprezar.

– A gente não deveria…

As palavras foram apenas um suspiro perto dos lábios dele, sem nenhuma convicção.

– Eu sei – assentiu Henry, encostando a testa na minha.

A mão dele deslizou por trás do meu pescoço, me segurando como se estivesse com medo de que eu fugisse.

Ele não sabia que eu mal conseguia me mexer.

– Estou tentando ser sensato – continuou ele, respirando fundo. – Eu pensei que conseguiria lidar com isso, mas pelo visto…

Ele riu, provavelmente porque o que estávamos fazendo não era nada sensato. A maneira como estávamos próximos, quando ele não deveria significar nada para mim e eu não deveria significar nada para ele…

Amigos. Parceiros de entrevista. Jornalista e pauta.

– Mas podemos tentar – sugeri sem entusiasmo, as mãos ainda segurando a gravata dele entre nós. O desejo de colocá-las em outro lugar era tão forte que eu tive que me conter fisicamente. Talvez por isso as minhas unhas estivessem cravadas no tecido. – Ser sensatos, digo. Podemos tentar, né?

Nós tínhamos que tentar.

Pelo bem desse perfil. Pelo bem da minha capacidade de escrever sobre Henry sem pensar em como ele me beijava e me tocava. Já seria difícil o bastante sem recaídas, embora já fizesse quase um ano.

– Podemos tentar – concordou Henry assim que as portas do elevador se abriram fazendo um *plin* agudo.

CAPÍTULO 26



Um ano antes

Abril

Eddie tinha me dado três meses para escrever esse artigo. Eu nunca tivera tanto tempo para nenhuma outra tarefa, e isso só tinha acontecido porque a própria UHB solicitara o tema e que eu o escrevesse.

Isso é raro, dissera Eddie. *A diretoria não costuma fazer esse tipo de pedido.*

E, quando fizeram, era o seguinte: *Apenas cérebros, nenhum glamour: o fardo das universidades da Ivy League.*

A Universidade Hall Beck era uma das melhores do país, sim, mas não era da Ivy League. E eu acho que, com esse artigo, eles estavam tentando… compensar alguma coisa. A falta de status, eu supunha.

– Henry – chamei, sem tirar os olhos da tela, mas o senti desviar a atenção dos trabalhos na mesa e se virar para mim. Eu estava sentada de pernas cruzadas na cama dele. – Você é inteligente e rico – avaliei, sem me dar conta do que estava saindo pela minha boca.

Ele deu uma risadinha.

– Ora, bem, muito obrigado. – Pelo canto do olho, eu o vi inclinar a cabeça, mas continuei concentrada na minha tela. – Mas é preciso um pouco mais do que um elogio para me afastar do estudo – disse ele, brincando, como se eu não soubesse muito bem que nada poderia tirá-lo da cadeira naquela noite.

Pelo menos até que ele fosse para a cama dali a meia hora: às dez em ponto.

Revirei os olhos e finalmente os afastei do parágrafo que eu tinha

terminado de ler.

Ele estava despenteado, com fios castanhos soltos pendendo no rosto. Devia ter passado a mão no cabelo várias vezes, porque estava muito bagunçado. A camiseta folgada que ainda assim ficava meio apertada nos braços atraiu meu olhar por mais um tempo. A calça de moletom cinza era uma visão tão rara que eu não tinha como não amar.

Caseiro, pensei. Essa versão dele era tão caseira que o meu coração ficou quentinho.

– A minha tarefa estava indo numa direção… – falei, e bufei, mas a minha frustração não era genuína, e o sorriso caloroso nos meus lábios revelava isso. – Você é inteligente e rico, Henry – repeti, e dessa vez ele também não conseguiu deixar de sorrir. – Por que não foi pra uma universidade da Ivy League?

– Ah – murmurou ele. – O novo artigo?

Assenti.

– O time de futebol da UHB é melhor do que a maioria das equipes das universidades da Ivy – explicou ele. – Eu conhecia o treinador Hepburn. E tem também a minha irmã.

Henry pensou por um instante e deixou o olhar percorrer o meu corpo. Eu estava sentada na cama dele com uma camiseta velha, o cabelo preso num rabo de cavalo bagunçado e as olheiras provavelmente profundas e escuras. Ele se levantou.

Henry Parker Pressley deixou o trabalho na mesa e deu os dois passos até a cama dele.

– E você estava aqui – murmurou ele, pegando meu notebook e o colocando na mesa de cabeceira.

Ele ignorou os meus protestos e se juntou a mim na cama, chegando tão perto que perdi o fôlego.

Isso ainda acontecia quando eu estava perto dele. Depois de dois anos e meio, Henry ainda me fazia perder o ar e corar.

Balancei a cabeça, que estava a centímetros da dele.

– Você não sabia que eu estaria aqui – comentei, mas a minha voz estava abafada, e eu não soei tão engraçadinha quanto tinha planejado.

– Intuição. – Ele deu de ombros e me seguiu quando me apoiei nos cotovelos até ele estar pairando sobre mim. – Talvez eu soubesse sem realmente saber. Talvez o meu coração tenha seguido o seu, e o seu tenha

seguido o meu. E agora estamos aqui.

– Eu quase fui pra Brown – falei.

– Então talvez eu também fosse pra Brown. – Ele passou os olhos inquietos pelo meu rosto, como se não conseguisse absorver o suficiente do que estava vendo. – Em todas as vidas possíveis, eu tenho certeza de que ainda nos encontraríamos, Paula.

De repente, meu artigo e a pesquisa podiam esperar. Se Henry podia abandonar os estudos para ficar comigo, eu com certeza tinha que fazer o mesmo. Era algo tão raro que eu me perguntei como poderíamos comemorar. Várias coisas me vieram à mente.

Dei uma risadinha. No peito dele. Enterrei o rosto nele por tempo suficiente para sentir a cor das minhas bochechas começar a sumir.

– De onde veio isso tudo? – perguntei.

Eu não sabia se estava me referindo ao elogio, às palavras doces ou ao fato de ele ter saído do cronograma para se juntar a mim na cama. Às quinze para as dez.

– Estou com saudade de você – disse ele, suspirando junto ao meu cabelo.

– Estou bem aqui – sussurrei, sem saber por que estava sussurrando.

– Eu sei.

Ele encostou a testa na minha, e eu senti sua respiração nos meus lábios. Senti as palavras não ditas entre nós.

Mas eu nunca estou realmente presente. Você está aqui, mas raramente temos momentos assim. Quando foi a última vez que ficamos juntos sem estarmos ocupados fazendo outra coisa?

Henry não disse nada disso. Eu também não me atrevi.

– Posso te perguntar mais uma coisa? – falei, quebrando o silêncio, porque não aguentei ficar sem saber o que ele estava pensando, sem saber se os pensamentos dele o levavam na mesma direção.

Henry se afastou um pouco, me olhando por um instante e provavelmente entendendo tudo. Os lábios dele se contraíram.

– Só mais uma pergunta sobre as universidades da Ivy League, Paula. E depois nós dois vamos desligar o cérebro.

Eu ri e assenti.

– Você é inteligente e rico – repeti, e finalmente consegui tirar um sorriso completo dele.

O ar pesado entre nós se dissipou, e eu quase expirei alto de alívio.

– Já concordamos nessa parte.

– Você acha que eu poderia entrevistar alguns dos seus amigos inteligentes que não estudam na UHB? – Ele com certeza conhecia gente suficiente nas universidades da Ivy League para me oferecer alguns nomes. – Amigos que talvez estudem em Harvard, Yale ou Brown.

Henry beijou a ponta do meu nariz, a minha bochecha esquerda e depois a direita. Ele se aproximou dos meus lábios e voltou a me encarar.

– Claro.

CAPÍTULO 27



Presente

O que aconteceu em Nova York ficou em Nova York.

E Henry e eu levamos nosso acordo muito a sério. Nada de toques sem querer, nada de esbarrões por acidente. Pelo menos 1,5 metro entre nós.

Até a mão dele escorregar do apoio de braço para a minha perna trinta minutos depois da decolagem. Ele estava dormindo havia uns vinte minutos. Fiquei tensa, tentei não tirar os olhos do documento que eu estava atualizando com o material do fim de semana e me esforcei para seguir em frente.

Mesmo com o toque dele queimando o tecido da minha calça jeans.

Amigos, lembrei a mim mesma. Tínhamos recaído em velhos hábitos na noite anterior e não deveríamos ter feito isso. Nós dois concordamos que tentaríamos.

Esquecer. Ficar longe um do outro.

Por trás do volante do carro dele, Henry deu uma olhada em mim. Estávamos quase chegando em casa.

– Obrigado – disse ele do nada.

Franzi a sobrancelha. No mínimo, eu é que deveria agradecer a ele. Não é? Apesar do contratempo da véspera, eu tinha conseguido materiais ótimos e conexões ainda melhores no fim de semana. Coisas que eu nunca teria sem ele.

– Pelo quê? – falei.

Ele deu de ombros.

– Por ir comigo?

Era mais uma pergunta do que qualquer outra coisa, e eu não tinha

certeza de que ele sabia a resposta.

– Você nem queria que eu fosse – observei, com uma risadinha, a cabeça apoiada na janela enquanto passávamos pelas ruas cujos nomes eu estava começando a reconhecer.

– Isso é… – disse ele, contemplativo e hesitante. Por um segundo, pensei que Henry poderia estar perto de baixar a guarda, de dizer alguma coisa sem pensar. Algo inédito! – Isso não é verdade – continuou ele. – Foi legal, sabe? Ter você por perto. Mesmo que não fosse pra você estar lá.

Ele franziu a testa.

– Henry Parker Pressley! – falei, arquejando, e então abri um sorrisinho sem querer. – Você acabou de admitir que as coisas podem ser boas, mesmo que não sejam como você planejou?

Ele parou o carro no meio-fio e me lançou um olhar exasperado.

– Estou falando sério – continuou, embora não estivesse sério. – Estou feliz por você ter ido.

Henry saiu do carro, deu uma corridinha para contorná-lo e abriu a minha porta. E, ao ver seu sorriso aumentar e suspeitar que eu fosse o motivo, só consegui pensar que eu tinha feito uma boa escolha.

Em relação ao perfil. Em relação a ir a Nova York. Em relação a *topar tudo* – o que quer que isso significasse.

Essas eram as primeiras boas escolhas que eu tinha feito em algum tempo. Depois de uma série de escolhas ruins (ou apenas de uma *muito* ruim).

Parei na entrada de casa e acenei para ele me entregar a minha mala. Relutante, ele a deixou no chão aos meus pés, franziu a testa e olhou para mim.

– A mala não está pesada – argumentei.

– Mesmo assim.

Revirei os olhos de um jeito teatral, mas sorri.

– Obrigada. – Me lembrando das palavras dele no carro, acrescentei: – Eu também gostei de ter ido.

E tinha gostado mesmo. E não só porque era isso que o fizera chegar tão perto que eu tive que inclinar a cabeça para fazer contato visual. Alguma coisa reluzia no verde dos olhos dele.

Henry bufou, hesitante. Ele estava ciente de que este era o momento em que ele deveria se virar e voltar para o carro. Em que eu deveria me despedir

e entrar.

Não fizemos nenhuma das duas coisas.

E, embora não tivesse certeza do que queria, eu sabia que *não queria* sair dali. Que não queria perder a proximidade do corpo alto nem o cheiro suave de frutas cítricas que a brisa soprava na minha direção.

Apesar do que tínhamos dito à noite, eu não queria que ele fosse embora. Talvez pela maneira como o sol brincava no cabelo dele, quase fazendo-o parecer loiro sob aquela luz. Pela maneira como ele quase fechava os olhos, franzindo o nariz e contraindo os lábios. Pela maneira como ele parecia o *meu* Henry, só por um instante.

Desviei o olhar rapidamente. As minhas bochechas estavam mais vermelhas quando eu finalmente virei a cabeça e Henry pigarreou como se também não soubesse o que fazer ou dizer.

Eu queria gritar *Vai embora!,* mas, na verdade, não queria que ele fosse.

Meu olhar vagou ao nosso redor, tentando desesperadamente encontrar outro foco que não aquele 1,80 metro que jogava futebol no time da faculdade e continuava olhando para mim. Então me concentrei no carro dele, depois na árvore a alguns metros de distância, ignorando-o por completo, e em seguida… Bem, *constatei* que deveríamos cuidar melhor do nosso jardim e da vida selvagem que o habitava. As flores ao lado da casa estavam murchas, os arbustos em frente às janelas não tinham folhas e três pares de olhos me encaravam do outro lado do vidro.

Peraí. O quê?

Meus olhos pararam no ponto em que a cabeça das minhas três colegas de apartamento aparecia na janela. As três não se mexeram, mesmo depois do contato visual prolongado. Mesmo depois de eu fazer uma cara feia para deixar óbvio que elas tinham sido flagradas. Só ficaram paradas onde estavam, nos observando.

E, uma vez que a minha atenção tinha se voltado para elas, Henry parecia curioso para ver o que atraíra o meu olhar. Ele se virou na direção delas.

Isso não pode acontecer.

Agi sem pensar e, de repente, meus braços envolveram seu corpo, minha cabeça afundou em seu peito, e então eu o encarei com olhos tão arregalados que parecia que iam explodir.

Adeus à ideia de ficarmos longe um do outro.

Virei as costas dele para as garotas demoníacas em meio ao abraço.

Um abraço muito constrangedor.

– Ah – escapou da boca dele, e fiquei surpresa ao sentir os braços dele em volta dos meus ombros mesmo assim. – Você está *tão* grata assim? – perguntou ele, brincando, depois apoiou a cabeça na minha.

Isso me fez querer entrar em combustão: estar apoiada no peito dele, sentindo as mãos dele em mim, os braços fortes ao redor do meu corpo, sendo obrigada a sorver o cheiro dele.

Pinho, frutas cítricas e péssimas ideias. *Sempre essas ideias*.

– Eu deveria te levar mais vezes, né?

Ele murmurou as palavras no meu cabelo, e eu não tive certeza de que queria que eu as ouvisse. Mas ali estava Henry Parker Pressley, e ele sempre sabia exatamente o que estava fazendo.

Eu também lembrei que ele era meu ex-namorado. Que não deveríamos estar tão perto menos de 24 horas depois de combinarmos o oposto. Mas parecia impossível ficar longe dele. Sempre que eu pensava nisso – nele longe –, meu peito doía, meu estômago se revirava e eu percebia que sentia muita saudade. Tanta que poderia começar a chorar se não tirasse da cabeça essas lembranças de nós dois sendo mais que *amigos*.

A maneira como ele brincava com os meus cachos, enrolando cada um no dedo depois que eu os lavava para ter certeza de que ficariam bem definidos. A maneira como insistia para que eu o ensinasse espanhol e ficava adoravelmente desconcertado toda vez que pronunciava uma palavra errada. A maneira como me abraçava quando eu sentia saudade de casa – como os dedos dele acariciavam minhas costas até eu parar de chorar, como ele massageava o meu pescoço e segurava o meu cabelo quando o choro inevitavelmente levava a uma enxaqueca.

De todas as maneiras que uma pessoa poderia sentir falta de alguém, eu sentia falta de Henry.

O que era absurdo, porque eu estava *literalmente* nos braços dele.

Mas aquele era o Henry ex-namorado/do perfil/amigo. Não Henry, o namorado. Nem Henry, o namorado de mentirinha da noite anterior.

Isso fez com que eu me afastasse dele tão rápido que quase tropecei nos meus próprios pés.

– Desculpa – falei depressa, pigarreando e tentando me controlar ao menos até conseguir entrar em casa.

O que aconteceu logo, porque peguei a mala do chão e corri para dentro de casa, com apenas um grito de *Até mais!* por cima do ombro.

Ao entrar, me recostei na porta, como se ela fosse tornar a se abrir se eu não fizesse isso.

– Que abraço ardente! – gritou Riley de onde elas estavam assistindo ao meu suplício.

E eu quis muito rir do comentário dela. Mas o que saiu dos meus lábios foi mais um soluço. Um estranho misto de riso e choro que só poderia ser interpretado como riso se você fechasse bem os olhos e tapasse os ouvidos. Só assim.

Entre lágrimas, eu conseguia ver vagamente as minhas três colegas de casa entrando em ação, preocupadas, e Maeve indo atrás de Henry, provavelmente para dar um soco nele. O que não era uma boa ideia, porque ele não tinha feito nada de errado, exceto ser um bom namorado até terminar comigo – tanto que eu ainda sentia saudade dele um ano depois.

Eu a segurei pelo braço, balançando a cabeça e tentando rir em meio às lágrimas para dizer algo como *Não é tão sério!*. Eu devia estar ridícula. Tínhamos terminado havia tanto tempo, e eu decidira sentir saudade dele *àquela altura?*

Pelo menos em parte, isso estava acontecendo por termos agido na véspera como se ainda fôssemos namorados, nos tocando e quase nos beijando.

– Ah, querida – me tranquilizou Maeve, me puxando para um abraço que só me fez lembrar de Henry de novo e arrancou outra risada estranha e soluçante da minha garganta. Mesmo assim, relaxei ao toque dela e finalmente soltei a mala que ainda estava segurando. – Está tudo bem – disse ela. – Você nunca deixou de sentir saudade dele, não é?

As palavras me atingiram direto na boca do estômago e, em vez de soltar outro grito de partir o coração, eu grunhi. Tão alto que acordei Pip no sofá, que se levantou e olhou na nossa direção com os olhos arregalados.

– Por quê? – perguntei, desesperada para superá-lo ou voltar para ele, o que fosse preciso para que esse sentimento idiota no meu peito desaparecesse.

Maeve se afastou um pouco, deixando as mãos nos meus ombros e olhando bem no fundo dos meus olhos. Um sorrisinho surgiu nos seus lábios e ela inclinou a cabeça.

– Você amava o cara, Paula. Isso não some do nada.

Se me concentrasse nos olhos castanhos de Maeve por muito tempo – na compaixão, na compreensão e no amor que havia ali –, eu começaria a chorar de novo. Então observei Pip pulando da almofada no sofá, passando calmamente pelas outras meninas e se plantando bem aos meus pés. Ela olhou para mim com curiosidade, miou muito alto e depois se esfregou nas minhas pernas até eu pegá-la no colo.

Engoli em seco, e a última lágrima escapou dos meus olhos. Pip deve ter achado isso muito interessante. Ela inclinou a cabeça, seguindo o rastro da lágrima com os olhos, e cheirou o meu rosto, antes de se inclinar ainda mais para mim. Ela lambeu a minha bochecha com a língua áspera. Uma vez. Duas vezes.

Os gatos amam sal.

Soltei uma risada trêmula e olhei hesitante para as minhas colegas de casa.

– Foi mal – falei, e ri, meio sem graça. – Não sei de onde veio isso.

Laila parecia a dois segundos de chorar junto se eu não conseguisse me recompor. Riley sorriu e inclinou a cabeça, como se dissesse: *Está tudo bem.*

E Maeve só me ofereceu aquele sorriso triste e cúmplice quando se afastou para apontar para o alto da escada.

– Vamos subir também daqui a um minuto, querida – disse ela. – Noite das meninas?

Laila praticamente vibrou com a sugestão.

– Noite das meninas? – repetiu ela, lançando um olhar esperançoso para todas nós. – Estou mesmo precisando – murmurou ela para si mesma.

– Por quê? – perguntou Riley, não de um jeito ácido, mas divertido.

– Vocês sabem que eu odeio quando vocês ficam chateadas – protestou Laila, cruzando os braços, como se Riley devesse saber disso.

Ela sabia.

Dei uma risadinha, ainda com Pip nos meus braços, e assenti.

– Noite das meninas.

CAPÍTULO 28



Presente

Eu tinha me recuperado. Do meu momento de fraqueza. Do pensamento – *do medo* – de que eu talvez nunca conseguisse superar Henry.

Mas percebi que dali a poucos meses nunca mais tornaria a vê-lo. Nós nos formaríamos, ele se mudaria para Nova York e eu estaria Deus sabe onde. Eu só poderia encontrá-lo quando ligasse a TV ou se pesquisasse o nome dele no Google. Ou se não deixasse de segui-lo no meu perfil fake.

O problema iria se resolver sozinho.

Até então, ele era uma pauta: um *amigo*. E daí se eu queria escalar o homem como se ele fosse uma árvore? Eu tinha idade suficiente para controlar os meus impulsos e não fazer nada quanto a isso. Admirar de longe.

Nada poderia me deixar mais longe do que agendar a entrevista seguinte com a irmã dele, e não com ele. Não achava que os dois fossem muito próximos. Pelo menos não tinham sido nos últimos anos.

Eu havia encontrado Athalia algumas vezes, mas nunca por causa de Henry. Primeiro no Daisy's, onde ela pediu um café e não ficou surpresa em ver o próprio nome no copo para viagem, mesmo não tendo me falado. Depois, aqui e ali, em uma festa ou outra – meio embriagadas todas as vezes. Na quarta vez, fiquei em dúvida se ela ainda não me conhecia ou se só não se importava o suficiente com a garota com quem seu irmão gêmeo estava saindo.

A última vez que a vi – antes do nosso rápido encontro no Daisy's semanas antes – tinha sido quatro meses antes, na festa de Ano-Novo dos Pressley, em algum lugar nos Hamptons. Tínhamos conversado,

principalmente porque a melhor amiga dela, Wren, tinha começado a namorar Laila.

Estávamos na órbita uma da outra havia algum tempo, sem nunca realmente nos cruzarmos. Mas isso não a impediu de me cumprimentar como se fôssemos melhores amigas fazia anos.

– Paula! – cumprimentou Athalia, animada, o cabelo castanho caindo pelas costas em longas ondas e os olhos verdes arregalados de surpresa.

Provavelmente porque ela não perguntou quem era pelo interfone, e eu sabia por Henry que Athalia cuidava dos próprios compromissos do mesmo jeito que eu: muito mal.

– Entra.

Ela me colocou para dentro do loft, que ficava do outro lado da rua da casa de Henry.

– Desculpa por tocar a campainha com tanta insistência. – Tirei os sapatos e a segui até a sala de estar, onde ela deu um tapinha no lugar ao lado dela no sofá de couro. – Eu só não queria esbarrar com… ninguém – expliquei, afundando nas almofadas.

– *Ninguém*, certo – brincou Athalia, a malícia se espalhando pelas feições da mesma forma que acontecia com Henry. Seus olhos verdes se voltaram para a janela. – Se estivermos com sorte, vamos ver *ninguém* espiando sorrateiramente pela janela dele – disse ela com naturalidade, me lançando um olhar arrependido.

– Como é que ele iria…?

– Saber? – adivinhou ela. – Eu contei a ele que você está aqui. Desculpa! Meio que escapuliu quando ele não parava de falar sobre eu não ter nenhum plano pro futuro, e eu gritei para ele: *Bem, a sua namorada está nos meus planos pra hoje.* – Ela estremeceu. – O que levou Henry a uma espiral de explicações sobre como e por que vocês dois não são… você sabe. – Ela parou de divagar e voltou o olhar para mim outra vez. – Mas o mais curioso é que ele sabia que eu estava falando de você.

– Ah – falei, apenas. – Bom. – Era *mesmo* curioso, mas eu não podia dizer isso. Pigarreei e tentei mudar de assunto sutilmente. – Como vocês estão?

Eu tinha feito a mesma pergunta a Henry algumas semanas antes, mas senti que podia obter uma resposta melhor da irmã dele. Athalia era muito mais falante e muito mais propensa a entregá-lo.

Ela suspirou e jogou a cabeça para trás, batendo-a no sofá.

– Melhor. – O mesmo que Henry tinha dito. – Numa reviravolta estranha e inesperada, namorar Dylan, na verdade, colocou o meu relacionamento com Henry na direção certa. Ele odeia tanto meu namorado que começou a se importar comigo! Você acredita nisso?

Athalia riu, mas os olhos continuaram fechados enquanto ela balançava a cabeça.

– Acredito demais – falei, achando graça.

Coloquei meu celular entre nós duas, caneta e papel no colo, e não consegui fazer nem metade da pergunta seguinte antes que os olhos dela se abrissem de repente, encontrando os meus. Ela se endireitou no sofá, e eu me detive.

– Espera, desculpa. Sem querer interromper, mas já interrompendo, é melhor eu só… – Ela se virou totalmente para mim. – Preciso saber isso, senão não vou conseguir dormir de noite.

Embora seus olhos estivessem fixos no gravador do meu celular, ela não pareceu se importar.

– Ele se desculpou, afinal? – perguntou. – Por ser um idiota avoado que não consegue entender os sentimentos das pessoas nem se a vida dele depender disso?

Franzi a testa. Eu não tinha a menor ideia do que ela estava falando.

Athalia entendeu minha reação e se explicou:

– Eu tenho que ser menos enigmática, entendi. Deixa eu tentar de novo. Henry se desculpou por… não considerar os seus sentimentos ao fazer isso? O perfil, as entrevistas, o tempo cara a cara.

Entendi imediatamente. Eu me lembrei de como, algumas semanas antes, ele de repente tinha pedido desculpa por não ter levado isso tudo em consideração.

– É claro que ele não pensou nas consequências disso tudo – falei, e suspirei, jogando a cabeça para trás como se eu já soubesse como ele era.

E eu sabia mesmo. Henry não tinha nenhum traço de empatia.

– Claro que não – concordou ela, orgulhosa. – Levei uma hora inteira pra explicar a ele, depois foi mais uma hora de caretas, porque ele percebeu que eu estava certa. E… era óbvio, não? – Athalia franziu o nariz como se não conseguisse acreditar que o irmão tinha duvidado dela. – E claro que ele se sentiu um babaca depois, mas só porque é mesmo!

Não consegui evitar um sorriso. Os gêmeos eram totalmente opostos, e eu adorava isso. E a adorava.

– Desculpa, em geral eu sei calar a boca – acrescentou Athalia, parecendo perceber isso sozinha.

– Sinto que a gente deveria ter se encontrado assim há muito mais tempo.

As palavras simplesmente me escaparam com tanta sinceridade que eu mesma fiquei surpresa com elas.

Athalia assentiu de um jeito solene, e a franja dela caiu no rosto.

– Eu não acredito que você ficou com o Henry por mais de dois anos e ele nunca teve coragem de apresentar a gente. – Parecia que ela realmente se sentia ofendida. – Não somos muito próximos desde… Você sabe. – O sorriso fácil desapareceu. – Mesmo assim… ele deveria ter apresentado a irmã à namorada, né?

– Eu sempre achei que ele poderia ter… – Por um instante, hesitei, mas então pensei: *Foda-se.* Nós estávamos compartilhando coisas. Criando um laço. Acho. – Você sabe… que ele poderia ter vergonha porque eu não sou uma garota branca e rica com dinheiro de família. Talvez ele não quisesse que você soubesse…

– Ai, meu Deus. – Athalia balançou a cabeça e nem me deixou terminar a frase. – O problema nunca foi você, Paula! Confia em mim. Henry e eu estamos esquisitos um com o outro desde o acidente. Nós nunca conversamos. Nunca compartilhamos coisas pessoais. O fato de você nunca ter me conhecido provavelmente significa que ele se importava demais com você e não queria que eu estragasse tudo. – Ela riu sem entusiasmo. – Henry tem esse jeito meio estranho e doentio mesmo. Não se preocupa com isso. *Por favor.*

A sensação na minha barriga, que se espalhava pelo meu peito e talvez até pelas minhas bochechas, foi inesperada. Não pensei que esse pensamento estivesse pesando tanto na minha mente, mas fiquei aliviada. Aliviada além das palavras.

– Ele falou de você – comentei. Os olhos de Athalia se arregalaram, como se ela realmente não esperasse por isso. – Algumas vezes. Eu sei que você gostava de andar a cavalo quando era mais nova. Que odeia rosas porque ele acidentalmente te empurrou numa roseira. Ele não teria vindo pra UHB se você não tivesse entrado também.

– Porra. – Athalia expirou com força. Seu rosto desapareceu entre as mãos. – Eu não acredito que existe um lado do Henry que eu nem conheço. – Ela tirou as mãos do rosto. – Quer dizer, eu *acredito*. Mas mesmo assim. É…

– Esquisito – completei, e ela bufou em concordância.

Eu não sabia ao certo em que ponto isso nos deixava, mas, com o segundo momento de silêncio entre nós, aproveitei a oportunidade para voltar ao motivo da visita.

– Enfim – comecei. – Agradeço por você aceitar fazer esta entrevista. Se for minimamente parecida com o seu irmão, sei que você não deve gostar de entrevistas.

– Odeio – corrigiu Athalia rapidamente. O sorriso repentino no rosto dela não combinava com o tom seco. – Mas não se preocupe. Qualquer coisa pelo Henry.

Quando fui concordar, percebi que lá vinha outra digressão.

– Ah! Por alguns meses, eu realmente achei que você tivesse traído o Henry. E ele também! Você sabia disso? – perguntou ela, como se quisesse me retribuir pelo que eu tinha contado a ela sobre o irmão.

– O quê?

Esquece a entrevista por um instante. O quê?!

Athalia assentiu, séria.

– Pois é! – concordou ela, parecendo até mais indignada do que eu. – E tudo porque ele te viu com o McCa… Com o *Dylan*. Foi literalmente isso.

Como éramos vizinhos, não seria nenhuma surpresa sermos vistos juntos. E eu posso ter desabafado com o Dylan sobre o nosso término – porque quem seria melhor para falar mal do meu ex-namorado do que o inimigo declarado dele?

Mas…

– Isso que eu chamo de tirar conclusões precipitadas – falei, ainda juntando as peças.

– Ah – disse Athalia, rindo. – Ah, ele tirou mesmo. – Ela ergueu as sobrancelhas como se tivesse acabado de se lembrar de outro assunto importante sobre o qual precisava falar *naquele momento.* Enquanto os segundos de gravação passavam. – E o que aconteceu com o tal do Jack?

Isso me pegou de surpresa, tanto que até me afastei dela um pouco ao ouvir o nome.

– Quando você disse que você e o Henry estão mais próximos agora, não pensei que estivessem *tão* próximos assim. Ele te conta tudo agora?

– Só as coisas que ele não pode falar com mais ninguém. Tipo sobre você. Ou os caras com quem você está saindo.

– Eu nunca saí… – Eu me interrompi. – Ele falou com você sobre isso?

A única resposta foi um sorriso descarado. Como se não houvesse nada melhor no mundo do que fofocar sobre o irmão com a ex-namorada dele. Talvez não houvesse mesmo.

Infelizmente, eu estava ali para trabalhar. E percebi que o único jeito de conseguir alguma coisa útil dela era fazer um acordo.

Uma informação da infância dele com Athalia em troca de uma informação que ela talvez não soubesse. E assim seguimos durante uma hora.



Mais tarde, quando Maeve e eu ouvimos o material como se fosse um podcast, fiquei tentada a ouvir tudo mais uma vez, só para ter certeza de que não tinha perdido nenhum detalhe interessante.

– Meu Deus – disse a minha amiga, esparramada ao meu lado na cama, e suspirou, os olhos no teto. – Athalia é incrível mesmo. Estou com um pouco de inveja pelo McCarthy ter tirado a garota do mercado antes que eu tivesse essa chance.

Dei uma risadinha.

– Vocês duas seriam fofas juntas.

– Um casal totalmente poderoso – concordou ela, assentindo. – Afinal, em que ponto você está com isso? – perguntou, apontando para o meu notebook, que estava aos pés da cama.

– Já falei o suficiente com o Henry – concluí, dando de ombros. – Já vi bastante coisa. – E definitivamente não estava falando isso só para adiar a possibilidade de vê-lo pela primeira vez depois de Nova York. – Tive a oportunidade de conversar com o técnico Hepburn no jogo outro dia e com os amigos dele depois. Eu deveria assistir a mais um jogo dele nas arquibancadas, só para entender o Henry melhor. No campo, sabe?

Eu preferia a ideia de observar Henry de longe, para que não tivéssemos que interagir.

– Depois disso, vou começar a escrever o primeiro rascunho. O que me deixaria com tempo suficiente para conseguir mais material, caso o Eddie considere o texto… insuficiente.

Maeve piscou, meio perplexa.

– Você fez um plano? – perguntou ela, como se isso fosse impossível. – Tipo… se programou? Em vez de ir escrevendo de improviso, conforme avança?

– Isso é meio um falso elogio, né? – respondi, com ironia.

– Bem…

– Por que todo mundo acha que eu não sou capaz de me organizar? – grunhi, definitivamente alto demais.

Era como se Maeve tivesse me acusado disso, e não que fosse algo que as minhas próprias inseguranças repetiam na minha cabeça.

Ela olhou para mim como se soubesse disso.

– Paula. – Revirou os olhos, brincando. – Ninguém pensa isso de verdade. E mesmo que alguém pense… Quem se importa? Você sabe como trabalha melhor, e se for sem um plano, fazendo tudo de um jeito caótico… – Lancei a ela uma cara feia que não foi intencional. – Então tudo bem. Contanto que você consiga fazer as coisas.

Eu gostaria de poder compartilhar esse sentimento, acreditar em mim mesma – nas minhas habilidades e na minha resiliência – tanto quanto as outras pessoas acreditavam. Até Marty parecia impressionado. *Animado, até,* com a perspectiva de *eu* escrever sobre um dos jogadores *dele*. O pensamento ainda parecia estranho.

Mas por quê? Como é que as outras pessoas, algumas das quais eu mal conhecia, tinham mais fé em mim do que eu mesma?

Eu, a pessoa que tinha destruído as expectativas dos pais e mudado de curso porque sabia que seria melhor em outra coisa.

Eu, que recebia um artigo atrás do outro no *Post*. Que tinha escrito para o *The New York Times* quando ainda era aluna da graduação.

Eu, eu, eu.

Eu tinha feito tudo isso. *Eu*. E, por algum motivo, achava que nunca mais conseguiria fazer de novo.

E decidi que algo precisava mudar.

CAPÍTULO 29



Presente

Fui ao jogo seguinte da UHB, e acho que nunca tinha sentido tanto medo de assistir a uma partida na vida. Sem ter um motivo real para isso, eu estava totalmente apavorada.

Henry não tinha ideia de que eu estaria lá, porque eu não dissera nada a ele. Afinal, precisava observá-lo no seu habitat – e ninguém agia naturalmente quando sabia que um jornalista estava por perto.

Então vasculhei meus acessórios até encontrar o único boné que eu nunca tinha usado, vesti uma camiseta e uma calça jeans e fui para o jogo. Com o fim da temporada, era só mais um amistoso. Dessa vez, no nosso campo, com o sol da primavera terrivelmente quente. O verão estava tão perto que dava para sentir o cheiro no ar, vê-lo no céu e nas árvores. Senti-lo no sol que tocava a minha pele.

E eu mal podia esperar.

Ao contrário dos verões em casa, que eram quentes demais, barulhentos e cheios de coceira, o verão na Costa Leste era quente, calmo e tranquilo. O que eu preferia mil vezes.

Semicerrei os olhos contra o sol da primavera e observei Henry correndo em direção ao campo. A julgar pela maneira como ele se posicionou, percebi que estava ansioso para entrar.

Aparentemente, o treinador só tinha considerado isso necessário no segundo tempo, quando já estávamos perdendo de 1 a 0 havia trinta minutos.

Não era o cenário ideal: ter que escrever sobre um jogador e ele não jogar.

Como se ele *soubesse* que eu estava ali – o que era impossível, já que eu tinha puxado o boné ainda mais sobre o rosto no segundo em que ele saiu do banco –, Henry fez questão de me dar algum conteúdo, apesar de tudo.

A energia no campo mudou no instante em que ele tocou na bola. Os adversários pararam de avançar, o jogo se concentrou no outro lado do campo e Henry estava determinado a defender as poucas bolas que chegavam à nossa área.

Ele era grande demais para um jogador de futebol, o que tornava fácil localizá-lo, mesmo se eu não soubesse o número de sua camisa. Apesar de jogar na zaga, ele estava bem longe do nosso gol agora, correndo com a bola dominada para o meio-campo – aparentemente, pegando os Brinley Tigers desprevenidos enquanto simplesmente driblava todos os jogadores. Até que o número três resolveu dar um basta.

Fiquei confusa com a cena: um homem mais alto e mais corpulento do que Henry correndo na direção dele e parecendo muito determinado a tomar a bola e levá-la de volta para o nosso lado do campo. Henry olhou ao redor para fazer o passe no instante em que o viu.

O único jogador livre era o sete: Dylan McCarthy Williams.

Por um instante, sinceramente, pensei que ele fosse preferir perder a bola a dar um passe para Dylan marcar um gol. Mas Henry não era assim – ele tinha sido criado para não fazer *nada* além de vencer. Esse era o jeito dele.

Qualquer que fosse a rivalidade dos dois fora de campo, com a bola no meio e um placar desfavorável ela sumia de vista. Eles trabalharam em perfeita sincronia. Em harmonia.

Henry fez a bola atravessar o campo direto para os pés de Dylan, que correu até o gol antes mesmo de dominar a bola, depois a ajeitou perfeitamente e não hesitou antes de chutá-la para o fundo da rede. Faltando dez minutos para o fim do jogo, Dylan marcou o gol de empate: 1 a 1.

O alívio e a gratidão desapareceram do rosto de Henry segundos após o gol, e ele olhou feio para o garoto como se eles não tivessem trabalhado juntos com perfeição. Tinha parecido que os dois haviam compartilhado um único neurônio e o usado para colocar a bola na rede.

O jogo terminou empatado, e eu já estava elaborando possíveis frases na cabeça enquanto ia saindo. Sem o notebook, digitava loucamente no aplicativo de notas do celular. Meus olhos estavam grudados na tela. Eu me concentrava na estrutura do perfil e em como poderia incorporar o relato

daquele jogo. Henry isso e Henry aquilo – quase todas as frases começavam com o nome dele.

Isso era bom e nada de mais. Afinal, o perfil era sobre ele.

Foi quando senti a mão de alguém no meu ombro, me tirando dos meus pensamentos e me fazendo perceber que eu não estava prestando nenhuma atenção ao que acontecia ao meu redor. E eu estava prestes a dar de cara no poste de luz à minha frente. Me virei.

Henry. O corpo dele bloqueava o pôr do sol.

Não posso dizer que eu estava surpresa.

O nome dele estava por todo lado naquele momento – literalmente, a julgar pelo documento no meu notebook e pelas anotações no meu celular. Eu não poderia evitá-lo para sempre.

Por mais que quisesse.

– Eu sabia que era você.

Ele tirou a mão do meu ombro, e eu odiei o frio assustador que ela deixou para trás.

Franzi a testa para ele por baixo do boné azul.

– Como? – perguntei. – Estou disfarçada.

Apontei para o boné e dei um tapinha na aba. Meu cabelo era castanho e cacheado, não rosa-néon. A minha nuca não era especial o suficiente para ser vista a distância *e* reconhecida.

– Em primeiro lugar – começou ele, inclinando a cabeça de um jeito espirituoso. – Não sei por que você acha que esse seu disfarce é bom. Pra mim, você só parece a Paula de boné. – *Ultrajante*, pensei. – Em segundo lugar, esse boné é *meu*.

Arregalei os olhos. Como se ele pudesse ler os meus pensamentos – que estavam cheios de *Não pode ser* e *De jeito nenhum* –, ele arrancou o boné da minha cabeça e o virou para mim. Estava escrito PARKER.

– Tem o meu nome – declarou ele com naturalidade.

Fiz que não com a cabeça.

– Esse não é o seu nome.

Pelo menos não o mais conhecido. O nome completo dele era Henry Parker Pressley, e, se não estivesse escrito exatamente isso no boné, ele não teria como provar que era dele. Devia existir uma marca por aí chamada Parker, não é?

– Além disso, eu devolvi todas as suas coisas.

Ele revirou os olhos diante desse detalhe técnico, alargando o boné e o colocando na cabeça. Ficava melhor nele.

– Minha tia preferia o meu nome do meio – argumentou ele. – É por isso que odeio o meu nome do meio e por isso que te dei o boné. Te falei isso na época.

Tentei ignorar o resquício de uma lembrança no fundo da minha mente.

Balancei a cabeça com mais vigor dessa vez.

– Não.

Tentei pegar o boné de volta, ficando na ponta dos pés para alcançá-lo, mas fui impedida pela mão de Henry. Segurando o meu pulso. De novo.

Eu o encarei.

– Não lembro disso.

Eu não tinha a intenção de sussurrar as palavras. O ar parecia denso, e aquela corda invisível que deveria nos manter a uma distância segura desde o nosso acordo em Nova York estava muito mais fina. Prestes a se romper.

Eu também estava.

Eu *sei* que tinha dito ter autocontrole suficiente quando se tratava de Henry. E eu realmente estava convencida de que conseguiria manter as mãos longe dele, e os meus desejos e necessidades apenas na minha cabeça. Até aquele momento eu tinha conseguido.

Mas eu não havia levado algumas coisinhas em consideração.

A maneira como seu pomo de adão subia e descia, como ele abaixou as nossas mãos sem soltar o meu pulso. A sensação da pele dele na minha, o jeito como seu toque me fazia *formigar*. Senti que eu poderia entrar em combustão sob o peso de todas as possibilidades que nadavam nos olhos dele. Nadavam nos meus.

– Desculpa – disse ele sem recuar. Seu olhar se voltou para a minha boca, e ele fechou os olhos, apertando-os com força e expirando alto. – Eu estou tentando de verdade – sussurrou, tenso e desesperado.

– Tentando?

– Ficar longe de você. – Henry abriu os olhos e encontrou os meus. – Te dar espaço. Depois de Nova York.

– Está? – Meu olhar vagou entre nós e o pequeno espaço que nos separava. Achamos graça daquilo, mesmo em meio à tensão do momento. – Essa é a primeira vez que me vê, e você não está… nada longe.

Não que eu me importasse.

Henry bufou perto do meu nariz, o cheiro da pasta de dente ainda presente.

– Você *só acha* que é a primeira vez – disse ele de um jeito enigmático, me provocando. – Eu te vi há quatro dias. Na biblioteca, digitando. Duas vezes ontem. De manhã, no Daisy's, e depois no campus. – Ele sorriu de um jeito afetuoso e doce. – Mas você nunca foi muito atenta ao que acontece ao seu redor, encanto.

Engoli em seco e tentei piscar para esconder o que quer que estivesse transparecendo nos meus olhos.

– E você sempre foi melhor em observar as pessoas – concordei, sem muita convicção.

– Em observar *você* – corrigiu ele.

Ele falou tão baixinho que a frase pareceu ter escapulido sem querer.

Henry passou a língua pelos lábios e hesitou por um instante. Seu aperto frouxo no meu pulso se intensificou. Só uma vez, muito rapidamente, e depois ele me soltou. Deu um passo para trás, pigarreou.

– Eu inventei na minha cabeça que precisava falar com você.

As palavras saíram como se ele não soubesse o que mais dizer, mas não quisesse que a conversa terminasse.

– Que motivo você inventou?

Naquele momento, parecia que nós dois estávamos no piloto automático. Porque, se eu estivesse em total domínio das minhas faculdades mentais, se a parte *consciente* da minha mente pudesse dar uma opinião, não haveria uma pitada de flerte no meu tom. Eu não teria inclinado a cabeça e meu olhar não teria pousado nos lábios dele.

Nada disso teria acontecido. Provavelmente. Não deveria ter acontecido. Tínhamos concordado sobre isso na semana passada.

Mesmo assim, ele perguntou:

– Posso te dar uma carona pra casa?

Péssima ideia. Mas estou no piloto automático.

– Claro.

Pelo menos no carro havia um console entre nós. Cintos de segurança nos impedindo de pular um em cima do outro. A atenção exclusiva de Henry na rua, e não mais em mim.



– Então, como vão as coisas? – perguntou ele enquanto parava na frente da minha casa. – Com o perfil, digo. Você já começou a escrever?

Balancei a cabeça.

– Não. Mas estou quase. Acho que só faltava assistir a um jogo. – O que me levou a acrescentar: – A propósito, parabéns.

– Por não perder? – perguntou ele, desanimado.

Dei de ombros.

– Também. E pelo passe.

Henry deu uma risada e soltou o cinto de segurança. Seu olhar se voltou para mim.

– Obrigado – disse ele sem emoção. – McCarthy nunca mais vai parar de falar disso. – Revirei os olhos. – Ele nunca para de se gabar. Nunca supera as coisas… nem deixa os *outros* superarem. Paula – disse, sério –, ele ainda acha hilário estar perto da minha irmã sempre que eu entro num cômodo onde os dois estão.

Dei uma risada e elevei a voz quando ele saiu do carro para contorná-lo.

– E você não acha que o Dylan pode só querer ficar perto dela mesmo quando você *não* está por perto? Porque ele ama a Athalia?

– Não.

Minha porta se abriu, e vi uma careta no rosto dele.

– *Ay, Dios mío*, Henry – falei, grunhindo um pouco, de um jeito debochado. Soltei o cinto de segurança e me virei para ele. – Para de ser babaca e começa a ficar feliz pela Athalia! Ela está apaixonada pelo cara!

Henry, naturalmente, não compartilhava desse sentimento. A mão dele se fechou no capô do carro, e ele apoiou a cabeça ali, quase na altura da minha.

– Quem é que você está chamando de babaca, mocinha? – desafiou ele, achando graça. – Não pode ser eu.

– E se for?

Estávamos brincando, até a brisa da primavera soprar algo diferente entre nós. Uma rajada de tensão, o ar cheio de possibilidades e péssimas ideias. Ele mais perto de mim.

Ele se inclinou mais para dentro do carro, deixando menos espaço entre nós.

– Eu ainda não pensei numa punição.

– Não? – Eu não sabia muito bem o que tinha acontecido quando acrescentei: – Me avise quando pensar.

Não era algo que sairia da minha boca se eu estivesse pensando direito. Era mais um daqueles momentos de piloto automático em que eu simplesmente falava o que queria, não o que deveria.

Talvez o fato de termos concordado em ficar longe um do outro tivesse dificultado tudo – me fazendo querer ficar perto dele ainda mais.

Algo na expressão de Henry mudou, e as linhas provocantes do sorriso desapareceram lentamente. Ele uniu as sobrancelhas como se estivesse prestes a entrar no piloto automático também. Do mesmo jeito que fizemos em Nova York, quando ele me disse que ainda pensava na sensação que eu provocava. Quando confessou que eu o deixava nervoso e depois quase me beijou.

Estava rolando de novo. Só que eu não estava mais pensando que deveríamos ser sensatos. Em vez disso, tudo que eu queria era gritar para ele: *Me beija. Qual é o problema?*.

Já tínhamos feito isso. Mais ou menos mil vezes. Tínhamos feito muito mais do que apenas dar um beijo inofensivo naquele carro. Mais um beijo não faria mal nenhum.

Me beija, me beija, me beija!

Meu olhar ia até os lábios dele mais ou menos a cada meio segundo. Eu não conseguia evitar. Sempre que eu voltava para os olhos dele, esperando conseguir continuar assim, ele ainda estava olhando para mim. A atenção dele não vacilava, não oscilava sem controle entre os meus lábios e os meus olhos. Estava grudada nos meus olhos.

Como se ele estivesse prestes a descobrir um novo tom de castanho ali. Sinceramente, acho que eles só deviam estar escuros, agora que o sol tinha se posto. Apenas um tom mais escuro.

– Paula – disse ele com a voz rouca.

O fio entre nós estava prestes a se romper de novo. *Eu* estava prestes a me romper de novo. Dava para sentir, da mesma forma que eu sentia o som áspero da voz dele na boca do meu estômago. Na maneira como eu conseguia sentir a respiração dele nas minhas bochechas, espalhando calor

por elas. No jeito que eu conseguia senti-lo em toda parte, mesmo sem que tocasse em mim.

Talvez fosse como uma dor fantasma, quando a pessoa ainda sente a perna mesmo depois de ela ter sido brutalmente arrancada do resto do corpo.

E talvez por isso eu estivesse sentindo o fantasma dos beijos demorados, das mãos dele no meu corpo, dos dedos entre as minhas coxas – ainda que ele não estivesse me tocando. Ainda que não fizesse isso desde que tinha sido arrancado do resto da minha vida.

– O quê?

Quando eu finalmente respondi, a minha voz não passava de um sussurro. Passei a língua pelos lábios, e o movimento atraiu seus olhos para eles pela primeira vez.

Henry engoliu em seco e olhou de novo para mim.

– Por favor, não me faça beijar você.

– Por quê?

– Porque eu não vou conseguir parar – respondeu ele. – Porque eu não vou querer parar.

Achei que pudesse estar vendo estrelas quando o senti se aproximar e me senti me aproximando dele também.

– Você… – comecei, mas os meus lábios se moveram e roçaram nos dele, e foi um pouco demais, pensei.

Minha respiração ficou presa na garganta, e a testa de Henry se apoiou na minha, criando uma distância entre os nossos lábios.

Apenas o suficiente para que não se tocassem.

– Você já conseguiu uma vez. Você foi tão… sensato naquela noite – falei.

Foi ele quem se afastou de mim no hotel. Acho que eu não teria conseguido.

– E isso quase me matou, Paula.

Balancei a cabeça de novo. Talvez para clarear os meus pensamentos, talvez porque eu esperava que o movimento acidentalmente fizesse os meus lábios roçarem nos dele de novo. Não aconteceu, e, quando a decepção se instalou no meu estômago, pensei *foda-se*.

Que a corda entre nós arrebentasse.

Fodam-se os motivos. Fodam-se os términos. Só por hoje – por agora.

Estendi a mão para o rosto dele, desajeitada, necessitada, e falei:

– Se você me beijar, não vai precisar parar…

E foi isso que ele fez. Ou eu fiz.

No fim das contas, eu não sabia ao certo quem tinha feito o quê. Só que os lábios dele se moviam em sincronia com os meus e que o barulho que ele fez quando os nossos lábios finalmente se juntaram não estava só na minha cabeça.

Um suspiro de alívio, um gemido, uma súplica.

O mesmo som que ele fazia um ano antes, sempre que eu espalhava beijos pelo seu pescoço, peito, barriga, quadris – até ele ficar impaciente e eu finalmente envolver os lábios nele.

Só que, em vez de sussurrar palavras doces e encorajadoras e elogios na minha boca, no meu pescoço ou no meu cabelo, como sempre fazia, ele ficou quieto. Como se não quisesse perder nem um segundo, nem que as suas palavras interrompessem o que estava acontecendo.

Meus lábios se abriram, nossas línguas se uniram, o gemido estava prestes a escapar dos meus lábios quando a mão dele se entrelaçou com a minha no assento, e eu senti quanto ele me queria pela maneira como ele a apertava – segurando firme como se pudesse entrar em combustão espontânea se não pudesse me ter.

Eu também. Tanto que, quando ouvi alguém gritando o meu nome no jardim da frente, fiquei tentada a ignorar.

– Paula?

Ouvi de novo e voltei à realidade da situação.

No carro do meu ex-namorado. Com os lábios dele nos meus. Ele quase em cima de mim. Nós a cerca de três minutos daquele ponto sem retorno. No meio de uma rua aberta. Com vizinhos por perto. E colegas de casa intrometidas.

Congelei no mesmo momento que ele, mas mal existia um espaço entre nós. Eu ainda sentia os lábios dele nos meus. Como um toque persistente, o fim de um beijo e o início do próximo. Minha respiração ficou presa na garganta, meus olhos estavam arregalados.

Henry engoliu em seco, e seu olhar se voltou para um ponto atrás de mim, através da janela do lado do motorista, que estava virada para a minha casa. Ele xingou, o som baixo e íntimo na minha pele.

– As janelas são escuras, né? – perguntei, num misto de sussurro e grito,

quase dentro da boca dele.

Henry assentiu e finalmente se afastou um pouco de mim.

Era a coisa certa a fazer, mas parecia errada demais. Pior ainda quando ele se endireitou e despontou acima do carro de novo, revelando-se para uma das minhas amigas, que estava do outro lado da janela.

– Ah. – Eu finalmente identifiquei quem era. – Henry. Eu não tinha te visto – disse Riley.

Ele inclinou a cabeça para o lado, lançando à garota um olhar de confusão.

– É o meu carro.

– É bom te ver também – disse ela, completamente alheia ao que Henry dissera e ao mau humor dele.

O motivo era ela. Ela e a sua cruel interrupção.

Ouvi os passos de Riley ecoando na curta entrada da casa e, antes que ela pudesse contornar o carro de Henry para descobrir como a nossa posição era comprometedora, saí do meu assento para encontrá-la.

Mesmo se eu tivesse tentado, o último olhar que lancei para Henry não conseguiria transmitir tudo que eu queria.

Eu estava com saudade.

– Ah – murmurou Riley quando eu finalmente apareci. – Eu sabia que era você. Vimos o carro parar pela janela. – Ela apontou com a cabeça para janela atrás de si e parou. – Então, como você demorou…

Os olhos dela se voltaram para Henry atrás de mim, e eu sabia que ela o culpava. Com razão, acho.

– Você quase perdeu o taco de terça-feira – repreendeu Riley, com um ligeiro bom humor.

Henry achou apropriado comentar apenas:

– Hoje é domingo.

Riley e eu ignoramos.

– Desculpa. – Sorri, indo até ela. – Eu não perderia isso por nada.

Era mentira. O motivo que me levaria a perder o taco de terça-feira em qualquer dia da semana – embora os de domingo fossem os meus preferidos – estava a poucos metros de distância, provavelmente olhando para a gente.

– Embora eu sinta saudade da comida dominicana – falei, brincando, na varanda, me demorando na porta da frente enquanto Riley desaparecia lá dentro.

Por um segundo, achei que seria melhor eu não me virar. Para me poupar do constrangimento caso Henry já tivesse voltado para o carro e nem estivesse mais prestando atenção em mim. Caso ele já estivesse indo embora, desejando que os últimos dez minutos não tivessem acontecido e se xingando pelo tanto que se arrependia de ter me beijado.

Mas a tentativa foi inútil.

Henry estava parado onde eu o tinha deixado. Do lado do carona, com a porta ainda aberta, uma mão sobre ela e a outra provavelmente no bolso. Os olhos em mim. O típico meio sorriso nos lábios me disse que ele talvez não estivesse nem um pouco arrependido.

CAPÍTULO 30



Presente

PERFIL_PRESSLEY_V1.

Passei horas encarando a página em branco, sem nenhum movimento exceto o do cursor piscando, antes de decidir agir. Aquele primeiro rascunho estava muito mais difícil do que eu tinha imaginado, porque sempre que eu pensava em Henry, lia ou tentava escrever sobre ele, só conseguia me lembrar dos lábios dele nos meus. Dos meus dedos entrelaçados nos dele. Da inegável luxúria em cada respiração que tínhamos compartilhado.

E, embora fosse o homem na minha mente o que me impedia de escrever frases coerentes, e não o ambiente onde eu me encontrava, decidi fazer uma mudança.

Eu decidira ficar confinada no escritório do *HBP* por cerca de uma semana desde então.

Com todos ao meu redor escrevendo, eu sentia que tinha que fazer o mesmo. Depois de quase um ano implorando para ser um deles. Digitando até os meus dedos sangrarem, até os meus lábios secarem porque eu me esquecia de beber água. De uma forma estranha, eu sentia saudade disso.

O escritório também me lembrava de que eu queria trabalhar num lugar parecido dali a alguns meses e ser paga para estar lá. Esse perfil não servia só para eu me formar com uma boa nota ou provar alguma coisa para os meus pais quando eles inevitavelmente descobrissem tudo. Era para restaurar a minha reputação e, com sorte, resultar num texto tão bom que os futuros

empregadores não se importariam com aquele pequeno contratempo no meu histórico do ano passado – a pequena reclamação de uma fonte dizendo que eu aparentemente a tinha citado de maneira incorreta.

E passar a semana inteira no *Post* tinha valido a pena. Não só porque isso significava que não haveria encontros acidentais com Henry, mas também porque eu realmente tinha conseguido produzir um rascunho coerente. Eu estava trabalhando até no horário de almoço, tentando produzir algo melhor do que apenas razoável antes do meu compromisso com Eddie dali a meia hora.

Não era muito tempo. E isso estava me deixando mais estressada do que eu estaria um ano antes. Eu me sentia distraída, irrequieta. Não conseguia manter as minhas pernas paradas.

Alfie se levantou da mesa ao lado e, de repente, isso pareceu muito mais interessante do que a estrutura da frase que eu estava tentando construir.

Ele passou por mim dando de ombros.

– Almoço – falou, e a explicação foi suficiente.

Ele não se deu ao trabalho de me convidar, pois sabia que eu recusaria.

– E então sobraram dois – cantarolou Lacy quatro mesas adiante, com um tom divertido e brincalhão na voz perfeita.

Ela provavelmente seria uma boa cantora se tentasse.

Quando eu só respondi com uma risada forçada e desconfortável, ela girou a cadeira na minha direção.

– Como está o perfil?

Eu não esperava grunhir com tanta sinceridade. Pela expressão de Lacy, ela também não.

– Desculpa. – Tentei me recuperar do desabafo. – É que… estou tentando ajeitar esse rascunho, e aí alguém faz uma pergunta ou sai da sala, e eu… – A notificação de um e-mail me interrompeu, e eu fiz um gesto solene apontando para a minha tela. – Viu?

Lacy bufou e assentiu como se conhecesse muito bem essa sensação. Como se ela pudesse entender o estresse pelo qual eu estava passando – todo o meu futuro estava ligado a um perfil idiota sobre o meu ex-namorado, e isso poderia salvar a minha carreira que estava por um fio desde o ano anterior. O perfil precisava ser perfeito.

Até então, estava mais ou menos.

– É só um daqueles dias – disse Lacy, me lançando um sorriso

encorajador. Algo sombrio cruzou o rosto dela. Sua testa se franziu, sua boca se contraiu, e, por um segundo, imaginei ter captado uma pitada de inveja quando ela disse: – Você vai conseguir, Paula. Você sempre consegue.

– Obrigada – murmurei, mal-humorada.

Nós duas voltamos para as respectivas telas. Enquanto Lacy provavelmente continuava escrevendo, pesquisando ou fazendo alguma outra coisa incrivelmente produtiva, eu abri meus e-mails.

> **<hallie.west@nybe.com> 13:36**
> Estou com as fotos para o perfil! Anexei as de rosto e também algumas espontâneas, como combinamos. Espero que haja alguma coisa útil nelas, e estou ansiosa para ler esse negócio.
> Beijos, Hallie.

– É de trabalho – murmurei na direção de Lacy, só para ela saber.

Não sei por que senti que era importante que ela soubesse. Lacy fez um sinal de positivo confuso em resposta. Voltei a olhar para a tela. Abri as fotos anexadas sem muito entusiasmo.

A primeira era uma de Henry franzindo a testa para a câmera e depois com um sorriso sem graça e relutante. Fiquei surpresa ao ver um sorriso genuíno na foto seguinte e me perguntei o que ela teria dito para fazê-lo aparecer. De qualquer forma, Hallie era mesmo boa no que fazia, porque era raro Henry sorrir.

Cliquei distraidamente na pasta até chegar às fotos espontâneas que ela tinha mencionado no e-mail e… que mulherzinha danada! Eu nem tinha percebido ela montando acampamento atrás de mim. A julgar pelo ângulo das fotos, foi dali que Hallie as tirou.

A maioria das fotos era em zoom de Henry conduzindo a bola, driblando, chutando em direção ao gol e marcando. Numa delas, ele estava no meio do campo, olhando para o céu, e a lente estava tão distante que mal dava para ver o rosto dele no campo vazio. Alguns assentos preenchiam o fundo.

Pensando bem, eu queria que aquela foto tivesse sido a última, o fim da

pasta. Mas, quando passei para a foto seguinte, desavisada e ingênua, vi o meu rosto. O dele e o meu, enquanto estávamos perto da marca do pênalti, a bola entre nós.

Franzi a testa. Ele estava sorrindo para mim.

Relutei em passar para a imagem seguinte. Talvez eu só tenha entrado na seleção dela por acaso, e Hallie não tivesse a intenção de tirá-la e menos ainda de enviá-la para mim.

Infelizmente, não. Eu também estava na outra foto. Rindo para Henry, que também estava com um sorriso sutil nos lábios.

Como foi que não a notamos lá em cima?

Estremeci quando a imagem seguinte se materializou na minha tela. Henry e eu. No chão. Só que não parecia a falta horrível que realmente tinha sido. De jeito nenhum.

Ela tinha capturado aquele momento intermediário, antes de ele me dizer *é por isso que eu gosto* e depois de rirmos até as minhas bochechas doerem. Quando apenas nos encaramos, com um leve vestígio de sorriso nos lábios e os olhos arregalados. Se o zoom de Hallie tivesse sido um pouquinho melhor, ela provavelmente teria capturado as minhas pupilas dilatadas, a respiração presa na garganta.

Mas o rosto de Henry… A câmera de Hallie era boa o suficiente para ver tudo que estava escrito no rosto dele. Como se Henry tivesse baixado a guarda por pouco mais de um segundo e ela tivesse fotografado bem esse momento.

É assim que ele me olha?

Não consegui me segurar e fiquei observando Henry me fitando como se tivesse acabado de encontrar o centro do mundo.

Antes que eu pudesse me convencer de que estava ficando louca – de que devia haver uma centena de outras explicações para a expressão dele –, meu celular vibrou na mesa de madeira. Eu estava inclinada a não atender o número desconhecido, mas depois lembrei que *poderia* ser algo relacionado ao trabalho. Saí da cadeira com um suspiro sofrido.

Ao passar por Lacy, ela me lançou um sorriso inocente por trás da tela.

– Não tem um minuto de descanso, né?

Fiz uma careta ao sair, fechando a porta atrás de mim com mais força do que o necessário. *Não tem um minuto de descanso, né?*, zombei dela na minha cabeça, levando o celular ao ouvido.

– Paula Castillo – falei.

– Paula – disse a pessoa. Olhei duas vezes para a tela ao ouvir a voz conhecida. – É o Henry. – Ele confirmou o meu medo. – Comprei um telefone novo. Você bloqueou o meu número um tempo atrás.

Maeve havia bloqueado. Meses antes. Depois da minha segunda ligação bêbada, pouco antes de deletar o número.

Bufei em resposta, relaxando na parede atrás de mim.

– Você quer dizer um novo *número* de telefone – corrigi.

– Ah. – O silêncio pairava do outro lado da linha, e a única coisa que restava era o ruído de fundo. – Eu podia ter feito isso. É. – Parecia que ele nem tinha considerado essa possibilidade. – Enfim, eu preciso te ver… falar com você. Não tenho muito tempo, mas é só um minutinho. Você consegue?

Eu inventei na minha cabeça que precisava falar com você.

Pensar no que tinha acontecido depois dessas palavras me fez corar e sentir um frio na barriga. Sinais claros de que deveria evitá-lo de todas as maneiras possíveis. Para fugir de uma situação em que eu teria que confiar novamente no nosso autocontrole – algo que nenhum dos dois parecia ter muito.

– Na verdade, eu estou no *Post*.

E eu também não tinha muito tempo, porque precisava estar na sala de Eddie dali a quinze minutos para mostrar o primeiro rascunho.

Então, quando avistei Henry subindo a escada, meu estômago afundou – do mesmo jeito que acontece no alto de uma montanha-russa, naquele segundo em que o carrinho começa a descer.

Eu só ouvi ao longe a ligação sendo encerrada quando Henry disse:

– Perfeito.

Ele devia estar na academia, porque o cabelo ainda estava úmido do banho e os músculos pareciam mais definidos. Eu não sabia ao certo se era assim que funcionava. Talvez eu estivesse apenas… consciente *demais* de cada pedacinho de pele que a regata preta deixava à mostra.

De qualquer maneira, meu coração deu um pulo e continuou a bater forte quando me lembrei do nosso último encontro.

Desde então, eu vinha tentando esquecer. O cabelo dele estava igualmente molhado e ele, igualmente lindo. Os lábios igualmente rosados, os olhos igualmente verdes. As sardas no nariz igualmente perfeitas.

Segurei o celular com força para me impedir de ir até ele e terminar o

que tínhamos começado naquela noite no carro.

Seja sensata, tentei convencer a mim mesma. Mas não fazia mais sentido. Não muito.

– Oi – sussurrei.

Ele parou de repente a alguns centímetros de distância, como se o corpo quisesse se aproximar e ele tivesse que negar fisicamente o pedido inconsciente.

Ele inclinou a cabeça para o lado, examinando o corredor como se não conseguisse olhar para mim. Henry engoliu em seco, os olhos indo de porta em porta, e eu me perguntei qual delas nos levaria a uma sala vazia. Sem nenhum motivo aparente.

– E aí?

– Podemos conversar? – perguntou ele de novo, e o olhar finalmente encontrou o meu. – Em particular. – *Tecnicamente estávamos a sós.* Mas ele se apressou em se corrigir: – Num lugar mais reservado.

Na última vez que estivemos em público, eu quase montei no homem. E pensar no que poderia ter acontecido a portas fechadas…

– Claro. – Piloto automático de novo. Se não fosse por isso, eu não teria falado deste jeito: sedenta e ansiosa. Talvez nem tivesse dito isso. E, como se já não fosse suficiente, falei: – Vem comigo.

Eu nos conduzi até a sala da nossa primeira entrevista. Era a única que quase com certeza estaria livre. Num dia bonito como aquele, ninguém passaria a hora do almoço ali – e eu não queria me arriscar a perder nem um segundo sozinha com ele procurando outro lugar.

Então subimos a escada, avançamos pelo corredor e, virando à direita, abri a porta. Vazia.

O alívio inundou todos os meus sentidos.

Foi preciso muito controle físico para ficar longe de Henry depois que ele me beijou. Várias vezes eu quase fui até o apartamento dele. Então, o fato de ele estar ali naquele momento… Meu corpo vibrava com cada gota do tesão que eu tinha tentado reprimir ao longo da semana.

Pela maneira como Henry simplesmente passou por mim e entrou na sala, ele devia estar sentindo o mesmo. Sedento. Desesperado.

Por favor, não me faça beijar você. Porque eu não vou conseguir parar. Porque não vou querer parar.

Fiquei sem fôlego com esse pensamento, imaginando a voz áspera nos

meus lábios, nos seios, abaixo dos quadris. E, quando olhei para ele de novo, parado naquela salinha tão perto de mim, a corda arrebentou violentamente, não sobrou nada.

– Escuta – disse ele, balançando a cabeça como se estivesse tentando escapar de pensamentos semelhantes. – Eu tentei. Eu tentei *muito* não ficar pensando na semana passada…

Eu nem me senti mal por interrompê-lo – de um jeito tão agressivo, tão desesperado, que eu poderia ter ficado envergonhada se fosse qualquer outra pessoa.

Mas era Henry. O meu Henry. Não era?

– Por favor, me beija de novo – falei, de repente.

E, pelo jeito como ele me olhou, no segundo que levou para se ajustar ao meu pedido, eu soube que estava certa em confiar nele com a pura sinceridade das minhas palavras. Porque eu via a mesma coisa no seu rosto.

Seus olhos encontraram os meus e ficaram congelados por um instante antes de ele fazer alguma coisa. E estava óbvio em cada um dos passos pesados que ele deu que também me queria.

– O quê? – perguntou Henry, muito, muito perto.

– Me beija.

Ele não hesitou. Henry Parker Pressley me beijou de novo, com todo o seu ser.

Com uma das mãos na minha bochecha e a outra na minha cintura, ele me beijou. Com o meu cabelo no rosto dele e os meus braços em volta do seu pescoço, ele me beijou. Com o meu corpo pressionado entre o dele e a porta, ele me beijou.

Com desespero e nostalgia, como se estivesse tentando compensar a semana anterior, o ano anterior, e tivesse apenas alguns minutos para fazer isso.

Várias e várias e várias vezes, ele me beijou. Ou talvez ele não tenha parado nem por um segundo. Pensei que, se eu morresse assim, sufocando lentamente, morreria feliz.

Minha respiração falhou, e enfiei as mãos naquele cabelo castanho, agarrando, puxando, fazendo Henry soltar um grunhido suave nos meus lábios que poderia me fazer gozar só de pensar. Tirei as mãos do cabelo dele e segurei o cós da calça.

– Paula – disse ele, ofegante, e eu só permiti que seus lábios se afastassem

dos meus por um segundo. – Querida, ei. – O som que ele arrancou de mim quando separou os nossos lábios era desesperado, choroso, parecia um gemido interrompido. – Aqui?

Ele olhou ao redor, sem se opor, mas inseguro, e seus olhos encontraram os meus novamente.

– Eu não me importo. – Minha voz falhou. – Tanto faz o lugar.

Ele beijou meu pescoço. Chupou e mordiscou, me arrancando gemidos abafados quando segurou a minha coxa, puxou-a para si, deixando apenas a mão se mover nas minhas costas.

– Você ainda tem o mesmo gosto – grunhiu ele na minha pele, a voz baixa. – A sensação é a mesma, o som é o mesmo. Você sabia? – Os lábios dele subiram pelo meu pescoço. – É como se ainda fosse minha.

E eu quase disse que ainda era.

Mas a minha respiração estava pesada demais para falar, o meu peito subia e descia com força demais para eu conseguir pronunciar uma palavra sequer. E, quando nossos lábios se uniram de novo e soltei mais um gemido, eu não conseguia nem *pensar*, quanto mais falar.

– Eu não conseguia parar de pensar em você. Depois de Nova York. Depois da semana passada. Eu… – Ele grunhiu na minha boca, mordiscando suavemente o meu lábio inferior. – Eu preciso de você. Eu…

E parecia que tinha mais a dizer, mas desistiu quando os meus dedos começaram a mexer na fivela do cinto dele.

Henry deixou a cabeça cair para trás e suas mãos subiram pela minha nuca e pelos meus cabelos. O cinto se abriu, e ele me beijou como se estivesse me recompensando por eu finalmente ter conseguido.

E isso fez com que o toque genérico de celular que ecoava pela sala fosse ainda pior.

Balancei a cabeça antes mesmo de parar de beijá-lo, porque eu o senti se afastando e não gostei.

– Desculpa – sussurrou ele, e parecia sincero. – Desculpa. Desculpa mesmo. – Foi quando deu um passo para trás e o meu corpo se apoiou na porta, porque as minhas pernas estavam bambas. – Lembra que eu falei que não tinha muito tempo?

Isso me lembrou de uma coisa terrível: *eu também não tinha.*

– Que horas são? – perguntei, sentindo o pânico dominar as minhas feições, a necessidade e o desespero ficando em segundo plano quando

percebi que provavelmente não chegaria à sala de Eddie a tempo.

– Duas.

– Merda. – Passei a mão no cabelo e alisei as minhas roupas, numa tentativa de não parecer que tinha acabado de sair de trinta segundos de *um amasso*. E de estar a sessenta segundos de fazer muito mais. – Merda, merda, merda.

O celular não estava mais tocando, o que significava que Henry havia atendido a ligação. Meu plano era sair da sala e não pensar no que acontecera até depois da reunião. Eu já tinha aberto a porta e estava saindo.

– Paula. – Quando eu me virei, Henry cobriu o alto-falante com a palma da mão, segurando o dispositivo a alguns centímetros do rosto. – Eu te ligo.

CAPÍTULO 31



Onze meses antes

Maio

– Ainda sobre o Mark?

Henry bocejou ao meu lado, aninhando o rosto ainda mais no travesseiro e fechando os olhos. Ajustei o brilho da tela para o mínimo possível. Provavelmente era por isso que ele ainda estava acordado.

Mark, amigo de Henry que tinha conseguido uma bolsa integral para Harvard. Mark, o rapaz europeu magro e loiro que eu tinha entrevistado mais cedo. Mark, que me causava uma sensação esquisita. Eu estava tentando ignorar isso desde que tinha voltado de Boston. Até o momento, sem nenhum sucesso.

– É – respondi à pergunta. – Como foi que vocês se conheceram mesmo?

Meus olhos se voltaram para Henry, e eu me senti mal de verdade quando ele se virou, se espreguiçando, e piscou para mim, sonolento. Rapidamente, seus olhos percorreram meu corpo, a maneira como eu estava sentada apoiada na cabeceira da cama. Ele deu de ombros.

– Amigo de um amigo de um amigo. Acho. Mas, por mais pretensioso que pareça, ele é o único cara que eu poderia imaginar que é inteligente o suficiente para entrar numa universidade da Ivy League e não é podre de rico. Era isso que você queria, né?

– Porque ir pra uma universidade da Ivy League provavelmente não é tão estressante quando você tem um fundo robusto pra apoiar as suas conquistas acadêmicas. Ou a falta delas, no caso. E era isso que a UHB queria que eu abordasse no artigo: como era alto o nível de estresse necessário para cumprir as expectativas nas universidades da Ivy League em

todo o país e como a maioria das pessoas ficaria melhor se fosse para universidades igualmente boas, mas sem toda aquela pressão adicional. Para a Universidade Hall Beck, por exemplo.

Eu estava basicamente escrevendo um release para eles. Só que com mais palavras, pesquisa e tempo investido.

– E o que tem o Mark? – perguntou Henry.

Balancei a cabeça. Eu queria conseguir identificar, mas não fazia ideia do que havia em Mark que fazia o meu estômago se revirar.

Ele tinha sido gentil e as respostas, perfeitas. Mark detalhara de todas as maneiras possíveis como um diploma de Harvard seria ótimo para o currículo, mas como o ambiente era prejudicial para a saúde mental e a autoestima dele a ponto de talvez não valer a pena.

Era exatamente o que eu queria ouvir, exatamente o que eu temia não ouvir – sem saber até que ponto os alunos estariam dispostos a me dar esses detalhes quando gastavam 60 mil dólares por ano para estudar numa universidade da Ivy League. E com a bolsa de estudos de Mark, isso parecia ainda menos provável. Ainda assim, infelizmente…

Desde casos de professores arrogantes até a falta de uma rede de apoio para a saúde mental dos alunos, Mark me falou tudo que eu poderia querer ouvir. Inclusive contou anedotas pessoais que eram tão perfeitas que eu sabia quais partes citar assim que elas saíam de sua boca.

Era como se alguém tivesse enviado Mark Lager para facilitar a minha vida. Parecia quase perfeito *demais*. E eu não sabia como expressar a suspeita em resposta à pergunta de Henry.

– Não sei – falei e suspirei, apoiando a cabeça na cabeceira da cama. – Algo parece errado. Eu só não sei o que é – respondi, frustrada. – Eu avaliei os seguidores dele e quem ele seguia. As fotos marcadas. Os amigos do Facebook.

– E nada?

A mão de Henry surgiu de baixo das cobertas e afagou meu braço, para cima e para baixo, com delicadeza, para me tranquilizar.

– Nada – concordei. Ignorei os arrepios que o toque dele ainda provocava na minha pele. – Só o link dele pra vaquinha virtual e os problemas financeiros sobre os quais ele parece adorar postar.

– Então talvez – começou Henry, sentando-se e beijando o meu ombro, o pescoço e a bochecha – não tenha nada de errado com ele. Será?

Meus olhos finalmente se afastaram da página de Mark no Facebook, que estava na tela. A visão do sorriso de Henry era muito mais acolhedora, calorosa e encorajadora, *implorando* para que eu fosse dormir.

– Você está olhando isso há três horas, encanto. Realmente acha que ainda vai encontrar alguma coisa? – Seu olhar se voltou para a hora marcada no meu notebook. – À uma da manhã?

Provavelmente não, pensei.

– Mas e se eu só…

– Você está sendo paranoica.

E o tom dele não era de crítica nem cruel. Era o oposto disso, e eu percebi que ele estava sofrendo profundamente por ser tão franco. Mas eu agradeci.

Talvez estivesse na hora de dormir. Talvez eu devesse deixar para lá – ficar feliz com as respostas que Mark tinha dado em vez de tentar encontrar pelo em ovo.

Henry inclinou a cabeça e quase pareceu que ele conseguia ver no meu rosto as dúvidas que fervilhavam dentro de mim. A maneira como meus olhos se fecharam, como o meu nariz, franziu, como joguei a cabeça para trás com um grunhido frustrado, que provavelmente não tinha sido muito sutil.

– Fico triste por isso estar te preocupando tanto – disse ele, e suspirou, segurando a minha mão e levando-a aos lábios. Deu um beijo nela. – Talvez eu não devesse ter sugerido esse cara. Eu não sei muito sobre ele, mas parecia legal sempre que…

– Não seja ridículo. – Balancei a cabeça. – *Obrigada.* Por arrumar alguém pra eu entrevistar – falei. – Não é culpa sua eu estar surtando.

O fato de Henry achar que minha paranoia poderia ser culpa dele foi o que finalmente me fez fechar o notebook e colocá-lo na mesa de cabeceira. Quando me virei de novo para Henry, só consegui distinguir sua forma no escuro e que ele estava com os braços bem abertos para eu me jogar neles.

E foi o que eu fiz. Sem hesitar.

Nós colocamos a cabeça no mesmo travesseiro por acaso.

– Você vai se sair muito bem com esse artigo – murmurou ele, e beijou o topo da minha cabeça. – Já estou vendo que ele vai mudar tudo. Vão adorar.

– Você ainda nem leu – lembrei a ele no escuro, com uma risada preguiçosa nos lábios.

– Eu nem preciso ler – disse ele antes de seu corpo quente e seus sussurros sem sentido me fazerem dormir.

CAPÍTULO 32



Presente

<e.smith@uhallb.com> 18:17
Paula,
Obrigado por vir aqui no outro dia. Parece razoável para um primeiro rascunho! Mas você não acha que está faltando alguma coisa? Não consigo identificar exatamente o quê. O que você acha? Deixei alguns comentários para você. Volte com a versão revisada na semana que vem, tá?
Eddie

Parece razoável.

Li o e-mail duas vezes. Depois mais uma vez, só para ter certeza de que eu tinha entendido certo.

Não estava bom, perfeito, emocionante. Nem chato ou horrível. *Razoável.*

O que era um texto se ele não evocasse… *alguma coisa* no leitor?

Nada era só razoável.

E mais: alguma coisa estava faltando?

Como é possível que estivesse faltando alguma coisa numa análise aprofundada de quinze páginas? E para que servia um editor, se não para ser preciso sobre o que exatamente estava faltando – como é que alguém poderia pegar um rascunho medíocre ("razoável") e fazê-lo brilhar?

Respondi com um e-mail extremamente vago, dizendo que conseguiria entregar na semana seguinte, sim – depois pensei que não, ele jamais conseguiria.

Tinha lido aquele rascunho e os comentários de Eddie quatro vezes antes de Maeve me encontrar de pernas cruzadas na cama, enrolada num cobertor feito um burrito e com o quarto mergulhado no breu. A única luz vinha da minha tela.

Àquela altura, eu já havia passado pela segunda crise nervosa – e mandado uma ou duas mensagens de texto para Henry.

Tá bom, dez mensagens de texto para Henry. Talvez mais. Eu tinha perdido a conta.

Maeve não acendeu a luz, graças a Deus, mas fechou a porta atrás de si para se juntar a mim na cama. Meu cursor piscava na tela, meu celular desbloqueado exibia minha conversa com Henry. Ela leu todas as mensagens sem a menor vergonha.

– Antes que você diga alguma coisa – falei, impassível, sem conseguir me importar com a cena patética que ela tinha encontrado. – É tudo sobre trabalho.

Maeve ergueu as mãos em sinal de rendição e deixou o celular cair de volta na cama.

Ela cutucou o meu ombro com o dela.

– Eu ia dizer que ele leu tudo há cinco minutos.

Isso era novidade. Na última vez que eu tinha verificado, ele nem tinha se dado ao trabalho de abrir as mensagens. Meus olhos se voltaram para a minha melhor amiga, vidrados.

Na verdade, eu já havia encontrado uma justificativa para a falta de respostas. Já devia ser quase meia-noite, e Henry ainda dormia cedo. *Então ele está dormindo*, convenci a mim mesma.

Bem, ele não estava.

Maeve abriu um sorriso de pena – e dessa vez eu merecia. Quando ela se levantou, me puxou consigo, e eu saí da cama soltando um grunhido alto.

– Você comeu? – perguntou ela, desnecessariamente.

Eu estava enfurnada ali desde as seis, então adivinhe: meu estômago respondeu por mim.

– Mas…

Voltei o olhar para o notebook apesar disso, e Maeve teve que me

empurrar para fora do quarto e fechar a porta quando chegamos ao corredor. A luz me desorientou por um segundo.

– Não adianta ficar encarando esse rascunho nem mais um segundo, Paula – disse ela, conduzindo-me escada abaixo e me colocando no sofá. Ela foi até a cozinha e apareceu com uma caixa de pizza. – A gente comprou uma pra você. Não sei se queijo vegano fica bom frio, mas toma aqui.

Maeve empurrou Pip para o meu colo a fim de se sentar no lugar onde a gata estava dormindo em paz. E, embora relutante, Pip estava prestes a se enrolar de novo, já se virando no local e amassando pãozinho nas minhas pernas quando parou e ficou imóvel.

A cabecinha se virou no mesmo instante na direção da porta, pouco antes de a campainha tocar – tão alto que ela interpretou como um sinal para subir a escada correndo, as patas fazendo barulho no chão.

Maeve e eu nos entreolhamos. Acho que nós duas nos perguntamos se estávamos prestes a ser brutalmente assassinadas.

– Você esqueceu de pagar a pizza? – perguntei, sem conseguir me impedir de dar uma mordida apesar da situação.

– Isso foi há duas horas. É óbvio que a gente pagou a pizza – respondeu ela baixinho, semicerrando os olhos para mim antes de se levantar.

A caminho da porta, ela pegou o vaso vazio – que pretendíamos encher com flores frescas – para usar como arma.

Henry garantia que houvesse novos buquês naquele vaso toda semana. Então, quando nós dois terminamos – e as flores pararam de chegar, claro –, a casa parecia vazia sem elas. Nós de fato planejávamos comprá-las nós mesmas em algum momento.

No entanto, isso nunca aconteceu, e eu já tinha me acostumado com a ausência delas.

Maeve levantou o vaso acima da cabeça, pronta para atacar. Segurou a maçaneta, girou e puxou a porta com força.

– Ah. – Ela baixou o vaso. O pedaço de pizza também saiu da minha boca. – Henry – disse ela, alto, para me avisar, como se eu não pudesse vê-lo na nossa porta.

A poucos metros de distância, com o cabelo desgrenhado, uma camiseta larga e… uma calça de moletom.

Caseiro, foi o que me veio à mente no mesmo instante.

Os olhos de Henry seguiram a suposta arma na mão de Maeve enquanto

ela a abaixava, com uma careta.

– Paula…

Foi quando o olhar dele vagou para dentro da casa e encontrou o meu.

Eu o encarei sem dizer uma palavra. Ele fez o mesmo, e eu me perguntei se também estava pensando no nosso último encontro. Se ele lembrava que não tinha ligado, apesar de ter dito que ligaria.

Maeve fez uma careta quando me levantei. Eu me sentia muito ciente de cada um dos meus membros quando atravessei a sala, como se estivesse a um passo de esquecer completamente como andar. Depois de uma olhada para a minha melhor amiga e um aceno relutante dela, Maeve subiu correndo a escada para nos dar privacidade.

Não consegui me importar quando fechei a porta atrás de mim e fiquei frente a frente com Henry na entrada. Senti seu calor, seu cheiro, sua pasta de dente refrescante.

– Oi – falei, tão baixinho que era como se eu tivesse sussurrado.

Os lábios dele se contraíram, a expressão preocupada desapareceu… Tudo naquele momento me lembrou do nosso último encontro.

As mãos dele no meu corpo, os lábios na minha pele, a respiração pesada e descontrolada. Eu não conseguira pensar em nada além dele e de seus gemidos e em como ele teria me possuído ali mesmo se não tivéssemos sido interrompidos. Em como poderíamos ter continuado de onde paramos se ele simplesmente…

– Você não ligou.

Tentei soar despreocupada, tranquila e calma. Não sei dizer se tive sucesso.

Algo se retorceu na expressão dele. Como se só tivesse percebendo naquele momento que estava lá, que era quase meia-noite e que ele não estava dormindo, mas *ali*, a dez segundos de uma discussão com a ex-namorada. Ele piscou para afastar a constatação.

– Eu pensei que… – Henry se interrompeu e balançou a cabeça. Seus ombros caíram. – Eu sinceramente não sei *o que* pensei. Achei que você talvez não quisesse que eu ligasse. Depois que dissemos que isso não deveria acontecer. E aí aconteceu. Duas vezes. – Ele franziu as sobrancelhas como se tivesse que se conter fisicamente para não divagar. – Achei que você podia ter se arrependido.

Não consegui evitar uma risadinha, achando aquilo engraçado, e me

encostei na porta fechada atrás de mim.

– Você nunca foi de questionar as próprias ações. Ou a falta delas.

Henry balançou a cabeça com mais força e me encarou. Ele deu um passo na minha direção, hesitante e lento.

– Com você nunca é assim. Você me deixa nervoso, lembra?

Engoli em seco.

– Tipo, agora?

Senti a porta atrás de mim e o observei dar mais um passo na minha direção. Tão perto que o meu pescoço teve que se esticar para eu continuar fitando os olhos dele.

– É – respondeu ele, mal pronunciando a palavra. – Muito.

Eu sorri.

– Por que você está aqui, Henry?

– Você me mandou mensagem.

– E você não respondeu – lembrei a ele.

– Porque estava vindo pra cá.

Suas palavras pairaram entre nós, e eu tentei desesperadamente encontrar uma resposta que mantivesse a minha máscara fria de indiferença no lugar. Mas eu não era uma garota indiferente e não consegui evitar o sorriso suave nos lábios quando perguntei de novo:

– Por quê?

A luz da entrada acima de nós dois piscou, e parecia que Henry tinha acabado de se lembrar dos próprios motivos. Seus olhos percorreram o meu rosto, me observando, notando os meus olhos vermelhos e as olheiras causadas pelo estresse.

Ele franziu a testa.

– Você parece estar a dois minutos de uma crise nervosa.

– Ah. – *Bem…*

Seria a terceira da noite.

A lembrança me tirou bruscamente da Henrylândia, onde os problemas eram secundários e eu não tinha acabado de escrever um perfil *razoável* sobre ele.

Após me analisar por um longo instante, eu percebi que ele estava tentando encontrar um jeito de consertar o que estivesse errado. Mesmo que ele não soubesse os detalhes, mesmo que ele ainda não tivesse aceitado o fato de que não podia consertar tudo – que algumas coisas escapavam do

seu controle.

– Foda-se – murmurou para si mesmo.

Quando Henry me jogou por cima do ombro, gritei. Alto. Em seguida, me segurei no corpo dele, de cabeça para baixo, como se a minha vida dependesse disso. Segurando e apertando até que ele abriu a porta do carro e me colocou no banco do carona.

Ele se inclinou para dentro do carro, onde eu estava sentada, perplexa, com as mãos ao lado das pernas.

– Espera aqui?

E, antes que eu pudesse responder, ele me beijou. De novo e de novo, até que eu me estiquei para seguir seus lábios quando ele tentou se afastar, e gemi quando realmente se afastou.

– Eu já volto. Não se mexe – implorou, como se eu pudesse desaparecer se ele piscasse muitas vezes.

Henry esperou até eu assentir, fechou a porta, correu de volta para a casa e desapareceu lá dentro.

Meu corpo afundou no assento preto no segundo em que ele sumiu, a respiração vergonhosamente pesada enquanto eu tentava controlar o frio na barriga – e diminuir o calor entre as minhas pernas.

Era fácil demais com ele. Perdoar e esquecer e deixar que me carregasse noite adentro como se nada tivesse acontecido entre nós. Tentei me lembrar de que precisava ser cautelosa, de quem ele era e o que era.

Ex-namorado.

Ele não me deu tempo suficiente para o lembrete se assentar. Cinco minutos depois, estava de volta com o meu celular e o meu notebook equilibrados em cima da caixa de pizza em uma das mãos e uma das bolsas de viagem rosa-claro de Maeve na outra.

Eu não saberia onde procurar a minha se ele tivesse perguntado onde estava.

Ele colocou a bolsa no porta-malas sem dar nenhuma explicação e, bufando, se jogou no banco do motorista.

Henry colocou os eletrônicos no banco de trás e me deu um beijo, pousou a caixa no meu colo e me deu mais um beijo. Depois, quando girou a chave na ignição, sem conseguir se conter, se inclinou sobre o console para me dar outro beijo. Foi demorado, e ele quase esqueceu que já tinha ligado o carro.

Consegui suportar o silêncio por mais ou menos cinco minutos, durante os quais fomos nos afastando da casa.

– Para onde estamos indo?

O olhar de Henry desviou da rua por uma fração de segundo para me fitar, mas a falta de resposta não foi deliberada. Ele uniu as sobrancelhas. E franziu a testa.

– Não sei.

As palavras ficaram no ar, com um peso indescritível.

– Você não… sabe?

Ele pareceu tão surpreso com a declaração quanto eu. Um pouco indefeso também. Durante todo o tempo em que eu conhecia o homem ao meu lado, ele nunca tinha… deixado de saber alguma coisa. Ele sempre tinha um plano. E um plano B. Às vezes até um plano C, só para garantir, caso o *plano B* também falhasse.

A vida de Henry Pressley era à prova de falhas. E, no entanto, ele tinha aparecido na minha casa sem avisar para me levar para um lugar cheio de *não seis*.

– Eu vim porque você parecia estressada. Nas mensagens. – Ele tentou reconstituir o próprio processo de pensamento. – E aí você estava lá e com *cara* de estressada. Então eu falei…

Ele franziu a testa.

– Foda-se – completei, como se ele tivesse esquecido o que o tinha levado a literalmente me carregar noite adentro.

– Isso. – Seus olhos encontraram os meus. – Foda-se.

Foda-se, como se a agenda lotada dele não vivesse causando problemas no nosso relacionamento. Como se o fato de ele não conseguir ser espontâneo, não conseguir fazer as coisas sem planejá-las com cuidado e com um mês de antecedência não tivesse sido o combustível de… muitas das nossas brigas.

Estou ficando melhor em priorizar.

Eu não perguntei os detalhes. Só aproveitei a companhia dele, a música que saía dos alto-falantes, o barulho quando passávamos por outros carros e a pizza que eu devorei. E acho que adormeci no instante em que engoli o último pedaço.

CAPÍTULO 33



Presente

Algo estava diferente quando acordei. A música tinha virado umas batidas lentas e ritmadas em vez de letras marcantes, a caixa de pizza estava no banco de trás e a mão de Henry repousava na minha perna. Os dedos dele desenhavam círculos distraídos na minha coxa, mergulhando entre elas, porque ele fazia círculos grandes demais – ou talvez a mão dele fosse grande demais para fazer círculos pequenos.

Pisquei para afastar o sono, observando-o balançar a cabeça no ritmo da música, com os olhos na estrada – que tinha se transformado em jardins lindamente cuidados, cercas brancas e casas luxuosas. Eu me espreguicei e me endireitei.

– Agora você já sabe para onde estamos indo, né?

Bocejei, um pouco surpresa por ainda estarmos na estrada. O relógio do carro dele marcava três e pouca da manhã.

A mão dele me deu um leve aperto, mas Henry manteve a atenção na estrada.

– Ah, ela está acordada.

– Estou.

Ele parecia orgulhoso do fato, como se a falta de planejamento e controle anterior só o tivesse feito pensar mais rápido.

– E você acordou bem a tempo de ver toda a sua glória.

A estrada à nossa frente se transformava numa longa e sinuosa subida e terminava numa casa.

– Ah. – Procurei algum sistema de navegação que confirmasse que Henry tinha feito uma curva errada, mas ele devia saber o caminho de

cabeça. – Tem uma casa no nosso caminho – falei como uma idiota, o cérebro ainda meio adormecido.

Estava tão escuro que eu não conseguia distinguir os detalhes. Só que ela era grande. E linda. Com colunas que sustentavam uma sacada arredondada sobre o que parecia ser a entrada. Com degraus que levavam até ela por dois lados, com canteiros de flores no meio. Parecia… familiar, por algum motivo.

Henry riu diante da minha confusão e desligou o motor. O silêncio cresceu entre nós até ele dizer:

– Tem só uns meses que você esteve aqui, Paula.

E a ficha caiu. *Véspera de Ano-Novo.*

Eu já tinha estado ali antes – consideravelmente bêbada com Maeve, Riley e Laila a tiracolo. Quando Riley ficou tão animada com o convite que dirigiu da faculdade até o local que os Pressleys tinham alugado nos Hamptons.

Mas isso não explicava por que estávamos ali nesse momento.

– Você não alugou uma casa só pra nós ficarmos, né? – perguntei, porque essa era a única explicação plausível para termos parado em frente a ela no meio da noite.

– Alugar? – Henry deu uma risadinha, se divertindo. – Ela é minha.

Virei a cabeça na direção dele. Depois me voltei para a casa mais linda em que eu já tinha estado. Com roseiras na lateral da propriedade, as flores em grandes vasos tornando o ambiente quase aconchegante, unindo a natureza ao delicado trabalho humano.

– O quê?

Eu sabia que Henry era rico. Todo mundo sabia, e ele nunca tinha sido modesto. Ostentava, provocava e usava isso em benefício próprio sempre que podia. Às vezes até quando não devia. Mas *isso*, uma casa como aquela…

Eu me lembrei da grande escadaria no hall de entrada, que se dividia e levava ao primeiro andar por dois lados. Eu me lembrei do lustre, dos pisos caros e dos móveis lindos. Na véspera de Ano-Novo, tinha até um *bar* de verdade.

– Era a casa de verão dos meus pais quando éramos pequenos. Eles venderam pouco antes de… – Ele pulou essa parte, mas eu sabia. – Era pra ter sido demolida no ano passado, então o que sobrou da minha família

comprou a propriedade de volta. Comecei a pensar nisso quase exatamente um ano atrás, na verdade. Eu mal conseguia me concentrar em outra coisa na época. – E, como se o tom sentimental nunca tivesse existido, ele acrescentou: – Mas eu consegui.

Exatamente um ano atrás. Pouco antes de terminarmos, então.

Percebi quanto eu devia ter perdido no ano em que não estivemos juntos. Ele havia comprado uma casa. Feito as pazes com a irmã. Assinado contratos e conhecido pessoas das quais eu nunca tinha ouvido falar.

Balancei a cabeça diante do absurdo que a minha vida havia se tornado.

Quatro horas antes, eu estava à beira da terceira crise nervosa, tinha aberto mão da ideia de dormir para poder editar um rascunho que não chegaria a lugar algum naquela noite. Agora eu estava alimentada, tinha dormido e não havia pensado mais no perfil desde então.

Henry deu de ombros, soltando o cinto de segurança e se virando para mim.

– Eu venho aqui quando tudo fica… complicado. Quando eu só preciso de um pouco de paz e sossego para voltar a ouvir meus próprios pensamentos. – Seus olhos se voltaram para a casa. – Acontece que precisei vir muitas vezes nos últimos meses.

Eu não sabia como ele conseguia expressar exatamente o que eu estava sentindo com tanta perfeição. Sempre pensei que éramos muito diferentes um do outro, que os nossos problemas eram tão distintos que nunca poderíamos nos identificar nesse nível, e mesmo assim…

Dios mío, me lembrei do motivo pelo qual me apaixonei por ele. A maneira como Henry me entendia, me olhava como se pudesse enxergar cada parte de mim e lia cada desejo meu.

– Henry?

As palavras pareciam distantes, como se não estivessem saindo da minha boca, com a voz grave e baixa.

Quando o olhar dele encontrou o meu, pensei que aquele homem me daria o mundo inteiro se eu simplesmente pedisse.

– Você vai me beijar de novo?

Cerca de três horas antes, eu não tinha perguntado. Não havia qualquer expectativa ou curiosidade em relação a isso. Só os lábios dele nos meus de um jeito casual. Como se fosse uma coisa natural. Mas, ao ver os olhos dele se arregalarem, a boca se abrindo e fechando enquanto ele desistia de dizer o

que quer que fosse, fiquei feliz por ter perguntado dessa vez.

Henry bufou e estendeu a mão por cima do console para soltar o meu cinto de segurança. A mão dele roçou no meu quadril por cima da legging preta que eu estava usando, e, embora tenha sido só um toque superficial, a minha respiração ficou presa na garganta.

– Você quer que eu te beije?

A mão dele deslizou até a minha cintura e, com um simples toque, me guiou até seu colo.

Era muito fácil recair nos antigos padrões. Quando estávamos juntos assim, sozinhos e sem interrupções, parecia que ele ainda era meu, eu ainda era dele e nada tinha mudado entre nós.

Com uma perna de cada lado do corpo dele, assenti levemente.

– Já que estamos aqui… – sussurrei, mas me interrompi por um momento, sem muita certeza do que dizer. – Só por este fim de semana, podemos fingir que nada mudou. Né? Não pensar em sermos sensatos e simplesmente… – Respirei fundo. – Simplesmente deixar rolar.

Henry piscou para mim, engolindo em seco ao passar a mão nas minhas costas. Ele observou enquanto eu me contorcia sob o toque e suspirava com o contato.

– Qualquer coisa, Paula. Tudo que você quiser.

Quando os dedos dele voltaram para o meu rosto, percorrendo o meu pescoço de um jeito que me fez arquear o corpo, o smartwatch dele vibrou na minha pele.

Eu não queria desviar o olhar, mas o zumbido atraiu minha atenção de qualquer maneira.

Bem ali, na tela do relógio, estava escrito: *Parece que você está treinando! Gravar esse treino?*

Meu olhar encontrou o dele, e não consegui conter um sorriso.

– Seu coração está acelerado? – perguntei, provocando, porque eu não sabia mais o que dizer, e esse pensamento era muito fofo.

Ele semicerrou os olhos. Em resposta, pegou a minha mão e a levou ao peito enquanto me beijava. E não importava se era a minha mente me pregando peças ou não, eu poderia jurar que o coração dele disparou quando fizemos isso. Eu sei que o meu estava quase saindo pela boca.

– Eu te falei – disse ele entre uma respiração e outra. – Você me deixa nervoso.

Henry tinha me beijado muito nos últimos dias. De um jeito curto e doce, confuso e nostálgico. Mas nunca assim: de forma lenta e apaixonada. Saboreando cada movimento da língua, desejando mais e se contendo.

As mãos dele exploraram as minhas curvas como se ele as estivesse *sentindo* pela primeira vez. Os lábios fizeram o mesmo. Do meu pescoço até o peito e os ombros, ele beijou cada centímetro exposto, pegou tudo que pôde e, quando não foi mais suficiente, puxou o meu suéter com ânsia, deixando as mãos deslizarem por baixo.

– Porra – grunhiu ele nos meus lábios na primeira vez que as pontas dos dedos roçaram minha pele nua.

A mão dele deslizou pelo meu dorso e, quando ele percebeu que eu não estava usando sutiã, grunhiu de novo.

Senti o som no ponto entre as minhas coxas, enquanto a ereção dele só crescia. E com os dedos brincando de um jeito cuidadoso e delicado com os meus mamilos, a cabeça enterrada no meu pescoço e o pau duro encostado em mim, não consegui aguentar.

Meu gemido ecoou pelo carro. Joguei a cabeça para trás, envolvi os ombros dele com os braços e olhei para ele. Calor, tesão e um milhão de outras coisas pairavam no ar entre nós, me fazendo rebolar em cima dele.

Ele gemeu de um jeito parecido, só que mais grave.

– Espera – disse ele.

Saímos do carro tão rápido que eu continuei no colo dele. Ele simplesmente me pegou nos braços e saiu.

Minhas pernas se enrolaram em volta dele por instinto, e eu não pude evitar voltar a beijá-lo antes mesmo de chegarmos à escada. Ele conseguiu subir, se afastando do meu rosto apenas o suficiente para ver aonde estava indo.

– Eu não quero te soltar – disse ele. – Mas a chave está no vaso de planta atrás de você.

Saí de cima dele só para chegarmos mais rápido do outro lado da porta.

Henry se moveu com determinação, pegou a chave, destrancou a enorme porta de madeira maciça, e voltei ao colo dele antes mesmo que ela se fechasse atrás de nós. Ele usou o meu corpo para fazer isso – foi muito mais eficiente.

Meu suéter caiu no chão de mármore, e ele forçou o corpo contra o meu, como se não pudesse mais se segurar.

De algum jeito, eu estava de volta aos seus braços, as minhas pernas ao redor da cintura como costumávamos fazer, e a boca e a língua dele brincavam com os meus mamilos.

Não tive tempo de olhar ao redor quando ele nos levou do hall de entrada para a sala de estar. Só Henry importava. Ele me fez ficar de pé de novo, me empurrou gentilmente para trás até as minhas pernas baterem… em alguma coisa. Eu o puxei para baixo comigo, e o sofá aparou a nossa queda.

Eu o queria tanto que poderia ser até no chão de mármore.

Eu o queria tanto que não me importava nem um pouco com as consequências.

Apesar da minha iniciativa, ele me colocou delicadamente no sofá, com uma das almofadas embaixo da minha cabeça.

Sentando-se por um instante, deixou que os olhos percorressem o meu corpo, descendo e subindo de novo. Ele talvez estivesse rezando quando disse:

– Paula. – O som era gutural, bruto. – Meu Deus, você fica tão linda assim.

E eu me perguntei se ele queria dizer sem fôlego, necessitada, desesperada e molhada. Porque era *assim* que eu estava.

– Pronta, esperando. – O dedo dele percorreu meus ombros, os meus seios, descendo por todo o meu tronco e parando nos meus quadris. E ficou ali antes de ele puxar lentamente a minha legging e a minha calcinha. – Nua e corada. – Os dedos voltaram a subir pela parte interna das minhas coxas. E pararam exatamente onde eu queria. – Cheia de tesão e molhada.

Um gemido separou os meus lábios, o que só confirmou as palavras dele.

– Henry – falei, gemendo… Ou estava grunhindo? Eu não sabia mais diferenciar prazer de frustração. As duas coisas se fundiram numa só, entrelaçando-se ainda mais a cada sussurro na escuridão. – Me come. – Eu corei antes mesmo de dizer as palavras. – Por favor.

Os olhos dele encontraram os meus e se demoraram.

Algo mais tinha se rompido entre nós, porque voltamos ao nosso ritmo imprevisível. Henry tirou a camisa, e eu me apressei em desamarrar a calça de moletom dele, as mãos tremendo de desejo.

Até que finalmente, *finalmente,* empurrei o tecido cinza para baixo e vi que ele ainda usava o mesmo tipo de cueca boxer, e eu não sabia se deveria

sorrir – porque ainda era o *meu Henry* – ou se implorava para que ele andasse logo, para que eu pudesse senti-lo de novo.

Um ano era muito tempo.

No entanto, a expectativa no meu peito foi inundada por uma onda de pavor.

– Você tem camisinha?

Ele fez uma pausa, abalado. Eu também. No silêncio da casa, só ouvíamos nossa respiração ofegante.

– No carro – disse ele, se encolhendo. – Talvez no andar de cima.

Mas o andar de cima estava longe e o carro, mais longe ainda. Seu peito arfava sobre o meu, os olhos arregalados e desesperados procurando os meus. Ao vê-lo dessa forma, me dei conta de que talvez não conseguisse esperar. Até ele se vestir, correr e voltar. O pensamento doía fisicamente.

Ele parecia compartilhar o mesmo sentimento, porque acrescentou, desesperado:

– Eu não fiquei com mais ninguém. – Ele franziu as sobrancelhas, ainda pairando sobre mim. – Desde você. Se isso ajudar.

– O quê?

Eu não sabia se conseguia acreditar nisso. Queria, obviamente, mas não parecia… plausível.

Henry não era bem um puritano quando nos conhecemos, e certamente não tinha começado a ser depois que terminamos. Não é?

– Eu não conseguia… Quer dizer… – Ele balançou a cabeça. – Eu *podia* ter ficado. Mas elas simplesmente não eram… você. – Nós nos encaramos. – E era isso que eu queria… quem eu queria. Você.

Eu o beijei de novo, sem pensar, arrancando sons desesperados de nós dois.

– Se não subirmos nos próximos vinte segundos… – comecei, e, antes mesmo de terminar a frase, eu estava de volta aos braços de Henry, as pernas em volta dele.

Eu sentia a cueca dele quase estourando. A cada degrau que ele subia, mais se esfregava na minha pele nua, o que o fazia gemer na minha boca ou no meu pescoço. Quando chegamos ao quarto, Henry parecia tão necessitado quanto eu.

Pelo menos tínhamos nivelado o jogo.

Mais uma vez, Henry me abaixou. Numa cama perfeitamente arrumada,

quase tão confortável quanto a de Nova York. Ele tirou a cueca em algum momento entre pegar a camisinha na mesa de cabeceira e se juntar a mim entre os lençóis, e a respiração dele soprou os meus lábios quando ele pairou sobre mim.

A mão dele deslizou entre as minhas pernas, e ele me tocou exatamente do jeito que eu tinha mostrado que gostava.

– Eu sonhei com isso – disse ele, ofegando na minha boca, e a nossa respiração pesada se misturou. Eu o sentia duro contra mim de novo, a cabeça do pau brilhando. – Por meses e meses, Paula.

Ele enfiou um dedo lá dentro, só para me sentir por um segundo, e meu gemido foi estrangulado… como se algo estivesse quebrando.

– Em Nova York.

Henry ficou em cima de mim, beijou meu pescoço e os meus seios. Ao se sentar na cama, os olhos dele não desviaram dos meus enquanto ele rasgava a embalagem, e meu coração pulou quando ele colocou a camisinha.

– Vestindo aquela camiseta. Com o meu nome nas suas costas. E você estava tão perto. Bem ali. – Henry olhou para mim. – E o fato de eu não poder fazer nada estava me matando.

Minha respiração ficou presa na garganta quando a ponta do pau dele me tocou bem lá. Eu o senti estremecer, senti o grunhido borbulhando na garganta dele.

– Então faz alguma coisa agora.

E ele fez.

Quando Henry me penetrou, eu não sabia se deveria me concentrar na euforia do *finalmente*, no modo como ele parecia não conseguir evitar me abraçar ou naquele gemido excitado no meu ouvido. Não sabia se deveria dizer para ir mais rápido ou mais devagar – porque eu não sabia se queria saborear cada momento daquela transa ou passar logo para a próxima. Se eu só o queria assim pelo resto da vida ou em mil outras posições.

Decidi não dizer nem pensar nada.

Apenas deixar fluir no ritmo dos quadris dele nos meus, na maneira como os nossos gemidos se misturavam no ar e no jeito como ele me preenchia com tanta perfeição, de um jeito tão confortável que aquele nó no meu estômago se apertou. Em poucos minutos – não mais do que cinco –, eu estava pronta para gozar.

Ele murmurou um "Graças a Deus", porque, naquele ritmo, também não

devia estar muito longe de atingir o clímax. Henry deslizou a mão para o meu clitóris de novo.

Eu me perdi no êxtase de um orgasmo perfeito, e ele latejou dentro de mim, grunhindo, xingando e, antes de sair, beijou a minha testa.

CAPÍTULO 34



Presente

Eu deveria me arrepender da noite anterior. Em termos técnicos e teóricos, não deveria continuar pensando nas coisas que Henry tinha feito comigo, nem desejar que ele fizesse tudo de novo no segundo em que eu acordei… com o cabelo dele fazendo cócegas no meu nariz, o braço sobre o meu peito nu e uma sensação quentinha no estômago.

Deveria ser um grande problema dormir com o ex-namorado e acordar na mesma cama que ele.

E era!

Eu deveria estar nervosa, confusa e, sinceramente, meio desesperada. Mas não estava. Minha cabeça estava lúcida, minha mente, afiada, e talvez eu só precisasse de uma boa transa para dissipar a névoa no meu cérebro.

Porque, de repente, eu soube o motivo de Eddie ter achado o perfil *razoável.*

Eu ainda estava nos braços de Henry, aconchegada no peito dele, quando me dei conta. Quando repassei o feedback editorial na minha mente e entendi o que estava faltando.

As respostas a tudo que eu não tinha perguntado a Henry por saber que eram assuntos sobre os quais ele não queria falar. Os pais, por exemplo. E tudo que eu não tinha comentado por ser ex-namorada dele – outras garotas, talvez, festas e qualquer coisa que os atletas universitários de sucesso fazem no tempo livre. Falar desses temas poderia ser esquisito e incômodo.

Para ele e ainda mais para mim, provavelmente.

Só que outro limite tinha sido cruzado entre nós na noite anterior,

quando ele grunhiu no meu ouvido e me disse que eu era gostosa – algo que nos deixou bem perto de como as coisas eram antes. Naquela época, eu perguntava tudo que queria perguntar e não me preocupava com a reação dele. Não me preocupava com o efeito que poderia causar no nosso relacionamento.

Acontece que, quando o meu celular estava gravando as nossas conversas, eu não era a ex-namorada de Henry. Nem a amiga dele. Eu era Paula Castillo, jornalista universitária injustamente rejeitada. Portanto, se ele não quisesse falar de algum assunto, poderia me dizer isso depois que eu perguntasse.

Henry se mexeu atrás de mim, quase como se percebesse que eu estava pensando nele. Um som grave escapou dos seus lábios, e sua respiração fez cócegas na minha nuca.

– Tá acordada? – murmurou ele, com os braços em volta do meu corpo me puxando para mais perto. – Podemos ficar assim pra sempre, Paula?

Sua voz, áspera de sono e bem próxima ao meu ouvido, mexeu comigo. E toda a lucidez que eu tinha encontrado nos últimos cinco minutos sobre o perfil e a minha escrita ameaçou desaparecer apenas por causa da maneira como ele falou o meu nome.

Mas não tinha sido exatamente isso que dera errado no ano anterior?

Quando eu havia priorizado Henry e aquele frio na barriga sempre que estava perto dele, vez após vez, até que isso finalmente se voltou contra mim? Quando eu não tinha verificado quatro vezes a minha fonte – o amigo dele – porque ele estava cansado, eu estava cansada e eu nunca fui boa em resistir ao Henry?

Então eu me virei no abraço dele, observei os olhos verdes focados em mim e balancei a cabeça.

– Você não tem nenhum outro plano pra hoje? – perguntei.

Henry pensou por um instante, e eu tive quase certeza de que ele achou estranho quando disse:

– Não.

Porque… lembra? Henry Parker Pressley sempre tinha um plano. Seguido de um plano B.

Abri um sorriso diante da estranheza, antes de evidenciar isso:

– Eu tenho – falei, e ri ao vê-lo arquear as sobrancelhas. – Para nós dois.

– Quem diria – disse ele depois de um arquejo, e então beijou o meu

ombro nu para esconder o sorriso. – O que você tem reservado pra nós, Paula Castillo?

– Você ainda me deve respostas a cinco perguntas profundamente pessoais. – De quando ele me obrigou a usar a esteira. – E eu posso ter pulado algumas.



– Se isso é ser jornalista em tempo integral… – falei, e suspirei enquanto me deitava na espreguiçadeira, fechando os olhos diante dos primeiros raios quentes de sol do ano. Apesar da nossa partida apressada na noite anterior, Henry tinha colocado um biquíni na mala para mim. Vermelho e minúsculo. – Pode contar comigo.

Com os braços apoiados na borda da piscina, Henry deu uma risadinha.

– Não é. – A resposta dele estourou a minha bolha momentânea de felicidade. – Só quando você entrevista gente popular, rica e simpática feito eu.

– E humilde – acrescentei. – Todas as quatro qualidades? Isso é raro.

Henry colocou as mãos no deque.

– Bem, nem todo mundo pode ser Henry Pressley.

Os músculos dos braços dele se contraíram e relaxaram conforme ele se erguia para fora da água, pingando e revelando tudo que tinha a oferecer, já que estava só de sunga.

O sol refletia nas gotas d'água em cada curva, mudando conforme a luz dançava no corpo dele, atraindo a minha atenção para todos os pontos. Clavículas, antebraços, dedos. Senti um frio na barriga. Ele estava perto o suficiente para eu distinguir as veias dos músculos, e eu…

Água. Fria e molhada.

Gritei e empurrei Henry, tentando colocar o máximo de distância possível entre mim e aquele cabelo molhado pingando, que ele continuava sacudindo na minha direção, rindo alto antes de se sentar na minha espreguiçadeira.

Com uma careta, eu o observei pegar o meu celular, desbloqueá-lo (eu deveria ter trocado a minha senha quando terminamos) e apertar GRAVAR

no aplicativo de gravação de voz.

– Shhh! – sussurrou ele, com um sorriso perceptível na voz. Então colocou o aparelho na mesinha entre as espreguiçadeiras. – Isso é uma entrevista profissional, Srta. Castillo.

Ele disse isso como se não tivesse jogado os braços molhados ao meu redor um segundo depois, como se não estivesse pressionando o tronco e o peito molhados no meu corpo… que antes estava quente e seco.

Eu resmunguei, sem conseguir fazer ou dizer mais nada, vendo-o usar a minha arma contra mim. Ainda assim, me acostumei rápido com as pernas e os braços frios e úmidos, e ele pareceu amar o calor do meu corpo – queria menos distância entre nós – quando me pegou, me deitou na espreguiçadeira e, de alguma forma, nos posicionou de um jeito que os dois coubessem perfeitamente nela. Com a minha cabeça no peito dele, uma perna sobre o quadril e o braço atrás do pescoço.

– Você faz isso com frequência? – perguntei, atenta à gravação do celular na mesinha. – Trazer garotas para Long Island e encantar todas com o seu… dinheiro?

Eu gostaria de ter feito a pergunta da forma estoica que tinha planejado.

– Não preciso do dinheiro pra encantar as garotas – disse ele, rindo. – Ou preciso?

Senti que Henry estava inclinando a cabeça, olhando para mim… tão confortável aninhada no peito dele que eu nunca mais queria sair.

– Depende da garota – admiti.

Infelizmente, ele não precisava de quase nada para me encantar. Com apenas algumas palavras e um sorriso, eu estaria exatamente na mesma situação.

Eu já tinha estado, anos antes… A segundos de ficar de quatro por ele. Talvez eu nunca tivesse me levantado.

Aquela voz irritante na minha cabeça ecoou de novo. Eu a chamava de *razão*, e ela repetia as palavras sem parar, me lembrando de que pouco havia mudado entre nós.

Henry ainda era um homem ocupado e provavelmente ficaria ainda mais em breve. A prioridade dele continuava sendo a carreira – e eu também estava tentando me concentrar na minha. Ele tinha terminado comigo. *Por um motivo.*

Apesar de tudo isso, eu ainda estava nos braços dele. Rindo, corando e

suspirando, contente. Não deveria estar, mas me afastar exigia uma força de vontade que eu sabia não ter. Henry ocupava tanto espaço na minha vida que tinha sua própria gravidade. E eu continuava orbitando ao redor dele, sem conseguir parar, mesmo que quisesse.

Tinha que esperar para descobrir o que estava acontecendo entre nós. Antes precisava focar no perfil. Não dava para ser de outro jeito.

– Que tal *essa* garota?

Ele brincou com os meus cachos, e isso me trouxe de volta.

Olhei para Henry, e a luz refletida nos olhos verdes os fazia brilhar. Tipo, *de verdade.* O sorrisinho no canto dos lábios só completava a visão perfeita que ele era.

– Ela… – parei de falar e olhei rapidamente para o meu celular, que estava gravando – não revela seus segredos com tanta facilidade.

Henry revirou os olhos.

– *E…* – acrescentei. – Esta entrevista não é sobre ela. Então me conte, Sr. Pressley. – Ele franziu o nariz, mas não riu, embora estivesse com vontade. – Nada de festas? Bebida liberada? – Como na Véspera de Ano-Novo. – Garotas?

Esse era um dos assuntos que eu tinha evitado na primeira rodada de entrevistas. Por respeito à privacidade e aos limites dele. Como jornalista, é claro que eu respeitaria isso.

Ao menos uma vez, porém, ele me responderia… Eu não podia mais supor o que o deixaria desconfortável. E não evitaria perguntas só porque eu talvez não quisesse saber as respostas.

Então, festas e garotas.

– Bom. – Ele pensou na resposta e a confirmou mentalmente com um aceno da cabeça. – Nós comemoramos o Ano-Novo aqui – disse, provavelmente para deixar registrado, porque eu sabia disso. – Uma vez. Antes disso, sempre comemorávamos em um dos apartamentos de Nova York. Minha irmã e eu sempre fazemos uma festança no dia 31. Então, isso é uma festa – avaliou ele. – Quanto às garotas…

Só notei os olhos dele em mim quando o encarei por causa do silêncio demorado.

– Sim?

Ele pigarreou, desviando o olhar.

– Meus pais se conheceram na faculdade.

Quase engasguei ao ouvi-lo falar deles. Esse também era um tópico que eu havia evitado ao máximo… porque sabia que Henry não gostava de falar deles. Ouvi-lo mencionar os pais? Na gravação? Tentei não revelar quanto isso era importante para mim, quanto eu apreciava sua abertura em prol da minha carreira. Então fiquei bem calada, aninhada no peito dele, e escutei.

– Eu sempre achei que também poderia conseguir isso. Sabe? Namoros de escola são superestimados. Eu nem *me* conhecia aos 16 anos, muito menos conhecer outra pessoa assim. Pensei… Bem, eu pensei que, se tinha uma coisa que queria fazer igual a eles, não seria o futebol, nem os negócios, nem nada pelo qual eles são conhecidos. – Ele soltou um suspiro. – Eu queria que fosse o amor. Parece ridículo, eu sei. Mas os meus pais eram ótimos no amor. Eles eram os melhores nisso.

– E? – estimulei.

– E – continuou ele, com o bom humor dissipando um pouco da tensão que havia antes na voz. Mas Henry logo ficou sério. – Eu pensei que tivesse conseguido. Por um instante, realmente achei que tivesse. – Senti os olhos dele em mim, queimando. Não retribuí o olhar. – E aí percebi que não importava quanto eu dissesse a mim mesmo que não era como eles, que dinheiro, fama e carreira não eram mais importantes do que o resto da minha vida, porque, no fim das contas, eu era exatamente igual. Idêntico. Eu priorizava as coisas erradas e machucava as pessoas que não deveria machucar. Deixava essas pessoas pra trás, pra elas se defenderem sozinhas.

Fiquei com um nó na garganta diante da sinceridade crua na voz dele, e, quando me sentei para encará-lo, vi naquele olhar coisas que eu nunca pensei que veria. Mágoa, sofrimento, tristeza. Foram como um soco no estômago e me fizeram odiar o que eu tinha que fazer em seguida.

Segurei a mão de Henry e a apertei com força. Para que ele soubesse que eu estava ali. E então apertei de novo, para que soubesse que eu continuaria ali. Se ele me quisesse.

Sinto muito, quis dizer. Com toda a força. E esperei que ele me escutasse, que conseguisse ler as palavras no meu rosto.

– Você diz que os seus pais eram ótimos no amor – repeti. Eu quase suspirei de alívio quando ele não pareceu ofendido e apenas assentiu, como se estivesse se indagando quando eu traria o assunto à tona. Quando eu finalmente dobraria a aposta. – Como assim?

E Henry estava certo. Eles pareciam ser ótimos no amor.

Ótimos no amor do tipo *bilhetinhos sem ocasiões especiais.*

Ótimos no amor do tipo *cartinhas quando eles ficavam muito tempo afastados.*

Ótimos no amor do tipo *dançar na cozinha à meia-luz. Mal*, enfatizou Henry, com um sorriso nos lábios.

Flores. Saídas para namorar. Viagens.

– A última viagem deles – começou Henry, e algo no rosto dele mudou. Da mesma forma que as nuvens se formaram e encobriram o sol e o calor. Eu tinha vestido o suéter largo de Henry no meio da entrevista. Ele tinha vestido a calça de moletom. – Felix a planejou como uma comemoração bem tardia de aniversário de casamento. Acho que de vinte anos. E ele achou que seria uma boa ideia deixar os filhos em casa e dar um descanso à esposa. Acho. Não que a Athalia e eu fôssemos crianças muito exigentes. Ficávamos muito felizes pulando de uma babá para outra. Quando tínhamos 15 anos, já estávamos mais acostumados à ausência deles do que à presença.

Ele se levantou, e, por um segundo, fiquei com medo de ter respirado do jeito errado ou me mexido quando não devia, e que isso tivesse rompido aquele momento de vulnerabilidade.

No entanto, Henry estendeu a mão para mim com um sorriso tão triste que quase me quebrou.

– Vamos entrar – disse ele, apontando para o céu cada vez mais cinzento.

Eu o segui, com o celular na mão e ainda gravando.

– E você o culpa? – As palavras saíram roucas, e pigarreei para limpar a garganta. Atravessamos o jardim e voltamos para a casa. – Felix, digo. É por isso que você… – *odeia* parecia uma palavra forte para um pai falecido – não gosta muito dele?

Henry gesticulou para que eu voltasse para a sala de estar, depois me seguiu e fechou as portas francesas atrás de nós. Deu de ombros.

– Acho que sim. *Sim* – corrigiu ele. – Em parte? É isso que a minha terapeuta diz, na verdade.

A expressão de dor foi suficiente para eu lhe dar um tempo. Para mudar de assunto, desligar a gravação e deixá-lo *em paz* por um tempo. Pelo menos até a noite, quando eu iria para o segundo round.

– Stephanie – falei, me lembrando do nome da terapeuta. – Eu devia ter entrevistado ela, então.

– Tenho quase certeza de que isso é crime.

Ele pareceu feliz com a mudança de assunto. Mais feliz de falar sobre a terapeuta do que sobre o motivo pelo qual ele tinha uma terapeuta.

– Blá-blá-blá – gesticulei, brincando, feliz ao vê-lo retribuir o sorriso divertido nos meus lábios.

Garantindo que ele visse, encerrei a gravação de 42 minutos.

Henry relaxou visivelmente, e eu joguei o celular no sofá, bem ao lado do dele. Nesse exato momento, o aparelho vibrou com uma notificação.

Eu não queria olhar.

De verdade.

Olhei para o rosto dele, para suprimir ativamente aquele desejo. Em parte porque não queria invadir sua privacidade, em parte porque estava com medo do que poderia ver ao fazer isso. Ele tinha dito que não havia outras garotas, é claro, mas isso não significava que ele não beijasse ninguém nem trocasse mensagens com nenhuma. Só significava que não havia dormido com nenhuma delas. Por enquanto, pelo menos.

Eu me segurei por uns três segundos, quando meu autocontrole desapareceu e meus olhos se voltaram para o celular mesmo assim. A notificação estava na parte inferior da tela de bloqueio, e consegui identificar o ícone verde, o emoji de chama na mensagem e…

– Não leia isso! – disse ele, basicamente pulando para pegar o celular no sofá branco.

Mas era tarde demais.

> DUOLINGO
> Ei, Henry! Perder a sequência de 360 dias seria uma chatice. Aprenda um pouco de espanhol agora!

As orelhas dele estavam vermelhas quando guardou o celular no bolso da calça de moletom.

– Vou tomar banho. O cloro… – disse ele, tentando justificar a saída rápida, já se dirigindo para a escada pela qual tinha me carregado na noite anterior.

– Ei. – Minha mão segurou a dele pouco antes de Henry conseguir fugir, e quando ele se virou para mim percebi que estava constrangido. – *Has*

estado aprendiendo español? – perguntei devagar.

Ele me olhou de repente, como se não esperasse entender a minha pergunta – *Você está aprendendo espanhol?*

– *Un poquito* – respondeu.

O rubor se espalhou do pescoço e das orelhas para as bochechas, e ele se encolheu diante das próprias palavras, da pronúncia ou de qualquer outra coisa que ele claramente estava julgando demais. Eu não estava prestando atenção em nada disso, só ao fato de que havia falado em espanhol e ele tinha me entendido.

– *Para mí?*

– Por você. – Ele assentiu. – E os seus pais. – Henry pensou por um instante e entrelaçou os nossos dedos. – E um pouquinho pelo meu ego.

Eu ri – de um jeito suave e sincero. Não por causa da piada, mas porque estava feliz. Reconheci o quentinho no estômago, a pontada suave no coração. A maneira como não conseguia parar de sorrir. Eu estava muito, muito feliz.

Henry não compartilhava esse sentimento, provavelmente porque ainda tinha um sotaque horrível quando falava, e estava *tentando* fazer uma coisa em que não era de cara perfeito. Ainda, depois de 360 dias.

Eu o puxei para mim, beijei os lábios dele e continuei a puxá-lo até as minhas costas baterem na parede bem no pé da escada.

O sorriso nos meus lábios era tão largo que o fez sorrir também. No meio do beijo, balancei a cabeça e me afastei de novo. Olhei para ele. Seus olhos verdes se fixaram nos meus, com as pupilas dilatadas. Suas bochechas ainda estavam coradas e o cabelo úmido, mais escuro que o normal. As poucas sardas no nariz dele estavam mais proeminentes depois de um dia no sol.

– Trezentos dias? – perguntei de novo, descrente e surpresa.

Henry arquejou, fingindo estar ofendido.

– E sessenta! – corrigiu ele. – Como é que você ousa desmerecer as minhas realizações desse jeito?

Ele riu, depois me beijou de novo.

Quase um ano. E, durante dez meses, não tínhamos nem olhado um para o outro, muito menos trocado uma palavra.

CAPÍTULO 35



Dez meses antes

Junho

Eu sentia Lacy me observando. Da mesa ao lado, o olhar dela se fixou em mim, avaliando e julgando sempre que ouvia mais um *Parabéns!*.

"Apenas cérebros, nenhum glamour: o fardo das universidades da Ivy League" tinha sido muito importante para o *Hall Beck Post*. Fez com que os outros redatores pudessem nutrir esperança de também receber do conselho a incumbência de escrever um artigo, enquanto os editores torceram para ter o trabalho finalmente apreciado pela universidade.

Talvez eu tenha contribuído para isso.

Eu havia entregado o rascunho final duas semanas antes. Depois de mais algumas pequenas correções e um longo processo de aprovação com a UHB, o artigo foi para o prelo na edição daquela semana.

Tanto o meu olhar quanto o de Lacy seguiram o editor, que parou na minha mesa para me dar um tapinha nas costas e me elogiar. Quando ele saiu, vi, pela visão periférica, a cadeira dela girando na minha direção.

– Existe alguma coisa que você não consiga fazer? – perguntou, atraindo a minha atenção para ela e para o sorriso inesperado em seus lábios.

Falso, imaginei.

Lacy e eu sempre tínhamos nos tratado com cordialidade, mas nós sabíamos que não éramos… muito fãs uma da outra. Ela tinha um estilo ótimo e uma voz excelente em seus textos, o que significava que sempre conseguia pegar exatamente os artigos que eu queria escrever. Eu tinha ficado um pouco surpresa por não ter visto esse na mesa dela.

Ela também devia ter ficado.

Lacy inclinou a cabeça diante da minha falta de resposta e jogou o cabelo loiro para o lado.

– *Sério.* Tipo, primeiro o *The New York Times* e agora isso?

Mesmo assim, as palavras dela pareciam elogios, e não cheguei a perceber a amargura habitual no tom.

– Obrigada. – Foi tudo que consegui dizer, na esperança de manter a conversa civilizada, com nossos sorrisos falsos, e seguir em frente.

Assim poderíamos voltar para nossas respectivas telas e continuar ignorando uma à outra, como tínhamos feito durante a maior parte dos últimos três anos.

Mas…

– Como foi? – insistiu Lacy. Seu sorriso não tinha vacilado, pelo contrário: agora demonstrava astúcia e cumplicidade. Eu não sabia por quê. – Imagino que seja difícil. Encontrar alguém disposto a dedurar a universidade em que investe tanto dinheiro todo ano. Será que essa pessoa ainda seria capaz de justificar esse gasto depois de perceber que uma Ivy League é… apenas cérebros e nenhum glamour?

Ela considerou a própria pergunta, desviando os olhos para o nada, como se estivesse realmente pensando.

Eu tinha tentado não fazer o mesmo. E odiava o fato de ela saber exatamente qual tinha sido a minha maior dificuldade – que eu só tinha superado porque tive a ajuda de Henry.

Respirei fundo.

– Parece que sim. A fonte disse o que esperávamos mesmo que dissesse. No final, deu tudo certo, não foi?

Lacy ergueu as sobrancelhas escuras em sincronia com o sorriso. Como se eu finalmente tivesse mordido a isca – e ainda não soubesse o que tinha me matado.

– É – concordou ela, assentindo com vigor. – Disse o que queríamos mesmo que dissesse.

Outra voz me salvou de ter que procurar uma resposta.

– Paula?

Meu olhar se voltou para Eddie, que estava na porta, logo atrás da minha tela. Abri um sorriso genuíno dessa vez, esperando mais felicitações. Mas ele não parecia lá muito animado para esse tipo de conversa. Em vez disso, forçou um meio sorriso educado e disse:

– Preciso falar com você um minutinho.

Ele apontou para o corredor, e eu o segui sala afora. Senti os olhos azuis de Lacy nas minhas costas até eu fechar a porta.

Edward Smith ficou em silêncio enquanto caminhávamos em direção à sala dele. Passando pela sala de recreação, pelos laboratórios de mídia e por algumas salas de aula. Mais uma vez, ele me chamou para entrar, e comecei a ficar com medo quando quase fechou a porta. Só a deixou entreaberta.

Ele se sentou diante da mesa. Eu me sentei do outro lado.

Por um tempo que pareceu longo demais, só nos entreolhamos. Ele cruzou as mãos sobre a mesa entre nós e contraiu o maxilar. Em seguida, semicerrou os olhos.

– Desculpa, mas o quê… – comecei a perguntar, por fim.

Mas ele me interrompeu:

– Você gravou as fontes, né? – A pergunta foi disparada como uma bala saindo de uma arma. Como se ele tivesse tentado encontrar uma formulação melhor, mas sem sucesso. – Você citou corretamente o que foi dito, Paula?

Franzi a testa. Não sabia por quê, mas os meus batimentos cardíacos estavam acelerados.

– Claro. – Assenti, confusa. – Claro. Por quê?

– Recebemos uma reclamação. De uma fonte dizendo que foi citada incorretamente. Que ela nunca disse o que você escreveu. Que…

O zumbido no meu ouvido era mais alto do que a voz de Eddie.

Meu rosto murchou. Alguma coisa dentro de mim se estilhaçou.

O quê?

O quê?

O quê?

– Paula? Você está entendendo? Não estou falando de uma pessoa reclamando por ter se arrependido depois de perceber o que fez. Ela não me implorou que eu excluísse a fala dela no artigo. Ela foi direto ao comitê de ética da Sociedade de Jornalistas Profissionais e fez uma denúncia anônima.

Eu sabia que se tratava de Mark antes mesmo que Eddie dissesse algum nome. Antes mesmo de ele me dizer quem tinha me acusado de mentir e fazer jornalismo de má-fé, quem tinha deixado uma mancha permanente no meu registro.

Sabia que era ele porque eu tivera um pressentimento e havia ignorado. Porque eu disse a mim mesma um milhão de vezes que ficaria tudo bem, *o*

que poderia dar errado?, em vez de descobrir de onde vinha esse sentimento. Bem, tudo que poderia ter dado errado deu.

– Estou investigando, mas agora o conselho da faculdade quer a minha cabeça porque Harvard quer a cabeça dele. – Eddie passou as mãos pelo rosto, frustrado. – Paula, eu não sei como vou poder te deixar voltar a escrever.

– Eu achei que eles tivessem adorado – resmunguei.

– Eles adoraram. Até descobrirem que você mentiu…

– Mas eu não menti.

Mesmo depois do que considerei um relato preciso da entrevista, que poderia minimizar muito os danos, Eddie não estava menos angustiado. Ele não parecia mais aberto a me deixar ficar no jornal. Era como se já tivesse tomado uma decisão ou, pelo menos, não pudesse mudar o desfecho daquilo tudo.

– Paula – disse ele, e suspirou. – Minhas mãos estão atadas. A menos que a fonte retire a reclamação ou que ela seja refutada sem sombra de dúvidas… deixa isso morrer. Se concentra nas suas aulas e tarefas e esquece o *Post* por um tempo. Até que eles não queiram mais cortar a minha cabeça por ver o seu nome no jornal.

O que, aparentemente, aconteceria 264 dias depois. Quando ele tinha decidido me dar o perfil de Henry.

CAPÍTULO 36



Presente

Talvez eu só precisasse de uma mudança de cenário. Olhar para o roseiral de Henry certamente facilitou o processo.

Com todo o novo material das entrevistas da véspera, eu tinha reconstruído… *reimaginado* todo o perfil. Temas, menções, os quandos e comos que transformavam um perfil bem elaborado numa peça de relações públicas impecável. Três horas depois, eu estava diante de uma matéria completamente diferente.

Suspirei.

– Algo me diz que você está me encarando – falei, e desviei o olhar da tela, relutante.

Henry estava sentado pertinho. Não olhava para o celular, que tinha deixado no colo, mas para mim.

– Ótimo. – Um sorriso irônico surgiu no canto dos lábios dele. – Meu plano funcionou. Agora você pode vir aqui.

Henry abriu os braços, me convidando para o colo dele. Eu queria poder, mas…

– Não posso. – Apontei com a cabeça para a tela. – Preciso terminar isso.

Já tínhamos passado por uma situação semelhante. Quase exatamente um ano antes. Quando eu tinha trabalho a fazer e ele havia me pedido para não fazer. Implorando e suplicando até eu ceder. Quando estava tentando descobrir o que havia de errado com o Mark e Henry me disse que eu estava sendo paranoica.

E estava mesmo. Ainda que eu tivesse vasculhado a internet por mais três horas naquela noite, não teria encontrado aquilo que me custaria a

minha boa reputação duas semanas depois.

Quase um ano depois, eu ainda não tinha encontrado nada.

E nunca deixei de me culpar por ter fechado o notebook naquela noite.

Depois do nosso término, eu também o culpei. Por me apresentar a Mark, por me distrair e me fazer colocar em risco tudo aquilo que eu tinha me esforçado tanto para conseguir, quando ele não havia arriscado nada por mim. Eu não sabia se era justo, mas fez com que eu me sentisse melhor, e Maeve dissera que só isso importava.

Um ano depois, meu primeiro projeto após o desastre, e eu me encontrava na mesma situação. Trabalhando, escrevendo e pesquisando na presença de Henry – que conseguia me distrair com facilidade.

Prometi a mim mesma um milhão de vezes que não deixaria que aquilo se repetisse. Entoei essas palavras na minha cabeça como se fossem o meu mantra pessoal sempre que eu sentia o cheiro da colônia dele ou quando ele fazia algum som do outro lado do cômodo.

De novo não. De novo não. De novo não.

Acontece que era mais difícil quando tudo ao seu redor gritava Henry Parker Pressley. Quando eu conseguia ouvi-lo fazer uma ligação em outro cômodo, se movimentar pela casa, me gritar do outro lado da casa: *Encontrei uns lugares veganos que fazem entregas! O que você quer: sushi ou hambúrguer?*

Sushi, obviamente.

Mas eu tinha persistido e chegado ao fim do segundo rascunho no começo da noite. Estaria mentindo se dissesse que voltar para Henry não era uma das razões que me faziam trabalhar mais rápido.

Então, ceder e ir para os braços dele, na cama dele, parecia uma espécie de recompensa.

– Sabe – disse Henry, passando os dedos pelas minhas costas. – Isso não é muito *amigável* da nossa parte.

Meu peito apoiado no abdômen dele. Henry me abraçando. Nem uma folha de papel passaria no espaço entre nós.

Sim, pensei. *Não era nada amigável da nossa parte.*

Suspirei e dei de ombros, bufando de brincadeira.

– No bom ou no mau sentido?

Henry se mexeu embaixo de mim.

– Não consigo imaginar um mundo em que isso seria ruim. – Dava para

ver que ele estava pensando. – Por que você acha isso?

– Nada. – Muitas coisas, na verdade. – Só…

Hesitei. Eu deveria falar sobre o elefante no meio da sala ou não?

– Naquela época… – comecei. – O que tínhamos não era tão ruim. Né?

Henry se sentou, se recostou na cabeceira da cama e me puxou para fazer o mesmo. Os olhos verdes procuraram os meus em busca de algum bom humor, mas eu não consegui fingir.

– Você está falando como se eu pensasse isso – disse ele.

Peguei a primeira camiseta que vi no pé da cama, e ele me observou enquanto eu a vestia. Por acaso era dele. Henry não fez nenhum comentário.

– Por quê? – perguntou Henry.

Eu não conseguia acreditar que ele estivesse me perguntando por que eu poderia presumir que ele achava o nosso relacionamento ruim. Quase ofendido com essa insinuação. Meus olhos percorreram a confusão no rosto dele.

– Talvez… – Não consegui evitar a resposta fria. – *Talvez* porque você terminou comigo?

Minha atenção se desviou dele. Para as grandes janelas que chegavam até o chão e mostravam todo o jardim, com a piscina, as estátuas e as rosas. Para a mesa que estava diante de uma das janelas, com uma pequena luminária, canetas e papel. Para as nossas roupas espalhadas pelo quarto – a calça de moletom dele aos pés da cama e a minha camiseta na porta. Eu estava olhando para qualquer lugar, menos para ele.

Henry riu, emitindo um som seco e sério.

– Se eu me lembro bem, você pareceu concordar.

Eu me virei para ele de repente.

– Não é possível… – comecei, falando muito alto, muito na defensiva. Tentei de novo. – Não é possível que você acredite mesmo nisso.

– Como assim? – insistiu Henry. – Uma semana depois, Maeve me levou uma caixa de papelão com as minhas coisas e exigiu que eu mandasse uma caixa com as suas. Um mês depois, você bloqueou o meu número. E eu nunca mais ouvi falar de você.

Porque eu precisava fazer isso! Porque eu não podia te ver uma semana depois de terminarmos. Como eu tinha ficado muito tentada a ligar e mandar mensagem para você, Maeve teve que bloquear o seu número para mim.

Eu queria gritar as palavras para ele.

Como não fiz isso, Henry acrescentou:

– Você nunca perguntou. Por que eu fiz o que fiz.

O tom dele ficou mais forte, mais feroz, como se realmente pudéssemos começar uma briga. Bem ali. Naquele momento.

Entre os lençóis brancos, o canto dos pássaros e o pôr do sol. Com as árvores farfalhando ao vento, num lindo dia de primavera, Henry e eu estávamos começando a brigar.

Mas ele deveria saber por que eu nunca tinha perguntado. A insinuação de que eu não me importava o suficiente para querer saber parecia… uma grande grosseria, acima de tudo. Porque ele sabia quanto eu me importava – que toda a minha vida girava em torno dele e eu tinha pagado caro por isso, de certa forma. Eu mal conseguia me lembrar da noite em que ele terminou comigo, de tão doloroso que era pensar nela. Mesmo então doía.

A gente não deveria continuar com isso.

– Eu sei *por que você fez o que fez* – falei. – Eu não precisava que você jogasse todos os seus motivos na minha cara quando eu já tinha perdido muita coisa naquele dia. Você está brincando? Eu não precisava ouvir nada daquilo!

Henry balançou a cabeça.

– Eu não acredito nisso.

– Ai, meu Deus. – Eu queria jogar a cabeça para trás e rir. Em vez disso, simplesmente comecei a listar. – Você é você, Henry!

Ele arqueou as sobrancelhas, como se não entendesse o que *isso* poderia ter a ver com o resto. Só piorou a situação.

– Você estava exatamente onde deveria estar. Fazendo o que você devia fazer. Eu atrapalhei isso! Não balança a cabeça desse jeito, eu atrapalhei, sim! Você não queria abrir um tempo na sua agenda. Você não queria nem *pensar* em abrir um tempo na sua agenda! Eu era uma distração, então você me cortou como se eu fosse um membro inútil. Do mesmo jeito que você faz com todo o resto…

Ele abriu a boca, queria dizer alguma coisa, mas eu não tinha terminado.

– Sabe qual é a pior parte? É que eu estava feliz de verdade por você, de certa forma. Eu te odiava por terminar comigo, mas estava feliz por você. Você estava fazendo o que devia fazer! – repeti. – Você *sabe* o que deve fazer. E tem sorte de esse ser exatamente o caminho que deveria seguir… O que os seus pais também queriam para você. Literalmente o mundo inteiro quer

que você faça isso, e eu estava muito feliz porque, pelo menos, você poderia fazer isso. Sem distrações.

– Tá bom – disse ele, zombando. Ele saiu da cama de um jeito tão suave que eu só percebi quando ele ficou parado ao lado dela, vestindo a calça. – É o que todo mundo quer pra mim. Claro que é! Mas alguém já parou pra pensar se é isso que *eu* quero? Só porque o Felix deixou um legado incrível pra trás, porque eu gosto da única coisa pela qual o meu pai era conhecido e porque eu também sou muito bom nisso, essa é a minha vida. Decidida pra mim! Pelos jornais e pela imprensa… Por qualquer um, menos por mim.

Os olhos de Henry se voltaram para mim, fixando-se na camiseta, mas ele decidiu não tirá-la de mim.

– O cadáver do meu pai tem mais controle sobre a minha vida do que eu. É isso que você quer dizer quando afirma que *eu estou fazendo o que eu devo fazer*? Eu amo o futebol, mas será que é só porque todo mundo acha que eu deveria amar? Será que eu realmente gosto ou é só o controle que o meu falecido pai ainda tem sobre mim?

A pergunta era retórica, mas eu percebi que ele queria que eu fosse capaz de responder.

– Estou tentando descobrir isso desde o recrutamento, e isso quase me fez perder tudo, jogar todo o meu trabalho árduo no lixo. Se você não estivesse lá, não sei se teria assinado aqueles contratos em Nova York…

Henry inclinou a cabeça para o lado e fechou a boca antes que, Deus o livrasse, alguma coisa não planejada saísse dali.

Acho que foi a primeira vez que ele expressou esses sentimentos de maneira adequada. Sobre o pai, o impacto da vida dele – e da morte.

E eu me perguntei se ele estava se sentindo melhor quando saiu enfurecido do quarto. Quando entrou no carro e saiu dirigindo.

Eu não fui atrás. Apenas grunhi quando bati a cabeça nos travesseiros, depois grunhi mais alto, porque os travesseiros estavam com o cheiro dele. *Merda!*

Não estávamos discutindo sobre o nosso término? Sobre por que *ele* tinha terminado *comigo*? Ele não tinha negado nada do que eu disse. Mas também não tinha confirmado.

E, sim, claro, o que ele disse era verdade, trágico e explicava perfeitamente os hábitos de Henry Parker Pressley. Explicava por que ele fez o que fez, por que ele era do jeito que era. Por que ele achava que odiava o

pai e amava estar no controle.

Mas eu não estava no clima de ser compreensiva. Eu estava com raiva. E decidi – sem ligar para Maeve, mandar uma mensagem para o nosso grupo de mensagens ou duvidar de mim mesma – que eu tinha permissão para me sentir daquele jeito.

Pela primeira vez, senti as minhas emoções de maneira profunda o suficiente para não questioná-las.

Capítulo 37



Dez meses antes

Junho

No dia em que soube da reclamação ao comitê de ética, meu mundo parou pela segunda vez quando a pessoa com quem eu queria falar – o meu namorado – não atendeu o celular. Meu coração ainda batia no triplo da velocidade normal enquanto saía correndo da sala de Eddie. Minha bolsa ainda estava ao lado da minha mesa e o meu casaco continuava pendurado na cadeira quando desci a escada correndo e saí do prédio.

O sinal sonoro da minha terceira ligação não atendida para Henry ficava mais fraco à medida que o rugido nos meus ouvidos ia ficando mais alto. Após a sétima tentativa, finalmente desisti. Imaginei que ele estivesse ocupado com algo mais importante que os meus sentimentos, porque ele vivia ocupado.

Futebol. Faculdade. Futebol de novo.

Mandei uma mensagem de texto para ele – ou dez.

Reclamação ética. Mark. Nunca mais vou poder escrever.

Então andei sem rumo pelo campus, porque eu não achava que fosse capaz de falar com alguém sobre o que tinha acabado de acontecer sem chorar ainda mais de humilhação, decepção, raiva e confusão. A inevitável enxaqueca já seria ruim o suficiente. A ideia de Laila me ver daquele jeito – um desastre completo, com o rosto todo sujo de rímel e as bochechas manchadas de vermelho – quase me fez rir, então ir para casa não era uma opção. A pobre coitada teria um infarto.

Eu vaguei e vaguei, sem me importar com o destino dos meus passos, e acabei chegando ao apartamento de Henry. Ninguém atendeu quando

toquei o interfone, e eu também não conseguia me importar com isso. Era como se toda a vida tivesse sido drenada de mim e eu não soubesse ao certo o que fazer com o meu corpo, que não passava de um recipiente inútil.

Era assim que as pessoas se sentiam quando os sonhos delas eram destruídos? Quando tiravam delas tudo que estava quase ao alcance das mãos?

Não sei dizer quanto tempo fiquei sentada em frente ao apartamento dele. Os vizinhos iam e vinham, provavelmente um pouco incomodados com a garota desconhecida sentada na calçada, antes de seguirem normalmente com o dia, como se a minha vida não tivesse rolado ladeira abaixo. O sol estava começando a se pôr, e eu já não tinha mais lágrimas.

– Paula? – A voz de Henry ecoou na névoa da minha mente, e era a única coisa coerente e audível ali. – Você está bem? O que está fazendo aqui? – Ele se agachou na minha frente antes que eu pudesse tentar me levantar. – Eu retornei a sua ligação umas cem vezes. Todas as tentativas foram direto para o correio de voz.

Meu celular devia ter morrido em algum momento depois da minha décima mensagem de texto.

Fiquei pensando que eu devia estar muito horrível quando finalmente levantei a cabeça e o encarei. Os meus olhos estavam injetados de sangue, o rímel grudado nos cílios e nas bochechas, o cansaço visível em cada poro.

Piscando e franzindo a testa, percebi que Henry não parecia estar muito melhor.

Não que ele tivesse chorado dez rios ou questionado todo o seu futuro nas últimas cinco horas, mas estava exausto do mesmo jeito. Abalado. Confuso. Preocupado e inseguro. Pelo menos uma dessas coisas poderia ser culpa do meu estado. Mas o resto?

– Você está bem? – perguntei, secando os olhos pela primeira vez, na esperança de conseguir remover um pouco do rímel. Meu olhar percorreu a figura dele, o cabelo desgrenhado, a expressão preocupada, a mão se fechando ao redor da minha, os nós dos dedos… machucados? – O que aconteceu?

– Nada de mais.

Tinha caído no treino e derrapado no gramado sintético. Ele murmurou a explicação, me levou para o apartamento dele sem prestar muita atenção em mim, pensando em alguma coisa completamente diferente. Não

consegui identificar o que estava errado até chegarmos ao sofá – as mãos dele no meu cabelo, puxando-o delicadamente para aliviar um pouco a tensão na minha cabeça – e eu contar a ele o que tinha acontecido com mais detalhes do que dava para falar em algumas mensagens. A mão recém-machucada se fechou ao lado do corpo à primeira menção a Mark, a outra continuou massageando o meu couro cabeludo com muita delicadeza. Henry me ouviu, me confortou e se culpou pelo que aconteceu.

– Eu sinto muito. Não deveria ter te apresentado a ele. Mas vai ficar tudo bem, não vai?

Eu realmente não tinha pensado que essa confusão fosse culpa dele. E, sinceramente, balancei a cabeça e respondi que não tinha certeza de que as coisas ficariam bem.

Talvez tenha sido por isso que, vinte minutos depois, ele disse:

– A gente não deveria continuar com isso.

Ele estava mordendo o lábio inferior, encostado na bancada da cozinha, passando as mãos no cabelo. Os colegas de apartamento não tinham chegado. A coisa toda era meio que um borrão.

– O quê?

Henry repetiu as palavras e explicou o que queria dizer.

Isso não é bom para nós. Distrações. Muita coisa acontecendo.

Precisamos nos concentrar no nosso futuro.

Que eu sempre via ao lado dele, acho.

Quanto mais ele falava, mais distante esse futuro parecia. Como se eu estivesse só observando a situação… sem de fato fazer parte dela. Totalmente fora do ar. Talvez assim eu acordasse no dia seguinte e pudesse me convencer de que tinha sonhado a coisa toda.

Eu esfregaria os olhos, me vestiria, contaria a Henry que tivera um pesadelo em que ele terminava comigo. Ele beijaria a minha testa, diria que eu estava sendo ridícula e eu acreditaria nele.

Aparentemente, não era tão ridículo assim.

A boca dele continuou se movendo, com uma entonação suave e arrependida, os olhos marejados. Acho. Não pude ter certeza, porque, *mais uma vez*, eu estava fora do ar. Tentando preservar o último resquício de dignidade que tinha, aceitando que outra constante na minha vida havia sido arrancada de mim, em vez de tentar salvá-la e fracassar.

Então não houve briga. Talvez eu estivesse cansada demais para isso.

Pode ser que tenhamos conversado durante horas ou dez minutos – eu não saberia a diferença.

Recusei a oferta dele de me dar uma carona para casa. Anestesiada. Insensível. Sem nenhum traço de emoção na minha voz. Eu não era capaz de lutar por mais uma coisa com a qual eu me importava e perdê-la mesmo assim. Não depois de tentar com Eddie e fracassar.

E o meu mundo parou de novo, uma última vez, quando enviei uma mensagem de texto curta para Maeve no caminho para casa. E – como se ela soubesse que vê-las me destruiria –, ao chegar em casa, ela já tinha retirado as poucas fotos minhas e de Henry do nosso mural na sala de estar.

CAPÍTULO 38



Presente

Henry não tinha voltado. Eu peguei no sono muito depois da meia-noite ainda sem sinal dele e acordei bem cedo, sem conseguir conter a preocupação que se instalava no meu estômago e me fizera revirar na cama a noite toda.

Não era aconselhável dirigir sob fortes emoções.

Quando saí na sacada, porém, pouco depois do nascer do sol, olhei para a entrada da garagem e vi o SUV parado bem no meio do caminho. Suspirei de alívio, tão alto que os pássaros de uma árvore próxima fugiram.

– Estava com medo de eu te abandonar no meio do nada?

Levei a mão ao peito, levando um susto com a voz dele.

– *Meu Deus* – falei, mais para mim mesma. Pigarreei. – Mais ou menos isso.

Não quis mencionar que estava com mais medo por ele do que por qualquer outra coisa.

Henry estava apoiado no batente da porta, com uma xícara de café na mão. Não era café puro.

– Ah, esse seria um ótimo motivo pra um término – comentou ele, com um tom solene.

Fiquei tensa com o comentário – com a simples lembrança da nossa discussão. Henry se aproximou lentamente e veio ficar ao meu lado. Não olhou para mim ao colocar a xícara na grossa balaustrada de pedra.

Ele suspirou, e eu falei, sendo mais imatura do que gostaria:

– Tão bom quanto deve ter sido o seu?

Lá vamos nós para o segundo round, pensei.

Os olhos dele permaneceram focados na entrada sinuosa e nas árvores que a ladeavam. Como se fosse a coisa mais fácil do mundo: não prestar atenção em mim. Quando eu pensei que fosse simplesmente me ignorar, ele engoliu em seco e falou, fitando o ar da manhã.

– As coisas que você mencionou ontem à noite… – começou ele. – Não foi por nada disso que eu tive que terminar com você.

Ele disse isso como se desejasse não ter dito.

Eu também desejava. E, com uma sensação de pavor e o estômago embrulhado, percebi: *Porra, vai ser muito mais difícil superá-lo desta vez.* Porque ele não era meu namorado e eu não era namorada dele… Eu não tinha nenhum *direito* ao coração dele, nem a mínima pretensão de fingir que tinha. Éramos apenas Henry e Paula. Amigos. Parceiros. *Ex-namorados.*

– Você não teve que… – tentei dizer, mas Henry balançou a cabeça, com o olhar ainda na entrada da garagem.

– Eu tive, *sim* – enfatizou ele. – Mesmo que você não fosse gostar, e eu menos ainda. Eu precisava fazer aquilo.

Balancei a cabeça e senti um pouco da raiva da noite anterior vindo à tona.

– Por quê? – Finalmente me virei para encará-lo. – Por que você *teve* que partir o meu coração?

– Paula… – Ele soou preocupado.

Provavelmente porque os meus olhos estavam ardendo, a minha visão estava embaçada e uma lágrima estava escorrendo pela minha bochecha. Eu não me importava.

– *Não.* – Balancei a cabeça com vigor. – Pode continuar. Olha pra mim e fala. Me conta.

Henry engoliu em seco, mas não emitiu nenhuma palavra. Ficou só olhando para mim em silêncio. Isso me deixou louca.

– Fala alguma coisa! – exigi, a voz alta vacilando. – Porque eu merecia coisa melhor? Porque você não era bom o suficiente? – falei, zombando. – Você com certeza consegue inventar uma desculpa melhor…

– Que droga, Paula! – A calma dele desapareceu, e ele também elevou a voz. Acho que estávamos gritando um com o outro. – Sim! – rugiu ele, obstinado. – É exatamente isso. Parabéns.

A xícara, ainda sobre a balaustrada, tinha sido esquecida quando ele bateu as mãos na pedra. Ela caiu no chão com um barulho alto e agudo.

Henry simplesmente suspirou e levou a mão ao rosto.

– Você tem sonhos. Aspirações. Metas e ambições! – disse, como se fossem coisas ruins, depois explicou: – E eu quase estraguei tudo isso. Eu quase estraguei todo o seu futuro porque sou egoísta. – A voz dele *falhou*. – Quando você me contou o que aconteceu com aquele artigo, eu não consegui pensar em nada além do fato de que tinha sido culpa minha. Eu iria me culpar pelo resto da vida se você não conseguisse fazer o que queria porque *eu* tinha atrapalhado. Porque eu me meti entre você e a sua carreira. Você não entende isso?

– Mark não era…

Eu queria dizer a ele que Mark não tinha sido *realmente* culpa de Henry. Mesmo que eu estivesse tentando acreditar nisso fazia um ano, sabia que não era verdade. Henry não tinha como saber o que poderia acontecer quando me apresentou a ele. Só queria me ajudar, mesmo que o tiro tivesse saído pela culatra.

– Não tem a ver só com ele – me interrompeu Henry. – Tem a ver com *tudo.* Você ficava se sacrificando, várias e várias vezes. Acha que eu não percebi quanto você se esforçava só pra gente se ver? Eu não queria isso pra você, Paula. Você merece coisa melhor. Você sabe disso.

Fechei os olhos e balancei a cabeça, bufando e respirando fundo até conseguir dizer as palavras seguintes.

– Sabe – falei, soando e me sentindo derrotada. – Quando um homem diz que você merece coisa melhor, ele geralmente está certo.

Henry massageou a têmpora. Como se nós dois estivéssemos cansados demais para discutir.

– Eu sei.

O silêncio que se seguiu quase me sufocou. Nem o canto dos pássaros nem os raios de sol na minha pele conseguiam amenizar a sensação de que eu estava prestes a sufocar.

Enquanto isso, eu o observava atentamente. Monitorando o modo como ele franzia as sobrancelhas e dizia a si mesmo *Foda-se* baixinho. Tentando afastar algum pensamento.

– Eu só… – Ele hesitou de novo. Seus olhos se voltaram para os meus, queimando através de mim, me devorando viva. – Meu Deus, Paula! Eu só não consigo fazer isso.

– Fazer o quê?

– Eu estou *tentando* deixar você partir – explicou. – Eu *estava* tentando. Porque você merece coisa melhor – repetiu ele, afastando-se da pedra, frustrado. – Você merece tudo. Alguém que tem todo o tempo do mundo pra você, que não precise reservar dez minutos entre o treino e o jantar pra aprender o seu idioma nativo. – Ele soltou uma risada irônica. – É patético. Eu deveria fazer isso o dia todo… – Balançou a cabeça de novo, jogando-a para trás com resignação. Como se ele já tivesse repassado essa lista e acabado de encontrar mais um item. – Porra, a sua gata nem gosta de mim.

– Pip não gosta de nin…

Ele me encarou e se endireitou.

– Eu simplesmente não consigo imaginar – confessou, sem aquela tensão no tom de voz – você com mais ninguém. Eu quero ser o homem que você merece e estou tentando descobrir como fazer isso há… algum tempo.

Ele expirou bruscamente, passando as mãos no rosto, cheio de frustração, estresse e angústia, tentando afastar as três coisas.

– Henry – falei, e nada além de um sussurro saiu dos meus lábios.

Mesmo com o som da brisa nas árvores e o zumbido dos insetos e pássaros no ar, ele parou de andar de um lado para outro. Olhou para mim.

– Sim?

– Eu também não consigo… – Acho que a minha voz tremeu. – Me ver com mais ninguém.

Ele me olhou por um longo instante, do outro lado da sacada ornamentada. Franziu as sobrancelhas, e a respiração falhou antes que finalmente cruzasse a distância entre nós. Passos lentos, pesados, ecoando na minha mente até ele parar tão perto que eu tive que erguer o rosto para nivelar o nosso olhar.

A respiração dele soprava o meu nariz, irregular.

– Isso não é bom – sussurrou ele, e ajeitou um cacho atrás da minha orelha. A mão dele ficou ali, segurando o meu queixo com ternura. Ele estava tremendo. – Isso é péssimo – completou.

Fechei os olhos e o senti com mais intensidade. Pairando sobre mim, com os nós dos dedos roçando na minha bochecha como se não conseguisse evitar. O cheiro de pinho e frutas cítricas exalava no ar, mas, mais do que isso, a nota adocicada de café nos lábios dele, o cheiro do sabonete líquido que nós dois tínhamos usado na véspera. As péssimas ideias. Sempre elas.

– Será mesmo?

Abri os olhos. Ele não parecia mais muito seguro.

Henry apenas murmurou:

– Aham. – Deu um aceno preguiçoso de cabeça. E se aproximou. – Péssimo – repetiu ele. – Porque me dá vontade de ser egoísta de novo. – Ele encostou os lábios no topo da minha cabeça e respirou fundo, como se precisasse se esforçar muito para não colocá-los em outro lugar. – Isso me faz querer ficar com você. Te ter de todas as maneiras possíveis.

Meu coração começou a bater muito rápido, um ritmo instável que ainda dava para sentir entre as minhas pernas. Pulsando com anseio, desejo e tragédia. *Ele poderia me ter*, pensei. *De todas as maneiras que ele quisesse.*

– É… – Minha respiração ficou presa na garganta. – Ainda é egoísmo quando sou eu que quero que seja assim?

Eu queria. Eu queria que ele fosse egoísta o suficiente para mandar todos os motivos para o inferno.

Henry recuou, seus olhos percorrendo o meu rosto. E sempre voltavam para os meus lábios.

– Acho que não seria. Não.

Eu o beijei, com tristeza, anseio e raiva. Henry segurou o meu rosto entre as mãos, pressionou o corpo no meu como se estivesse com medo de que eu pudesse desaparecer caso não segurasse com firmeza.

Ele me beijou como se quisesse compensar o fato de um dia ter me deixado partir. E de eu tê-lo deixado partir também. Com os lábios entreabertos, a respiração ofegante e as mãos agarradas a ele, eu permiti.

– Eu não sei como… – Ele respirou na minha pele e me beijou de novo. – Como foi que eu consegui escapar disso?

Enquanto ele espalhava uma série de beijos pelo meu pescoço, eu não sabia ao certo como tinha sobrevivido um ano sem isso. Minhas costas se arquearam contra a balaustrada, e dei um gemido quase inaudível.

Ele subiu a mão pela minha perna e a deslizou por baixo da camiseta com a qual eu tinha dormido. Parou bem perto de onde eu mais precisava dele e congelou completamente enquanto seus dedos se fechavam em volta do meu quadril nu.

– Você está sem calcinha – descobriu ele.

A declaração fez as minhas bochechas ficarem vermelhas. Eu sentia a cor subindo pelo meu pescoço até a ponta das orelhas.

– Eu não pensei que fosse te encontrar.

Ele voltou a mexer as mãos, resmungando, passando os dedos pelo meu quadril, pela minha barriga, por entre as minhas coxas. Nunca me tocando onde eu queria que ele tocasse.

– Então você pensou… – Ele apertou com mais força. – Que iria andar pela casa só de camiseta? E o quê? Me matar no processo?

Eu ia dizer que não, que só ia ver se o carro dele estava lá e depois voltar para a cama. Mas ele passou os dedos onde eu estava molhada, e todos os pensamentos foram apagados do meu cérebro.

– Meu Deus – sussurrou ele, e meus joelhos ficaram bambos, minhas pernas cederam. – É isso que eu faço com você?

Em resposta, eu o levei comigo para o chão da sacada, sem me importar se estava frio, duro ou desconfortável. Apoiei o pé na balaustrada, com as costas na pedra, e puxei Henry para cima de mim, posicionando as pernas de cada lado dele.

Balancei a cabeça em resposta à pergunta dele.

– Não – falei, gemendo enquanto ele chupava o meu pescoço, depois descia até os meus seios e os beijava por cima da blusa. Peguei a mão dele, aquela que estava provocando a minha entrada. – Isso é… – Enfiei o dedo dele em mim.

Gemi, maravilhada com a maneira como *ele* gemia.

– Paula… – sussurrou Henry, sem fôlego, necessitado.

Achei que ele fosse dizer mais alguma coisa, mas não falou mais nada.

Só Paula. *Só eu.*

Lenta e ritmadamente, ele moveu os dedos dentro de mim até a cabeça dele desaparecer sob a minha blusa e os seus beijos percorrerem os meus mamilos, descendo até a minha barriga, entre as minhas coxas.

De um jeito completo e ávido, enquanto a minha cabeça caía para trás e eu gemia o nome dele para as árvores ao redor, ele me devorou.



Devo ter adormecido de novo depois que fomos para o quarto dele, porque, quando abri os olhos, já tinha passado algum tempo e havia um cheiro na casa. Eu adoraria dizer que era um aroma incrível – de uma refeição caseira

com ingredientes frescos –, mas era só um cheiro. Era como se alguém estivesse *tentando* cozinhar.

Eu me levantei da cama, peguei algumas roupas na mala que Henry tinha preparado para mim e fui investigar.

Quando cheguei à cozinha, antes mesmo de eu dizer alguma coisa, Henry virou de costas.

– Você ainda está vestindo só essa camiseta? – perguntou ele, fazendo um escudo com a mão na frente dos olhos. – Porque estou ocupado aqui e não quero ter que abandonar o meu posto de trabalho. E teria que fazer isso se você estivesse…

– Estou decente – interrompi, entrando na cozinha do chef.

Henry suspirou, aliviado, e deixou as mãos caírem ao lado do corpo.

– Não posso dizer que não estou um pouquinho decepcionado – disse ele meio cantarolando, em tom de brincadeira, se virando de volta para a panela.

Meus olhos foram atraídos pelo conteúdo, e parei de repente quando me aproximei.

Reconheci imediatamente.

Arroz de Pajarito.

Meu olhar oscilou entre Henry e o prato tradicional que ele estava preparando.

Não que vê-lo atrás do fogão não fosse inusitado o suficiente – você não aprende a cuidar de si mesmo quando cresce com babás, cozinheiras e empregadas para fazerem tudo por você –, mas o fato de ele estar tentando fazer uma das poucas iguarias dominicanas que não levavam carne me deixou sem fôlego.

– O que você está fazendo? – perguntei, sem saber o que mais dizer.

– O que parece que eu estou fazendo?

Cozinhando, obviamente. Uma refeição que eu não comia havia anos e que não tinha percebido quanto desejava.

– Pensei em te alimentar, antes que você arrancasse a minha cabeça no caminho para casa. E lembrei que você tinha dito que estava com saudade da comida dominicana. – Ele me olhou e abriu um sorriso brincalhão enquanto desligava o fogão. – E surpresa! Você chegou bem na hora. É como se tivesse um sexto sentido pra essas coisas.

Arroz de Pajarito era um prato quase impossível de errar. Cozinhar o

arroz. Fritar a banana-da-terra. Misturar os dois e cozinhar juntos por mais alguns minutos.

– Essa é uma das minhas muitas tentativas de rastejar por você.

Avaliei a comida distraidamente.

– *Uma* das muitas.

Ele riu.

Henry tinha feito o arroz como qualquer dominicano faria: queimado no fundo da panela. Meu pai era um homem de 48 anos da classe trabalhadora e não teria feito melhor do que Henry, o bilionário. Então não culpei o privilégio por isso.

Em vez de banana-da-terra madura, Henry tinha optado acidentalmente pelo seu equivalente verde. O que significava que não estava doce e macia, mas sim farelenta e um pouco insossa. Isso funcionava bem em vários outros pratos, mas não necessariamente nesse. Também podia ter um pouco mais de tempero.

No geral, estava… razoável. Mas eu não podia me importar menos, porque Henry tinha ido até o mercado, escolhido os ingredientes e preparado uma refeição estrangeira para mim.

Então, quando nos sentamos à mesa de jantar de vinte lugares, e ele, à minha esquerda, me perguntou se eu tinha gostado… eu menti. *Quem não mentiria?*

– Adorei. – Peguei outra garfada grande para demonstrar e, sinceramente, não estava *tão* ruim assim. Ele me lançou um olhar de descrença, apesar da minha ótima interpretação teatral. – Sério – enfatizei.

Ele franziu mais a testa e revirou os olhos.

– Eu gostei – respondeu ele, sem saber o que pensar da própria comida. – Acho que poderia ser um pouco mais doce… – *Teria sido se ele tivesse escolhido a banana certa.* – Que tal se eu acrescentar açúcar na próxima vez?

Eu ri alto com essa sugestão. Tão lindamente americana da parte dele.

– Não. – Balancei a cabeça com ênfase. – *Dios mío*, não. – Ficava pior quanto mais o tempo passava. – A culpa é das bananas, *mi amor*. Eu te ajudo… *na próxima vez*.

E o apelido saiu com tanta naturalidade que eu nem consegui surtar, porque só percebi que tinha dito isso quando estávamos de volta ao carro, e adormeci com a lembrança se repetindo na minha cabeça.

CAPÍTULO 39



Presente

Voltei para a minha gata e as minhas meninas no fim da tarde. Assim que a voz delas ecoou pelas janelas abertas, discutindo a última reprise de *Love Island*, percebi que tinha sentido muita saudade, embora só tivessem se passado dois dias. Como é que eu iria sobreviver depois que nos formássemos, dali a alguns meses?

O pensamento ficou martelando na minha cabeça. Porque, naquele momento, eu me lembrei de que não faltavam mais alguns meses. Eu tinha me acostumado tanto a dizer isso – *bem, pelo menos ainda temos alguns meses!* – que esqueci que o tempo passava. E não estávamos mais no início de março, com as árvores ganhando novas folhas e as flores desabrochando. Estávamos agora no fim de abril. O sol estava alto, às vezes era escaldante, e faltavam apenas algumas semanas para a formatura.

Apenas algumas semanas com as pessoas com quem compartilhei todos os aspectos da minha vida nos últimos quatro anos.

Exames aprovados, projetos avaliados. A única coisa que faltava era o perfil. Não havia mais nada a fazer a não ser esperar até usarmos beca, recebermos nossos diplomas e sairmos para o mundo.

Que pensamento assustador.

Parecido com a constatação de que o meu perfil seria lançado no mesmo dia, quando os formandos estavam mais propensos a comprar e guardar uma edição sem motivo algum. E havia uma diferença gigantesca entre o seu artigo ser avaliado e lido por professores e ser analisado pelos colegas. Esta última opção era muito pior.

Depois de editar, reescrever e editar um pouco mais, enviei o rascunho

para Eddie no fim da semana, conforme prometido. E pensei que eu *talvez* pudesse ter o melhor de dois mundos, porque tinha conseguido tudo isso enquanto eu e Henry fazíamos um sexo incrível.

Sem negligenciar meu trabalho nem priorizar Henry.

Quando mandava mensagem e eu respondia AINDA NÃO POSSO. ESCREVENDO, ele me dizia para transmitir uma boa imagem dele no perfil e deixava por isso mesmo. Às vezes ele pedia comida para ser entregue na minha casa porque sabia que, quando estava concentrada, eu não via mais nada *mesmo*. Eu me esquecia de comer e beber e de cuidar das minhas necessidades mais básicas, até o fluxo de palavras diminuir.

Ele nunca exigiu o meu tempo quando eu não podia dá-lo. Em troca, eu ia para a casa dele assim que podia.

Felizmente, eu estava ocupada demais escrevendo para me preocupar com o que tudo isso significava para o nosso relacionamento. O que aconteceu nos Hamptons e o fato de ele estar rastejando por mim tinham mudado as coisas entre nós, mas não havíamos conversado sobre nada disso.

Não fiquei preocupada quando Eddie me chamou na sala dele. Eu estava confiante de que tinha acertado em cheio com aquele perfil. Humor, dinâmica, fatos e tudo.

O perfil mostrava o Henry que eu conhecia. Como sua ex-namorada, amiga e jornalista. Não era isso que o tornaria único? O fato de eu ter escrito sobre um lado dele que a maioria das pessoas jamais conheceria? O fato de ele ter falado sobre os pais e a própria infância com mais franqueza do que nunca?

Ed sorriu para mim quando entrei, deixando a porta aberta como sempre.

– Paula – disse ele, contornando a mesa.

Minha atenção, no entanto, não estava nele nem no fato de que fechou um pouco a porta atrás de mim, deixando apenas uma frestinha aberta.

Estava total e exclusivamente no penteado loiro perfeito diante de mim e no corpo grudado àquela cabeça. Lacy lançou um olhar por cima do ombro e sorriu.

– Ei. Achei que você não fosse chegar a tempo.

O comentário dela foi como um tapa na cara, e eu me virei para Eddie,

observando-o voltar para trás da mesa. Ele se sentou.

– O que é isso? – perguntei.

Ele apontou para a segunda cadeira do outro lado da mesa, e eu atendi ao pedido. Eddie pigarreou.

– Lacy… – disse ele e hesitou, balançando a cabeça. – Lacy pediu uma reunião. Com nós dois.

O tom indicava que ele também não fazia ideia de qual seria o assunto abordado, mas, como indicava a porta quase fechada, esperava que fosse… desagradável.

– Isso mesmo – disse ela, de bom humor. – Obrigada. – Os olhos dela se voltaram para mim. – Eu não queria fazer isso pelas suas costas, Paula. Acho que seria errado não ter você aqui.

A inocência brilhava no azul dos olhos dela e na sua voz suave.

Fiquei tensa quando ela entregou um envelope pardo para Eddie e interpretei o sorrisinho dela quando ele tirou as fotos de dentro como um *Eu queria ver sua cara quando eu fizesse isso.*

– O que é isso que eu estou vendo? – perguntou Eddie, semicerrando os olhos para uma impressão A4 de uma foto *muito* familiar.

Meu olhar se voltou de repente para Lacy.

– Como…?

Como foi que você conseguiu isso?, eu queria perguntar, mas parecia tão incriminador que me interrompi.

Meus olhos se concentraram na foto em que apareciam Henry e eu.

Será que Hallie tinha nos entregado?

Mesmo que tivesse feito isso, ela não saberia *por que* estava nos entregando – tecnicamente, não teria feito nada de errado. Tinha acabado de vender fotos da mais nova adição do Blue Eagles de Nova York e de uma suposta namorada pelo maior lance. Mas, de alguma forma, ela não parecia ser desse tipo. Teria pelo menos me avisado.

E, de qualquer forma, como é que Lacy saberia que deveria procurar essas fotos?

Ela pigarreou.

– Encontrei isso na minha caixa de entrada, Ed. Recebi da Paula, logo dela. Talvez ela quisesse encaminhar para o Henry, mas me copiou sem querer.

Ela especulava em voz alta para tornar as mentiras mais críveis. *Eu* sabia

disso. Será que Eddie sabia?

Eu não tinha enviado nada para ela. Nem sequer sabia se Lacy estava nos meus contatos de e-mail. No entanto, quando procurei desesperadamente o celular na bolsa, entrei no meu e-mail da faculdade e cliquei na pasta de enviados, lá estava ele.

Um e-mail com anexos, endereçado a l.halloway@uhallb.com. Duas semanas antes, no dia do prazo final do meu primeiro rascunho, que tinha me roubado muitas horas de sono. Isso provavelmente ficaria gravado no meu cérebro pelo resto da vida.

Coincidentemente, também foi o dia em que Henry me ligara, fora até o escritório e quase transara comigo naquela sala de entrevistas que mais parecia um armário de vassouras. No dia em que eu tinha deixado Lacy sozinha na sala e não conseguia me lembrar se tinha bloqueado o computador antes de atender à ligação.

– E… – Eddie inclinou a cabeça e arqueou as sobrancelhas. – O que é que isso deveria… me mostrar?

Ele folheou as impressões e as colocou sobre a mesa. Aquela em que Henry e eu estávamos deitados no campo estava no topo da pilha. Estremeci.

Lacy piscou uma, duas, três vezes antes de desferir seu golpe mortal.

– Que a Paula trepa com as pessoas para obter informações. Ouvi a Riley dizer isso no escritório. Eu sei que o Henry também veio aqui para ver a Paula. E quem sabe o que aconteceu em Nova York? – *Nada!* – Mas acho que as fotos falam por si.

Estremeci diante da linguagem chula, pela forma desavergonhada como ela lançou a acusação. Todas as evidências circunstanciais que, apresentadas daquela forma, pareciam suficientemente condenatórias. Até Eddie, que não se chocava com facilidade, recuou na cadeira.

– Isso é coerção – sugeriu Lacy quando nenhum de nós disse nada. Eu ainda estava chocada demais, e Eddie devia estar tentando descobrir a melhor maneira de responder. – Claramente – insistiu ela, os olhos começando a alternar entre nós. – E quem sabe há quanto tempo ela faz isso? Em que outras ocasiões usou o corpo para conseguir o que queria?

Quando foi *que eu consegui o que queria?*

A última coisa de que me lembro é que não recebi nenhum trabalho durante um ano inteiro e depois fiquei presa num projeto que eu *não* queria.

Quase gritei essas palavras para ela, mas fiquei calada. Também não sabia por quê.

– Aqueles primeiros trabalhos externos, *The New York Times*. Depois o projeto das universidades da Ivy League. – Ela deixou a voz morrer. – Eles sempre pareciam bons demais para ser verdade, não é? Quem sabe? Talvez ela conhecesse um amigo de um amigo de um amigo, que conhecia o editor-chefe, e… você entendeu o que eu quis dizer.

Respirei tão fundo que não conseguia falar, não conseguia fazer nada além de desviar o olhar para Ed, observando a reação dele com cuidado.

– Ela usa o corpo para conseguir o que quer e depois faz as fontes gravarem o que ela precisa ouvir. Talvez seja por isso que aquela fonte disse que a Paula mentiu…

– *Lacy!* – Eddie finalmente explodiu. – Chega.

A voz dele reverberou no corredor e ricocheteou nas paredes.

– Não! – devolveu ela no mesmo tom, vociferando, como se já tivesse aguentado o suficiente. O quê, eu não sei. – Eu é que deveria ter feito esse perfil, Ed! E você sabe disso! – A cadeira raspou no chão quando ela a empurrou para trás, se levantou e espalmou as mãos na mesa de mogno. – Estou cansada de perder coisas para a *porra* da Paula Castillo.

Eddie se levantou para ficar no mesmo nível que ela.

– Eu não sei que tipo de inveja e rivalidade tem entre vocês duas. Sinceramente, não me importo. – Ele parecia furioso. – Mas como é que eu iria te dar um perfil que pediram especificamente que a Paula escrevesse?

– Ah, por favor. – Ela revirou os olhos e me encarou, só por um instante. – Quem foi que pediu?

– A pessoa retratada no perfil, Lacy.

As trocas entre os dois continuaram, mas eu saí do ar. Minha cabeça rugiu, senti um embrulho no estômago, e meu coração deu um pulo, acho.

A pessoa retratada no perfil.

As palavras de Eddie ecoaram na minha mente.

Ele tinha total certeza de que queria esse perfil e tudo o mais associado a você.

De repente, tudo parecia tão óbvio. Como se estivesse na minha cara havia semanas e eu tivesse simplesmente feito vista grossa, ignorando qualquer coisa que sugerisse essa possibilidade, desde que eu recebera a incumbência de fazer o perfil.

Henry. Ele me queria no perfil e garantiu que isso acontecesse.

– Por que você está *sorrindo*?

O tom doce geralmente presente na voz de Lacy tinha desaparecido. Devia ser porque as coisas não estavam saindo como ela havia imaginado. Porque a cara feia de Eddie era direcionada a ela, e não a mim.

– Nada – respondi, com tanta calma que me surpreendi. Depois das acusações, eu achava que estaria pronta para uma briga física com ela, mas a minha mão nem se mexeu. Nenhuma vontade de dar um soco naquele rosto lindo e perfeito. Em vez disso, me levantei e perguntei: – Qual é o seu problema, Lacy?

– Como é? – retrucou ela, semicerrando os olhos.

– Qual. É. O. Seu. Problema?

– Você!

Isso meio que escapou dela, como se não conseguisse mais segurar a língua. E como se ela não fosse o *meu* maior problema.

Lacy bufou com um ar presunçoso, pendurando a bolsa-carteiro no ombro.

– Você, Paula Castillo. Com seu cabelo lindo, seu texto perfeito e esse carisma estranho que magicamente abre portas pra você! – Ela balançou a cabeça, perturbada com a própria lista. – Quer dizer, olha só pra você. Mark contradisse o que você escreveu, disse que você não publicou o que ele falou. Mesmo assim, como uma baratinha irritante, você ainda está aqui! Escrevendo o perfil do ano de um homem sobre o qual metade do país vai estar falando em breve.

Um gemido estridente se seguiu ao discurso, e as mãos dela desapareceram no longo cabelo loiro.

Achei irônico o fato de Lacy ter inveja de mim, quando eu tinha inveja dela desde o momento em que pisara no *HBP*. Porque tudo parecia fácil para ela: amigos, projetos, palavras. A praia *dela* era ser bonita e bem-sucedida sem esforço. Não a minha.

No entanto, o fato de eu, de algum jeito, parecer talentosa e bonita o suficiente para ser invejada não compensava o fato de ela ter acabado de dizer o nome da minha fonte. O nome *daquela* fonte. Mark.

Ela não devia ter percebido o deslize. Mas Eddie, sim.

Troquei um olhar com ele antes de me virar para Lacy.

– Eu mantenho a minha lista de fontes trancada a sete chaves – falei

lentamente. – Uso álibis, apago e-mails.

Eu percebi o momento exato em que a ficha dela caiu. O instante em que Lacy Halloway percebeu que tinha cometido um erro. Tinha falado demais, rápido demais, com furor demais, e feito merda.

– Todo mundo sabia que era o Mark!

Ela tentou desesperadamente salvar a situação. O olhar dela buscou ajuda no nosso editor, que observava com seriedade do outro lado da mesa. Ele não cedeu.

– Ninguém sabia disso – disse Eddie, de maneira tão lenta e cuidadosa quanto eu.

E ele estava certo. *Ele* só sabia devido às minhas tentativas desesperadas de convencê-lo de que eu tinha escrito exatamente o que Mark falara. Sem sucesso.

Henry só sabia porque fora ele quem sugerira o sujeito.

O lábio inferior de Lacy tremeu e, nos segundos de silêncio que se seguiram, ela tentou se conter. Ninguém disse uma palavra. Eu, por exemplo, nem respirava.

A situação era tão delicada que a acusação não dita pairava no ar como fumaça espessa. E seria o prego no caixão das brilhantes perspectivas de carreira de Lacy.

Porque, se ela realmente tinha feito o que todos nós estávamos pensando – se ela tinha manipulado uma fonte, subornado ou feito com que ele mentisse por quaisquer outros meios só para acabar com a minha maré de sorte jornalística –, a carreira dela estava prestes a acabar.

Lacy foi em direção à porta, e eu tinha certeza de que ela iria sair sem dizer mais nada, mas ela parou e se virou para trás, com os olhos fixos em mim. As narinas dela se dilataram e as bochechas ficaram vermelhas.

– Você deveria perguntar ao seu namorado como é que eu sei sobre Mark Lager.

Só então, depois de causar estragos na minha vida mais uma vez e jogar na minha cara os cacos que eu tinha separado tão meticulosamente nas semanas anteriores, ela foi embora.

Eu estava perplexa, confusa e zangada com um homem que *não* era meu namorado.

A insinuação persistiu entre nós dois de um jeito constrangedor. Eu ainda estava paralisada diante da mesa de Eddie, e ele tentava se manter

ocupado arrumando as fotos de Henry comigo. Fotos que eu não queria ver naquele momento – de nós dois sorrindo, rindo e olhando um para o outro.

Como se ele não tivesse entregado a minha fonte para Lacy. A insinuação dela tinha sido tão óbvia…

Eddie pigarreou.

– Vou trazer a Lacy de volta aqui amanhã – comentou ele depois que ela saiu. – E vou limpar sua ficha na Sociedade de Jornalistas Profissionais, não se preocupa. Mas deve ter uma coisa que você quer resolver agora, né?

Ele estava falando de Henry.

CAPÍTULO 40



Presente

Eu tinha falado para Henry me encontrar lá em casa. Disse a ele que esperasse no meu quarto, e com certeza parecia furiosa, porque ele fez o que pedi sem questionar.

Eu ainda estava com raiva quando me vi diante dele exatamente 23 minutos depois – andando de um lado para outro no quarto, em frente à minha cama e à parede laranja onde ela ficava encostada. Com as mãos nos bolsos da calça jeans e a camisa social azul-escura enfiada dentro da calça de qualquer jeito, ele olhou para mim.

– Paula? – perguntou ele, parecendo preocupado e confuso.

Era diferente da confusão que eu estava vivenciando no momento. Que seguia mais a linha de *Por quê?*, e *Quando?*, e *Como você pôde fazer isso comigo?*.

Fechei a porta atrás de mim, com as duas mãos nas costas quando me encostei nela, me sentindo derrotada antes mesmo que a conversa, a discussão, a possível briga tivessem começado. Meu coração afundou no peito quando perguntei:

– Como é que você conhece a Lacy?

Porque, na minha caminhada rápida até ali, eu tinha lembrado que ele a conhecia. Que ela o tinha cumprimentado como se eles já tivessem conversado. Como se ao menos se conhecessem. Logo depois da nossa primeira entrevista.

Henry franziu as sobrancelhas.

– Quem?

– Cabelo loiro. Olhos azuis. *Hall Beck Post* – listei. – Uma que me odeia –

acrescentei, rindo. – Te faz lembrar alguma coisa?

Os olhos dele percorreram o quarto, e a maneira como se voltaram para o canto superior esquerdo me mostrou que ele estava tentando se lembrar. Tentando refrescar a memória. O que parecia pior, de alguma forma, era que ele tivesse se esquecido de algo que quase me custou a carreira.

Ele olhou para mim de repente.

– Halloway, né? – perguntou ele, para confirmar. – Sim, claro. A sua amiga de…

Henry se interrompeu no mesmo instante em que eu me dei conta. Quando me dei conta do meu erro ao mesmo tempo que Henry se deu conta do dele.

– Você disse que ela *odeia* você?

Soltei um xingamento sussurrado. Minha cabeça caiu para trás, contra a porta, com um grunhido.

– Eu nunca te contei, não é? – Balançando a cabeça, ele deu um passo na minha direção. Ainda mantínhamos alguma distância entre nós. – No ano passado, alguns dias antes de você entrevistar o Mark… – começou ele. – Achei que você tivesse dado o meu número para ela. Essa garota entrou em contato e disse que precisava marcar a entrevista, mas você tinha esquecido de dar os detalhes. Você estava tão ocupada que ela não quis te incomodar, então eu… – Henry piscou para afastar as lembranças. – O que foi que ela fez?

– Ele me fodeu – falei, entendendo tudo. – Ela pagou o Mark para dizer exatamente o que eu queria que ele dissesse na entrevista, só para refutar o que publicamos depois. Basicamente, ela conseguiu que ele registrasse uma queixa na SPJ, a Sociedade de Jornalistas Profissionais – expliquei, diante do olhar questionador de Henry. Bufei ao perceber como tudo tinha ficado óbvio. – Meu Deus, como é que o Mark sequer *saberia* que tinha que ir à SPJ? Por que ele se importaria *tanto* com a ética no jornalismo? O cara estuda administração, pelo amor de Deus! Não tem nada de ético e… – *Para*, falei para mim mesma. Eu estava num quarto com um estudante de administração. – Sem querer ofender – acrescentei, e me encolhi.

– Não me ofendeu. – Henry deu de ombros, mas não pareceu que minha explicação o tivesse feito se sentir muito melhor. – Porra, Paula – grunhiu ele, enterrando o rosto nas mãos. – Se eu soubesse… *Porra* – repetiu. – Aquele desgraçado não teria ficado só com um olho roxo por algumas

semanas. Uma coisa é colocar a minha namorada no registro da Sociedade de Jornalistas Profissionais, outra coisa é fazer isso *de propósito*. Te encontrar já com a intenção de foder a sua vida…

Eu ainda estava presa nas palavras dele.

– Um olho roxo?

Henry se virou na minha direção de repente, como se tivesse acabado de perceber que não era um monólogo interior, mas frases ditas em alto e bom som. Sem filtro, apenas Henry. Que piscava para mim, perplexo e um pouco arrependido.

– Desculpa – disse ele, e suspirou, passando a mão no rosto em sinal de… derrota? Eu nunca tinha visto essa emoção nele, então não sabia identificar ao certo. – Quando eu vi as suas mensagens no ano passado, sobre o que aconteceu, tudo ficou vermelho na minha frente. Eu tinha acabado de sair de uma reunião de estratégia e, quando você não atendeu o telefone, eu vi tudo… mais vermelho ainda, acho. Imaginei que você estivesse com a Maeve, então entrei no carro. Sinceramente, eu não sabia muito bem o que estava fazendo. Quando dei por mim já estava em Harvard. – Henry respirou fundo, e seu olhar voltou a encontrar os meus do outro lado da sala. – Duas horas de carro e eu ainda estava com muita raiva. De mim mesmo, principalmente, mas muito mais do Mark. – Ele começou a andar na minha direção, mas então parou. – Eu juro que só queria conversar com ele. Perguntar o que tinha acontecido. Só que meu punho… escorregou. Acidentalmente.

Arquejei diante da nova informação, juntando as peças.

– Escorregou – repeti. – Na direção do rosto dele?

– Isso.

– Por quê?

Ele finalmente superou o que parecia uma distância de quilômetros entre nós e parou bem na minha frente, com a intensidade de mil sóis nos olhos.

– Porque ele te machucou, Paula.

Porque ele me machucou. Aparentemente, Henry Parker Pressley tinha perdido a cabeça, dirigido até Boston e dado um soco no rosto de um cara porque ele tinha me machucado. Sem ter planejado fazer isso e sem anotar isso na agenda primeiro – por puro instinto.

Provavelmente do mesmo jeito que ele tinha me levado para os Hamptons por instinto. Porque eu estava estressada e parecia estar

morrendo e ele queria consertar isso. Deixar Mark Lager com o olho roxo não resolveu muita coisa no ano passado, mas provavelmente tinha sido muito agradável.

Olhei para ele, a poucos centímetros de distância, sem ter muita certeza do que sairia da minha boca até que saiu. Mal passava de um sussurro.

– *Você* me machucou, Henry.

Poucas horas depois de ele ter dado um soco em alguém pela mesma ofensa.

Ele uniu as sobrancelhas, o vinco entre elas aumentando com preocupação, remorso e um milhão de outras coisas antes de baixar o olhar, como se o lembrete fosse um tapa na cara do mesmo jeito.

– Eu sei – se obrigou a falar, depois repetiu a admissão enquanto a situação se acalmava. – Eu sei. E eu sinto muito mesmo, Paula. Eu me senti culpado, confuso e… sinceramente, um pouco assustado. Eu não sabia se o Mark iria à imprensa pelo que eu fiz, e eu só… achei que nós dois ficaríamos melhor sem o meu recém-descoberto amor por decisões precipitadas. Coloquei o *seu* futuro em risco, depois o meu, e simplesmente achei que tivesse perdido o controle sobre… tudo, para ser sincero. – Ele balançou a cabeça e parou de falar. – Mas eu sinto muito. De verdade. Por te machucar. Por deixar a Lacy te ferrar. Eu devia ter te contado que ela perguntou sobre ele…

Segurei a mão dele entre nós, e as palavras morreram nos lábios de Henry.

– E-e… – gaguejou ele, e foram necessários cerca de dois segundos para que as duas mãos dele se fechassem sobre as minhas, segurando-as com tanta força que talvez ele nunca mais as soltasse. – Tudo isso poderia ter sido facilmente evitado se eu tivesse me lembrado de te contar sobre a Lacy.

E eu imaginei que poderia mesmo.

Se eu tivesse contado mais a Henry sobre a minha vida e ele estivesse menos ocupado com a dele, tudo isso *teria* sido evitado. Nosso término também, provavelmente.

Mas não havia nada que pudéssemos fazer em relação a isso no momento.

A raiva que eu tinha sentido mais cedo – quando eu não sabia como os dois se conheciam e por que o meu namorado havia contado à minha inimiga sobre as minhas fontes – morreu. O ressentimento duradouro em

relação ao nosso término também.

E eu fiquei só com Henry. Minha mão na dele, junto ao peito dele e sentindo o coração acelerado sob o meu toque. Com os olhos ardendo e um coração batendo tão rápido quanto o dele, em sincronia.

– Desculpa – sussurrou ele perto do meu nariz, com tanta sinceridade quanto cada um dos outros pedidos de desculpa. Quando uma das mãos soltou a minha e o polegar passou pela minha bochecha, percebi que eu talvez não estivesse controlando as minhas emoções tão bem quanto pensava. Só algumas lágrimas, mas o suficiente para fazer com que a preocupação o fizesse franzir as sobrancelhas de novo. – Eu não valho nem uma dessas, Paula. Por favor, não…

Balancei a cabeça rápido o suficiente para a mão dele cair do meu rosto e a minha visão ficar turva por um instante. Mas eu não tinha certeza de que o movimento o tinha interrompido ou se era a minha respiração estrangulada que soava perigosamente próxima de um soluço.

– Eu te perdoo, Henry.

Minhas palavras ficaram suspensas entre nós por um, dois, três segundos antes que ele realmente entendesse. Antes que o alívio tomasse conta das feições de Henry, e ele expirasse tão alto que superasse o rugido nos meus ouvidos.

Parecia monumental. Como se estivéssemos prestes a superar tudo que tinha acontecido entre nós.

Aquele artigo. Mark Lager. A acusação de Lacy.

E, meu Deus, eu estava tão aliviada quanto ele parecia estar.

– Quer dizer… – falei. – Você ainda vai rastejar, né?

Eu não sabia se a piada tinha sido bem recebida, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto e mais um soluço – talvez de alívio? – borbulhando na minha garganta, mas ali estávamos nós.

Os olhos verdes se arregalaram um pouco e os lábios se abriram em surpresa, substituindo a careta tensa.

– Você não está com raiva?

– Passei tanto tempo com raiva de você. – Meus braços se entrelaçaram em seu pescoço, e as mãos dele instintivamente foram parar nos meus quadris. Nenhum dos dois precisou pensar. – Acho que eu não conseguiria fingir por nem mais um minuto.

Ele deu uma risadinha, apertou ainda mais o meu corpo e me abraçou.

Meu nariz pressionou o peito dele, e o aroma de pinho e frutas cítricas tomou conta dos meus sentidos.

Não parecia mais uma péssima ideia.

– Rastejar, é? – perguntou ele, cantarolando no meu cabelo. – Algum pedido específico?

Afastei o rosto e olhei para ele. A insinuação, a travessura nos olhos dele e a maneira como sua mão deslizou por baixo da minha camiseta para acariciar a minha pele nua me disseram que ele certamente tinha algo em mente.

E ele estava muito disposto a compensar tudo pelo que ainda se culpava.

Quem era eu para me opor?

– Eu sempre achei que o objetivo de rastejar era… descobrir como fazer isso sozinho.

Eu passei a língua nos lábios, e o meu corpo me traiu quando eu me inclinei em direção ao toque dele, meus olhos ameaçando se fechar assim que os dedos dançaram nas minhas costas, leves como penas.

Os lábios de Henry se contraíram.

– Ainda bem que, na minha cabeça, eu pensava toda noite naquelas coisas de que você gostava. – Ele me puxou de volta até que as pernas dele encostaram na minha cama, então se sentou. Olhou para mim com olhos pesados. Minhas mãos estavam no cabelo dele. Eu não sabia como elas tinham ido parar ali. – Ainda bem que eu nunca esqueci o que você implorava e suplicava para eu fazer. O modo como você falava. Por mais que eu tentasse esquecer.

As mãos dele deslizaram até o cós da minha calça jeans. Nossos olhos permaneceram conectados quando ele abriu o botão e foi em direção ao zíper. Ele não puxou, só ficou com a mão ali.

– Não é?

E eu queria concordar. Assentir vigorosamente até ele tirar minha calça jeans e me mostrar exatamente do que estava falando. Mostrar que lembrava muito mais do que tinha mostrado nos Hamptons e até aquele momento. Mas então senti a vibração no bolso de trás da calça e ouvi o celular tocar.

Henry pegou o meu celular, provavelmente para jogá-lo do outro lado do quarto, bem longe do que tinha acabado de interromper, mas eu resmunguei quando vi o identificador de chamadas. Inutilmente, ele disse:

– É o seu pai.

O que significava que, se eu não atendesse no máximo em cinco segundos, a minha família ligaria para a polícia, lá da República Dominicana, e diria que eu estava desaparecida, que eu tinha sido sequestrada ou que estava caída numa vala em algum lugar.

– Sem gracinhas – avisei, apontando o dedo para Henry, que continuava com a mão no meu zíper.

Ele levantou as duas mãos com inocência, e eu puxei o celular da mão dele antes de me jogar na cama. Ele me seguiu e fechou o meu botão antes de recolher as mãos.

Durante dez minutos, meus pais me contaram as últimas fofocas de primos, tias e velhos amigos da família. Suspiros, *No!* para lá e *Si!* para cá, até que eles finalmente jogaram a bomba. O motivo da ligação.

– Nós vamos para os Estados Unidos! – disseram os dois juntos em inglês, com o sotaque forte. – Para ver você terminar a faculdade.

Henry deve ter ouvido mesmo com o celular apertado na minha orelha, porque ele sorriu como se soubesse o que isso significava para mim. Que a última vez que os meus pais tinham estado aqui fora quatro anos antes – no dia em que eu e ele nos conhecemos.

– Você vai usar um daqueles vestidos azuis largos e sem graça? – perguntou a minha mãe, desanimada.

Minhas bochechas estavam começando a doer e minhas palavras estavam abafadas, porque o sorriso não saía dos meus lábios.

– Vou.

– Você *tem* que usar?

– *Mami!* – protestei, e a ouvi rindo do outro lado da linha.

Ouviu-se um farfalhar, e a voz do meu pai ecoou de novo pelo alto-falante.

– Paula, sou eu de novo – disse ele sem a menor necessidade. – Temos que ir. – Mais uma vez, um farfalhar e, depois, um pouco distante: – *Ay! Claro que sí, María. Es cara!*

Ele reclamou que as ligações para os Estados Unidos eram caras – que custariam duzentos pesos, ou seja, cerca de três dólares.

– *Lo siento*, estou de volta – continuou ele, parecendo que estava com o telefone de volta no rosto. – Estamos muito orgulhosos de você, *cariño*. Nossa pequena empresária. *Adiós!*

– Nos vemos em breve! – gritou minha mãe ao fundo antes de eles

desligarem.

Meu sorriso tinha desaparecido.

Empresária!

Eu estava tão focada no perfil, na escrita e no *jornalismo…* que tinha esquecido que não era isso que os meus pais achavam que eu estava cursando.

Eles ainda tinham a firme convicção de que a filha estava prestes a obter um diploma em administração na UHB. *Por que não estariam?* Eu não tinha dado nenhum motivo para que suspeitassem do contrário.

– Porra – murmurei, meus lábios se contraindo numa careta tensa.

Senti saudade dos sorrisos fáceis e das bochechas doloridas de cinco minutos antes.

– Ei…

Henry notou, é claro.

Provavelmente havia escutado a ligação e juntado as peças. Ele apertou meu ombro e ajeitou um cacho atrás da minha orelha com muita doçura. Mas não era disso que eu precisava agora. Henry não daria conta do problema.

Gritei o nome da minha melhor amiga tão alto que ele estremeceu. Fiz uma careta, lançando um olhar de desculpa para ele antes de Maeve irromper no quarto como se estivesse preparada para isso.

Ela simplesmente passou por cima de Henry, como se vê-lo ali fosse tão normal que ela não precisasse nem se adaptar à ideia.

– O que houve? – perguntou Maeve, os olhos castanhos semicerrados, formando pequenas fendas de preocupação.

– Os meus pais estão vindo para a formatura.

Primeiro ela abriu um sorriso, a tensão sumindo como se ela fosse pular na minha cama com um *uhuuu*. E eu consegui identificar o momento exato em que a ficha caiu. Tudo na expressão dela murchou. Ela murmurou um *merda*, se sentou na minha cama em vez de pular e cruzou as pernas.

Durante a meia hora seguinte, tentamos bolar um plano. Descobrimos as melhores maneiras de manter a mentira, de explicar por que estava escrito jornalismo em vez de administração no meu diploma. Afinal, essa era a única solução.

Eu não poderia simplesmente dizer a eles: *A propósito, eu menti para vocês nos últimos quatro anos! Vocês estavam pagando uma fortuna por um*

curso completamente diferente! Agora sou jornalista, surpresa!

Mesmo assim, Maeve sugeriu:

– Ou, você sabe… pode só contar a verdade.

Balancei a cabeça com força, só para enfatizar ainda mais a minha decisão.

– Não posso – falei e bufei, deixando a cabeça cair no ombro de Henry, derrotada.

Ele não havia ido embora, mesmo sem os beijos, os toques e o sexo, mas ainda não tinha falado uma única palavra.

– Paula – choramingou Maeve, desviando os meus pensamentos dele. Ela estava impaciente, como se estivesse falando com uma parede nos últimos trinta minutos. Ela meio que estava. – Você vai ter que contar para eles em algum momento! Por que não fazer isso agora?

– Arrancar de uma vez, como se fosse um band-aid – concordou Henry, e eu olhei para ele, me sentindo traída.

– Obrigada, Henry! – Maeve acenou na direção dele.

Era bom saber que minha amiga estava ciente da presença dele, pois ainda não tinha demonstrado.

Diante da minha cara feia, Henry levantou as mãos na defensiva e me lançou um olhar demorado.

Maeve deu uma risadinha.

– O seu namorado está certo.

Ela só o chamou de meu *namorado* para criar climão. Para me provocar e me ofender por eu não seguir o conselho dela. O sorriso malicioso me dizia isso. Isso e o fato de que, bem, Maeve sempre sabia de tudo. Principalmente quando era algo relacionado a mim.

Antes que eu pudesse protestar em voz alta e morrer de constrangimento e vergonha, senti a mão de Henry na minha. Na verdade, ele só deixou a mão roçar na minha pele, mas foi o suficiente para manter a minha boca fechada.

Isso pareceu surpreender até mesmo Maeve, pelo menos por um tempo.

Uma pequena vitória para Paula Castillo.

– Arranca de uma vez, como se fosse um band-aid – repetiu Maeve, concordando. – Além do mais… – Os olhos dela dispararam de volta para mim. – Ele vai ter que concordar comigo. Para voltar a cair nas minhas graças – explicou.

– Ela está certa.

– Vocês dois vão fazer um complô contra mim hoje? – grunhi, irritada.

Maeve ignorou o meu desabafo.

– Ninguém quer ser odiado pela melhor amiga da namorada. Não é, Henry?

Ela semicerrou os olhos e voltou a insistir, e dessa vez parecia que era um teste. Como se ela não tivesse dito isso para me irritar, mas para ver a reação dele.

Como um pai tentando descobrir as intenções do namoradinho da filha antes de permitir que a levasse ao baile de formatura.

Henry abriu um sorriso profundo, e eu percebi que ele também estava ciente do fato.

– Maeve – disse ele, cutucando o ombro dela. – Você nunca conseguiria me odiar.

– Faz isso de novo e veremos, Pressley.

Eu não sabia se ela estava se referindo ao cutucão ou ao término.

De qualquer maneira, a expressão de Henry ficou séria e solene.

– Eu nem sonharia com isso.

O que foi… fofo. E aterrorizante.

Embora estivéssemos aproveitando a companhia um do outro de outras maneiras além da física (embora isso também, definitivamente), nunca mais tínhamos falado dos Hamptons. Da confissão dele. Da minha. E do fato de que, por mais que eu quisesse estar com ele, nossas circunstâncias quase não tinham mudado.

Eu o tinha perdoado havia apenas meia hora, sim, mas ele logo iria embora para jogar na grande liga, e eu estaria fazendo… só Deus sabe o quê. Perdoar era uma coisa, mas a questão do tempo, das prioridades e dos horários não era algo que deixaríamos para trás na faculdade. Esse era um problema que não tinha sido resolvido.

Fiquei pálida ao me lembrar das conversas que ainda teríamos, o que pareceu suficiente para Maeve sair da minha cama.

– Vocês precisam conversar. – Isso me deu vontade de matá-la *e* abraçá-la. – E, para que realmente consigam conversar, vou deixar a porta aberta.

– Uma pergunta – falou Henry quando Maeve estava quase saindo do quarto. Ela olhou por cima do ombro e arqueou uma sobrancelha. – Você não parece… surpresa em me ver. Com o fato de eu estar aqui.

Não era uma pergunta, mas ela respondeu mesmo assim.

– Não estou – disse, como se não fosse grande coisa. – Eu sei que vocês estão transando como coelhos há… um tempo. Provavelmente desde os Hamptons. – Para surpresa de Henry, ela completou: – Paula sempre fica com um brilho diferente quando você está envolvido.

E saiu.

Naquele momento, o único *brilho* diferente em mim era um tom de vermelho-vivo.

– Ahn – arrulhou Henry. – Você brilha!

– Cala a boca.

– Eu literalmente nunca vou deixar você esquecer isso – enfatizou ele, exultante daquele jeito dele quando repetiu: – Você brilha!

Com os olhos arregalados e explodindo de felicidade, ele não conseguia tirar o sorriso do rosto nem parar de me olhar.

Como é que *eu* poderia não passar cada segundo da vida querendo beijar esse homem?

– Porta! Aberta! – gritou Maeve do andar de baixo, como se soubesse que já estávamos pensando em fechar a porta. – Conversem! Agora! – acrescentou ela.

Suspirei, deixando a cabeça cair no travesseiro.

– Eu odeio essa garota – sussurrei, de um jeito afetuoso.

– Bom – disse Henry, deitando a cabeça no mesmo travesseiro e olhando para o teto comigo. – Ela te ama.

Ele procurou a minha mão em cima das cobertas e entrelaçou um único dedo com um dos meus. Brincou com ele.

E senti algo prestes a sair dos lábios dele. O momento era tão tangível, o cenário, tão perfeito, que acho que eu estava prendendo a respiração. Esperava que ele dissesse algo do tipo: *Eu também.* Ou: *Maeve e eu temos isso em comum.* Ou: *Eu por acaso sei como é isso.*

– Sobre o que a gente conversa? – perguntou ele.

Expirei e não consegui conter uma risadinha de desânimo. A decepção se instalando.

– Você é o cara que faz planos – falei. – Me fala: como será a sua agenda depois da formatura? – *Eu ainda consigo me encaixar nela? Ou já está lotada de compromissos e responsabilidades?* – O que tem na sua agenda para o dia 20 de maio?

O dia seguinte à nossa formatura oficial.

Henry entendeu o que eu queria dizer. A mão dele ficou imóvel na minha, e nossos dedos continuaram entrelaçados.

– Ah. – Foi só o que ele disse.

– É.

Virei a cabeça e percebi que Henry estava me observando havia algum tempo.

O verde dos seus olhos estava tão perto que eu conseguia ver o marrom ao redor da pupila, conseguia perceber como eram mais claros em certas partes.

– E aí? O que diz a sua agenda?

Eu não conseguia fingir que não estava nem um pouco curiosa, embora a resposta dele fosse me deixar devastada – e provavelmente só confirmaria que não deveríamos ficar juntos.

Nossas respirações se misturavam, o ar denso com o peso do que não tinha sido dito. Embora ele não tivesse dado uma resposta, eu conseguia imaginar qual seria.

Correr. Tomar banho. Dirigir até Nova York. Ir para casa. Desfazer as malas. Treinar no estádio. Jantar com os colegas de time.

A vida dele estava prestes a mudar radicalmente. Os alicerces dela seriam arrancados e reconstruídos.

E eu não me encaixava ali. Numa agenda tão ocupada como a dele. Em Nova York. Meu Deus, quem tem condição financeira de morar em Nova York?

E por que eu estava pensando em me mudar para Nova York?

Balancei a cabeça para interromper meus pensamentos, e Henry engoliu em seco.

– Não dá pra te contar – sussurrou ele finalmente, parecendo… envergonhado? Minha expressão intrigada o incitou a dizer: – É constrangedor.

– Constrangedor?

Era a última palavra que eu esperava ouvir.

Particular, vou estar ocupado, não é da sua conta: eu estava preparada para tudo isso. Mas *constrangedor*?

Henry assentiu.

– Muito.

Dei um meio sorriso e revirei os olhos.

– Maeve acabou de te dizer que eu tenho um brilho diferente quando você está por perto. – Eu odiava lembrá-lo disso, mas… – Tenho certeza de que não pode ser pior do que isso.

Ele balançou a cabeça, mas pelo menos estava sorrindo dessa vez.

– Não é a mesma coisa – disse. – Isso é fofo! Minha agenda para o dia 20 de maio é… meio papo de serial killer.

Não entendi por que isso me causou um frio na barriga e me deixou preocupada.

– Me conta – pedi, fazendo charme.

Henry grunhiu e olhou para o teto, evitando desesperadamente fazer contato visual.

Estendi a mão e a coloquei na bochecha dele por tempo suficiente para fazê-lo virar de volta para mim e nossos olhos se encontrarem mais uma vez. Meus dedos continuaram o caminho pelo maxilar dele, percorreram as bochechas, e eu observei enquanto ele ficava imóvel – como se não quisesse perder acidentalmente nenhum dos meus toques porque tinha respirado com muita força ou se mexido demais.

Henry fechou os olhos, e suspirou quando a minha mão desapareceu no cabelo dele, mais satisfeito do que tinha estado em muito tempo. Acho que eu poderia observá-lo pelo resto da vida. Sem ficar entediada ou querer fazer outra coisa.

– Por favor? – pedi, com a voz suave.

Os olhos de Henry continuaram fechados.

– Só você. – Ele mal disse as palavras: ele as sussurrou, e eu as li nos lábios dele. – Só o seu nome. No dia 20 de maio.

Minha respiração ficou presa na garganta, e, quando a mão dele encontrou a minha, seus dedos percorreram o meu braço e deixaram um rastro de arrepios. Ele não tinha aberto os olhos.

– Henry. – Também não consegui interpretar a maneira como eu tinha dito o nome dele. Eu nunca tinha falado daquele jeito. – Você não tem que chegar a Nova York nesse dia? Começar a mudança?

– Vou fazer isso no dia seguinte.

As palavras se estenderam entre nós. E eu não sabia o que *ele* estava pensando, mas eu não estava. Pensando. De jeito nenhum.

Ouvi um barulho alto e estrondoso na minha cabeça, talvez fosse meu

coração batendo. Eu não sabia o que diria até já ter dito.

Mas acho que não dava mais para tapar o sol com a peneira, tínhamos que enfrentar o assunto. E aquele parecia um momento tão bom quanto qualquer outro.

– E… – Engoli em seco. – Mais alguma coisa mudou? Desde o ano passado?

– Tudo.

Ele parecia seguro. Mas eu balancei a cabeça.

– Você vai estar mais ocupado do que nunca depois de se formar – lembrei a ele, mas sem muita convicção.

Meu cérebro tentava inventar motivos para me mostrar que isso era uma péssima ideia, mesmo que o meu coração estivesse imenso, já ocupando todo o meu peito.

Henry fez que não, ainda seguro.

– Só vai ser o futebol depois da formatura. Não vou ter mais provas para fazer nem trabalhos para escrever. Vão ser o futebol e você.

Mas…

– Você vai se mudar pra Nova York. Vai viajar pra jogar. Vai ficar fora por muito tempo.

– E vou estar com você sempre que não estiver fora. Quando você decidir ir comigo. Você não vai ter que se encaixar na minha agenda. Eu vou dar um jeito de me encaixar na sua.

– Você parece ter pensado muito sobre isso – concluí.

– O tempo todo – concordou ele. – Todo dia.

Dei uma risadinha.

– Então você tem uma solução pra todos os problemas que eu citar?

– Tenho duas, Paula. Três pra alguns.

E eu acreditei nele. O fato de estar com a agenda livre no que deveria ser seu dia mais agitado provava isso, não é? Também tinha o fato de ele ter arranjado tempo em vez de esperar que eu o fizesse.

Respirei fundo.

– Você ainda me deve respostas àquelas perguntas profundamente pessoais.

Eu não as tinha usado nas entrevistas – tudo que eu pedia, ele entregava de bom grado. Sem precisar de um ás (ou três) na manga. Eu só consegui pensar em usar todas elas em uma única pergunta agora.

– Devo, sim – concordou ele.

– Então…

– Não. – Ele soltou uma risada e sorriu. Quando finalmente abriu os olhos, o constrangimento e a timidez tinham desaparecido, substituídos por expressões familiares. Travessura. Humor. Adoração. – Essa é a resposta pra sua pergunta: sim. Eu te amo. Sendo bem sincero, acho que nunca deixei de amar.

Eu fiquei sem palavras. Meu estômago se revirava, minhas bochechas pegavam fogo.

– Era isso que você queria perguntar, não era?

Era.

Mas, para não pular em cima dele, tentei disfarçar. Obviamente, eu estava fracassando.

– Na verdade, eu estava pensando em qual é a sua comida de café da manhã preferida.

Sorri, com as bochechas doendo, e decidi montar no seu colo em vez de pular nele como eu queria.

Olhei para Henry e pensei: *Esse homem me ama*.

Ele me ama.

Ele *me* ama.

Ele me *ama*.

De novo.

Henry deu uma risada obstinada e linda.

– Retiro o que eu falei! – disse ele, brincando.

Em vez disso, as mãos dele encontraram o caminho até a minha cintura, e os olhos brilharam daquele jeito que eu achava que só faziam quando ele falava de futebol. Mas Henry estava me olhando do mesmo jeito, e eu me perguntei se esse jeito realmente era por causa do esporte ou pelo fato de ser comigo que ele estava falando.

Egoísta? Pretensiosa? Como eu não poderia estar assim – pelo menos um pouco – quando Henry Parker Pressley me amava?

Sorri para ele e para tudo o mais nesse mundo que era lindo, porque eu também o amava. Claro que sim. E falei isso para ele com um beijo, e com as minhas mãos no cabelo dele, e depois com as minhas palavras. Muitas e muitas vezes.

– Eu também te amo – repeti.

Foi quando a minha gata sibilou no corredor. Outro motivo para deixarmos a porta fechada quando ele estava lá. Henry murchou sob mim, e eu rolei para sair de cima dele, bufando.

Quando se sentou apoiado na cabeceira da cama, ele sustentou o contato visual com Pip, que ainda estava mostrando os dentes, mas cujas costas não estavam arqueadas como costumavam ficar na presença dele.

– Mas a gente vai ter que fazer alguma coisa em relação a isso – disse ele, parecendo estar com medo só de pensar.

CAPÍTULO 41



Presente

Era o dia da formatura. E eu ainda não havia contado aos meus pais sobre o meu curso.

Eu tinha mais ou menos umas… seis horas para descobrir o que fazer em relação a isso.

Além do mais, a edição do *Hall Beck Post* com o perfil de Henry havia saído de manhã, e eu já tinha encontrado um erro de digitação. Eddie – depois de finalmente acordar com o meu quarto telefonema – tentou me convencer de que estava tudo bem. Que essas coisas aconteciam. E eu sabia disso.

Acontece que, uma vez que meu histórico estava limpo, eu precisava que a minha volta por cima fosse perfeita. Sem erros de digitação nem enganos. E talvez eu estivesse focada demais em compensar o fato de que os meus pais ainda não sabiam do meu curso. O único jeito de superar isso era… me concentrando em outras coisas.

O erro de digitação. A mancha na minha beca. O perfil disponível para todo mundo ler.

Eu tinha corrido a manhã inteira pelo campus, pelo escritório e pela minha casa como uma galinha assustada, até que Maeve finalmente me trancou no banheiro, porque, com todo o meu nervosismo, eu me esquecera de tomar banho.

Meu cabelo estava meio bagunçado no topo da cabeça quando chegamos ao auditório, que ia se enchendo aos poucos de alunos, pais e irmãos. Eles ajudavam a preparar tudo, conversavam animados depois de meses ou anos sem se ver – alguns alunos simplesmente olhavam para o celular –, e só um

estava sentado na primeira fila, com uma edição do *Hall Beck Post* na mão.

Às vezes, eu ainda sentia um frio na barriga quando via Henry de surpresa. Quando ele ligava do nada ou nos encontrávamos no Daisy's. Às vezes, quando ele abria a porta do apartamento dele, eu não esperava que seu cabelo estivesse tão bonito ou encontrá-lo só de toalha.

– Com licença – murmurei para as minhas amigas, que estavam tentando decidir onde se sentar.

Elas sabiam que eu não ajudaria na decisão, então não se importaram com o meu desaparecimento.

Fui sorrateira até a frente do salão, provavelmente um pouco envergonhada, e me sentei ao lado dele.

– Ouvi dizer que é uma leitura fascinante.

Henry levantou a mão, os olhos lendo o último parágrafo antes de finalmente se virar para mim.

– Esse tal de Pressley – disse ele, brincando. – Que cara, hein?

– Me disseram que ele é meio convencido.

– Engraçado. Ouvi dizer que ele é muito humilde.

Dei uma risadinha, deixando a cabeça cair no ombro dele e suspirando alto.

– Quer dizer que você gostou? – perguntei, e não fazia sentido esconder o desespero na minha pergunta, a necessidade de validação.

Eu precisava que o perfil estivesse bom. Senão teria que me endividar ainda mais para conseguir o tal diploma em administração, no fim das contas.

Henry murmurou em concordância, passando a mão na minha cabeça.

E então, como se estivesse tendo uma conversa completamente diferente na própria cabeça, ele disse:

– Você não publicou.

Ele estava com o jornal nas mãos. Dava para ver algumas das fotos espontâneas de Hallie na página, ver os parágrafos que eu tinha criado de um jeito meticuloso. Então, definitivamente tinha sido publicado…

– O quê?

– As coisas que eu falei. – Ele engoliu em seco, ainda olhando para o palco à nossa frente. – Sobre… o Felix. O contrato que eu quase não assinei… Não tenta negar, eu sei que você percebeu.

Soltei um murmúrio de concordância antes de suavizar o meu tom de

voz.

– Publiquei uma parte – lembrei a ele.

– Não as partes que eu não iria querer que você publicasse. – Ele olhou para mim, e um pequeno sorriso surgiu nos meus lábios. Não precisei dizer mais nada. Ele entendia. – As partes sobre as quais eu comecei a conversar com a Stephanie. Tipo… meu pai.

Stephanie, a terapeuta dele.

Essas coisas tinham sido faladas em *off*. Nenhum jornalista que se preze as colocaria num perfil – num artigo elogioso, ainda por cima.

Henry podia contar a história dele quando quisesse, se é que algum dia o faria. Talvez depois de se aposentar, quem sabe logo que ele ganhasse a primeira taça com os Blue Eagles e dissesse *Isso é para você, pai* para uma câmera ao vivo. Veríamos.

– Cadê a sua irmã? – perguntei, mudando de assunto para deixar o clima mais leve.

O clima não ficou totalmente leve, porque Henry grunhiu e depois se largou na cadeira. Ainda assim, parecia um pouco mais relaxado.

– Estou me escondendo – respondeu ele, impassível. – Porque ela achou que seria uma ótima ideia unir forças com a família do McCarthy… A minha tia e o meu tio também acharam, obviamente. E eu preferiria não ouvir mais ninguém falando com entusiasmo sobre o discurso de formatura dele.

– Ele vai fazer o discurso?

Eu deveria ter contido a curiosidade na minha voz. Henry me fuzilou com o olhar.

– Claro que vai.

Dei uma risadinha e cutuquei o ombro dele com o meu.

– *Você* queria fazer?

– Não.

Eu bufei. *Qual é o problema, então?,* queria perguntar, mas ele me interrompeu antes que eu conseguisse falar.

– Cadê os seus pais?

Engoli a risada e acho que fiz uma careta. A pedra de 10 quilos de medo despencou até a boca do meu estômago. *Os pais que ainda não sabem do meu curso.*

– Atrasados – falei. – A julgar pelas atualizações do voo, eles

provavelmente vão chegar bem no meio da cerimônia. Ou depois, se eu tiver sorte.

Dessa maneira, eles não conseguiriam ouvir *Paula Fernanda Castillo, bacharel em jornalismo*. O que… seria pelo menos uma crise evitada. Faltariam só mais umas cem.

– Nesse caso, você só vai ter que mentir sobre o que faz pelo resto da vida. Bem fácil.

– Esse *não* é o plano.

O plano era encontrar um emprego num jornal pequeno e subir na hierarquia – o que decididamente seria mais fácil do que fazer isso num dos cinco grandes jornais do país.

Eu tinha três entrevistas de emprego marcadas para jornais locais, uma em Nova York e duas em Boston. E um deles teria que dar certo. Não é? Quando isso acontecesse, eu subiria na carreira, seria bem-sucedida, rica… ou pelo menos não seria pobre. *Depois,* eu contaria a verdade aos meus pais.

Que eu não estava estagiando num fundo de hedge fictício.

A essa altura, como eu já teria uma carreira de verdade, todos ririam dessa história engraçada. Talvez alguém dissesse que nunca pensou que eu conseguiria entrar no mundo dos negócios de qualquer maneira, e eu me sentiria melhor com a minha decisão – e minhas ações seriam justificadas. Talvez assim eu não ganhasse aquela bronca que estava temendo desde que mudara de curso.

Eu tinha aperfeiçoado esse plano nos últimos quatro anos.

– E você sabe disso – acrescentei, pensando melhor.

Henry ficou de pé, sorrindo. Segui seu exemplo.

– Porque você sempre foi muito boa em planejar, querida – disse ele, zombando. – Vou te deixar em paz. – Ele me deu um beijo curto e doce. Do jeito que um namorado faria. – Espero que o McCarthy já tenha saído de perto, que tenha ido ensaiar o grande discurso ou algo assim.

Henry revirou os olhos de maneira dramática e saiu.

E eu não consegui evitar que os meus olhos o seguissem até ele sair do auditório.



Eu não tinha certeza de que queria que o voo dos meus pais se apressasse para compensar o tempo perdido ou desse mais uma volta no aeroporto antes de pousar. Quando eles irromperam porta adentro, porém, a cerimônia de formatura ainda estava a todo vapor e o meu nome ainda não tinha sido chamado. Então eu soube.

Meu coração disparou e minhas pernas ficaram bambas. Provavelmente de ansiedade. Porque a presença deles – o sorriso largo da minha mãe quando ela percebeu que haviam chegado a tempo e cada emoção que eu conseguia perceber no rosto do meu pai a distância – significava que tudo que eu tinha escondido deles nos últimos quatro anos estava prestes a vir à tona.

E, mesmo assim, eu estava feliz de vê-los. Feliz, tipo, com lágrimas nos olhos. Feliz, tipo, reprimindo um soluço.

Fazia muito tempo que não ficávamos no mesmo ambiente. Desde que eu tinha me despedido deles no aeroporto, com um abraço forte e a promessa de deixá-los orgulhosos.

O nome antes do meu foi chamado.

Isso fez o meu olhar se desviar de María e Juan Castillo no fundo do salão, de mãos dadas com firmeza enquanto observavam uma garota cujo sobrenome começava com a mesma letra do meu subir ao palco.

Ela apertou a mão do reitor da UHB, recebeu o diploma e deixou o palco pelo outro lado. Palmas educadas, um único grito de torcida, e o salão ficou em silêncio para ouvir o nome seguinte.

Fiquei meio tonta. Sabendo que era o momento pelo qual eu tinha trabalhado por tanto tempo. Era por isso que eu tinha mentido para os meus pais. Por isso que eu tinha escrito artigos. Mesmo que, às vezes, parecesse que eu não iria conseguir.

Depois da mudança de curso de última hora, das fontes mentirosas, de colegas redatores invejosos e um coração partido que parecia impossível de consertar, aqui estávamos nós.

– Paula Fernanda Castillo – ecoou pelos alto-falantes.

Dava para ouvir Maeve comemorando em algum lugar atrás de mim. Henry devia estar perto dela, provavelmente batendo palmas também. Dylan e Caden berraram de algum lugar no meio da multidão de formandos, e eu quase fiquei orgulhosa. Então me lembrei dos meus pais, no fundo do auditório – batendo palmas, sorrindo, rindo.

Perdi o fôlego. Apesar das pernas bambas, fui em frente. Dei um passo, depois outro. Alcancei o centro do palco.

– Bacharel em artes. Jornalismo.

O sorriso orgulhoso da minha mãe desapareceu. Meu pai franziu a testa, confuso. E eu fechei os olhos quando apertei a mão do reitor, sem querer ver a cara deles quando descobrissem. Quando percebessem que o anúncio não tinha sido um erro. Eu não sabia se ainda conseguiria olhar nos olhos deles.

Fui conduzida para fora do palco, em direção a um grupo muito menor de alunos que já estavam com o diploma na mão. Segurei o meu com força, provavelmente o amassei de *tanta* força. Mas era a minha única âncora agora. Eu não conseguia ver os meus pais dali e não sabia se queria.

A cerimônia toda durou quase duas horas. Eu comemorei quando os meus amigos subiram no palco. Caden tinha ido antes de mim, mas Laila acabou vindo logo em seguida, depois Dylan e Riley. Quando Maeve atravessou o palco e me lançou uma piscadela no meio do caminho, eu quase comecei a chorar.

Quando Henry subiu depois da irmã, sempre a imagem do filho de bilionário, eu não conseguia acreditar que tínhamos encontrado o caminho de volta um para o outro.

Nada disso, porém, me fez esquecer o que me esperava do outro lado. Quando a última pessoa subiu no palco, deu um aperto de mão e recebeu o diploma, eu odiei a rapidez com que aquelas duas horas tinham passado.

Meus pais foram os primeiros a sair do salão, e eu lancei um olhar desamparado para os formandos ao meu redor, tentando encontrar…

– Está procurando alguém?

Eu poderia identificar aquela voz entre um milhão de outras se fosse necessário. Eu me inclinei para o corpo dele atrás de mim antes de me virar – sem precisar fazer isso, na verdade.

– Você – respondi.

Os braços de Henry envolveram a minha cintura, a cabeça dele acima da minha.

– Onde eles estão? – perguntou ele, como se soubesse da decisão que eu tinha que tomar no momento.

Contar a eles ou mentir. Cuspir a verdade ou colocar a culpa num erro.

Eu me virei para Henry em busca de alguma orientação. Lembra? Tomar decisões não era a minha especialidade. Mas o olhar dele revelava pouco

sobre os possíveis passos seguintes. Ele não me conduziu em direção à saída para dizer a verdade, não pegou a minha mão para me levar embora dali e sinalizar que eu deveria continuar mentindo.

Ele simplesmente olhou para mim com aqueles olhos verdes e disse, sem que uma palavra saísse de sua boca: *O que você quiser. Eu vou estar ao seu lado.*

A escolha era minha. E ele não iria julgar nem rir, quer eu me virasse e dissesse a verdade ou desse uma risada falsa e dissesse: *Por que eles disseram jornalismo? Eu, hein!*

– Você vem comigo?

E eu esperava que talvez isso aliviasse o golpe.

CAPÍTULO 42



Presente

Tanto meu pai quanto minha mãe tinham apenas o diploma do ensino médio. Foi lá que se conheceram. Nunca fizeram faculdade porque, quando tiveram a chance, os pais do meu pai morreram e ele assumiu o pequeno restaurante deles na praia. Minha mãe trabalhou lá como garçonete até conseguirem contratar funcionários, e meu pai prometeu a María Castillo que ela nunca mais teria que trabalhar na vida. Desde então, ela agradecia ao turismo todos os dias. Os dois se casaram, ele adotou o nome dela e alguns anos depois… lá estava eu.

Eles colocavam dinheiro na poupança reservada para pagar a minha faculdade desde antes de eu nascer, e cresci na areia, perto do mar. Meu pai nunca viu problemas em *me* fazer servir mesas. *Você está trabalhando para ir para os Estados Unidos, Paulita*, dizia ele antes mesmo que eu soubesse o que eram os Estados Unidos.

Acho que o sonho de cursar uma faculdade aqui era mais dele do que meu. Agora, 22 anos depois, eu estava diante dele com o sonho tendo se tornado realidade, só que tudo era meio falso.

Minha mãe estava furiosa. Eu não a culpava.

María estava tão brava que tinha esquecido completamente de se encaixar – ela gritava em espanhol sobre confiança e segredos. Embora a área do campus fosse mais isolada, ainda assim atraía alguns olhares curiosos.

Mas não era com isso que eu estava preocupada.

Era com a maneira como eles olhavam para o diploma. Seus olhos percorriam as palavras várias vezes. Provavelmente ignorando a transcrição

perfeita e se apegando às disciplinas que eu tinha cursado.

De novo, eu não os culpava.

As aulas de direito tributário, economia e estatística sobre as quais eu tinha falado com eles sumiram. Em vez disso, estavam olhando para escrita criativa, direito midiático, artes e cultura – jornalismo. Cada disciplina lembrava a eles do fato de que eu tinha pegado o dinheiro suado deles e jogado num curso que provavelmente consideravam desnecessário, idiota, uma perda de tempo.

Bem, talvez.

Eu estava segurando a mão de Henry como se a minha vida dependesse disso.

Os olhos da minha mãe se voltaram para mim, ainda com um milhão de repreensões fervilhando neles. Foi meu pai quem a impediu de me repreender, simplesmente colocando a mão no ombro dela e apertando com suavidade.

Ele olhou para mim, e eu não conseguia acreditar que havia um sorriso querendo aparecer no canto dos lábios dele.

– Quer dizer que a minha filhinha vai ser escritora? – perguntou ele. – Como o Leonardo Nin?

Talvez houvesse lágrimas nos meus olhos. Eu não tinha certeza, porque estava piscando muito para afastá-las.

– *No, papi* – murmurei em espanhol, balançando a cabeça de leve.

Nada como Leonardo Nin, que escrevia poemas e ficção e cujos livros estavam espalhados por toda parte lá em casa. Cortesia de Juan Castillo.

– É mais como… – Pensei por um instante. – Como Rachel Nichols, Emily Longeretta. Edith Zimmerman.

Meu pai assentiu como se realmente soubesse quem elas eram, quando obviamente não tinha a menor ideia.

– Está bem – disse ele. Minha mãe ainda parecia tensa sob o toque dele, com os olhos oscilando de um para o outro. – Como Rachel Nichols.

E eu percebi que era tudo um pouco demais para ele: me rever e depois se acostumar com o fato de que eu não tinha contado sobre a minha vida enquanto estava longe deles. E minha mãe sem saber de nada. Principalmente essa parte.

Ele apenas pigarreou, segurou o ombro da minha mãe com um pouco mais de força, massageou o local onde eu sabia que ela sempre ficava tensa e

pegou o celular. Era um aparelhinho velho, mas tinha acesso à internet. E um navegador que não era o Google. Então ele procurou Rachel Nichols, olhou as fotos, leu parte da página dela na Wikipédia e estendeu o celular para a minha mãe fazer o mesmo.

– Parece que ela ganha bem, *mi vida.* Não? – sussurrou ele, perto do ouvido dela.

E, quando percebi um pouco da tensão se aliviando – os ombros relaxando, a careta desaparecendo –, soltei a respiração que devo ter prendido por tanto tempo que fez um ruído suficiente para Henry apertar a minha mão de forma encorajadora.

Eu tinha esquecido que ele ainda a estava segurando.

Minha mãe engoliu em seco, e nosso olhar se encontrou de novo – os meus olhos não tinham desviado dos dela.

– E é isso que você quer? – perguntou ela em inglês.

Assenti. Achei que eu fosse gritar se abrisse a boca.

– Já está feito. Então…

Ela deu de ombros.

Nunca pensei em qual seria a reação deles. No fato de que, na verdade, eles não podiam fazer muito além de aceitar o *meu* destino. Eles me amavam demais para me rejeitar.

– É, eu sempre achei que você seria meio mole demais para negociar.

Exatamente o que eu queria ouvir.

Corri para os braços deles com tanta força que os meus pais cambalearam e deram alguns passos para trás. Murmurei tantas versões de *Obrigada* e *Desculpa* no pescoço deles que não consegui me lembrar de tudo que tinha dito quando os soltei, com o maior sorriso no rosto.

Eles pareceram se lembrar do homem atrás de mim no mesmo segundo que eu.

– Então você ainda está aqui – afirmou a minha mãe.

Isso era estranho por dois motivos. Eu não esperava que os meus pais se lembrassem de Henry, o desconhecido que eu obriguei a fingir ser meu amigo e a razão pela qual eles tinham me deixado ficar na UHB. Eu também nunca mais falei dele, muito menos como namorado.

Eu sabia que o meu pai teria esvaziado toda a conta bancária para pegar o voo seguinte e vir interrogá-lo.

– Eu não contei pra vocês…

– Ah, por favor. – Minha mãe me dispensou com um aceno. – Vocês estavam quase casados quando você nos apresentou a ele.

Ela tinha tanta certeza desse fato que eu não tive coragem de contar que nos conhecíamos fazia apenas cinco segundos. Além disso, não havia necessidade de revelar duas mentiras de uma só vez.

Os olhos do meu pai passaram de Henry para mim.

– *¿Estás segura de que es uno de los buenos? – Você tem certeza de que ele é dos bons?*, ele queria saber.

Senti Henry se mexer ao meu lado e dar um passo em direção a eles. Estendeu a mão para o meu pai e disse, num espanhol entrecortado e imperfeito:

– Eu tento ser.

E, embora ele tenha assassinado a pronúncia, Juan pegou a mão dele, sorriu e disse, em um inglês imperfeito e entrecortado:

– Ótimo. Senão eu te mato.

O fato de ele não ter rido antes, durante ou depois de falar isso não fez Henry suar de nervosismo.

– Espero que sim, senhor.

Henry então nos convidou para almoçar com a família dele, que – ele me contou relutantemente quando fomos até lá – tinha sido dominada pelos McCarthys. De novo.

No caminho, Marty tinha mandado uma mensagem de texto para Henry, e Eddie tinha mandado *algumas* mensagens de texto para mim. Três, todas sobre o perfil.

> A *Sports Illustrated* quer o perfil.
> O *The New York Times* quer o perfil.
> Me liga quando puder.

E eu faria isso logo depois de almoçar com as pessoas que eu mais amava no mundo, com as quais eu tinha pelo menos um ano de novidades para colocar em dia. Sobretudo com os meus pais.

Henry tinha silenciado o celular, me dado um beijo e sussurrado:

– Estou muito orgulhoso de você.

– E aí? – ponderei. – Isso me torna oficialmente sua namorada de novo?

A pergunta escapou dos meus lábios no auge da felicidade com um bom artigo, com a verdade exposta e, bem, com a mão de Henry na minha a poucos metros dos meus pais. Ele deu uma risadinha e olhou para mim enquanto caminhávamos em direção ao restaurante.

– Você sabe o que dizem – murmurou ele no meu ouvido, cutucando o meu ombro com o dele e dando um beijo no topo da minha cabeça. – A vida sempre oferece uma segunda chance. Ou algo assim.

EPÍLOGO



Um tempo depois

Julho

– Me dá um segundo – falei de repente ao celular, tentando interromper a voz do outro lado da linha. – Estou quase… Podemos conversar sobre isso quando eu chegar em casa? Não consigo anotar nada na ag… *Não*, eu não consigo anotar nada. Estou no elevador…

Saí assim que as portas se abriram no 20º andar, tentando tirar as chaves da bolsa, com o celular preso entre a orelha e o ombro.

– Marty! – falei, para ele calar a boca. – Por favor, espera cinco segundos até eu chegar à minha mesa e escrever isso, pode ser?

De alguma forma, consegui abrir a porta com uma das mãos, deixei a bolsa escorregar para o chão e joguei as chaves em cima dela ao fechar a porta com o pé.

– Sim – falei e expirei, atravessando a sala de estar.

O plano era entrar no escritório – chegar até o notebook, as canetas e o papel – o mais rápido possível. No mínimo para fazer com que Marty, empresário de Henry e *meu* chefe, parasse de me jogar ideias que eu não tinha como anotar em lugar nenhum. Isso estava me estressando.

No entanto, parei de repente quando os meus olhos foram atraídos para o sofá branco no meio da sala de estar de Henry. Como peça central da planta baixa aberta, ele ficava de frente para a televisão de tela plana na parede. Devia ter custado uma fortuna, projetado por alguém cujo nome faz as pessoas falarem *ooh* e *aah*.

Henry Parker Pressley não estava sentado nele. Estava sentado no chão, apoiado na parte de trás do sofá, com as pernas longas estendidas e um

pacote de petiscos para gatos que devia ter caído da mão dele. Ele estava de olhos fechados, com o pescoço caído de um jeito que parecia mais do que desconfortável e provavelmente o deixaria com dores por alguns dias.

Ele estava usando uma das camisas do time novo. Com a cor característica dos Blue Eagles e o nome e o número dele nas costas. Igual à do pai.

Número sete, Pressley.

Ao lado dele, Pip estava encolhida com um único petisco ainda pendurado na boca. Ela também estava dormindo profundamente. Fiquei surpresa com o fato de a minha chegada tumultuada não ter acordado os dois com um susto.

– Paula? – Eu me endireitei ao me lembrar que Marty estava na linha. – Você ainda está aí?

– Estou. – Baixei a voz e lancei um último olhar para os dois antes de entrar no escritório na ponta dos pés. – Repete o que você precisa que eu saiba sobre o perfil do Lee, por favor? – Peguei o notebook, me joguei na cadeira e rolei os poucos centímetros que faltavam até a mesa. Que tinha uma vista perfeita do Upper East Side. – Agora eu consigo escrever.

– Ah – disse Marty, e bufou. – Não, não se preocupe. Minha assistente já anotou tudo. Ela vai te mandar por e-mail o mais rápido possível.

Abafei um grunhido. *Ele não podia ter dito isso antes de eu correr um quarteirão inteiro para chegar aqui?*

– Mas como está indo o perfil? – continuou Marty casualmente, como se não tivesse bombardeado o meu celular e a minha caixa de e-mail com a mesma pergunta.

Josh Lee era meu terceiro perfil para os Blue Eagles, e, como estrela do time – aquele com o contrato mais longo, o maior salário e a maior atenção da mídia –, era compreensível que Marty estivesse… interessado. Envolvido. Mais envolvido do que com os outros.

– Ótimo. – Dei de ombros de um jeito inútil. – Assim como o anterior. E como o *anterior* a esse.

– Elogioso, então?

– O mais elogioso possível.

É claro que mencionando um ou outro trauma. No mínimo para ser mais fácil gerar identificação. Em termos de trauma, Josh Lee tinha um monte. Ele havia me dito que eu poderia escolher entre três antes de

começarmos, e… caramba, ele me deu várias opções.

O resmungo de Marty passou pela linha, em sua voz rouca.

– Nós estávamos pensando – começou ele. – Bem… Não. Vou começar de novo. Henry estava pensando. Depois, ele pediu a minha opinião, o que *me* fez pensar também.

Eu me lembrei do cara desmaiado e encostado no sofá, e isso me deixou inquieta.

Quando Henry pensava e depois levava o resultado do pensamento dele para os outros, quase sempre significava algo importante. Como quando ele pensou que seria uma boa ideia que eu escrevesse um perfil sobre ele e obrigou o meu editor a fazer isso acontecer.

– Haverá muitos jogos fora de casa nos próximos meses – disse Marty, como se isso não fosse uma constante na minha mente.

Eles iriam pular de cidade em cidade, de oponente em oponente até que, talvez, se fossem bons o suficiente, disputariam a taça da liga principal em dezembro e a ganhariam.

Até lá, eu já estaria de volta a Nova York faria cinco meses, olhando e regando as plantas de Henry. Ao olhar para a direita, vi duas só na estante dele.

Nós não morávamos juntos oficialmente. Eu tinha minha própria residência, cortesia do generoso adiantamento dos Blue Eagles pelos três perfis que eu escreveria para eles. Era pequeno, horrível, e acho que tinha visto uma barata correndo pelo chão certo dia de manhã. Mas era meu.

Independente e totalmente meu.

Então, quando Henry ofereceu para que eu ficasse na cobertura dele, muito mais luxuosa, no período em que ele estivesse fora, eu tinha recusado. Porque ele já tinha quitado os meus empréstimos estudantis (quem recusaria isso?) e rastejado o suficiente nos últimos meses.

Ele não tinha gostado muito disso.

Ele havia implorado, suplicado e planejado, até que, um dia, eu entrei no apartamento dele e havia uma selva inteira (só um pouco de exagero). Da sala de estar à cozinha, do quarto ao escritório, todas as áreas do apartamento tinham ficado muito mais verdes.

– Você pode cuidar das minhas plantas, encanto? – perguntara ele. – Elas têm um cronograma muito meticuloso, então alguém precisaria regar todas de segunda a domingo, e… Espera, nesse caso… você poderia simplesmente

ficar aqui. Que tal?

Ah, então eu tinha que cuidar das plantas.

– E com todos esses jogos fora de casa… – As palavras de Marty me arrancaram dos meus pensamentos, e eu assenti, mesmo que ele não pudesse me ver. – Concluímos que seria ótimo ter uma jornalista interna. Que possa conhecer os caras de verdade, escrever sobre eles. Sobre as vitórias, as derrotas e os pontos fortes… Talvez não sobre os pontos fracos – pensou ele em voz alta. – Podemos vender alguns desses artigos para revistas maiores. Manter os nossos homens no centro das atenções. Você sabe.

Meu corpo inteiro estremeceu com a perspectiva. Eu tinha me levantado enquanto Marty falava e fiquei andando de um lado para o outro no escritório até ele terminar de falar.

Parecia perfeito. Bom demais para ser verdade. Tudo que Henry tocava era meio assim.

Eu nem pensei antes de aceitar. Antes de agradecer várias vezes a Marty e de decidirmos nos encontrar na semana seguinte para repassar as atribuições do cargo de novo. Falar de trabalho, salário e todas as coisas que você não necessariamente quer discutir numa sexta-feira à noite.

Quando voltei para a sala, Henry não estava mais no chão. E eu o senti atrás de mim um segundo antes de me abraçar.

– Que horas você chegou em casa?

Em casa.

– Agorinha. – Eu me virei no abraço e sorri para ele. – Como foi essa conexão afetiva?

Minha cabeça apontou para onde Pip ainda estava dormindo no chão. Os petiscos de gato espalhados tinham sido recolhidos e guardados.

Henry fez uma careta.

– Não tão boa – admitiu ele. – Parece que melhorou depois que eu dormi. Talvez ela tenha achado que eu estava morto…

Eu ri da imagem, embora não pudesse discordar. Ela deve ter pensado que finalmente tinha vencido.

– Acabei de falar com o Marty – lembrei em voz alta.

No mesmo instante, Henry não conseguiu conter o sorriso, mas agiu como se não tivesse a mínima ideia do assunto do telefonema.

Ele ficou emocionado e ofegante quando eu contei, como se a ideia não

tivesse o nome dele escrito em todo lugar. Às vezes, ele não era tão astuto quanto pensava ser.

– Mas e as plantas? – perguntei, a voz repleta de ironia quando olhei de novo para ele.

Ele balançou a cabeça e passou distraidamente os dedos pelos meus cachos.

– Elas vão embora até o fim da semana. – Henry nem piscou. – Eu só aluguei os vasos até você concordar em sair daquele buraco que chama de apartamento. Pelo menos por um tempo. Pelo menos enquanto o meu estava vazio.

E, embora eu desejasse poder dizer que não conseguia acreditar, eu certamente conseguia.

– Você sempre consegue o que quer, não é?

Ele me observou por um longo instante e disse, como se não estivesse falando sobre seu contrato ou o grande apartamento, o dinheiro e a fama:

– É.

AGRADECIMENTOS

Desde o instante em que mencionei a ex-namorada de Henry no primeiro manuscrito de *Aprendendo a fingir*, eu sabia que eles teriam seu próprio livro. Eu me lembro de terminar a história de Dylan e Athalia e ficar animada com o fato de finalmente poder dar vida a Paula e Henry. Foi muito fácil entendê-los, e eu adorei cada segundo em que escrevi sobre a tensão desconfortável e os grandes sentimentos entre eles.

Ainda assim, muitas pessoas me ajudaram a colocá-los onde estão hoje, e sou eternamente grata por isso. Um grande, grande, grande agradecimento à minha editora, Katharina. O fato de termos conseguido editar dois livros em, tipo, metade de um ano é pura loucura, mas eu adorei cada segundo. Ao restante da equipe da LYX, Steffi, Andrea, Jeannine e todos os outros com quem tive o prazer de trabalhar: obrigada por deixarem os meus livros bonitos, por acreditarem em mim e, no geral, por serem a melhor editora que alguém poderia ter.

Pai, obrigado por ser o modelo de Juan Castillo. Espero ter feito justiça a você (e a todos os tios, tias e primos). Te amo.

Para Manju, Annphie e Clara, meu trio de apoio pessoal Maeve-Riley-Laila, obrigada por tudo. Relacionado a livros ou não.

Naturalmente, escrever um romance de segunda chance me deixou um pouco nostálgica e sentimental. Linda e Lau: desculpem por todas as vezes que vocês tentaram me impedir de mandar mensagens para o meu ex. E obrigada por todas as vezes que vocês conseguiram me impedir de mandar mensagens para o meu ex. Se alguém leu este livro e está pensando *Ei, talvez eu devesse entrar em contato com meu ex:* siga o conselho das minhas amigas e não faça isso. Você merece coisa melhor e vai encontrar.

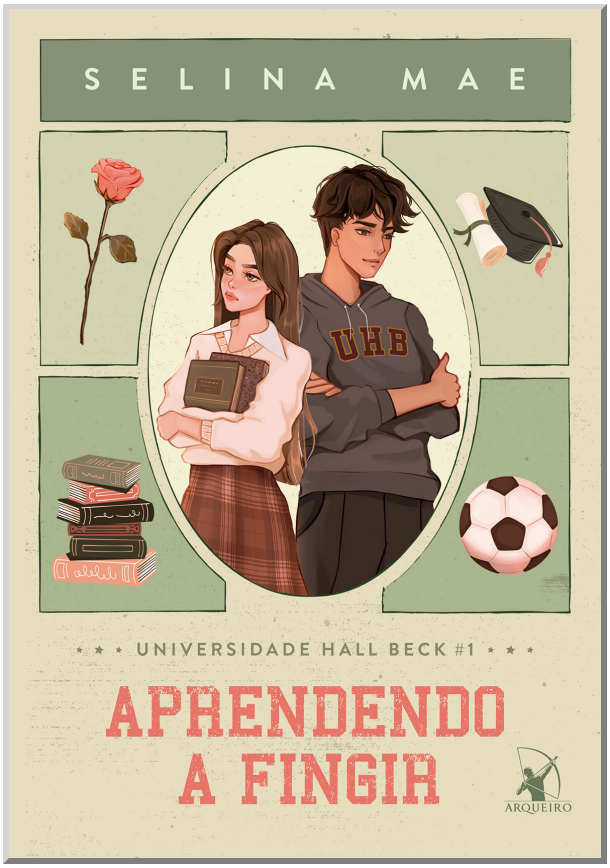
Por último, mas não menos importante, obrigada. Sou muito abençoada por escrever essas histórias e mais abençoada ainda por ter pessoas que as

leem. Quer você tenha gostado ou não, obrigada por dar uma chance às minhas histórias e aos meus personagens. Serei eternamente grata.

Alerta de conteúdo sensível
Este livro apresenta os seguintes conteúdos:
Menção a morte dos pais, acidente de avião, perda, luto

Para voltar ao início do livro, clique aqui.

CONHEÇA OUTRO LIVRO DE SELINA MAE



Aprendendo a fingir
Série Universidade Hall Beck

O maior desejo de Athalia é conquistar o afeto do irmão gêmeo, Henry. Depois da morte de seus pais, Henry se tornou cada vez mais distante e ela já acreditava que seria impossível se reconectar com ele.

Até ser obrigada a ter aulas de monitoria com ninguém menos que Dylan McCarthy, o garoto de ouro do campus – e arqui-inimigo do irmão. Athalia também não é uma grande fã de Dylan, com seus comentários afiados e a pose de sabichão. Nem mesmo o cabelo sedoso, o olhar sonhador e o corpo sarado de jogador de futebol universitário ajudam.

O ponto positivo é que Henry enfim lhe dá toda a atenção que ela quer. O contra é que essa atenção parece estar diretamente ligada a Dylan, pois Henry faz questão de estar presente para defender a irmãzinha de seu maior

rival.

Athalia então propõe um acordo a Dylan: os dois vão fingir que estão juntos, com direito a contrato assinado e tudo. Assim Henry continuará por perto e ela vai poder estreitar os laços com ele.

Quanto mais o "casal" encena, porém, mais a linha entre a verdade e a mentira desaparece. E, entre risadas forçadas e encontros fingidos, é quase impossível acreditar que essa paixão não é para valer.

SOBRE A AUTORA



SELINA MAE é autora de histórias de amor e, adivinhe só, leitora de histórias de amor também! Como nunca conheceu ninguém de forma arrebatadora e digna de filme, ela compensa escrevendo encontros perfeitos. Quando não está criando casais apaixonados, pode ser encontrada relendo seus romances preferidos ou chorando (muito) com finais felizes.

authorselinamae.com

seselinamae

seselina_

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

"Peyton une momentos de emoção nua e crua com cenas que parecem um abraço quentinho. Impossível de largar."

BAL KHABRA, autora de *Em rota de colisão*



JOGANDO *por* CONTROLE

PEYTON CORINNE

Jogando por controle

Peyton Corinne

Rhys Koteskiy está de volta. Pelo menos é o que todo mundo espera. Na semifinal do último ano, o astro do time de hóquei da Universidade Waterfell levou uma pancada tão violenta que até hoje luta para se recuperar. Atormentado por pesadelos e crises de pânico quando pisa no rinque, ele se pergunta se algum dia vai jogar de novo – e se é isso mesmo o que quer.

Sadie Brown está determinada a não perder o foco neste semestre. Afundada em dívidas, ela se vira do avesso para conciliar os estudos, a batalha pela guarda dos irmãos mais novos e os treinos de patinação artística. Com seu temperamento difícil, sua reputação no campus não é das melhores.

Quando ela presencia uma crise de pânico do melhor jogador da equipe de hóquei e tenta ajudá-lo, nasce uma inusitada identificação entre os dois. Rhys sente um vazio enorme e não consegue resgatar sua paixão pela vida, enquanto Sadie, sempre tomada por alguma emoção, não aguenta mais lidar com tanta intensidade.

Mas o caminho para a cura não é fácil, e os segredos que eles guardam um do outro só complicam as coisas. Numa trama marcada por traumas, descobertas e a promessa de um futuro, Rhys e Sadie percebem que, por mais doloroso que seja, às vezes é preciso cair para aprender a voar.

Clique aqui para ver na loja


"Sincero, sensível e sensual. Mais que uma história de amor, uma jornada de amadurecimento – e sobre o poder de ser aceito do jeito que você é."
ELENA ARMAS
JOGANDO por AMOR
PEYTON CORINNE

Jogando por amor

Peyton Corinne

Freddy é a alegria em pessoa, ao menos à primeira vista. Ala esquerdo do time de hóquei da universidade, ele tem uma reputação estelar dentro do rinque e entre quatro paredes: já assinou contrato com a Liga Nacional e as garotas do campus são loucas por ele.

Na sala de aula, porém, o sucesso não se repete. Freddy foi reprovado em algumas matérias e tem dislexia, discalculia e TDAH. O problema é que o contrato com a NHL só entra em vigor depois que ele se formar, então Freddy precisa de ajuda para passar em biologia, um de seus pontos fracos.

Ro Shariff tem um histórico de azar no amor. Passa os dias tentando se convencer de que é muito feliz com o namorado, apesar de viverem terminando e voltando, mas a verdade é que está desesperada por afeto verdadeiro. E agora ela é a monitora de Freddy.

À medida que as sessões de estudo levam a uma identificação cada vez maior com as dores um do outro e a longas ligações noturnas, uma amizade nasce entre eles. E também um desejo secreto, que não conseguirão conter por muito tempo.

Clique aqui para ver na loja

Ela diz que não significa nada...
Mas, para mim, significa tudo.



Sem Defeitos

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 1

ARQUEIRO

Sem defeitos

Elsie Silver

Rhett Eaton é o principal nome do rodeio em touros. O garoto de ouro da cena country. Isso até fazer um comentário polêmico que o deixa em maus lençóis com um patrocinador e, em seguida, ser filmado dando um soco em um homem no meio da rua.

Agora seu agente quer que o peão limpe sua imagem e, para garantir que ele ande na linha, designa Summer Hamilton, a própria filha, para supervisioná-lo até o final da temporada de rodeios.

Mas Rhett não precisa de babá nenhuma, principalmente se ela usar calças coladinhas no corpo, for a rainha dos sorrisinhos maliciosos e tiver uma boca cor de cereja que nunca se cala – uma boca que não lhe sai da cabeça.

Summer diz que é melhor os dois não se envolverem e que a reputação de Rhett não pode sofrer mais nenhum baque. Assim como o coração dela, que não aguentará ser partido mais uma vez.

Depois que os dois se conhecem melhor, porém, Rhett percebe que Summer não é só mais um troféu a ser conquistado. E ela, em vez de fugir do que vê, se aproxima cada vez mais – mesmo sabendo que não deveria.

Clique aqui para ver na loja

Meu contrato diz que o acordo é por dois meses…
Mas meu coração diz que é para sempre.



Sem Coração

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 2

ARQUEIRO

Sem coração

Elsie Silver

Depois que o bar onde ela trabalha fecha para reformas, Willa Grant fica sem rumo na vida. Mas sua amiga Summer tem a solução ideal e a convida para passar o verão no rancho sendo babá de Luke, sobrinho do noivo dela.

O pai de Luke, Cade, evita até olhar para Willa. E tudo bem, porque além de ser rude e mal-humorado, ele ainda é 13 anos mais velho que ela.

O problema é que Cade tem os ombros largos, as mãos calejadas e uma boca suja que deixam Willa com as pernas bambas.

Quando eles acabam juntos na banheira de hidromassagem para um jogo de verdade ou consequência, todas as suas convicções caem por terra. Assim como as roupas dos dois.

À medida que se entregam à atração, Willa percebe que a rispidez dele é só fachada. Afinal, nunca se sentiu protegida assim com homem nenhum. E Cade começa a ver que, quando aceita o risco e abre o coração, coisas boas podem acontecer. Quem sabe até o amor.

Clique aqui para ver na loja

Ele é tudo que eu sempre quis...
e que nunca pensei que pudesse ter.



Sem Controle

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 3

ARQUEIRO

Sem controle

Elsie Silver

Jasper Gervais é um astro do hóquei lindo e famoso que vive arrancando suspiros das fãs. Mas, para Sloane, ele sempre vai ser aquele menino perdido de olhos tristes e coração enorme que ela conheceu ainda criança. Seu grande amigo. O homem que ela ama em segredo desde que o viu pela primeira vez.

Quando tudo dá errado no dia em que Sloane deveria se casar com outro, Jasper oferece o apoio de que ela precisa. E, quando é ele quem leva uma rasteira da vida, Sloane também se mantém firme a seu lado.

Com o mundo dos dois de pernas para o ar, eles resolvem passar uma temporada no rancho em que foram felizes na infância. Só que ali, sozinho com ela, fica cada vez mais difícil para Jasper vê-la – e tocá-la – como amiga.

Ao mesmo tempo, Sloane constata que ele ainda é tudo com que sonhava, tudo que sempre acreditou que não poderia ter. Porém a dor do passado de Jasper e a dura realidade de Sloane ameaçam afastá-los para sempre.

A não ser que ele enfim deixe claro que a quer de verdade e prove que dessa vez está pronto para ficar.

Clique aqui para ver na loja

DEUSES DO JOGO



LIVRO 1



PARTINDO PARA O ATAQUE

AUTORA DA SÉRIE REIS DO PECADO

ANA HUANG

MAIS DE 21 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

Partindo para o ataque

Ana Huang

Ela é a única mulher que ele quer... e a única que não pode ter.

Asher Donovan é o melhor jogador de futebol do mundo, mas sua rivalidade com um dos colegas de time acaba levando seu clube a perder o campeonato nacional.

Tentando dar um fim à hostilidade entre os dois, o técnico os obriga a passar as férias de verão dando tudo de si num treinamento de... balé.

Quando conhece a nova professora – uma mulher linda e talentosa –, Asher não consegue tirá-la da cabeça. Só que ele tem um problema: ela também é irmã do seu arqui-inimigo e está completamente fora de seu alcance.

Ela jurou nunca mais dar bola para um jogador de futebol... até ele roubar seu coração.

Scarlett DuBois era uma bailarina promissora, mas seus sonhos foram despedaçados por um acidente. Agora, ela é uma dedicada professora que se vê diante de uma missão quase impossível: dar aula para o próprio irmão e para o rival dele.

É cada vez mais difícil resistir ao charme de Asher, mas se apaixonar está fora de cogitação. Principalmente quando seu novo aluno é a única pessoa com o poder de partir seu coração.

Clique aqui para ver na loja

"Elena Armas sabe exatamente o que faz o coração dos leitores bater mais forte."
– Tessa Bailey, autora de *Aconteceu naquele verão*

AMOR *em jogo*



ELENA ARMAS

AUTORA DE *UMA FARSA DE AMOR NA ESPANHA*

ARQUEIRO

Amor em jogo

Elena Armas

Adalyn Reyes passou anos aperfeiçoando sua rotina: acordar antes do nascer do sol, ir para o escritório do Miami Flames – time de futebol da Major League do qual é diretora de comunicação –, dar duro para deixar sua marca, voltar para casa e fazer tudo de novo.

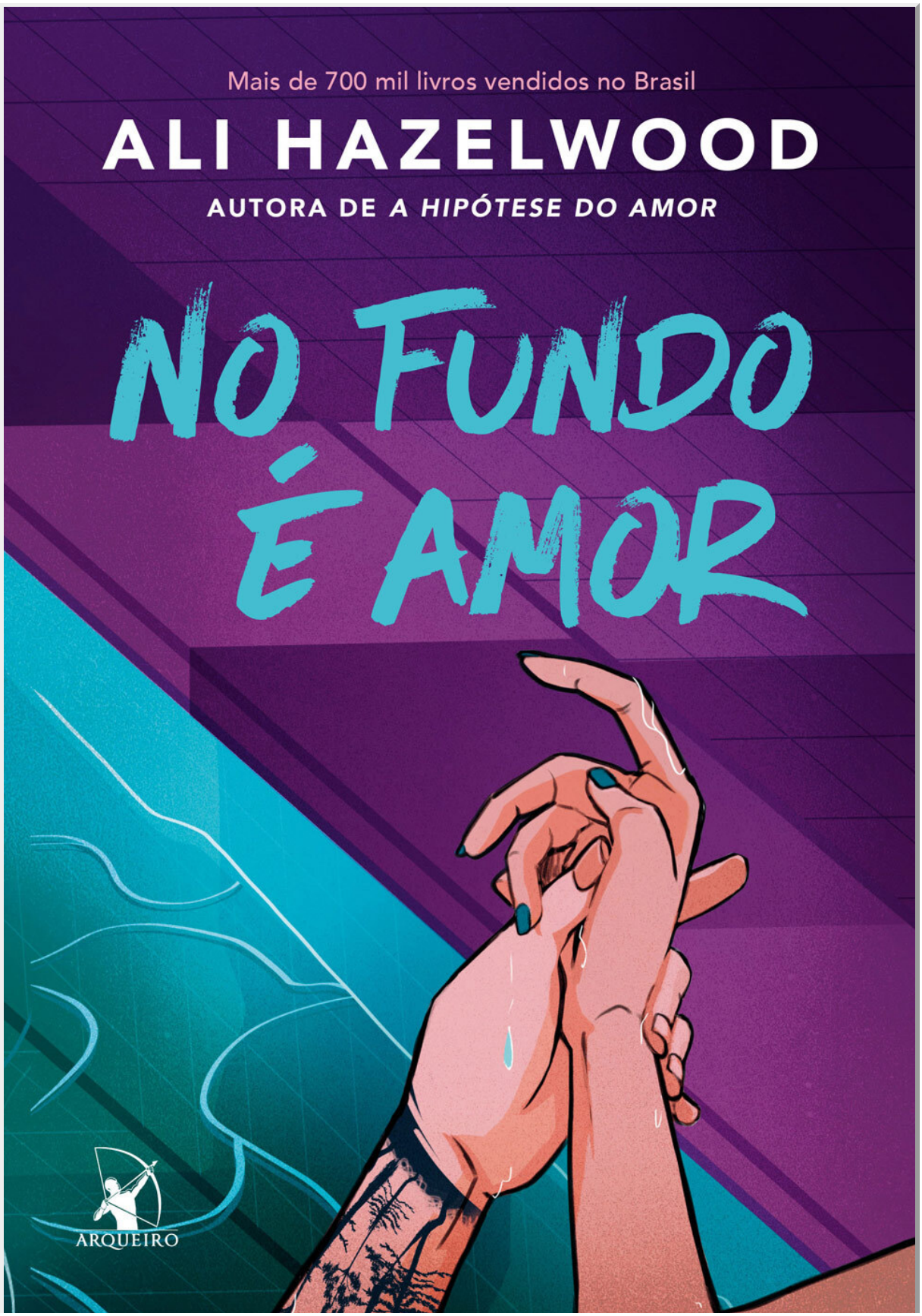
Essa rotina é quebrada quando um vídeo de Adalyn agredindo a mascote do time viraliza. Como punição, o dono do clube a manda para Green Oak, uma cidade nos confins da Carolina do Norte, com a missão de tirar o time local da lama.

Ao chegar lá, as esperanças de Adalyn de se redimir desmoronam quando ela descobre que as jogadoras treinam de tutu (impraticável), têm cabras como animais de estimação (confuso) e morrem de medo dela (contraproducente). E ainda por cima têm 9 anos de idade.

Além disso, Cameron Caldani, o ex-goleiro prodígio que é o candidato perfeito para assessorá-la, quer colocá-la para correr de Green Oak. Culpa de um malfadado primeiro encontro envolvendo um galo, a perna de Cam e o para-choques de Adalyn.

Só que ser banida mais uma vez não é uma opção. Mesmo com as rusgas – e faíscas – de sua relação com Cam, Adalyn se recusa a sair de campo sem essa vitória. Ainda que corra o risco de ter o coração chutado para escanteio.

Clique aqui para ver na loja


Mais de 700 mil livros vendidos no Brasil
ALI HAZELWOOD
AUTORA DE A HIPÓTESE DO AMOR
NO FUNDO É AMOR
ARQUEIRO

No fundo é amor

Ali Hazelwood

Neste romance universitário bem picante, dois atletas profissionais competitivos mergulham em águas proibidas.

Scarlett Vandermeer está nadando contra a corrente, tentando equilibrar os estudos com a rotina de atleta. Concentrada em passar para a faculdade de medicina e se recuperar da lesão que quase deu fim à sua carreira nos saltos ornamentais, ela prefere levar uma vida discreta. Não tem tempo para relacionamentos. Ou pelo menos é o que diz para si mesma.

Garoto de ouro da natação, Lukas Blomqvist é capitão da equipe da universidade e campeão mundial, e conquistou tudo isso com muita disciplina. É assim que ele consegue medalhas e quebra recordes: com foco total a cada braçada.

Na superfície, Lukas e Scarlett não têm nada em comum. Até que um segredo vem à tona, e tudo muda.

Então eles fazem um acordo: ter um casinho temporário, que satisfaça as necessidades de ambos e alivie um pouco o estresse pré-Olimpíadas. No entanto, quando se torna cada vez mais difícil ficar longe de Lukas, Scarlett percebe que seu coração talvez esteja adentrando águas perigosas.

Clique aqui para ver na loja

JAMIE HARROW

Lance livre

Se o amor é um jogo,
eles estão em quadra para ganhar



ARQUEIRO

Lance livre

Jamie Harrow

Oito anos depois da formatura, Annie Radford não está nada satisfeita em voltar para reassumir seu cargo no time de basquete da faculdade, o Ardwyn Tigers. Pelo menos ela ama basquete.

O problema é que um de seus colegas da época, Ben Callahan, continua na equipe – e ele chega a ser irritante de tão bacana e tão lindo que é. No passado a história entre eles não terminou bem, e agora ele não vai facilitar as coisas, porque até hoje não superou o fato de Annie ter ido embora, abandonando o time no último ano da faculdade.

E conforme a temporada vai ficando mais e mais acirrada, o clima também começa a esquentar entre os dois. Sem dúvida eles poderiam ter algo especial, mas esse romance só pode dar certo se Annie aprender a confiar em Ben e contar a ele por que precisou se afastar do time anos antes.

Engraçado, sensual e cheio de romantismo, *Lance livre* traz um delicioso enredo de rivais que se apaixonam – e também trata de temas sérios, falando da pressão que se coloca sobre os atletas universitários, do machismo no mundo dos esportes e do que costuma acontecer quando comunidades inteiras idolatram homens poderosos.

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE SELINA MAE

Universidade Hall Beck

Aprendendo a fingir

Aprendendo a perdoar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br




BEM-VINDO À
UNIVERSIDADE HALL BECK
SELINA MAE
UHB
UNIVERSIDADE HALL BECK #1
APRENDENDO A FINGIR
ARQUEIRO
SELINA MAE
UNIVERSIDADE HALL BECK #2
APRENDENDO A PERDOAR
ARQUEIRO